

PERIGOSA E FASCINANTE

Merline Lovelace



Bestseller nº 57

No indômito território do Wyoming, as mulheres sabiam qual era o seu lugar, Mas havia uma que não tinha medo de nada... Nem mesmo de lutar pelo seu amor!

Sob o verniz de uma educação aristocrática, existe a filha de um oficial do exército que sabe cavalgar, atirar e jogar pôquer com perfeição. É por isso que Suzanne Bonneau embarca serenamente na diligência da perigosa rota Cheyenne-Deadwood, em busca de uma antiga e querida amiga, antes que a neve dificulte sua tarefa.

Quando a diligência é atacada, um tiroteio coloca Suzanne face a face com Black Jack Sloan, um famoso pistoleiro, atraente e implacável, cuja ira os homens sensatos não se atreveriam a provocar. E quando Jack salva a vida de Suzanne, ela decide prosseguir cavalcando em sua companhia, com ou sem a permissão dele.

Tudo que Jack quer é colocar a presunçosa moça em seu lugar... E em sua cama. Mas ele é um homem que trilha o caminho da vingança, o que não deixa lugar para uma mulher em sua vida. No entanto, Jack nunca havia conhecido alguém como Suzanne, nem tivera de escolher entre vingar-se do passado ou viver para sonhar com um novo dia... E um futuro nos braços dela!



Digitalização e Revisão: Nelma

Copyright © 2002 by Merline Lovelace
Originalmente publicado em 2002 pela Sühouette Books,
divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: The Colonel's Daughter
Tradução: Cecília F. Rizzo
Editora e Publisher: Janice Florido
Editora: Fernanda Cardoso
Editoras de Arte: Ana Suely S. Dobón, Mônica Maldonado
Paginação: Dany Editora Ltda.

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Rua Paes Leme, 524 - IO² andar CEP 05424-010 - São Paulo - Brasil

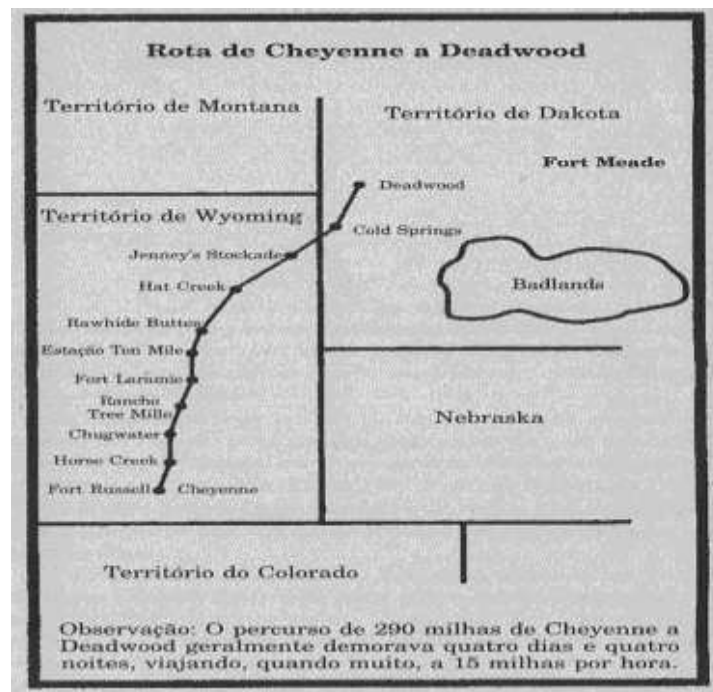
Copyright para a língua portuguesa: 2003
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Impressão e acabamento:
RR DONNELLEY AMÉRICA LATINA
Tel.: (55 11) 4166-3500

Querida leitora,

A autora deste livro é declaradamente fascinada pelo Velho Oeste! Ela nunca vai se esquecer da viagem que fez em companhia do marido, quando visitaram os territórios de Wyoming, Montana e Dakota, sem perder nenhum marco de estrada. Um destes marcos, em particular, deixou Merline intrigada. Tratava-se de uma sepultura de granito rosado. A inscrição na lápide indicava que ali estava enterrada Mother Featherlegs Shephard, uma mulher que fora assassinada por seu dinheiro. Merline ficou tão impressionada que pesquisou sobre a vida da mulher, o que a levou a outros personagens da vida real, incluindo George "Nariz Comprido" Parrott. Ambos aparecem nesta história, ao lado da determinada filha de um coronel e de um homem em busca de justiça numa terra indomada.

Fernanda Cardoso
Editora



CAPÍTULO I

Território de Wyoming, Setembro de 1879

O estalo agudo despertou Suzanne Bonneaux de um sono leve. Depressa, ela endireitou o corpo, a espinha ficando tão reta e firme como as Senhoritas Merriweather teriam aprovado durante os dois anos que Suzanne havia passado em sua Academia para Jovens Seletas.

Sacudiu a cabeça na tentativa de clarear o atordoamento provocado pela poeira, pelo calor fora de época daquele mês de setembro e pelos dois dias e duas noites passados em uma das diligências desconfortáveis da Black Hills Stage and Express Line. Por sob a aba do chapéu enfeitado de penas, dirigiu um olhar rápido para os outros passageiros.

O corpulento vendedor de relógios, sentado no banco do meio e quase de frente para ela, segurava a mala de mercadorias contra o peito. Como oito pessoas se apertassem no interior do veículo, duas suportando a agonia do banco central sem encosto, não havia espaço entre as pernas para ele acomodar a mala no chão. A cada parada, o cocheiro tinha tentado convencê-lo a entregá-la para que fosse colocada no compartimento de bagagem sob a boléia. Mas o comerciante alegava que a usaria como travesseiro quando quisesse dormir.

No momento, ele não dormia. Como para Suzanne, o estalo agudo o tinha

deixado bem acordado.

— Será que quebramos um tirante? — ele indagou, nervoso.

— Pode ser, mas com esses rangidos e estalos constantes, é difícil saber — respondeu o ferreiro, sentado entre dois outros homens, no banco de costas para a frente da diligência.

Como a poeira que entrava pelas janelinhas, o barulho era uma companhia constante dos passageiros que viajavam de Cheyenne a Deadwood. As molas revestidas de couro do pesado veículo, pintado de vermelho e dourado, rangiam a cada curva. As rodas emitiam um ruído surdo quando atingiam um sulco mais profundo. Após as primeiras horas, Suzanne tinha aprendido a distinguir o estalo do chicote do cocheiro da batida das rédeas nas costas das parelhas. Logo depois disso, ela parára de prestar atenção aos barulhos.

— Não me parece que um tirante tenha quebrado — resmungou o vaqueiro sentado ao lado de Suzanne.

Sem muita firmeza, ele fechou a garrafa de bebida que vinha tomando nas duas últimas horas, desde que havia saído, aos tropeções, da parada de Ten Mile e subido na diligência.

— Vou dar uma olhada.

Inclinando-se sobre Suzanne, ele pôs a cabeça para fora da janelinha. Bateu com os joelhos em sua coxa e quase a sufocou com o cheiro de uísque barato e de suor. Ela puxou a bolsa pendurada no braço para o colo e encolheu-se no canto do banco.

— Uns doze cavaleiros estão bloqueando a estrada logo ali adiante — ele avisou.

— Pode ser que um deles queira embarcar na diligência — opinou o vendedor de relógios, esperançoso.

— Parece mais que eles querem assaltar — rezingou o vaqueiro ao encolher-se de volta para o lugar dele.

No mesmo instante, os passageiros se alarmaram. Ansioso para proteger a mercadoria da ganância dos predadores, que costumavam cair sobre diligências como abutres, o vendedor de relógios apertou os braços em volta da maleta. Ao lado dele, o rapaz que se dirigia às minas de ouro de Black Hills empalideceu visivelmente sob a aba do chapéu redondo. Ele dirigiu um olhar preocupado para Suzanne, a única mulher na diligência. O ferreiro também o fez e, estufando o peito largo, disse numa voz possante:

— Fique sossegada, senhorita. Não vamos permitir que ninguém lhe faça mal.

— Obrigada.

Nessa circunstância extemporânea, a resposta calma teria deixado as Senhoritas Merriweather orgulhosas. Apesar da atitude serena, Suzanne não tinha a mínima intenção de confiar o destino nas mãos dos companheiros de viagem. Havia sido ensinada a se proteger por alguém bem mais perito em questão de sobrevivência do que suas preceptoras idosas. Devagar, enfiou a mão no bolso da saia de sarja azul-marinho e segurou a pequena pistola de grosso calibre e dois canos curtos, sobrepostos, enquanto os outros viajantes ecoavam a promessa do ferreiro.

— Não se aflija, madame. Caso sejam assaltantes, com certeza só vão querer dinheiro e ouro. Nem mesmo Sam Bass e o bando dele jamais mataram um passageiro, apenas uns dois cocheiros.

— É verdade, senhorita.

Só um único passageiro não emitiu opinião. Continuou na mesma postura relaxada no assento em frente ao de Suzanne. Com os braços cruzados sobre o colete de couro, o chapéu de copa chata puxado para baixo, até quase o cavalete do nariz, ele ignorava a agitação tanto quanto os comentários cochichados quando embarcara na diligência.

O nome dele era Jack Sloan. Murmúrios nervosos sobre ele tinham sido trocados pelos outros passageiros desde o momento em que ele havia posto a sela no compartimento de bagagem e, depois, subido no veículo. As botas feitas a mão, a camisa azul trespassada e o colete de couro de gamo não eram exatamente dignos de nota, mas o revólver de cano longo atraíu o olhar de todos. A arma era velha, com sinais de muito uso, porém ninguém duvidava de sua eficiência. Ele a mantinha abaixo do quadril, no coldre de couro, e a coronha para a frente à maneira dos homens da planície.

Naturalmente Suzanne tinha ouvido falar do sujeito. As tropas do exército, com as quais convivia desde a infância, gostavam de repetir — e exagerar — histórias sobre personagens pitorescos que povoavam o Oeste. Ela havia conhecido alguns deles, inclusive os famosos Bill Hickok e Wyatt Earp que tinham passado alguns meses assaltando diligências com carregamento de ouro, na rota Cheyenne-Deadwood. Seu próprio padraсто, o coronel Andrew Garrett, também tinha conquistado uma certa reputação nas lutas com índios e como pacificador das planícies.

Nos anos recentes, outra lenda havia surgido. A imprensa sensacionalista e os folhetins baratos, que alimentavam o fascínio dos habitantes do Leste com narrativas sobre o Oeste selvagem, tinham descrito Black Jack Sloan como um genuíno pistoleiro. Se a metade das histórias fantásticas escritas a respeito dele fosse verdadeira, ele havia matado o primeiro homem antes de precisar se barbear e, desde então, alvejado mortalmente mais de uma dúzia.

A visão passageira que Suzanne havia tido dos olhos cinzentos e frios de Jack Sloan, antes que ele esticasse as pernas, puxado o chapéu para a testa e passado a ignorar os companheiros de viagem, sugeria que tais notícias tinham, pelo menos, um pinga de verdade. Mesmo na posição relaxada, ele dava a impressão sinistra de uma cascavel esquentando-se ao sol. Porém, um pistoleiro poderia ser um companheiro de viagem útil na circunstância do momento. Caso ele acordasse o suficiente para se interessar pelo que estava acontecendo, Suzanne refletiu, mal-humorada.

Outro estalo repercutiu no ar, eliminando todas as dúvidas dos passageiros. Acompanhada por palavrões proferidos pelo cocheiro, a diligência começou a diminuir a velocidade.

O coração de Suzanne disparou sob a blusa branca de gola alta e do casaquinho de sarja azul-marinho de seu costume de viagem. Pelo fato de a Black Hills Stage and Express Line transportar passageiros, malote postal e cofres com dinheiro e ouro, a companhia contratava cocheiros experientes e guardas armados para proteger os veículos. Se o cocheiro estava parando, ela só podia concluir que o homem não conseguia desviar ou lutar contra os bandidos.

Suzanne apertou com mais força a pequena pistola no bolso. Gotas de transpiração, impróprias para uma dama, umedeceram o vale entre seus seios. Devia ter dado ouvidos à mãe, pensou pesarosa. Júlia Bonneau Garrett tinha insistido com Suzanne para esperar pelo retorno do padrasto e só então partir de Cheyenne. O coronel teria providenciado uma guarda militar ou, provavelmente, ele mesmo se disposto a acompanhá-la em sua busca urgente da amiga Bright Water.

Após quinze anos de serviço militar em postos avançados no Oeste inculto, Andrew Garrett compreendia melhor do que a maioria o impacto da ordem do ano anterior que mandava os Arapaho para a reserva dos Shoshone na região de Wind River. O grupo de Bright Water estava entre os últimos a encetar o trajeto penoso para a reserva distante. Se Suzanne não alcançasse a amiga a tempo e a convencesse a pelo menos refletir sobre a oferta que lhe trazia de Filadélfia, Bright Water poderia desaparecer para sempre nas montanhas longínquas e de grandes nevascas.

Como Suzanne havia explicado para a mãe, seria impossível esperar pelo retorno do coronel. Simplesmente ela *não* poderia. Naquele instante, Sam, seu irmãozinho, tinha comentado que os dois anos de estudos no Leste não tinham abrandado a teimosia de Suzanne. Se alguém lhe arranhasse a superfície, ela ainda mostraria o temperamento de uma mula do exército.

Ali na diligência, enquanto ela tentava extrair coragem dessa sua faceta inflexível, o vaqueiro embriagado empunhou a pistola.

— Olhe aqui, homem, nada de atirar com isso! — o ferreiro o advertiu.

— Não vou deixar que malditos assaltantes peguem meu dinheiro.

— O guarda ainda não atirou. Seria melhor você...

O ferreiro não terminou a recomendação. Rápido como um raio, o pontapé de uma bota feita a mão arrancou fora a arma da mão do vaqueiro. Ela bateu no lado da diligência e caiu no chão, junto das botinhas de camurça bege de Suzanne.

Praguejando, o vaqueiro virou-se para o homem escarrapachado no assento em diagonal ao dele.

— Com todos os diabos, por que você fez isso?

Com a ponta do indicador, Sloan afastou o chapéu para cima. O olhar gélido cravou-se no rosto furioso do vaqueiro.

— Um homem não deve sacar a arma quando não está em condições de usá-la. Ou preparado para morrer.

— Você fala por experiência própria — o vaqueiro respondeu numa bravata induzida pelo uísque. — Levando-se em conta as vezes que sacou seu revólver, você está sempre mais do que pronto para puxar o gatilho.

— Algumas pessoas pensam que sim.

A resposta seca provocou um arrepio ao longo da espinha de Suzanne. Num misto de fascínio e repulsa, ela observou o rosto de Sloan. Magro e de linhas firmes, estava sombreado pela barba preta por fazer. As estações onde tinham parado para trocar os cavalos e fazer uma refeição rápida não ofereciam o conforto de água quente para os passageiros se lavarem ou fazer a barba.

— Vocês aí na diligência!

O berro vindo de bem rente da janelinha provocou expressões de pânico nos passageiros e uma exclamação assustada de Suzanne.

— Ponham as mãos para cima!

Ao virar-se para o lado, ela ficou cara a cara com o assaltante que olhava pela janelinha. Ou melhor, nariz a nariz. O sujeito possuía o narigão mais proeminente que ela já tinha visto. Curvo, carnudo e riscado por veiazinhas vermelhas, ele parecia uma cunha acima do bigode denso e preto.

Enquanto Suzanne o observava, estupefata, o assaltante dirigiu o olhar ávido para as outras pessoas. Notou o vendedor de relógios, que ainda apertava a maleta contra o peito, e em seguida olhou para o lado. Não conteve um largo sorriso.

— Ora, ora! Vejam quem está aqui, rapazes, Black Jack em pessoa!

Os outros assaltantes, que rodeavam a diligência, chegaram mais perto. Um

deles, com bandoleiras a tiracolo e um chapéu de aba larga com enfeites de prata, espiou pela janelinha do lado oposto.

— Olá, Jack.

— Olá, Alejandro.

O chefe do bando piscou para Sloan.

— Pelo jeito, acertamos em cheio. A colheita vai ser boa.

O tom conspiratório do sujeito levantou uma suspeita desagradável em Suzanne. Preocupada, percorreu os olhos pelos companheiros. Estaria Black Jack Sloan associado aos bandidos?

Sabia-se que vendedores inescrupulosos de passagens marcavam diligências com passageiros ricos ou cargas valiosas. Olheiros nas várias paradas do trajeto, ao notar a marca, partiam a galope para avisar seus comparsas. Vários grupos tinham até um plano melhor. Um deles embarcava na diligência com ordem para desarmar os passageiros, como Sloan acabara de fazer com o vaqueiro embriagado.

Enquanto as dúvidas se revolviam na cabeça de Suzanne, o chefe do grupo iniciou uma conversa amistosa.

— Eu não o vi mais, Jack, desde aquele tiroteio no bar em Pecos.

— Se soubesse naquela época que você ia passar a assaltar trens e diligências, Big Nose, eu não o teria protegido.

O comentário de Sloan diminuiu um pouco a suspeita de Suzanne e provocou uma exclamação no rapaz alto e magricela sentado ao lado do vendedor de relógios.

— Big Nose? O senhor é Big Nose George Parrott?

— Você conhece alguém mais com um bico igual a este, rapaz?

— Ouvi falar no senhor lá em Ohio!

Satisfeito com a notoriedade, Parrott alargou o sorriso.

— Não diga! Bem, tire seu sentador daí e venha cá para fora. Enquanto me conta o que as pessoas falam de mim lá em Ohio, você vai esvaziando os bolsos. A moça também trate de descer, bem como os outros.

O vendedor de relógios foi o primeiro a descer, mas sem largar a maleta. O rapazinho, que sonhava ser garimpeiro, foi o segundo, seguido por Sloan. Sobrou mais espaço para Suzanne se mexer. Depois de ajeitar a saia volumosa, ela estendeu a mão para o batente da portinhola.

— Eu fico com isso.

Antes que ela pudesse protestar, um dos assaltantes já tinha se apossado de sua bolsa.

— Hobbs! — Parrott berrou. — Comporte-se! Deixe a moça descer antes de você aliviá-la de seus badulaques.

Ela dirigiu um olhar gélido para o bandido e enfiou a cabeça pela abertura da portinhola. Mal tinha colocado um dos pés no primeiro degrau da escadinha quando o tumulto se estabeleceu.

— Não vou entregar meu dinheiro para esses desgraçados!

Além dessas palavras, ela ouviu o tilintar de metal contra madeira e o coro de protestos alarmados dos que continuavam no interior da diligência. Apanhada com metade do corpo para fora e outra ainda dentro, ela imobilizou-se.

— Danem-se!

A exclamação furiosa veio de suas costas. Um puxão forte em seu casaquinho a fez cair para trás ao mesmo tempo que tiros eram disparados pela janelinha.

Suzanne foi atirada para a frente, bateu em algo duro e caiu com os joelhos e as mãos espalmadas na terra dura. Menos de um segundo depois, sentiu como se uma montanha desabasse em suas costas. Viu-se achatada como uma panqueca enquanto cada partícula de ar esvaía-se de seus pulmões.

Ela não podia respirar e nem ver através das penas do chapéu que escorregara para a testa. O peso morto em suas costas a prendia na terra e as barbatanas do espartilho machucavam-lhe os seios. Através do tinido nos ouvidos, ela reconheceu o barulho de mais tiros, gritos, estalos de madeira e rodas girando. Mas a necessidade desesperadora de encher os pulmões de ar afastou outras considerações de sua mente.

Levantou a cabeça e arquejou, aflita. Dedos firmes em seu pescoço empurraram-lhe o rosto de volta para a terra.

— Fique abaixada!

Manchas vermelhas dançavam em suas pálpebras fechadas. Ofegante, engasgada, Suzanne debateu-se freneticamente. Quem estivesse sobre ela obviamente tentava protegê-la das balas que assobiavam acima deles, mas poderia facilmente sufocá-la enquanto o fazia.

— Saia... de... cima... de mim!

— Fique abaixada, já disse!

Ele prensou a coxa sobre suas pernas e prendeu-lhe os braços junto ao corpo. Atordoada e prestes a desmaiar, Suzanne balbuciou uma súplica aflita:

— Saia... de cima. *Por favor.* Não posso... respirar! As manchas tinham se tornado um caleidoscópio giratório de preto e vermelho quando o peso finalmente escorregou para o lado do corpo bambo de Suzanne. Ela ficou largada na terra, a boca abrindo e fechando como a de um peixe fora da água.

— Senhorita! Ai, senhorita, será que está bem?

Ela inalou várias vezes o ar precioso antes de levantar a cabeça. As penas do chapéu, caído sobre os olhos, roçavam-lhe o queixo. Com a mão trêmula, colocou-o no lugar e encarou o olhar aflito do rapazinho pretendente a garimpeiro.

— Estou ainda... com um pouco... de falta de ar.

Com expressão ansiosa, o rapaz alto e magricela estendeu a mão.

— Segure aqui e eu a ajudarei a se levantar.

Ela aceitou e, com esforço, se pôs em pé. Continuava trêmula, mas recuperava-se depressa. Respirou fundo mais uma vez e ergueu o olhar a tempo de ver a diligência sumir numa curva da estrada. Big Nose Parrott e os comparsas galopavam atrás dela numa perseguição desenfreada.

Só então a mente atordoada de Suzanne compreendeu o que havia ocorrido. O vaqueiro idiota tinha atirado e espantado os cavalos. Ou o cocheiro não fora capaz de contê-los ou decidira tirar vantagem da situação para tentar a fuga.

Ela refreou uma praga imprópria para os lábios de uma dama, empurrou um pouco mais o chapéu para trás e limpou a poeira do vestido com a mão enluvada. Então, conseguiu dirigir um sorriso meio trêmulo a seu protetor.

— O senhor tem minha gratidão por ter coberto meu corpo com o seu.

Um rubor intenso surgiu na abertura da camisa de tecido grosseiro, subiu pelo pescoço e espalhou-se pelo rosto dele.

— Eu... Ora...

— Como o senhor se chama?

O rapaz arrancou fora o chapéu marrom e redondo, segurando-o junto ao peito, entre as mãos que pareciam arados em miniatura. O rosto enrubesceu mais ainda sob a cabeleira loira e desgrehada.

— Mathias, senhorita. Mathias Butts. Minha mãe e meu pai me tratam por Matt. Mas não precisa me agradecer. Não fui eu quem pulou sobre a senhorita.

— Não?!

Com o polegar sobre o ombro, ele apontou para trás.

— Não, senhorita, foi o sr. Sloan.

— O sr. Sloan?!

Ela olhou para os dois homens que estavam uns passos atrás do rapaz. O gorducho vendedor de relógios, com tapas vigorosos, tentava tirar a poeira do terno verde. Sloan fazia o mesmo, mas com batidas do chapéu no colete e na camisa. Os cabelos dele, Suzanne notou, eram fartos, armados e tão negros quanto os pêlos da barba por fazer.

Por mais que Suzanne detestasse dever favores a um homem como Sloan, reconhecia que ele *tinha* lhe protegido a vida. Antes de dirigir-se a ele, tentou melhorar a aparência. A fim de ajeitar mais o chapéu, tirou o alfinete de prata que o prendia. Quando se deu por satisfeita, tornou a enfiá-lo nos cabelos castanhos presos num coque. Em seguida, limpou o rosto com um lenço de renda. Então, sentiu-se pronta para expressar seu reconhecimento.

Para consternação sua, Sloan tinha, aparentemente, resolvido que nenhum agradecimento seria necessário. Sem dizer nada a ela e aos outros dois passageiros, ele virou-se nos calcanhares e começou a voltar pela estrada por onde tinham vindo.

CAPÍTULO II

Por misericórdia! O que pretendia ele? Suzanne cruzou os braços sobre o casaquinho empoeirado e gritou para o pistoleiro que se afastava:

— Sr. Sloan!

Ele não virou para trás e nem se deu ao trabalho de diminuir os passos.

Aborrecida, ela imprimiu nas palavras um toque da voz firme que o padraсто usava para comandar as tropas com tanta eficiência.

— Sr. Sloan, por favor, eu gostaria de trocar umas palavras com o senhor.

O tom imperativo prendeu-lhe a atenção. Ele parou e virou-se com expressão pouco amigável sob a aba do chapéu preto.

— E se eu não quiser?

Suzanne ignorou-lhe a grosseria.

— Posso perguntar aonde o senhor está indo?

O olhar desdenhoso que ela recebeu dizia-lhe ser fácil descobrir caso refletisse um pouco.

— De volta para a última parada da diligência.

— Mas o lugar fica a umas quatro ou cinco milhas de distância.

— Perto de seis, calculo.

Sombreando os olhos com a mão, Suzanne observou a estrada que, sob o calor intenso, parecia ondular-se atrás de Sloan. Estreita e esburacada, ela cortava ravinas pouco profundas, subia colinas e rodeava flancos rochosos que se projetavam do capinzal como imensas bolhas vermelhas. As montanhas Laramie formavam uma nódoa arroxeadada no horizonte. Já coberto de neve, o pico Laramie elevava-se bem acima dos outros. Umas poucas nuvens projetavam sombras no capim e um gavião circulava pelo céu vazio. Não se via nem uma espiral de fumaça e, muito menos, o mínimo sinal da construção miserável que constituía a Estação Ten Mile.

Suzanne virou-se para trás. A rota Cheyenne-Dead-wood da diligência seguia pela borda leste do Território de Wyoming e subia pelas escarpas de Black Hills no Território de Dakota.

Seu destino ficava no norte, onde os Arapaho acampavam na margem de uma das curvas do rio Cheyenne. A urgência de encontrar a velha amiga instigava Suzanne a se apressar. Estava absolutamente convencida de que Bright Water tinha

de transpor a barreira que separava o povo indígena do branco antes que fosse tarde demais. Ela precisava chegar ao acampamento dos Arapaho a tempo de impedir a amiga de iniciar a marcha para a reserva dos Shoshone, no extremo Oeste. Só assim teria a oportunidade de convencê-la a seguir o outro caminho que pretendia oferecer-lhe. Suzanne afligia-se com a interrupção da viagem e odiava a idéia de retroceder rumo ao sul em vez de seguir para o norte. Com expressão severa, voltou-se para Sloan.

— Não seria mais sensato esperar aqui pela chegada de socorro?

— Pode fazer o que bem entender, moça.

— Ora, sr. Sloan, sabe-se muito bem que quanto maior o número de pessoas, maior a segurança. Naturalmente o senhor não pretende ir embora, largando a nós três aqui para nos defendermos.

Ele desviou o olhar de Suzanne para os outros dois homens.

— Eles não são de minha responsabilidade. Aliás, nem a senhorita — acrescentou com um dar de ombros.

— Se pensa dessa maneira talvez possa explicar por que me atirou na terra e protegeu meu corpo com o seu.

Os lábios deles curvaram-se ligeiramente. Em outro homem, a expressão poderia ser confundida com um sorriso. Em Sloan, nem de longe.

— Eu não estava sendo generoso, se é isso que se passa sob essas penas em sua cabeça. Acontece que fico nervoso quando balas começam a voar e eu apenas quis tirá-la da linha de fogo.

— Entendo — ela disse em tom incrédulo.

— Duvido, moça. A verdade foi que seu quadril me atingiu em cheio no peito quando a senhorita caiu da escadinha e me derrubou junto.

— Entendo — ela repetiu, mas numa voz ríspida dessa vez.

Sloan lhe dirigiu um olhar irritante.

— A senhorita pode dar a impressão de ser tão leve quanto uma pluma e de correr o risco de ser levada pelo vento, mas carrega um bom peso sob suas anquinhas, moça.

O comentário feito com a intenção de provocar Suzanne não a desconcertou. Antes de voltar para o Leste, a fim de aprimorar seus estudos, ela havia passado boa parte da juventude em vários postos do exército, espalhados pelo Oeste. A experiência a tinha exposto a muitos tipos de homens, de tropeiros rudes e desordeiros a fazendeiros, garimpeiros, jogadores e trabalhadores no assentamento de estradas de ferro que, aos poucos, conquistavam o continente.

Muito tempo atrás, ela havia aprendido a reconhecer aquele tipo especial de malandro. Pessoas sensatas esforçavam-se para evitar contato com homens como Sloan e as idiotas se deixavam fascinar por eles.

Suzanne não era tola e nem se intimidaria por Black Jack Sloan. Decidiu já estar na hora de informá-lo a esse respeito. Num tom frio, disse:

— Se está pensando que pode me assustar com seus comentários rudes sobre minha pessoa, engana-se redondamente.

O olhar irritante dele tornou-se gélido.

— Eu jamais me engano.

— Por favor, me poupe desse seu tom teatral. Ele não me impressiona e, muito menos, assusta.

Com os polegares presos no cinturão do coldre, Sloan inclinou um pouco o corpo para trás. O olhar duro e frio como aço a percorreu do chapéu à bainha da saia e, vagorosamente, subiu outra vez, detendo-se por tempo além do necessário, na opinião de Suzanne, em seus seios.

— Alguém já lhe disse, moça, que a senhorita tem uma língua comprida demais?

— Sim, senhor, muitas pessoas. E pode parar de me tratar por *moça* nesse tom desdenhoso. Meu nome é Suzanne Bonneau. Srta. Bonneau, por favor.

Santo Deus! Que audácia inconcebível! Jack mal podia acreditar que estivesse parado ali, sob o sol forte, brandindo palavras com uma jovem atrevida, cujo chapéu exibia penas tortas e a gola alta da blusa quase lhe roçava as orelhas. Pensaria ela que com aquele queixo erguido conseguiria humilhá-lo?

Jack jamais tinha virado as costas a um desafio, mas sem dúvida evitaria aquele, se o sangue não continuasse a lhe ferver nas veias por causa do assalto e do tiroteio subsequente. Puxou os polegares do cinturão e aproximou-se enquanto dizia:

— Saiba, *srta.* Bonneau, que não ligo a mínima por não impressioná-la, mas se a senhorita fosse inteligente, deveria estar com medo.

— Do senhor?

— De mim, sim.

— Sinto desapontá-lo, mas... Oh!

Rápido como uma cascavel, o braço dele a enlaçou pela cintura. Um puxão a fez chocar-se contra ele.

Um pouco de poeira da estrada levantou-se entre ambos, mas não encobriu odores excitantes de alfazema e de linho engomado. Jack podia sentir o espartilho sob as várias peças de roupa e também a maciez de seus seios no peito dele.

Esperava que ela se debatesse, ou o arranhasse no rosto ou, quem sabe, desmaiasse. Ele *não* esperava o lampejo de curiosidade em seus olhos castanhos, substituído logo pela expressão de aborrecimento.

— Francamente, sr. Sloan, o senhor está se comportando de maneira muito cansativa.

Cansativa?! Através dos anos, as pessoas tinham atribuído vários adjetivos a Jack, mas aquele era novidade.

— Talvez eu deva oferecer mais animação.

Com um sorriso zombeteiro, ele apertou o abraço. Suzanne inclinou-se para trás a fim de evitar um contato mais íntimo com o peito dele. Porém, o movimento os fez encostar os quadris com resultados tão inesperados para Sloan quanto alarmantes.

Uma onda de calor espalhou-se pelo corpo dele e, em questão de segundos, a ereção se fez sentir.

Por Deus! Ele não tinha exagerado ao dizer que ela carregava um bom peso sob as anquinhas. Apesar de sua silhueta esguia e da aparência delicada, ela possuía um conjunto estimulante de curvas. Maldição que não se ajeitava a ele como uma mulher deveria.

Ela o fitou com os olhos bem abertos e os lábios apertados demais. Por um momento de insanidade, Jack pensou em provar seu sabor.

Sem dúvida ela leu-lhe a intenção no olhar. Um rubor intenso espalhou-se em suas faces. A raiva a fez ficar rígida como uma tábua entre os braços dele. Jack já tinha decidido acabar com a brincadeira quando ela enfiou a mão no bolso da saia. O sexto sentido, que lhe tinha salvado a vida mais vezes do que poderia se lembrar, o levou a contrair os músculos. Sabia o que ia acontecer e poderia evitá-lo ao segurar-lhe o pulso e prendê-lo a suas costas. Em vez disso, sorriu quando ela enfiou o cano da arma entre as costelas dele.

Encararam-se. Jack continuava com expressão fria e firme, ao passo que os olhos dela, castanhos, salpicados de dourado, lembravam pedacinhos de canela envoltos em mel. Não havia medo neles, apenas uma combinação de determinação e desdém.

— Imagino se a senhorita tem coragem para puxar o gatilho — ele disse em tom pensativo.

— O senhor descobrirá se não me soltar em cinco segundos — Suzanne

avisou.

Ele sentiu-se tentado. Muito! Poderia arrancar-lhe a arma com a maior facilidade. Ela lutaria, mas não por muito tempo. Ele não era o único cujo sangue latejava nas veias. Tinha visto um lampejo de surpresa em seus olhos, uma curiosidade passageira. Ela desejava experimentar o fruto proibido. Jack refletiu sobre isso por um segundo ou dois, o suficiente para incendiar-lhe o corpo e fazê-lo sentir a pontada do desejo.

Fazia muito tempo que ele não se manifestava de maneira tão impetuosa. Não deveria senti-lo naquele momento. Muito menos por aquela mulher. Por mulher alguma! Um homem que calçava as botas de manhã, preparado para ouvir o coro celestial ou sentir o cheiro de enxofre ao anoitecer, não tinha o direito de ficar numa estrada deserta como aquela, sem proteção, pensando em beijar a srta. Bonneaux furiosamente.

Estupidez, Sloan. Grande estupidez.

O único consolo era o fato de ele ter deixado bem claro o que pensava. Ela refletiria duas vezes antes de desafiá-lo novamente.

Pelo menos era o que achava, até soltá-la.

Depois de travar a pequena pistola, Suzanne tornou a enfiá-la no bolso da saia. Duas manchas vermelhas marcavam-lhe as faces e, ao falar, foi numa voz gélida:

— Já terminou de se fazer passar por um idiota, sr. Sloan?

Ela não se perturbava com facilidade, Jack reconheceu.

— Quase — respondeu numa voz arrastada.

Ela virou-se para trás, rodopiando a saia, exibindo a renda da anágua, e dirigiu-se aos dois homens que observavam a cena boquiabertos:

— Está armado, sr. Butts?

O jovem trabalhador rural, com pretensões a garimpeiro, arquejou.

— Não, senhorita.

— E quanto ao senhor...

— Greenleaf — o vendedor de relógios concluiu. Com um olhar nervoso para Sloan, tocou o empoeirado chapéu-coco. — Benjamin Greenleaf, a seu serviço, senhorita.

— Está armado, sr. Greenleaf?

— Não. Tudo que levo em minhas viagens, além de roupas, é minha maleta de

mercadorias.

— Neste caso, acho melhor eu esclarecer como devemos sair daqui. — Numa atitude enérgica, voltou-se para Jack. — Como o revólver aí em seu coldre tem muito mais poder de fogo do que minha pistola, sr. Sloan, sugiro que caminhe atrás de nós três para o caso de seus amigos decidirem voltar.

— Não considero Parrott e o bando dele meus amigos.

— Não mesmo? Sem dúvida Parrott deu a impressão de contá-lo como um bom companheiro.

Com o queixo erguido, Suzanne passou por ele e iniciou a caminhada pela estrada poeirenta.

Suzanne partiu com passos lépidos, mas logo começou a amaldiçoar mentalmente as botinhas de camurça bege. De couro de cabra e no último estilo da moda, elas tinham sido feitas para ressaltar a delicadeza dos pés de uma dama, porém, jamais para trilhar milhas em uma estrada.

De muito bom grado, ela trocava todos os calçados finos e as roupas elegantes que havia trazido da Filadélfia por um par de botas velhas e uma saia-calça de couro, ambos para cavalgar. E também por um chapéu de aba larga que lhe protegesse os olhos e o rosto do sol escaldante. O chapeuzinho lindo, enfeitado com penas, podia ter sido comprado na Good's Fashion, mas o que ela precisava era do boné da cavalaria, com aba em forma de pá, que usava desde a infância.

Os pés doloridos e o brilho do sol nos olhos, entretanto, não a incomodavam tanto quanto a maneira irritante com que seus pensamentos voltavam a se fixar em Jack Sloan. O homem a aborrecia muitíssimo, mas ao mesmo tempo a fascinava. Quando ele tinha semicerrado os olhos e se aproximado intencionalmente, seu coração disparava. E ao estreitá-la entre os braços...

A honestidade a forçava a admitir que ele tinha lhe dado tempo suficiente para recuar. Porém, o instinto a instigava a manter-se firme, pois a única maneira de se enfrentar um homem como Black Jack Sloan seria cara a cara. Mas neste caso, pensou com um arrepio, tinha sido barriga a barriga.

Tal reação a intrigava quase tanto quanto o homem que a tinha provocado. Admitia que ele era muito atraente, mas o bom senso a forçava a julgá-lo pelas ações e não pela aparência física. Infelizmente as ações de Sloan, durante a breve convivência, não lhe forneciam indícios claros para julgá-lo. Não acreditava que ele a tivesse atirado na terra e protegido seu corpo com o dele porque ficava nervoso quando balas voavam em volta e não por generosidade, como tinha afirmado.

Por outro lado, era preciso levar em consideração a reputação de Sloan. E também o fato de ele ter pretendido ir embora sozinho, largando os companheiros de viagem ali no descampado. Ele não havia gostado de assumir a responsabilidade

de levá-los e de ter sua atitude questionada.

Isso a fez refletir sobre aquele momento em que havia fitado os olhos cinzentos e visto a própria imagem refletida neles. Um novo arrepio percorreu-lhe o corpo, seguido por uma onda de irritação. Francamente, não entendia seu fascínio pelo homem. Ou a excitação sentida quando pensara que ele ia beijá-la.

Suzanne já fora beijada antes. Aliás um bom número de vezes. No Leste, o filho de um banqueiro a tinha levado para apreciar o luar em várias ocasiões, nas quais a tinha beijado. O tenente Carruthers, que afirmava ter sucumbido a seus encantos quando ela havia voltado para junto da família em Fort Russell, poucas semanas atrás, também era adepto fervoroso de beijos.

Mas nenhum desses rapazes tinha provocado algo parecido com a onda de calor que lhe percorrera o corpo ao fixar os olhos brilhantes de Sloan. Alguma coisa em seu âmago lhe dizia que o beijo dele seria diferente de todos os que havia experimentado.

Uma vontade imperiosa de tocar o fogo, de provar o perigo a tinha sacudido. Apenas por um instante, ela havia titubeado. O bom senso, porém, a tinha mantido firme. Mesmo assim, não conseguia se livrar de uma ponta de arrependimento por não haver cedido à tentação.

Puxando mais as penas do chapéu para proteger-lhe um pouco o rosto, Suzanne continuou a caminhar.

A cada batida surda das botas na estrada, Jack tentava ignorar a silhueta esguia e esbelta, envolta em sarja azul-marinho, uns passos adiante dele. Não tinha mais sucesso nisso do que no esforço para esquecer a lembrança daquelas curvas entre seus braços.

Não pela primeira vez, desde que tinha embarcado na diligência, acomodado-se no canto de um dos bancos e avaliado os outros passageiros através de pálpebras semicerradas, ele perguntou-se por que aquela criaturinha de olhos castanhos viajava sozinha. Pelo amor de Deus, ela podia ter recebido um tiro durante o assalto ou sido violentada por Parrott e pelos companheiros dele. Embora o sujeito desse a impressão de ser um proscrito afável e insistisse em tratá-lo como amigo por causa do tiroteio num bar, no qual haviam se protegido, Parrott possuía um traço de maldade tão grande quanto o narigão.

Ao imaginar a companheira de viagem nas mãos de Parrott, Jack sentiu o estômago contrair-se. Isso o aborrecia sobremaneira. Poucos minutos atrás, ele havia expressado apenas a verdade. Não era responsável por ela. Tinha um único encargo na vida, o que carregava nos ombros dia e noite e que não tinha nada a ver com moças de corpo lindo e olhos cor de mel.

Ela nem era do tipo de mulher cuja companhia ele preferia, por escolha ou por necessidade. Jack limitava os contatos com mulheres, procurando-as entre as

que ganhavam a vida atendendo à carência física dos homens. As mulheres de vida fácil daquela região, desde as mais novinhas até as bem experientes, inclusive as dançarinas de bordel, sabiam exatamente como satisfazer um homem sem provocar aborrecimentos ou irritação.

Era assim que Jack preferia viver e não pretendia mudar. Ele levava a vida enfrentado um dia de cada vez e sem manter ligações com ninguém. Também não desejava assumir o cargo de ama-seca. Se os homens relacionados com a srta. Bonneaux — pai, irmão ou noivo — eram irresponsáveis a ponto de deixá-la embarcar numa diligência em Deadwood sem um acompanhante, seriam os únicos culpados pelo que pudesse acontecer a ela no trajeto.

Jack puxou mais o chapéu para a testa e semicerrou os olhos contra a claridade do sol. Mantinha-se alerta, os ouvidos atentos a qualquer ruído ou sinal de aproximação de cavaleiros. Balançava a mão direita ao lado do coldre com a arma. O calor provocava uma luz tênue, azul-esverdeada, acima da estrada esburacada. Ofegante, o vendedor de relógios mudou a maleta da mão direita para a esquerda.

Jack não se surpreendeu quando Suzanne começou a mancar, porém ela não se queixou e nem diminuiu o passo. Enquanto as horas da tarde passavam e o calor os castigava impiedosamente, ele teve de admitir que a moça possuía mais coragem do que bom senso.

Ele não foi o único a notar seu passo vacilante. O rapazola cacarejava a seu lado como uma galinha choca.

— Parece que suas botinhas a estão machucando, senhorita.

— Elas não são muito confortáveis, mas vou agüentar — Suzanne afirmou com um sorriso tenso.

— Se quiser, pode se apoiar em mim — Matt ofereceu.

Seu sorriso suavizou-se e dominou-lhe as feições. Num piscar de olhos, ela deixava de ser uma jovem afetada e se revelava uma mulher terna e sensível.

— Muito obrigada, sr. Butts. Caso ache necessário, aceitarei sua oferta.

Como já acontecera antes, ele ficou vermelho até a raiz dos cabelos e começou a gaguejar:

— Ora... quero dizer... — pigarreou e fez nova tentativa: — ...não precisa agradecer, senhorita.

Jack respirou fundo. Estava tão surpreso quanto o rapaz com a transformação da moça. Se ela houvesse desapertado um pouco os lábios e o fitado com um décimo daquela ternura momentos atrás, sem dúvida ele a teria beijado quando a abraçara. Contrariado com o desejo ardente que o dominava só de pensar na chance perdida, ele deu uma ordem brusca:

— Aceitando ou não o oferecimento do rapaz, trate de continuar andando.

Três rostos viraram-se para ele. Um expressava desdém e outro desaprovação, embora ainda estivesse rubro. Até o roliço vendedor de relógios, esquecido do medo, fez-lhe uma careta.

— Não estou planejando dormir sob as estrelas esta noite — Jack declarou em tom rude.

— Eu também não tenho a mínima intenção de deitar no chão duro, sr. Sloan — ela respondeu.

— Pois neste caso, mexa-se, srta. Bonneaux.

Matt fitou Jack com a testa franzida antes de segui-la. O vendedor de relógios, transpirando em bicas, enxugou o rosto com um lenço e, depois de transferir a maleta de volta para a mão direita, foi atrás dos dois.

Jack pouco se importou com os olhares de acusação deles. Não havia nada que pudesse fazer para evitar que a moça mancasse. Sugerir que ela se livrasse das botinhas não tinha cabimento. Uma pessoa não podia andar descalça numa região onde havia cobras e escorpiões. Se fosse possível encontrar varetas naquele descampado sem árvores, ele poderia ajeitar-lhe uma bengala. Caso seu manquitolar piorasse, ele não teria outra saída a não ser carregá-la.

A possibilidade provocou-lhe um sorriso. Suspeitava que a srta. Bonneaux apreciaria ir pendurada nos ombros dele tanto quanto usar uma anágua infestada de pulgas.

CAPÍTULO III

O sol já se aproximava do poente quando os quatro caminhantes avistaram as copas verdes dos choupos ao redor da Estação Ten Mile. Suzanne nunca ficara tão contente ao ver alguma coisa como aquele arvoredado distante. Tinha certeza de que as botinhas caras e elegantes haviam lhe provocado bolhas nos pés inteiros, dos calcanhares até a ponta dos artelhos. Apertou os dentes para não gemer de dor, mas continuou manquitolando pela estrada esburacada. Matt Butts a seguia tão de perto que ela podia ver-lhe a expressão preocupada cada vez que erguia o olhar do chão para enxugar a transpiração do rosto e do pescoço.

— Parece que ainda estamos a meia milha de distância — ele comentou, semicerrando os olhos contra os últimos raios de sol. — Talvez fosse melhor a senhorita se sentar nesta pedra e descansar enquanto vou buscar uma carroça para levá-la.

— Estou com muito calor e sede para ficar sentada aqui ao sol. Posso caminhar mais meia milha.

— Percebo que seus pés estão doendo muito. Se não quer esperar sentada aqui, eu poderia... carregar a senhorita — ofereceu timidamente.

Sob a cabeleira loira, os olhos azuis dele expressavam bondade sincera, o que comoveu Suzanne. Ele era meigo e, apesar da altura e da magreza, chegava a ser um tanto atraente, caso se ignorasse o óbvio. Como em todo adolescente, os braços e pernas muito compridos ainda eram desproporcionais ao tronco. Quando encorpasse, ela suspeitava, Mathias Butts conquistaria o coração de muitas moças.

— Muita amabilidade de sua parte, sr. Butts. Se eu não conseguir pôr um pé adiante do outro, aceitarei sua oferta. Mas o senhor pode vir a se arrepender. De acordo com o sr. Sloan, sou bem mais pesada do que minha aparência indica — Suzanne acrescentou num tom meio seco.

— Tenho certeza de que ele não quis dizer isso. Apenas se expressou mal — o rapaz garantiu.

A exclamação zombeteira de Sloan mostrou que ele quisera dizer exatamente aquilo. Por sobre o ombro, Matt dirigiu-lhe um olhar de censura enquanto insistia que Suzanne não seria um fardo para ele.

— Meu pai cria porcos para vender. A senhorita não pode pesar mais do que os que eu carregava para a carroça a fim de levá-los ao mercado.

Ouviram outra exclamação atrás deles e, dessa vez, num tom bem divertido.

Suzanne mordeu o lábio inferior para esconder um sorriso.

— O ponto final de nossa caminhada já está bem perto, sr. Butts. Tenho certeza de que vou alcançá-lo com meus próprios pés.

Suzanne conseguiu, mas não sem grande esforço. Ainda apertando os dentes, manquitolou na direção da construção rústica sob a sombra dos choupos.

As estações maiores situavam-se a uma distância de cinquenta milhas entre cada uma, ao longo da estrada. Geralmente elas contavam com estábulos, celeiro, ferraria, oficina para consertos, acomodações para os passageiros passarem a noite e, inevitavelmente, um ou dois bares. As menores, como aquela, tinham apenas uma cabana de madeira, uma cocheira e um curral para uns doze ou quinze cavalos. Como Suzanne sabia, por haver parado ali horas atrás, a Estação Ten Mile contava com um único salão escuro e enfumaçado. Uma cortina de chita separava a cozinha da área usada como dormitório.

Embora o lugar fosse rústico ao extremo, ela não via a hora de alcançá-lo. Tudo que queria era uma bacia com água morna para mergulhar os pés. E em seguida, aceitaria uma caneca do café amargo e um prato do feijão frio que o administrador da estação tinha servido aos viajantes de manhã. Cerrando os lábios para não deixar escapar os gemidos, dirigiu-se à porta. Esta se abriu um instante antes de ela levantar a tramela de ferro.

O administrador da estação parou no limiar da porta e espantou-se ao ver os viajantes cobertos de poeira.

— Misericórdia, o que aconteceu com os senhores?

— Assaltantes de estrada. Big Nose Parrott e o grupo dele esperavam pela diligência um pouco adiante de Three Mule Creek — Sloan respondeu.

— Desgraçados!

Num gesto de raiva, o administrador deixou escapar um impropério, atirou o chapéu velho no chão e pisoteou nele.

— Desculpe o mau jeito, dona, mas é a segunda vez que sofremos um assalto em menos de um mês. Esses bandidos deveriam ser enforcados na árvore mais próxima.

— Concordo plenamente com o senhor — Suzanne respondeu enquanto ele recuava para deixá-los passar.

Lá dentro e com um suspiro de alívio, ela sentou-se num banco de madeira ao lado de uma das mesas. Os outros a seguiram ao mesmo tempo que o administrador disparava um sem-fim de perguntas.

— Alguém saiu ferido? Onde está Jim Billups, o cocheiro? E quanto ao resto

dos passageiros? E o cofre? Parrott conseguiu passar a mão nele?

— Não sabemos. — Depois de colocar a mala na mesa, Benjamin Greenleaf atirou-se no banco do lado oposto ao de Suzanne. — Só nós tínhamos descido quando alguém começou a atirar de dentro da diligência. Ela disparou e, em questão de minutos, sumiu na curva, perseguida por Parrott e o grupo dele a galope.

— Mas que azar! Acho melhor encilhar logo meu cavalo e ir atrás da diligência. Os senhores descansem até eu voltar.

— Espere um pouco!

A ordem peremptória de Sloan fez o homem parar.

— Quando passa a próxima diligência para Deadwood?

O administrador correu o dedo por um papel sujo, pregado na parede.

— Quinta-feira, caso não esteja atrasada.

— Daqui a quatro dias? Ah, não serve. Tenho negócios urgentes para tratar em Deadwood. Quanto custam um cavalo e uma sela?

— A montaria, sessenta e cinco dólares. Os animais estão pastando atrás da cocheira. Pode escolher qualquer um desde que tenha a marca da Express Line. Quanto à sela, temos algumas extras na cocheira. Vinte dólares cada uma.

— Certo. — Sloan tirou um maço de notas do bolso do colete de couro e separou algumas. — Vou embora amanhã cedo — informou ao entregar o dinheiro.

— Como queira. Quanto aos outros, fiquem à vontade aqui. O barril está quase cheio de cerveja e há um bom pedaço de tocinho defumado na prateleira. Assim que puder, estarei de volta.

Rumou depressa para a porta com um ruído surdo das botas nas tábuas do soalho. Antes de sair também, Sloan serviu-se de uma caneca de cerveja que tomou em grandes goles.

A porta fechou-se atrás dele com uma batida forte.

— Ora, o que acham disso? — Greenleaf indagou numa voz cansada. — Lá se vai ele outra vez sem uma única palavra de explicação.

Suzanne tamborilou os dedos na mesa. A sensação mais absurda a perturbava. Contrariedade com uma ponta de tristeza. Por que a saída abrupta de Sloan deveria surpreendê-la e desapontá-la? Ele tinha deixado bem claro que não se importava com o que acontecesse a ela e aos outros dois. Depois da ordem sarcástica para que ela se mexesse, o sujeito não havia lhe dirigido mais do que dez palavras durante o resto da penosa caminhada.

Contudo, tinha havido aquele momento em que ele a apertara entre os braços...

As Senhoritas Merriweather desmaiariam caso soubessem como a aluna exemplar tinha desejado ardentemente ficar na ponta dos pés a fim de experimentar a boca severa de Black Jack Sloan com a sua.

A mãe, entretanto, compreenderia. Júlia Bonneau Garrett falava, agia e mantinha a aparência da esposa correta de um oficial do exército. Porém, ela amava o coronel com a paixão de sua ascendência francesa. Uma herança que Suzanne, evidentemente, compartilhava mais do que havia imaginado. Nenhum dos abraços de seus vários namorados tinha lhe incendiado o corpo como aquele momentâneo de Sloan. O fato de que ainda podia sentir uma leve chama aprofundou as rugas de sua testa franzida.

Pensativa, tirou as luvas e o chapéu e os colocou na mesa, ao lado da maleta do sr. Greenleaf. Esta a lembrou de que sua bagagem tinha ficado na diligência e outra não apareceria antes de quinta-feira.

De forma alguma ela pretendia ficar sentada naquela estação durante quatro dias. Como Sloan, ela precisava tratar de negócios urgentes em outro lugar.

— Posso pendurar um cobertor numa corda.

Com esforço, ela afastou os pensamentos preocupantes e olhou para o rapaz em pé a sua frente.

— Desculpe, não entendi.

— Posso pendurar um cobertor numa corda, diante de um dos beliches, a fim de que a senhorita tenha um pouco de privacidade para descalçar as botinhas e as meias. — O rubor inevitável cobriu-lhe o rosto. — É melhor mergulhar os pés em água antes que as bolhas arrebentem e inflamem.

— Obrigada, sr. Butts. Vou cuidar disso imediatamente.

Com um sorriso encabulado, ele pediu:

— Por favor, senhorita, será que não pode me tratar só por Matt? Não consigo me acostumar com *senhor* pendurado na frente de meu nome.

— Claro, Matt. Enquanto você pendura o tal cobertor, vou ver se encontro uma bacia e a caixa de remédios do administrador.

Ela achou logo uma bacia de folha amassada, mas quanto a remédios, descobriu que só havia linimento para cavalos, terebintina e meio frasco do famoso "Tônico e Dispéptico do dr. Harvey". Depois de cheirá-lo, Suzanne resolveu valer-se dos remédios simples que Bright Water havia lhe ensinado a preparar através dos anos.

— Vi agrimônia crescendo entre o mato ao lado do curral — ela disse a Matt.
— Você faria o favor de ir pegar uns galhos para mim?

— Claro, se eu soubesse o que é.

— É uma planta alta, espigada e com flores amarelas. Ele pegou o chapéu da mesa e enfiou-o sobre a cabeleira cor de palha.

— A senhorita fique sentada e descanse. Vou apanhar as flores e volto logo.

— Preciso dos galhos inteiros e não só das flores — Suzanne avisou.

Como quisesse ir ao sanitário atrás da cabana, o sr. Greenleaf pediu a Suzanne para tomar conta de sua maleta. Ao vê-lo sair, ela sentiu-se aliviada por ficar a sós. Precisava de uns momentos de privacidade para tirar o casaquinho, desabotoar a blusa a fim de lavar o rosto e o pescoço cobertos de poeira. Fez isso depressa e já havia terminado, se recomposto e colocado uma chaleira de água para ferver no fogão a lenha quando Matt voltou com uma braçada de galhos com as folhas viscosas de agrimônia.

— Sempre pensei que esta planta não passasse de mato — disse ele.

— Muitas pessoas também. Mas tenho uma amiga que me ensinou as propriedades medicinais da agrimônia.

— Ela é médica?

— Não. É uma curandeira dos Arapaho.

Matt arregalou os olhos azuis. Deixava óbvio achar estranho que uma dama como Suzanne considerasse uma indígena sua amiga.

— Eu nunca encontrei um Arapaho. Em Ohio, temos um assentamento dos Miami e, uma vez, durante a noite, um bando de ladrões Shawnee arrombou nosso defumadouro para carnes. Meu pai, meus irmãos e eu ouvimos o barulho e corremos com eles de lá. Mas já ouvi falar nos Arapaho. — As feições dele expressaram um misto de repulsa e curiosidade. — Eles não cortam os inimigos em pedacinhos para carregar uns tantos na sacola com outros itens de feitiçaria?

— Eles só levam o que as visões os aconselham.

A experiência tinha ensinado a Suzanne que poucas pessoas brancas compartilhavam sua compreensão ou sentimentos pelo povo de Bright Water. Achou melhor não explicar o complexo ritual da passagem para a maturidade, que incluía sete dias de jejum antes de o guerreiro determinar o que constaria de sua sacola de feitiços. Então, abordou um assunto menos controvertido.

— O que seu pai achou de você deixar a fazenda para vir garimpar ouro no Oeste?

— Ele não ficou muito satisfeito. E minha mãe protestou e chorou bastante. Sabe, sou o caçula lá de casa. Meus outros irmãos receberam a parte de terra da fazenda que lhes cabia e iniciaram vida própria.

— Mas você, não.

— De jeito nenhum. Já gastei muito tempo cuidando de porcos e plantando milho. Não quero mais saber disso pelo resto da vida.

Matt sentou-se no banco em frente a Suzanne, pegou uma das varetas de agrimônia e, com as mãos imensas e um puxão firme, arrancou folhas e flores. Depois, picou-a em pedacinhos.

— Pretendo fazer fortuna nas minas de ouro lá na região de Deadwood e, então, ir para San Francisco. Ouvi contar que um homem, com os bolsos cheios de ouro, pode levar uma boa vida naquela cidade.

Suzanne mordeu o lábio. Seu pai tinha sido jogador num barco fluvial. O bonitão e atraente Philip Bonneaux havia perdido nas mesas de jogo o pouco que restara da herança de sua mãe depois da guerra entre os Estados. Ele sonhara recuperar a fortuna da família nas minas de ouro do Território de Montana. Mas como muitos dos atraídos pelas riquezas do Oeste, havia morrido sem um vintém. Suzanne tinha amado o jogador incorrigível e irresponsável do fundo de seu coração infantil e ainda lamentava a perda dele.

— Nem todos enriquecem nas minas de ouro — avisou ao novo e jovem amigo numa voz suave.

— Talvez não. Mas um homem tem de encontrar seu próprio caminho, não importa o que um pedacinho de gente sem papas na língua possa dizer — afirmou Matt com ar irredutível.

Suzanne sorriu e perguntou:

— Como se chama ela? Esse pedacinho de gente sem papas na língua?

— Rebecca. Becky.

— E Becky não queria que você fosse embora de Ohio?

— Ah, não, nada disso. Ela apenas afirmou que as mulheres levianas de San Francisco podiam ficar comigo caso tivessem queda por imbecis grandalhões, com bolsos vazios e cabeça mais vazia ainda.

— De fato ela fala sem rodeios.

— Mas quando se assusta e fica com medo, ela parece uma gata que prendeu o rabo na porta.

Obviamente descontente, ele pegou outro ramo e retorceu-o entre as mãos

imensas.

— Becky não era assim antes. Perdi a conta de quantas noites descemos o rio para fisgar peixes. Ela pegava tantos quanto eu ou mais. Também sabia como ninguém dar uma pancada certa entre os olhos da velha mula de meu pai quando ela empacava e tentava nos morder. Com o passar do tempo, achando que já era adulta, empinou o nariz e não havia mais jeito de se ter uma conversa séria com ela.

— Se uma menina empina o nariz é sinal de que não quer ouvir explicações ou conselhos.

— Sem dúvida Becky não quer.

Por uns momentos, Matt olhou com ar sombrio para as folhas entre as mãos. Depois, fitou Suzanne.

— Becky é parecida com a senhorita. Maior, talvez, e um pouco mais larga na... — fez um gesto com o galho.

— Na frente?

— Sim, e nas costas também. Mas como a senhorita, ela não tem medo de encarar um homem bem dentro dos olhos.

Um tanto constrangido por ter dado um rumo pessoal à conversa, ele hesitou, mas como quisesse pedir conselhos, prosseguiu:

— A senhorita não se importa de me contar que tipo de coisas as moças gostam de ouvir de homens que querem cortejá-las?

Os pensamentos de Suzanne a levaram para o insinuante tenente sob o comando do padasto. Richard Carruthers, ao olhar pela primeira vez para ela, depois de seu retorno do Leste, havia assumido o hábito de bater, todas as noites, na porta da casa do superior. O jovem e atraente oficial tinha um ótimo vocabulário e sabia usá-lo para lisonjear uma mulher. Bem diferente de um pistoleiro rude.

— Gostamos de ouvir todo tipo de bobagens sem muito sentido — ela respondeu.

— Como o quê?

— Ah, não sei bem. Que nossos olhos brilham como diamantes, talvez. Ou que nossa imagem atravessa seu coração como as setas de Cupido.

— Cupido? Ele não é aquele anjinho gorducho?

— Acho que geralmente ele é apresentado como um querubim.

— Nunca pude entender que romantismo existe no fato de um anjinho travesso andar atirando setas nas pessoas.

Exposto dessa maneira, Suzanne também não entendia.

— Está bem. Esqueça Cupido. Diga a sua namorada que gostaria de lhe preparar uma cama de rosas e cobri-la com pétalas.

— Por que eu tentaria fazer isso? Os espinhos machucariam seu corpo inteiro.

Meio desesperada e sem mais idéias, Suzanne recorreu a seu dramaturgo preferido.

— Nesse caso seria melhor você citar estas palavras de Shakespeare para ela. Veja se aprende: *O brilho de suas faces causaria inveja às estrelas como a luz do dia a uma lâmpada...*

Matt a fitou com olhar de dúvida.

— Dizer isso não é sugerir que suas faces são vermelhas como uma lamparina a óleo? Também não me parece muito romântico.

— Essas linhas são de *Romeu e Julieta*. Muitas pessoas consideram que ela seja uma das melhores peças do bardo — ela o informou.

— Se a senhorita afirma, acredito.

— Confie em mim. Tente esses versos com sua Becky na próxima vez em que a encontrar.

Matt não escondeu o desânimo. Curvou os ombros e pegou outro galho.

— Isso pode acontecer mais cedo do que imaginamos. Se Big Nose e o bando dele alcançaram a diligência e roubaram tudo dela, só o que me resta é um punhado de moedas em meu bolso. Elas não bastarão para me sustentar durante o inverno em Deadwood.

Lembrando-se das experiências do pai nas minas de ouro em Montana, Suzanne não podia deixar de achar que o imprevisto malfadado, que forçaria Matt a voltar para casa e para Becky, seria a melhor coisa que poderia lhe acontecer. Porém, não disse nada quando ele se levantou, juntou galhos e folhas e dirigiu-se ao fogão onde a água da chaleira fervia.

— Vou pôr isto para ferver, senhorita.

Vinte minutos depois, Suzanne sentou-se num dos beliches, atrás do cobertor, e mergulhou os pés na água morna da bacia.

— Ah...

O alívio foi imediato. Recostou-se na parede e, com os olhos fechados, ficou à espera de que o remédio de Bright Water produzisse seu efeito mágico.

Uma colher de sopa de agrimônia amassada, numa xícara de água, também podia ser usada para lavar a boca, ela lembrou-se. Umas poucas bochechadas tirariam o gosto de terra da estrada misturado com o meio azedo do feijão que ela e Matt tinham comido enquanto esperavam a agrimônia ferver. Deveria lavar os cabelos também. Entranhados de poeira, começavam a se soltar dos grampos. Mais tarde cuidaria disso e do resto da aparência, mas só quando os pés esfriassem e ela conseguisse energia suficiente para se mexer.

Suzanne não fazia idéia de quanto tempo tinha ficado encostada na parede, com a saia e a anágua enroladas acima dos joelhos e os pés imersos na água. Quando abriu os olhos, havia escurecido e Jack Sloan encontrava-se do lado de dentro do cobertor pendurado por Matt, perto dos pés do beliche.

CAPÍTULO IV

Jack segurava o cobertor áspero que alguém tinha pendurado como cortina. O rapazola, provavelmente. O jovem Butts estava tão fascinado pela afetada e presunçosa srta. Suzanne Bonneaux que, na estrada, mal conseguia dar um passo sem tropeçar.

No momento entretanto, ela não exibia o ar de presunção. Tendo acabado de acordar, parecia confusa e estava bem desarrumada, mas fascinantemente feminina. O olhar dele parou por um instante em seus cabelos castanhos, caídos sobre os ombros. A blusa, desabotoada em cima, insinuava as curvas macias mais abaixo. A saia, acima dos joelhos, expunha pernas bem-torneadas e lindas.

Com uma contração dos músculos, Jack imaginou aquelas pernas em volta das dele. Podia quase ouvir seus suspiros excitados. E até sentir seus calcanhares apertar a barriga das pernas dele enquanto separava as suas e invadia seu corpo quente e aveludado.

— Sr. Sloan!

Sentindo-se como um cavalo bravio, corcoveando e retorcendo-se na ponta do laço que tentava imobilizá-lo, Jack levantou o olhar para seu rosto. Ela endireitou o corpo no beliche e piscou, afastando o resto da sonolência da expressão.

— O que está fazendo aqui?

— Apreciando a cena.

Enrubescendo, Suzanne abaixou a saia e tirou os pés da bacia.

— Será que não lhe ocorreu que eu poderia querer um pouco de privacidade?

— Claro que sim. Também me ocorreu que esqueci de dizer ao administrador da estação o que deve fazer com minhas mochilas e sela deixadas no compartimento de bagagem da diligência. Peça-lhe para vender a sela, está bem? Ele pode mandar o dinheiro e as mochilas para mim, aos cuidados do escritório da Express Line em Deadwood.

A julgar por sua expressão, Jack calculou o que Suzanne pretendia lhe dizer que fizesse com os pertences dele e as instruções para o administrador da estação. Um desapontamento inesperado o surpreendeu quando ela reprimiu a resposta azeda, mas esperada, e disse:

— Muito bem.

Jack fez um gesto com a cabeça, pegou o colchão do beliche acima do seu e

levou-o para a cozinha. Butts e Greenleaf já tinham se acomodado nos outros dois beliches. Ele ia se deitar perto do fogo e partir ao raiar do dia.

Sabia que não dormiria muito. Estava nervoso e frustrado demais com o atraso inesperado. Resultado de ter vendido o cavalo e embarcado na amaldiçoada diligência. Teria muita sorte se chegasse a Deadwood antes de Charlie Dawes descobrir que ele estava em seu encalço e fugisse outra vez.

A possibilidade dava a impressão de queimar um buraco em suas entranhas. Como fosse o único que ainda continuava vivo, Jack o vinha rastreando havia dois anos. A idéia de estar tão perto, a apenas uns poucos dias de cavalgada de distância, o fazia flexionar a mão usada para atirar. Desta vez, Dawes não escaparia.

Lembranças subiam à tona da mente. De outra noite e de outro casebre. Mesmo depois daqueles anos todos, ele ainda podia ouvir os gritos, sentir a angústia e o ódio. Este dava nós em seus músculos, apertava-lhe o peito e enfiava as garras em sua garganta.

Uma segurança fria e inflexível o envolveu. Dawes não escaparia desta vez, repetiu a si mesmo.

Depois de se sacudir da cabeça aos pés como um cachorro, a fim de se livrar das lembranças, desafivelou o cinturão do revólver e o prendou no encosto de uma cadeira ao lado. Já ia se deitar no colchão de palha quando viu um balde meio cheio de água, perto do fogão. Evidentemente, a srta. Bonneaux não tinha se apossado de toda a água do lugar para imergir os pés delicados.

Impossível não ceder à tentação de se livrar de um pouco da poeira da estrada. Jack pôs o balde sobre a mesa e, em questão de segundos, livrou-se do colete de couro e da camisa, largando-os no banco. Deliciou-se com a água. Lavou rosto, pescoço, ombros, peito e braços. Ao esfregar o rosto, sentiu a aspereza da barba por fazer. A navalha para se barbear e a roupa limpa tinham ficado nas mochilas no bagageiro da diligência. Se dentro de dois dias não aparecessem em Deadwood, o conteúdo delas teria de ser substituído.

A possibilidade de perder tudo que possuía não o aborrecia muito. Contentava-se com pouco, pois não tinha parada. E continuaria assim, imaginava, até que envelhecesse e perdesse a agilidade para atirar mais depressa do que um idiota embriagado que o provocasse.

Sem dúvida isso aconteceria. Provavelmente mais cedo do que tarde. Um homem com sua reputação não costumava morrer encarquilhado, curvado sob o peso dos anos, deitado numa cama com o pastor ao lado, lendo as Sagradas Escrituras. Ele terminaria com uma bala no peito... ou nas costas. O homem que conseguisse pôr Black Jack Sloan num caixão teria o direito de se vangloriar pelo resto da vida, não importaria como o feito houvesse sido consumado.

Ora, ele já sabia o que aconteceria quando, pela primeira vez, tinha enfiado o

velho revólver do pai no coldre. Naquela ocasião, fizera uma escolha e a seguiria pela vida afora sem se desviar.

Um barulho estridente quebrou o silêncio. Jack pulou para o cinturão com a arma. Num gesto instintivo, tirou-a do coldre e, agachando-se, virou-se.

A uns dez passos, Suzanne estava petrificada. A bacia de folha tinha-lhe escapado das mãos e caído a seus pés. Embora a água houvesse molhado sua saia, ela não se atrevia a se mexer e nem mesmo a respirar com o cano daquela arma mortífera apontado para seu coração.

— O que foi isso? — Benjamin Greenleaf indagou já sentado no beliche e piscando com ar sonolento. — Alguém se machucou?

— Sr. Sloan!

A exclamação foi seguida pela batida surda de botas imensas no chão. Matt, que pelo jeito dormia calçado, tinha pulado em pé e dirigia um olhar furioso para o homem agachado perto do fogo.

— O senhor vai atirar na srta. Bonneaux?

Praguejando por entre os dentes, Jack ergueu-se e travou o revólver.

— Eu a aviso para tomar cuidado e não se aproximar mais furtivamente de um homem. Da próxima vez que fizer isso, ele pode ser mais rápido do que eu e atirar — ele aconselhou Suzanne numa voz áspera.

Assustada, ela continuava imóvel.

— Eu não...

Suzanne engoliu em seco, tão aborrecida com a voz fraca quanto trêmula pelo que tinha transparecido.

— Eu não estava me aproximando furtivamente do senhor. Ia sair para esvaziar a bacia que, sem querer, derrubei no chão.

Era verdade. Isto é, mais ou menos. Ela seria capaz de encher os cabelos de mel e se deitar num formigueiro antes de admitir que a cena de Sloan lavando-se a tinha imobilizado. Como uma tola de olhos arregalados diante da representação de artistas de circo numa feira, ela havia admirado o peito e os ombros largos de Sloan até que a maldita bacia escorregara de suas mãos.

Mesmo naquele momento, precisava se esforçar para não continuar olhando para aquele peito nu. Além de largo, era musculoso e coberto por pêlos escuros que, ainda molhados, brilhavam. Depois de tornar a engolir em seco, Suzanne abaixou-se e pegou a bacia.

— Sinto muito ter acordado os senhores. Desculpem e, por favor, voltem a

dormir — pediu a Matt e Greenleaf.

Os dois voltaram a se deitar enquanto Suzanne, hesitante, rodava a bacia entre as mãos e Sloan vestia a camisa. O bom senso a aconselhava a manter a boca fechada, esquecer a proposta em que vinha pensando, mas a sensatez não a conduziria até Bright Water. Bem devagar, atravessou o cômodo.

— Posso trocar uma palavrinha com o senhor? — perguntou em voz baixa para não perturbar os outros.

— Duas, se quiser, desde que seja breve — Sloan respondeu em voz indiferente.

Como Suzanne não falasse logo, ele enfiou a camisa para dentro da calça e dirigiu-lhe um olhar zombeteiro.

— Deseja alguma coisa, srta. Bonneaux?

Ignorando-lhe o sarcasmo e a voz que lhe dizia estar prestes a pegar uma cascavel pelo rabo, ela foi diretamente ao assunto.

— Desejo, sim. Quero contratá-lo.

As sobrancelhas negras arquearam-se. O que acabava de ouvir não era nem de longe o que Sloan esperava dela.

— Ora, *me* contratar?

— Quer dizer, sua habilidade com o revólver, caso o senhor esteja disposto. Tenho negócios urgentes que exigem minha presença em Fort Meade, no Território de Dakota, o mais depressa possível. Como o senhor, não posso esperar pela próxima diligência.

Ele deu de ombros.

— Vai ter de esperar. Não costumo alugar meus serviços por dinheiro algum e, muito menos, o uso de minha arma.

— Por favor, compreenda. É imprescindível que eu chegue à reserva dos Arapaho, nas margens do rio Cheyenne, dentro dos próximos dias. Tenho uma pessoa amiga lá que...

— Não quero saber de seus problemas e não ligo a mínima se alguém a está esperando lá. Meus negócios são em Deadwood e não em Fort Meade.

— O forte fica fora de seu caminho apenas meio dia a cavalo.

— Pois meio dia é tempo demais para eu perder — Sloan declarou em tom seco ao virar-lhe as costas.

— Farei a demora valer a pena.

Ele parou e tornou a encará-la. Com olhar irônico e vagaroso, percorreu seu corpo. Então, disse:

— Um dos rapazes de Big Nose Parrott arrancou sua bolsa. Que tipo de pagamento pode me oferecer?

— Não daquele que está pensando!

— Uma pena. Se fosse, eu poderia reconsiderar sua proposta.

— Por favor, sr. Sloan, não faça tais brincadeiras comigo. Como já lhe disse, eu as acho cansativas.

Algo brilhou nos olhos cinzentos dele, mas tão depressa quanto surgira, desapareceu. Aproximou-se, forçando-a a se encostar na mesa. Ele era tão grande que bloqueava o resto do cômodo de sua visão. E estava tão perto que ela podia sentir o odor da pele úmida.

— O que a leva a pensar que se trata de uma brincadeira?

Um arrepio percorreu a espinha de Suzanne. Não era de medo. Curiosamente, ela não o temia. Porém, a proximidade dele deixava seus nervos prestes a estalar e romper como o gelo fino sobre a água de uma lagoa.

— Não sou criança, sr. Sloan, e muito menos uma mulher indefesa como o senhor parece pensar. Suas ameaças rudes não me assustam.

— Pois deveriam, ora! Será que acredita mesmo que a pequena arma em seu bolso a protegeria caso eu decidisse deitá-la nessa mesa e levantar sua saia?

— Não. Mas também não acredito que o senhor seja do tipo de homem que violentaria uma mulher. Caso pensasse assim, não teria pedido sua companhia.

O olhar dele tornou-se gélido.

— A senhorita não faz a mínima idéia do tipo de homem que sou.

Suzanne sabia que deveria desistir antes que o gelo quebrasse e ela submergisse. Se o sangue não latejasse em seus ouvidos e a proximidade de Sloan não lhe disparasse o coração, ela não o contradiria numa voz suave:

— O senhor protegeu meu corpo do tiroteio esta tarde. Isso me revela alguma coisa a seu respeito.

Dessa vez, ele não tentou negar que tentara protegê-la.

— Muito bem. E daí? A senhorita é uma tola se pensa que todos os homens não carregam partes iguais de bondade e maldade. É apenas uma questão de qual delas é ativada em determinados momentos.

Sloan não estava dizendo nada que ela já não houvesse ouvido muitas vezes,

durante sermões em igrejas. E mais ainda. O padraço não se cansava de martelar as mesmas lições em sua cabeça. Muito cuidadoso, o coronel queria ter certeza de que ela compreendia os perigos de atingir a maturidade, cercada por soldados da cavalaria capazes dos atos mais heróicos ou dos mais ultrajantes, dependendo apenas das circunstâncias ou da quantidade de bebida ingerida.

— Tentarei não provocar seu lado mau — ela prometeu no mesmo tom suave.

— Já fez isso, srta. Bonneaux.

Por mais que suplicar fosse contra seu temperamento, ela fez novo apelo.

— Por favor, sr. Sloan, preciso chegar a Fort Meade.

— Não comigo. Não aceito ser contratado — repetiu ele em tom seco.

Sloan partiu um pouco antes do alvorecer.

Suzanne acordou com o ruído de botas nas tábuas do soalho, seguido pelo ranger das dobradiças da porta. Ela manteve-se imóvel por uns momentos, pensando na noite anterior e também nos dias vazios que teria pela frente. Estavam em meados de setembro e aquele calor fora de época passaria qualquer dia. Durante a noite, o vento frio começaria a soprar. O povo de Bright Water provavelmente já estava desmontado as tendas. Se não fosse a amiga querida que estivesse acampada nas margens do rio Cheyenne, Suzanne voltaria a dormir, certa de ter feito todo o possível.

Porém, pôs os pés para fora do beliche, passou os dedos pelos cabelos emaranhados e observou a roupa empoeirada e amarrotada. Na véspera à noite, antes de se deitar, ela havia se livrado do casquinho justo e do espartilho, as peças mais incômodas. Pegou o espartilho e balançou-o pelos cordões por um instante antes de decidir abandoná-lo ali. Sua cintura era fina e não precisava ser apertada por ele a fim de caber na saia. E caso ela viesse a seguir o plano que começava a tomar forma em sua cabeça, precisava dispensar todo e qualquer desconforto possível.

Ao passar para a frente do cobertor, viu que os outros dois também já tinham se levantado. Benjamin Greenleaf acabava de passar pela porta, rumo ao poço para se lavar, e Matt — que Deus o abençoasse — já tinha colhido, preparado e posto para ferver novos ramos de agrimônia.

— Obrigada, meu amigo — Suzanne agradeceu. — Sua Becky é uma mulher de sorte, caso ela saiba ou não — acrescentou.

Depressa, ela banhou os pés e, depois, rasgou duas tiras finas da anágua. Matt a olhou com expressão de dúvida ao vê-la molhar os pedaços de linho na solução benéfica e enrolá-los nos pés.

— Não acho que vá conseguir calçar as botinhas delicadas por cima desses

panos.

— Não vou usá-las. Será que você pode fazer o grande favor de ir procurar, na cocheira, um par extra de botas de trabalhador e trazer para mim?

Ele não disfarçou o ar de espanto. Não podia imaginar uma dama como Suzanne calçando botas emprestadas. Mas pôs o chapéu e disse:

— Pois não, senhorita.

Enquanto Matt vasculhava a cocheira, ela coou café e deu uma busca nas prateleiras. Encontrou um vidro de melado e um saco de aveia meio embolorada. Mesmo assim, pôs um tanto numa panela com água para cozinhar. Adoçada com melado, a aveia seria bem melhor do que o feijão rançoso.

O mingau já estava pronto quando Greenleaf e Matt voltaram.

— Encontrei este — disse o rapaz em tom de dúvida, ao mostrar um par de botas velhas. — Limpei o mais que pude, mas o cheiro ruim não passou.

— Aliás, horrível — o vendedor de relógios opinou com uma careta.

— Não importa — Suzanne afirmou em voz calma. Aliás, ela não tinha escolha, pensou. — Largue aí no chão e venha se alimentar. Depois, preciso que me faça outro favor.

— Pois não.

— Quero que vá ao pasto e me traga um cavalo.

Matt largou as botas com estrondo no chão.

— Srta. Bonneaux! Impossível estar pensando em cavalgar sozinha para Deadwood!

— Se for preciso, irei. Mas espero alcançar o sr. Sloan na estrada.

Os dois homens trocaram olhares.

— Não conseguimos deixar de ouvir sua conversa com Sloan ontem à noite — Greenleaf confessou. — Ele deu a impressão de não querer mesmo acompanhá-la.

— Tenho certeza de que ele, naquele momento, de fato não queria. Agora de manhã, ele pode muito bem ver a situação de maneira diferente — Suzanne respondeu numa exibição de indiferença.

Greenleaf mostrou-se cético e Matt, preocupadíssimo.

— Seria melhor refletir bastante sobre isso, srta. Bonneaux — o rapaz aconselhou.

— Já refleti muitíssimo. Tenho de chegar a Fort Meade o mais cedo possível,

com ou sem a ajuda do sr. Sloan. Sou perita em várias coisas, fiquem sabendo. Cresci em postos do exército. Sei cavalgar e atirar tão bem quanto qualquer soldado da cavalaria.

Na verdade, melhor, caso se levasse em conta os meses necessários para ensinar um recruta chucro a segurar o fuzil e a não cair da sela. Ela só desejava estar carregando uma arma com mais poder de fogo no bolso do que a pequena pistola.

O vendedor de relógios balançou a cabeça.

— Bem, a escolha e a decisão são suas. Só espero que não venha a se arrepender quando for tarde demais.

Suzanne também esperava. Pôs-se a comer o mingau com afinco, pois sabia que precisava de energia para enfrentar a longa cavalgada. E não ignorava que a viagem para o rio Cheyenne tinha adquirido uma nova dimensão. Uma com voz profunda, rude e olhos da cor do céu numa manhã de inverno.

Quando Suzanne já tinha juntado alguns suprimentos, escrito uma nota promissória para o administrador da estação, comprometendo-se a pagar tudo que estava levando, e mandado Matt ir pegar um cavalo da Express Line, Sloan já levava uma hora de vantagem a sua frente.

Ela o alcançaria sem dúvida alguma. Embora devesse estar cavalgando depressa, ele não podia forçar demais a montaria com aquele calor. O animal se cansaria depressa e não conseguiria seguir em frente, deixando Sloan a pé outra vez. Ela era bem menor e mais leve do que ele, além de ter sido criada em postos do exército, como tinha explicado a Matt e Benjamin Greenleaf. Não podia contar as vezes em que a mãe a tinha aprontado e ao irmãozinho, acomodando-os num carroção-ambulância para iniciarem uma nova mudança de posto. Quando Suzanne e Sam já tinham crescido o suficiente para ficar em uma sela durante horas, haviam começado a fazer as viagens a cavalo.

O retorno de Matt a levou para fora, o que fez arrastando um pouco os pés, calçados nas botas emprestadas. Apesar das faixas, elas estavam um pouco largas. Entre as mãos, levava o saco com os alimentos. Matt tinha trazido dois cavalos, um castanho com manchas pretas e o outro de um cinzento malhado. Os dois já estavam encimados e com a brida.

Demonstrando o acanhamento e a cortesia peculiares dele, Matt anunciou que iria acompanhá-la.

CAPÍTULO V

Uma pena que Becky não possa me ver assim.

Suzanne disfarçou um sorriso enquanto Matt erguia os ombros, semicerrava os olhos e fazia cara de mau.

— Ela não pensava grande coisa dessa minha idéia de me aventurar pelo Oeste — ele contou com ingenuidade. — Dizia que eu grunhiria como um porco a caminho do matadouro quando me deparasse, cara a cara, com um dos bandidos das histórias dos folhetins que eu lia.

— Como Big Nose Parrott.

Matt sorriu, constrangido.

— Admito que quase morri de medo quando ele enfiou aquele narigão pela janelinha da diligência. No entanto, aqui estou eu acompanhando a senhorita pela estrada deserta, corajoso como o detetive Pinkerton.

— Estou muito grata por sua companhia — Suzanne afirmou com sinceridade.

Matt podia ser um péssimo cavaleiro, mas ao lado dele o trajeto não parecia tão longo.

— Depois que deixar a senhorita na segurança de Fort Meade, seguirei para a região das minas de ouro. Antes de começar a garimpar, vou ter de arranjar algum serviço para me sustentar. Eu devia saber que não podia esconder, no forro de minha mochila, a moeda de ouro de cinquenta dólares que minha mãe me deu às escondidas. A mochila ficou no bagageiro da diligência.

— Quem sabe Parrott e o bando dele não a alcançaram. Com um pouco de sorte, pode ser que o cocheiro tenha conseguido escapar deles e chegar à estação seguinte. Nesse caso, sua mochila estará esperando por você no escritório da Express Line, em Deadwood. Talvez o encarregado de lá até esteja oferecendo uma recompensa por informações sobre o assalto.

Matt entusiasmou-se com a possibilidade.

— Posso contar a eles tudo sobre Big Nose Parrott. Li muita coisa a respeito do sujeito. A senhorita sabia que ele já assaltou o mesmo número de trens que de diligências? E que dizem que o esconderijo dele é em Dakota Badlands?

— Não, eu não sabia.

— Ora, é bem capaz de meu nome sair nos jornais! Meu pai, minha mãe e Becky vão poder ler como o sr. Mathias Butts de Plainsboro, Ohio, ajudou a capturar um assaltante famoso do Oeste.

Deslumbrado com tal idéia, Matt deixou de se preocupar com o fato de ter menos de um dólar no bolso. Entretanto, a perspectiva da fama não parecia compensar a dor nas nádegas, Suzanne percebeu. A cada batida na sela, ele dava a impressão de sentir como se elas estivessem em carne viva.

— Você quer descansar um pouco? — ela perguntou ao vê-lo ficar em pé nos estribos a fim de mudar a posição do corpo na sela.

— Não, mas admito que estou bem mais acostumado a dirigir um arado, puxado por duas mulas intratáveis lá da fazenda, do que montar nelas. Posso atrelar as duas na carroça num piscar de olhos quando é dia de levar os porcos ao mercado da cidade. Nunca passo muito tempo numa sela.

Suzanne preferiu não comentar o óbvio.

Embaraçado por ela tê-lo apanhado na tentativa de acomodar melhor o traseiro na sela, Matt achou melhor desviar-lhe a atenção para a pessoa dela.

— Como a senhorita aprendeu a cavalgar e a ler sinais pelo caminho?

— Não mencionei que cresci em postos do exército? Meu padraсто comanda o Segundo Regimento da Cavalaria, atualmente estacionado perto de Cheyenne.

— Ah, um oficial da cavalaria. Isso, em parte, responde minha pergunta.

— O coronel me pôs em cima de meu primeiro pônei quando eu tinha seis anos.

— Então, é por isso que sabe cavalgar tão bem.

— Eu teria mais facilidade se estivesse usando meu costume de montaria.

Matt relanceou o olhar para um pedaço de sua perna abaixo do joelho e acima do cano da bota emprestada. A anquinha sob a parte de trás da saia não permitia que ela cavalgasse de lado.

Suzanne viu-lhe o olhar e a mancha vermelha que se espalhava pelo rosto. Ele suava profusamente e mexeu-se outra vez na sela.

Pobre criatura! Obviamente ele estava na idade em que a visão de qualquer parte da anatomia feminina, por menor que fosse, o incendiava. Ela não duvidava que Becky o fizesse transpirar grande parte do tempo.

— Seu padraсто também a ensinou a rastrear? — ele indagou numa voz meio engasgada. — Desde que descobriu a pista de Sloan, duas horas atrás, a senhorita a vem seguindo como um cão de caça que fareja o cheiro de um guaxinim.

— Não, eu aprendi a rastrear com o pai daquela minha amiga de quem lhe falei, a curandeira dos Arapaho. Lone Eagle era batedor do exército. Ele podia olhar para uma haste quebrada de capim e dizer se tinha sido pisada por uma criatura de duas pernas ou de quatro e quanto tempo atrás.

— Simplesmente me iludi com sua aparência. Quando a vi embarcar na diligência, em Cheyenne, eu podia jurar que a senhorita tinha vindo de trem de Boston ou de Nova York ou de alguma outra grande cidade.

— Na verdade, você não se enganou muito. Faz poucas semanas que voltei de Filadélfia. Eu estava numa escola. A Academia para Jovens Seletas das Senhoritas Merriweather. — Fitou-o e sorriu. — Foi lá que li *Romeu e Julieta*. É de fato uma lindíssima história de amor.

— Se a senhorita acha, acredito.

— Quero lhe prometer uma coisa. Quando eu voltar para Cheyenne, vou procurar um volume das peças de Shakespeare e mandá-lo para você em Deadwood.

— Se for para gastar tempo virando páginas de um livro, prefiro que seja de um sobre sujeitos como Pecos Bill e Black Jack Sloan.

— Sabe, você não deve acreditar em tudo que lê nesses folhetins de dez centavos. Desconfio que grande parte da reputação do sr. Sloan não passa de exagero.

— Não duvido que vamos verificar isso quando alcançarmos o homem. Ele não vai gostar nem um pouco de estar sendo seguido. Vai esbravejar e nos tratar muito mal.

Como descobriram menos de uma hora depois, Matt havia subestimado bastante a reação de Sloan. Não só ele enraiveceu-se por estar sendo seguido como quase, pela segunda vez em menos de doze horas, alojou uma bala no coração de Suzanne.

Jack teve a sensação de estar sendo seguido quando parou na margem de um riacho para o cavalo beber água. Com os olhos semicerrados, observou um fiapo de poeira vermelha no ar, a alguma distância atrás dele. Podia ter sido provocado por um coelho ao entrar depressa num buraco a fim de escapar da perseguição de aves de rapina. Mas no céu sem nuvens não circulavam falcões e nem um mísero gavião. Jack tinha vivido tempo demais olhando por sobre o ombro para confiar em possibilidades.

Sacou a arma, escondeu-se atrás da vegetação e ficou à espera. Não demorou muito para seus seguidores contornarem o rochedo que bloqueava a estrada e surgirem em seu campo de visão. Incrédulo, sentiu-se dominado por uma fúria tremenda.

— Será que enlouqueceram com este sol escaldante? — esbravejou ao sair do esconderijo com a arma assestada, quando se aproximaram.

— Ainda não — a atrevidinha respondeu calmamente. — Mas existe uma boa possibilidade de que isso aconteça. Além destas botas, eu deveria ter tomado

emprestado um chapéu de aba larga.

Seu comportamento imperturbável aumentou-lhe a raiva.

— A senhorita não sabe que rastrear um homem é a maneira mais segura de ser jogada para fora da sela com um tiro certo?

— É claro que sei. Se eu estivesse rastreando um outro homem, não chegaria tão perto e nem o deixaria perceber que estávamos atrás dele.

Jack apertou o queixo com tanta força que teve a impressão de ouvir o estalar dos ossos. Que diabo de coisa se passava dentro daquela cabeça? Teria ela imaginado que, se quisesse, poderia segui-lo até Deadwood sem que ele se desse conta? Aliás, como havia ela conseguido descobrir-lhe o rastro e o acompanhado até tão longe?

Ela deu a impressão de ler tais pensamentos com uma facilidade que fez Jack ranger os dentes.

— Eu lhe disse ontem à noite, sr. Sloan, que não sou a mulher indefesa que o senhor imagina.

— E eu *lhe disse* que não alugo meus serviços.

— Nesse caso, não ficarei lhe devendo nada. Mas não existe uma lei que proíba Matt e eu de cavalgarmos atrás do senhor.

Ele dirigiu um olhar furioso para o rapaz. O idiota acomodava-se na sela como uma saca de batatas velhas. Jack apostava como ele já estava com as nádegas em petição de miséria.

— Será que perdeu o juízo, rapaz? Bastou o sorriso da srta. Bonneaux para atizar tanto seu sangue a ponto de você não ter coragem de avisá-la de que estava completamente louca?

O rubor intenso de Matt foi a resposta para Jack, embora desnecessária. O jovem Matt estava na idade em que a ereção se manifestava numa fração de segundo. Bastava que uma mulher o olhasse pelo canto dos olhos.

O fato de que aquela mesma jovem já houvesse provocado duas vezes a ereção em Jack não lhe abrandou a fúria. Como também não, seu plano louco de acompanhá-lo até a bifurcação para Fort Meade.

— Nós não lhe seremos um encargo, sr. Sloan. Sem dúvida o senhor não vai se opor a que usemos sua reputação para nos proteger nos próximos dois dias, não é?

— Imagine se não vou! — esbravejou ele enquanto enfiava a arma no coldre. — Preste atenção. Acho melhor se livrar da idéia de que eu os protegerei caso encontremos outro bando de assaltantes.

— O senhor já fez isso antes.

— Com todos os diabos, a senhorita não entende! É muito mais provável que eu a meta em confusão do que a tire de uma. Acredite ou não em tudo que ouviu a meu respeito, saiba que sou um alvo ambulante para um sujeito bêbado ou impetuoso que julgou ser mais rápido no gatilho do que eu. Se a senhorita e o rapaz cavalgarem a meu lado, se tornarão alvos também.

Ela o fitou com firmeza.

— Matt tem idade suficiente para avaliar os riscos e tomar sua própria decisão. Eu também.

— Pois desta vez, estão tomando a decisão errada. Sugiro que desistam de seguir em frente e voltem à Estação Ten Mile. — Apanhou as rédeas da montaria, virou-a e pulou na sela. — Cavalgo sozinho. Sempre faço isso.

Pelo menos desde que tinha doze anos.

Com expressão sombria, Jack esporeou o animal e partiu a galope. Acompanhando o tropel do ruão, ele repetia a litania que, através dos anos, o forçava a seguir em frente. Era a mesma que ecoava em sua cabeça desde a noite em que afivelara o cinturão com o revólver do pai em seus quadris magros de meninote. Ao som dela, tinha partido da fazenda que os pais haviam tentado formar numa encosta do Colorado.

Os desgraçados não escapariam. Nenhum deles. Jamais escapariam.

Charlie Dawes era o último. O sujeito estava escondido em Deadwood, vivendo tempo emprestado. A última coisa de que Jack precisava era uma jovem de cabeça oca e um rapazinho, cuja barba não passava ainda de penugem, pendurados nele no momento em que encurralasse o maldito e lhe estourasse os miolos.

A montaria da Express Line que havia escolhido vencida as milhas da estrada num passo firme e elástico. Era um animal grande e, pela maneira com que obedecia às rédeas, devia estar acostumado a puxar veículos. Mais ou menos de hora em hora, Sloan o fazia diminuir a marcha, depois desmontava e caminhava a pé por uns vinte minutos, até que ele se refrescasse.

Cada vez que parava, Sloan percorria um olhar atento pela terra castigada pelo sol atrás dele. E sempre vislumbrava duas silhuetas montadas que, cada vez mais, iam se distanciando. Mesmo assim, praguejava com raiva.

A mulher não possuía o raciocínio que Deus dera a um corvo? Ela ignorava o que poderia lhe acontecer naquele descampado sem um homem para protegê-la? O rapaz não contava. Com todos os diabos, pelo jeito com que o jovem Butts sacolejava na sela, ele teria muita sorte se não despencasse na estrada dentro de uma hora.

O rapaz que se danasse, pensou Jack. Não se importava nem um pouco com o que viesse a lhe acontecer. Afinal, Butts não era responsabilidade dele. Aliás, nem a srta. Bonneaux.

Ainda tentava se convencer quando o anoitecer tingiu de roxo o poente. Continuou em frente até que a noite caísse sobre a terra como uma pele de búfalo, determinado a deixar que os dois idiotas colhessem os frutos da loucura cometida. Desencilhou a montaria e prendeu-lhe as pernas dianteiras entre si, para que pudesse pastar mas não conseguisse se afastar dali.

Em instantes, acendeu uma fogueira. Encheu uma caneca de folha com café, ambos trazidos da estação, e colocou-a perto do fogo para esquentar. Pouco depois, enquanto o tomava, pensou que poderia ter trazido também um pouco do feijão rançoso que havia engolido de manhã. Paciência. Quantas vezes, nos últimos dez anos, não tinha ido dormir com o estômago roncando de fome? Caçaria um coelho ou um galo silvestre na manhã seguinte, decidiu, e se alimentaria bem.

Jack não tinha certeza de quando sentiu um leve odor de toicinho defumado frito. No início, o cheiro roçou-lhe as narinas de maneira tão fraca que ele calculou ser imaginação provocada pela fome. O ar da noite tinha esfriado um pouco, e o cobertor, usado sob a sela e com o qual se cobria, tinha um cheiro próprio e forte.

Continuou deitado e imóvel, a cabeça apoiada na sela e o chapéu empurrado para trás para que pudesse ver as estrelas. Havia milhões naquela noite. Brilhantes e prateadas, pontilhavam a abóbada celeste tão vasta que poderia engolir um homem inteiro. Em noites como aquela, Jack quase se sentia feliz por não ter um lar, uma casa com telhado que escondesse as estrelas. Quase.

Ele não tinha olhado para trás desde que cavalgara para longe do Colorado. Durante aqueles anos todos, não costumava pensar na fazenda que os pais haviam tentado formar um pouco adiante de Rainbow Junction. Porém, sempre que admirava as estrelas, tinha de lutar contra uma saudade de...

Maldição! Num movimento abrupto, sentou-se e inalou o ar. Sem dúvida, *era* o cheiro de toicinho defumado que impregnava o ar. O aroma tentador o fez contrair o estômago. Por alguma razão, isso o enfureceu mais do que o fato de ser seguido. Sacou a arma e rumou para o lugar de onde vinha o cheiro.

Os dois idiotas tinham acampado um pouco adiante de uma elevação do terreno, quase ao alcance da voz, o que fora a intenção da moça, Jack sabia. Parte dele tinha sentido a proximidade dos dois. A outra, a parte má, recusava-se a admitir o alívio provocado pelo fato de eles terem conseguido chegar tão longe ou a própria frustração por não tê-los despistado.

— Boa noite, sr. Sloan. — Abaixada perto da fogueira, a mulher intratável não se deu ao trabalho de levantar o olhar. — Aceita jantar conosco?

Jack apertou os dentes e dirigiu um olhar mau para o jovem Butts, que não

podia estar com aparência mais deplorável depois das dez horas de cavalgada.

— Várias vezes encontrei pessoas muito teimosas, mas nenhuma tanto quanto a senhorita.

— Obrigada.

A resposta educada o fez apertar mais os dentes, até quase gemer de dor. Mas seu olhar risonho encontrou o dele por cima das chamas crepitantes e quase o fez relaxar.

— Logo o jantar ficará pronto. O senhor quer tomar um pouco de café enquanto espera?

Agindo como se o estivesse convidando para tomar chá num domingo à tarde, ela serviu o café numa caneca de folha que estendeu a ele.

O café ficou parado no ar num misto de convite e de desafio. Jack abafou um palavrão e quase voltou correndo ao próprio acampamento. Mas estendeu a mão e pegou a maldita caneca.

— Não posso entender como alguém, até agora, não estrangulou a senhorita.

Seu riso alegre borbulhou.

— Meu irmão diz a mesma coisa. Mas por favor, sr. Sloan, sente-se. Assim em pé, o senhor vai acabar me dando torcicolo.

Com a caneca entre as mãos, Jack acomodou-se a poucos passos do rapaz. Matt estava sentado com as pernas cruzadas e sobre o cobertor de montaria dobrado várias vezes. Com os ombros curvados de pura exaustão e as mãos largadas sobre os joelhos, dirigiu um olhar tímido para Jack.

— Eu não podia deixá-la cavalgar desacompanhada pela estrada.

— Calculo que não houvesse muitas chances de *deixar*. A srta. Bonneaux vai sempre fazer o que lhe der na cabeça.

O objeto da conversa deles virou as fatias de tocinho defumado com uma vareta desbastada da folhagem.

— Você não acha que já está na hora de parar de se referir a mim e de me tratar por *senhorita* Bonneaux nesse tom detestável?

Jack pensou por um instante.

— Talvez.

— Ótimo. Bem, cavalheiros, acho que já tenho gordura suficiente para fritar uns bolinhos.

Com a vareta, Suzanne transferiu o toicinho defumado da frigideira para um prato de folha.

— Vejo que você não fez cerimônia para pegar o que precisava lá na estação — Jack disse, mal-humorado e esquecendo-se de que, um momento atrás, desejara ter feito o mesmo.

— Deixei um bilhete prometendo pagar tudo.

Ele contraiu os músculos ao lembrar-se de que tinha rejeitado sua proposta de pagamento. Não era do tipo que ele desejava.

— Matt, por favor, passe o saco de aveia.

Com olhar sombrio, Jack observou a jovem esguia e delicada, que dava a impressão de correr o risco de derreter sob uma chuva forte, misturar uma porção de aveia com água e formar bolinhos com a massa encaroçada. Ela apresentava uma surpresa atrás da outra e Jack não apreciava surpresas.

— Onde aprendeu a cozinhar numa fogueira de acampamento, senhorita... — Apanhou-se a tempo. — Suzanne?

O sorriso que ela lhe dirigiu quase iluminou a noite. Jack apertou a caneca com tanta força que sentiu o metal amassar sob os dedos.

— Como já contei a Matt, meu padraсто é oficial da cavalaria. Ele fez questão de que meu irmão e eu aprendêssemos todas as tarefas necessárias. — Com outro sorriso, ela confessou: — Algumas tive de desaprender quando fui estudar no Leste. Minhas professoras quase desmaiaram ao me ouvir explicar para as outras alunas como estérco seco de vaca queimava bem no fogão da cozinha.

Jack escondeu a boca atrás da caneca. Não queria que Suzanne lhe visse o sorriso. Não se encontrava pronto para baixar as barreiras que o separavam daquela mulher atrevida, teimosa e fascinante. Não podia abandonar as defesas, refletiu, aborrecido. Pulou em pé e jogou o resíduo do pó de café na fogueira.

O movimento abrupto a fez levantar o olhar. A fumaça dos bolinhos na frigideira rodeava-lhe o rosto. O calor do fogo havia colorido suas faces. Madeixas longas, escapadas do coque mal-feito, caíam-lhe pelos ombros. Seus olhos estavam escuros e brilhantes na luz do fogo.

Vá embora, sua mente gritou. Afaste-se! Agora, enquanto ainda pode.

Calma e firme como um alto carvalho na tempestade, sua voz chegou até ele através do crepitar do fogo.

— Os bolinhos estão corando muito bem.

Vá encilhar a montaria e se ponha a caminho esta noite. Deixe-a aqui com o rapaz. Ela encontrará o caminho.

— Dentro de poucos minutos já poderemos comer.

Jack abafou uma praga furiosa. Sabia muito bem que Suzanne o seguiria, ele querendo ou não.

— Eu a levarei até Rawhide Buttes amanhã. De lá, você ficará por conta própria.

— Muito bem.

Pelo menos ela teve o bom senso de não reclamar, Jack reconheceu.

— Acho melhor você ir apagar sua fogueira e pegar a montaria — ela sugeriu enquanto virava os bolinhos. — O jantar vai estar pronto quando você voltar.

CAPÍTULO VI

No dia seguinte, acompanhando Suzanne, Jack respirou a poeira de sua montaria durante quase o trajeto inteiro até Rawhide Buttes.

Ela não cavalgava de lado e sim montada, numa postura tão confiante quanto a de um soldado da cavalaria. Se o fato de as meias de seda aparecerem acima do cano das botas a embaraçava, ela não demonstrava. Havia arrancado fora as penas do chapeuzinho e virado a aba para baixo a fim de proteger os olhos do sol. Ela também tinha se livrado das anquinhas. Sem tal armação, a parte de trás da saia perdera a forma elegante. Embora o sol não queimasse com a mesma intensidade dos últimos dias, ainda irradiava calor suficiente para forçá-la a tirar o casaquinho, que amarrou na sela, e desabotoar a parte de cima da blusa.

Dois dias atrás, Jack teria apostado até seu último dólar como a jovem elegante, sentada em frente a ele na diligência, seria incapaz de tirar peça alguma do vestuário, mesmo que corresse o risco de morrer sufocada. O fato de tê-la julgado tão mal sob esse aspecto o incomodava. Mas a visão de seu pescoço longo e da pele alva e sedosa, expostos à brisa, o incomodava muito mais.

Por isso mesmo, cavalgava atrás, ao lado de Matt Butts. Não fazia sentido torturar-se. Porém, admirar-lhe as costas não era tão menos excitante do que a frente. Suzanne tinha desistido de prender os cabelos num coque e apenas os amarrado com uma tira de couro na nuca. O rabo castanho e encaracolado, ao longo das costas, balançava com seus movimentos, não conseguia tirar os olhos dela.

Butts também se mostrava muito atraído pela moça, e isso não ajudava nem um pouco.

— É melhor se livrar de tais pensamentos, rapaz.

Com esforço, Matt afastou o olhar de Suzanne. Rubro até a raiz dos cabelos, gaguejou que não estava pensando em nada. Jack sabia não ser verdade. Os próprios pensamentos não eram os que um homem costumava ter na igreja.

— Esse tipo de mulher amarra um homem com tantos nós que ele mal pode ficar em pé. Muito menos endireitar o corpo — Jack avisou.

Uma inesperada expressão divertida surgiu nos olhos azuis de Matt.

— Existe algum outro tipo?

— Você já foi amarrado antes, não foi?

— Mais ou menos. — Com uma careta, o rapaz mudou o peso do corpo na sela.
— Mas consegui me soltar a fim de vir para o Oeste.

— Você não acha que a corda pode estar a sua espera quando você voltar para casa?

— Não pretendo voltar tão cedo. Há lugares que quero ver e também fazer muitas coisas. O senhor já esteve em San Francisco? — Matt indagou com voz animada.

— Uma vez, poucos anos atrás.

Jack havia seguido Obediah Chilton, o terceiro homem de sua lista, até San Francisco. Durante semanas, tinha palmilhado as ruas envoltas pela neblina antes de descobrir que a presa fora para os campos auríferos da Califórnia.

— A cidade é tão turbulenta e cheia de antros de perversão como dizem?

— Está ficando um pouco mais ordenada. Mas um homem ainda pode se divertir bastante lá, desde que tenha bolsos recheados.

— Foi o que ouvi contar. E quanto a Sacramento? O senhor esteve lá também?

Jack cerrou os dentes. Havia encontrado Chilton cinquenta milhas a oeste de Sacramento, numa das centenas de cidades surgidas na trilha do garimpo do ouro, que ia de norte a sul, ao longo da Sierra Nevada. O sujeito tinha chorado como um bebê quando Jack o havia encurralado num bar e lhe ordenado para sacar a arma se não quisesse morrer aos pouquinhos.

— Estive lá, sim.

Ao ouvir a resposta lacônica, Matt dirigiu-lhe um olhar rápido. Ele podia ser um jovem inexperiente, mas tinha idade suficiente para desconfiar do passado de um homem com a fama de Black Jack Sloan. Sua curiosidade esmoreceu.

Mas não as dores provocadas pela cavalgada.

Pelo meio da tarde, ele mal podia se manter ereto na sela. Suzanne encabeçava o grupo e, com o passar das horas, diminuía o passo da montaria. Uma ou duas vezes, ela olhou para Jack por sobre o ombro, pressentindo o quanto a marcha vagarosa o aborrecia.

Na verdade, a impaciência já o tinha picado como uma cobra venenosa. Ele havia prometido levá-los até Rawhide Buttes. A estação era grande e oferecia o conforto que a de Ten Mile não possuía. Se ela teimasse em continuar de lá para frente, teria de convencer um outro sujeito para acompanhá-la. Armado, naturalmente.

Suzanne que se danasse, pois não era responsabilidade dele.

Flamejante e alaranjado, o sol baixava rumo ao poente quando as rochas maciças e vermelhas, indicação certa da proximidade de Rawhide Buttes, surgiram na distância. Os três cavaleiros chegaram à estação ao escurecer e enquanto notas

alegres de uma canção os recebiam.

Como quase todas as estações maiores ao longo do trajeto Cheyenne-Deadwood, Rawhide Buttes oferecia alimento e pecado. Aquela estação, Suzanne logo descobriria, combinava os dois numa operação um tanto animada demais.

A música vinha de uma casa construída na sombra das rochas. Uma placa tosca, pregada no suporte da varanda, identificava o lugar como Bar e Salão de Dança de Mother Featherlegs Shephard. Gargalhadas estridentes escapavam pela porta aberta do bar, quase abafando os acordes sibilantes do órgão movido a manivela. Ouviam-se também vozes e risos femininos.

Suzanne não ignorava a existência das dançarinas encontradas em tais estabelecimentos. Geralmente, elas eram consideradas uma categoria acima das prostitutas que atendiam as tropas nos postos avançados do exército. Embora as barreiras sociais existissem no Oeste tanto quanto no Leste, as distinções tendiam a esmaecer quando os soldados sentiam falta de cuidados femininos e de um lar. Sendo assim, muitos deles se casavam quando encontravam candidatas disponíveis, sem se importar com a condição social delas. Um dos sargentos de seu padraсто tinha se casado com a dançarina mais popular do Blue Snake Bar, nos arredores de Fort Huachuca. Leaky Peg havia feito a transição de dançarina para esposa de militar com facilidade e sem perder o encanto e o bom humor. Suzanne achava suas histórias fascinantes, apesar de suspeitar que ela as editava bastante antes de contá-las para a enteada do coronel.

Mesmo assim, Suzanne não entraria no salão de Mother Featherlegs Shephard se ele também não estivesse servindo de estação para a Black Hills Stage e Express Line. Os escombros queimados da construção de madeira, que antes servia de parada para as diligências, ainda continuavam do outro lado da estrada, bem em frente do salão.

O incêndio se dera apenas no mês anterior, o administrador da estação explicou. O fogo quase tinha atingido o estábulo e o celeiro também. Mas os fregueses do bar haviam formado uma fila para passar baldes de água e salvado as duas construções.

Ele também deu notícias desanimadoras aos recém-chegados. Big Nose Parrott e seus bandidos haviam alcançado a diligência.

— Eles mataram o cocheiro e também um dos passageiros, um vaqueiro de Diamond J, lá dos lados de Hell's Canyon.

O sujeito embriagado, Suzanne não lamentou muito a sorte dele. Se o idiota não houvesse apanhado a arma, não teria recebido uma bala e ela não estaria ali, usando botas emprestadas.

Matt escorregou da sela e passou o braço pelo arção para manter-se em pé, pois suas pernas ameaçavam dobrar.

— O que aconteceu com a bagagem que estava na diligência? Minha mochila ficou nela.

— Não sei detalhes, apenas que Parrott e os bandidos pegaram tudo que valia a pena, inclusive o cofre. Nós mandamos outro cocheiro para levar a diligência a Deadwood. No escritório da Express Line, os senhores poderão requisitar seus pertences que Parrott não tenha roubado.

Matt mostrou-se tão desencorajado que o coração de Suzanne confrangeu-se. A grande aventura dele tinha começado muito mal.

Bem, Sloan havia prometido trazê-los até ali e mantido a palavra. Agora, cabia a ela encontrar outro acompanhante para levá-la ao rio Cheyenne. E Matt precisava conseguir o dinheiro necessário para se sustentar durante o inverno em Deadwood Gulch.

Suzanne tinha uma noção bem mais precisa do que ele sobre o que o aguardava nos próximos meses. Não havia termo de comparação com o inverno de Ohio e o das Grandes Planícies. Nelas, nevascas uivavam como espíritos maléficos através das vastas extensões descampadas. A neve empilhava-se no peitoril das janelas e tanto diante das portas que se levava dias para se abrir passagem nela. Mesmo as regiões montanhosas cobertas por matas, como as Black Hills, ofereciam pouca proteção contra as rajadas gélidas de vento e o manto espesso de neve. Sabia-se que homens, apanhados desprotegidos e sem provisões adequadas em ravinas frígidas, comiam suas mulas.

De fato, Matt precisava de dinheiro para sobreviver. E a recusa rude de Sloan, sobre sua sugestão de uma promissória em pagamento pela companhia dele, indicava que ela também precisava arranjar dinheiro vivo a fim de contratar outro acompanhante.

Suzanne irritava-se com a insatisfação por não poder mais contar com a companhia de Black Jack Sloan de Rawhide Buttes em diante. Impossível negar que o homem a fascinava e lhe provocava anseios indesejáveis. Tais anseios deviam ter se dissipado depois de tantas horas passadas ao lado de criatura tão desagradável e mal-humorada. Mas não tinham.

Ela havia passado dois dias e duas noites praticamente ao lado do homem, mas continuava a ignorar tudo a respeito dele, exceto as histórias terríveis publicadas pelos folhetins baratos. Estava quase certa de que elas eram exageradas. Infelizmente, ela não teria mais a oportunidade de se certificar.

Com um sorriso forçado, Suzanne prestou mais atenção nas palavras do administrador.

— Mother Featherlegs poderá acomodá-los esta noite. A Express Line assumirá os custos das camas e dos pratos de feijão. Afinal, os senhores sofreram o incômodo de largar seus assentos na diligência.

Incômodo não era a palavra que ela usaria para descrever o fato de ser assaltada e largada numa estrada deserta. Porém, disse apenas:

— Obrigada.

— Vou levar suas montarias ao estábulo. Entrem e vão molhar a garganta — ele disse, obviamente ansioso para ajudá-los, em benefício da Express Line, claro.

Suzanne olhou para Sloan.

— Você vai entrar ou devemos nos despedir aqui?

Melhor fazê-lo depressa e ali fora. De nada adiantaria adiar o inevitável. Jack leu seus pensamentos enquanto passava as rédeas do ruão para o administrador.

— Gostaria de tomar uma cerveja com você e o rapaz.

Ela assentiu com um gesto rápido de cabeça, arrebanhou as saias e subiu o único degrau para a varanda tosca. Jack observou-lhe as costas esguias e amaldiçoou-se por ser um idiota.

No instante seguinte, praguejava ao ver Matt largar o arção da sela, dar um único passo antes de dobrar as pernas e quase cair. Jack o amparou, forçando-o a endireitar o corpo e a subir o degrau da varanda.

— Vamos lá, rapaz. Precisamos injetar um pouco de álcool em suas veias.

Uns dois passos os levaram das sombras do anoitecer para a luz do interior. Com um rápido olhar, Jack constatou que o bar e o salão de dança de Mother Featherlegs eram idênticos a centenas de outros que ele conhecera em suas viagens. Sentiu o mesmo odor de tabaco e de uísque barato. Como nos outros, viu o mesmo tipo de fazendeiros, vaqueiros e nômades curvados sobre as canecas de bebida, apalpando as moedas nos bolsos enquanto esperavam a vez de rodopiar com uma das moças pelo tablado coberto de serragem.

Pelo jeito delas, Jack calculou que poderiam ganhar mais trabalhando nas choças atrás da casa do que ali na pista de dança. Nenhuma das três tinha pés leves. Os homens, que pagavam pelo privilégio de apertar um corpo de mulher entre os braços, davam a impressão de não se importar. No Oeste, mulheres eram tão escassas quanto pedras preciosas.

E mulheres como Suzanne, mais ainda.

Ela parou no limiar da porta, parecendo um beija-flor pequenino e delicado entre corvos. A dança foi diminuindo até parar. Cada cabeça no salão virou-se. Os olhos arregalaram-se. Os queixos caíram. O sujeito que girava a manivela do órgão imobilizou-se e a última nota da canção morreu no ar.

Ninguém se mexeu ou falou até uma das mulheres, que mascava a ponta de um

charuto, dar um empurrão no parceiro, fazendo-o ir parar no meio do salão. Depois de passar a ponta preta do charuto para o outro canto da boca, ela dirigiu-se à porta a fim de receber os recém-chegados.

Jack não teve dificuldade em identificar Mother Featherlegs Shephard. A calça comprida cinza franzida, usada sob a saia bem acima dos tornozelos, dava-lhe a aparência de uma galinha gorda e bem emplumada, pavoneando-se. Enquanto se aproximava, espalhava ondas de lavanda. O perfume forte e adocicado travava uma batalha feroz com a fumaça do charuto que lhe envolvia o rosto pintado e os caracóis grisalhos.

— Se os senhores estão procurando a agência da Express Line, chegaram ao lugar certo.

Com um gesto, ela apontou para uma tabuleta acima de uma das mesas de jogo, encostada na parede, onde se lia: Venda de Passagens.

— Mas a próxima diligência só vai passar daqui a dois dias.

— E isso se não for assaltada como a última — apartou um dos fregueses ao empurrar o companheiro para o lado a fim de ter uma visão melhor de Suzanne.

— Nós estávamos na tal diligência — ela explicou.

— Então são os senhores — Mother Featherlegs disse ao lançar um olhar rápido para Jack e Matt, este ainda meio bambo, antes de voltar a fitar Suzanne. — Ouvimos falar dos passageiros que foram largados para trás e caminharam de volta até a Estação Ten Mile.

— Fomos nós. Mas resolvemos não esperar lá pela próxima diligência.

A dona do estabelecimento soltou uma baforada de fumaça.

— Ah, não culpo os senhores. Não existe nada para se fazer naquele lugar miserável a não ser coçar mordidas de pulga. Bem, venha se sentar, madame. Não posso lhe oferecer vinho, mas a cerveja não é das piores.

— Vai ser muito bom tomar uma.

— A senhora e seu homem hão de querer uma cama para esta noite. Vou mandar a chinesa pôr lençóis limpos na minha. Ela é grande o suficiente para acomodar os dois. O rapaz pode dormir lá atrás.

— Muita bondade sua, mas este cavalheiro não é meu marido.

— Não? — A mulher olhou para Matt. — Não me diga que se casou com esse outro aí. Ele é grandalhão, mas nem barba tem ainda.

— Ele também não é meu marido. Desculpe, eu devia já ter me apresentado. Sou Suzanne Bonneaux.

— *Senhorita Suzanne Bonneau* — Jack explicou em voz arrastada.

Por cima do ombro, ela lhe dirigiu um olhar fulminante. Porém, as exclamações que pipocaram no ar com a informação sobre seu estado civil dispensaram qualquer comentário. Como uma manada de búfalos famintos, os fregueses do bar resfolegaram, gesticularam e bateram com os pés no chão.

— Aqui, senhorita! — Um homem já meio encurvado e com barba grisalha agarrou uma cadeira. — Tire o peso de seus pés e venha descansar a meu lado.

Um sujeito mais moço e atrevido arrancou-lhe a cadeira das mãos.

— Ela não quer se sentar perto de um velhote banguela como você. — Curvando-se, colocou a cadeira bem no centro do salão. — Sente-se aqui, senhorita.

— Aceita uma cerveja, moça? — um outro ofereceu. A pressão dos admiradores fez Suzanne caminhar para a frente. No instante em que se sentou, um sem-fim de pernas de cadeiras se arrastou pelo chão. Seu sorriso falhou por um momento ao ver mais de vinte homens a rodeá-la e observar avidamente cada detalhe de seus cabelos, do rosto e da silhueta.

— Estou a caminho de Fort Meade — ela disse, quebrando o silêncio embaraçoso. — Algum dos senhores já esteve lá?

— Sim, senhorita.

— Eu estive.

— Eu também.

— Será que podem me dizer qual é a distância do forte até o acampamento dos Arapaho nas margens do rio Cheyenne?

Vários homens tentaram, ao mesmo tempo, impressioná-la com seus conhecimentos. Jack afastou-se enquanto Suzanne esforçava-se para entender as explicações conflitantes. Matt, entretanto, manteve-se atento do lado de fora do círculo.

Ao ver Jack ir para perto do bar e apoiar as mãos no topo de pinho escalavrado, Mother Featherlegs juntou-se a ele. Novamente ondas de lavanda se fizeram sentir.

— O que vai beber? — ela indagou.

— Qualquer coisa.

— Sirva-lhe um uísque — ela disse ao atendente atrás do bar. — E leve cerveja para a moça e o rapaz, por favor, Joe.

— Pois não, Bess.

Firmando os cotovelos na beirada do bar, a proprietária do estabelecimento continuou a fumar o charuto.

— Mulheres solteiras não costumam passar por aqui.

— É verdade?

— E nem homens que conservam sua arma bem lubrificada.

Jack resmungou qualquer coisa e bebeu um gole do uísque. O álcool de cereais mal-destilado atingiu-lhe a garganta como o coice de um cavalo bravio e corcoveou até o estômago.

— Por acaso você tem um nome que eu deva reconhecer?

— Sloan. Jack Sloan.

— Black Jack Sloan?

Ele tornou a resmungar. Era o máximo que podia fazer com as entranhas em chamas.

A mulher não disfarçou o ar de desconfiança. Com um gesto de cabeça, apontou para Suzanne.

— Você tem algum compromisso com a moça sobre o qual ela não quis falar?

— E você tem algum motivo para querer saber?

— Olhe, não é minha intenção me meter em sua vida. Só não quero que um de meus fregueses ponha a mão na moça e acabe com uma bala entre os olhos.

A idéia de um daqueles homens tocar Suzanne não foi ingerida com mais facilidade do que o uísque, mas Jack forçou-se a dar de ombros.

— A moça pode cuidar de si mesma.

— Aquela coisinha delicada?

— Isso mesmo. Aquela coisinha delicada.

Enquanto refletia, Jack fez um esforço e bebeu o resto do uísque. Havia cumprido a promessa ao trazer Suzanne e o rapaz até Rawhide Buttes. Já era mais do que tempo de se livrar deles. Enfiando a mão no bolso do colete, tirou um maço de dinheiro.

— Não, o uísque é por conta da casa — Bess Shephard protestou.

— Isto é pela srta. Bonneaux e pelo rapaz — disse ele ao pôr umas notas no bar. — Um dos capangas de Big Nose Parrott passou a mão em sua bolsa. E tanto quanto sabemos, eles ficaram com o dinheiro do rapaz. A Express Line pagará pela alimentação e o pernoite deles, mas este dinheiro é para cobrir qualquer coisa de

que eles venham a precisar.

A proprietária do salão pegou as notas e as enfiou no decote manchado de suor.

— Ah, eles estão sem dinheiro? — Expelindo fumaça como uma chaminé, ela olhou para Suzanne. — Uma jovem como essa poderia ganhar facilmente de oito a dez dólares por noite como dançarina.

A imagem de Suzanne Bonneaux rodopiando num lugar como aquele era tão absurda que Jack lutou para não rir.

— Está pensando em oferecer-lhe tal trabalho?

— Uma de minhas meninas morreu poucos meses atrás. Eu poderia contratar uma outra para substituí-la. É dinheiro honesto — acrescentou. — E ela não seria obrigadas a levar um freguês lá para trás. A não ser que quisesse.

— Por que você não pergunta a ela se está interessada? — Jack sugeriu maldosamente. — Veja o que ela diz.

— Talvez eu faça isso, desde que você não se oponha.

— O que a moça faça ou deixe de fazer não é de minha conta.

E ela não era cega como um morcego, Bess Shephard refletiu. Já estava naquele negócio por tempo suficiente para reconhecer um caso grave de desejo ardente. Talvez Black Jack Sloan ainda não tivesse levado a moça para a cama, mas não pensava em outra coisa.

Ela também o desejava, Bess calculava. Tinha visto a troca de olhares entre os dois. A moça fingia irritação e ele retorcia os lábios num esgar feio, mas que tinha um efeito estimulante no âmago de uma mulher.

Também não havia passado despercebida a Bess a grossura do maço de dinheiro que Sloan tirara do bolso. Sendo uma mulher de negócios acima de tudo, ela começou a procurar uma maneira de arrancar mais umas notas do pistoleiro.

— Você e o rapaz podem se acomodar na cabana de Rosie. Desde que ela morreu, alugo o lugar para a Express Line. Caso você queira companhia, tenho uma chinesinha que trabalha na faxina. Ela quase não fala e, na cama, é bem passiva. Alguns homens preferem uma mulher que não exija muita atenção e cuidados. — Ao contrário da srta. Suzanne Bonneaux, Bess apostava. — Quer que eu mande Ying Li procurá-lo quando já estiver pronto para se deitar?

— Não.

— Tem certeza? Você parece tenso e tão retesado quanto o arame farpado de uma cerca.

Aborrecido, Jack afastou-se do bar sem se dar ao trabalho de responder. Poucas passadas largas o levaram até o círculo de homens em volta de Suzanne. Seu olhar encontrou o dele por cima das cabeças. A expressão era de adeus.

Ela não teria problemas, Jack refletiu. Contava com um bando de homens dispostos a acompanhá-la. E todos armados. Se ela tivesse bom senso, não escolheria o velho desdentado. Apesar de ele afirmar que costumava levar cargas até Cheyenne e que conhecia cada buraco da estrada dali até Fort Meade, o sujeito parecia pronto para o agente funerário. O mais novo, na opinião de Jack, também não dava a impressão de ser confiável. O idiota falava sem parar, mas não dizia coisa com coisa. Na verdade, nenhum daqueles imbecis merecia confiança.

Diabo! Mais um dia. Ele daria mais um a Suzanne.

— Vou cuidar dos cavalos — avisou-a. — Você estará pronta para partir ao amanhecer?

Nem para salvar a própria alma do fogo do inferno, ele seria capaz de reconhecer se seu sorriso era de alívio ou de triunfo.

— Sim, claro.

CAPÍTULO VII

Mother Featherlegs Shephard, em pessoa, acompanhou Suzanne e Matt pelo pátio cheio de lixo até as quatro cabanas atrás do salão. Três tinham só um aposento, como a Estação Ten Mile, mas bem menor. A quarta cabana, da proprietária do estabelecimento, contava com uma sala e um quarto, mas apenas uma cortina de musselina pintada separava os dois ambientes. Ambos estavam impregnados com o cheiro de fumaça de charuto barato e de perfume de alfazema. O odor forte quase fez Suzanne espirrar.

Meias, espartilhos e outras peças íntimas, espalhadas na maior desordem pela sala, provocaram o inevitável rubor em Matt. A cor acentuou-se mais ainda quando Mother Featherlegs afastou a cortina para mostrar uma imensa cama de quatro colunas.

Suzanne ficou boquiaberta. Não só era a maior cama que já tinha visto como cada uma das colunas entalhadas representava uma criatura estranha. Um dragão expelindo fogo ficava num dos cantos dos pés enquanto uma serpente marinha retorcia-se no outro. Nos da cabeceira havia um cavalo de pescoço grosso, com as patas dianteiras empinadas, e um cão de aspecto feroz. Símbolos orientais, pintados de dourado, ornamentavam as laterais.

Bess Shephard sorriu ao ver sua expressão de espanto.

— Magnífica, não acha?

— Inacreditável!

— Eu a comprei junto com a moça chinesa. O pai dela tinha despachado a cama de navio, lá do outro lado do Pacífico. Depois, ela seguiu por estrada de ferro até o fim da linha. Então, ele a mandou por um carroção de carga para Cheyenne. O homem ficou com o coração partido, mas eu disse que só compraria a filha se ele vendesse a cama também.

O tom casual da explicação diminuiu muito o prazer de Suzanne com o aspecto artístico do móvel. Ela não ignorava o costume dos chineses vender as filhas indesejáveis. Milhares deles tinham imigrado para os Estados Unidos a fim de trabalhar na estrada de ferro transcontinental e nas minas de ouro. Bairros chineses haviam surgido em cada cidadezinha da região. Com tantos homens solitários e tão poucas mulheres para consolá-los, tais transações ocorriam apesar das tentativas de impedi-las.

— Troquei a palha do colchão na semana passada. Assim, você não será atacada por pulgas — Mother Featherlegs a avisou.

— Obrigada, mas eu preferia não desacomodá-la.

— Não se preocupe. Já parei de trabalhar esta noite. Não preciso mais do quarto. — Apontou para Matt. — Ele vai ficar na mesma cabana de Sloan, a menos que você queira Black Jack aqui a seu lado. Talvez você durma melhor com ele à mão — acrescentou com olhar astuto.

Suzanne sabia que não pregaria os olhos com Jack por perto. Mal dormira na noite anterior, sabendo que ele estava do outro lado dos restos da fogueira do acampamento. Com um sorriso disse a Mother Featherlegs:

— Agradeço seu interesse, mas posso cuidar de mim mesma.

— Foi isso que Sloan afirmou. Ele também disse que você estava sem dinheiro.

— É verdade. Um dos assaltantes pegou minha bolsa.

— Algum tempo atrás, morreu uma dançarina daqui e, até agora, não consegui outra. Você poderia ganhar o dinheiro de que precisa na pista de dança. Quando mencionei essa idéia a Sloan, ele sugeriu que eu falasse com você.

Típico de Jack, Suzanne pensou. Entre divertida e exasperada, imaginou o olhar maldoso dele.

Antes que ela pudesse recusar a oferta de emprego, Matt protestou, chocado.

— A srta. Bonneaux estudou em uma escola na Filadélfia! Ela é capaz de recitar passagens de Shakespeare. Sendo uma dama, ela não haveria de querer trabalhar como dançarina.

Mother Featherlegs empinou o nariz.

— Até uma dama precisa comer, rapaz.

Depressa, Suzanne interferiu antes que Matt ofendesse mais a dona do salão.

— A Express Line pagará nossas despesas com alimentação e cama. Mas eu escreverei uma nota promissória para cobrir qualquer gasto que façamos a mais.

— Não será preciso. Sloan me passou um dinheiro para pagar o que você e o rapaz venham a gastar.

— Ele fez isso?

— Fez, sim. Deu dinheiro suficiente para pagar um banho. Se você quiser tomar um, vou mandar a chinesa esquentar água.

A surpresa pela generosidade inesperada de Sloan transformou-se em alegria.

— Ai, que boa idéia!

A dona do bar e do salão dirigiu um olhar malicioso para Matt.

— O suficiente também para você tomar umas cervejas e ter companhia na cama.

Os olhos de Matt quase pularam das órbitas. Atônito, ele amassou o chapéu entre as mãos enquanto dirigia um olhar esperançoso para a cama imensa.

— Muito obrigada, madame, mas eu não... quero dizer, eu...

— Não a minha, seu bobo grandalhão. Já terminei meu trabalho por esta noite. Uma das moças poderá atendê-lo, caso você lhe peça com boas maneiras.

— Eu... eu...

Matt não conseguiu olhar para Suzanne, porém, ela percebia que a idéia tinha lhe despertado o interesse. Com o rosto rubro, ele virou-se e saiu correndo.

Pensando em Becky, ela não conseguiu reprimir uma onda de desapontamento e reprovação.

— O rapaz é jovem e cheio de energia. Não lhe fará mal algum descarregar um pouco dela — a mulher afirmou.

— A namorada que ele deixou em Ohio não concordaria.

Mother Featherlegs deu de ombros.

— Se ela não queria que seu homem se deitasse com outra mulher, devia ter vindo para cuidar dele.

Suzanne concordou. Até a mãe o faria. Como tantas esposas de militares, Júlia Bonneau Garrett havia seguido o marido pelos postos espalhados no Oeste, sempre disposta a proporcionar um ambiente acolhedor para o marido e os filhos. Muitas vezes, quando não encontrava uma casa espaçosa, tinha de fazê-lo em tendas ou carroções.

Bem, Matt teria de decidir por si mesmo se tiraria vantagem da generosidade de Sloan. Ela já havia resolvido.

— Você mencionou banho. Eu adoraria tomar um se não desse muito trabalho.

— Nenhum. — Bess passou o charuto para o outro canto da boca, foi até a porta aberta e gritou a plenos pulmões: — Ying Li! Venha até aqui, menina! Depressa! A moça que apareceu momentos depois, andando com passos miúdos e saltitantes, poderia ser a irmã mais nova de Bright Water. Com o rosto largo, olhos amendoados e uma trança longa e negra sobre um dos ombros, ela não era muito diferente daquele povo indígena. Porém, ao passo que Bright Water se vestia no estilo gracioso dos Arapaho, a chinesa usava roupas velhas, obviamente herdadas de alguém muito maior. A saia marrom, de um tecido grosseiro, estava enrolada na cintura e amarrada com um pedaço de corda. Mesmo assim, arrastava no chão. A blusa encardida, de algodãozinho branco, era o dobro de seu tamanho. Com os ombros curvados, ela mantinha as mãos enfiadas nas mangas e o olhar baixo.

— Madame chamou Ying Li?

— Esta dama quer um banho. Vá buscar uns baldes de água quente.

Os olhos escuros da chinesa relancearam para Suzanne.

— Depressa, menina, depressa! — a mulher gritou. Ela virou-se e saiu correndo com seus passinhos miúdos. Mother Featherlegs balançou a cabeça.

— Veja só. Quando a comprei, pensei que ela pudesse trabalhar como dançarina, mas a desajeitada se arrasta como um camundongo. Ela não consegue acompanhar os vaqueiros que gostam de galopar pelo tablado.

Bess mexeu num armário e tirou um penhoar de seda vermelha, enfeitado com franjas pretas.

— Comprei isto em Denver alguns anos atrás. Talvez fique um pouco grande para você, mas pode usá-lo à vontade.

— Eu preferia não tomar emprestado uma peça tão fina. Tenho medo de sujá-la — Suzanne disse, não querendo usar o penhoar espalhafatoso.

— Se está querendo alguma coisa simples de cambraia, não vai encontrar aqui. Além do mais, você não está tomando emprestado. Sloan disse para lhe dar o que precisasse.

Suzanne duvidava que a liberalidade de Jack tivesse como objetivo pagar por um penhoar de seda vermelha e franjas pretas.

Ou talvez tivesse.

Ela podia imaginar-lhe o sorriso caçoísta se a visse com tal peça.

— Bem, preciso ir cuidar de meus negócios. O sanitário fica logo atrás das cabanas. O sabonete está em cima da cômoda, perto do jarro de água e da bacia. Não faça cerimônia e use o que precisar. Mandarei Ying Li trazer seu jantar depois que ela acabar de providenciar o banho.

— Obrigada.

A banheira de zinco que a chinesa trouxe arrastando era quase tão grande quanto ela. Colocou-a no centro da sala, pois a cama ocupava todo o espaço do quarto. Saiu e voltou após uns minutos com um balde de água quente. O esforço para carregá-lo lhe provocava gemidos abafados.

— Espere, deixe-me ajudá-la.

— Não, senhorita. Madame disse para Ying Li arrumar banho.

Com um movimento brusco, recuou da mão estendida de Suzanne, e a água quente molhou-lhe a saia. Fazendo um esforço visível, conseguiu esvaziar o balde na banheira. Quando voltou momentos depois com outro balde, Suzanne teve de morder o lábio para não oferecer ajuda outra vez.

Finalmente e após várias viagens da chinesa, a banheira se encheu com uma mistura de água quente e fria.

Suzanne, mergulhou a mão na água para testar a temperatura e sorriu satisfeita.

— Tenho a sensação de que estou com a metade da poeira do Território de Wyoming no corpo. Vai ser uma delícia me livrar dela.

A moça manteve-se calada. Curiosa sobre ela, Suzanne voltou a sorrir-lhe.

— Mother Featherlegs disse que você não é dançarina.

— Não. Ying Li só faz limpeza e atende homens na cama.

— Sei. Você gosta do seu trabalho?

A chinesa deu de ombros.

— Às vezes sim, às vezes não. Tudo igual, não importa.

A atitude dela não inspirava piedade. Mais curiosa ainda, Suzanne continuou a interrogá-la:

— Quanto tempo faz que você mora com Mother Featherlegs?

A moça franziu a testa.

— O pai vendeu segunda filha imprestável três, não, quatro invernos atrás.

Deus do céu, ela devia ser ainda uma criança na época!

— Quantos anos você tem?

— Ying Li nasceu no Ano do Cachorro.

Como a resposta não esclarecesse a questão, Suzanne tentou calcular a idade dela. Achou impossível. As duas eram da mesma altura, mas isso não significava nada. Bem, fosse qual fosse sua idade, a moça era bem mais velha do que ela em experiência. Talvez até em anos.

— Ying Li pode ir arrumar o jantar da senhorita agora?

— Não tenha pressa. Quero tomar o banho bem devagar.

Tão logo ela saiu, Suzanne tirou a pequena pistola do bolso, soltou o gancho da cintura da saia e deixou que ela caísse, amontoando-se no topo das botas emprestadas. Tinha visto o bastante da vida no agreste para saber que Ying Li poderia estar em pior situação do que aquela de trabalhar na limpeza do lugar e de executar outras tarefas a mando de Mother Featherlegs. Bem pior.

Ou melhor.

Descalçou as botas e examinou os pés. As bolhas ainda estavam meio vermelhas, mas quase cicatrizadas. Enquanto fazia uma prece de agradecimento pelo remédio de Bright Water, livrou-se do resto das roupas e entrou na água deliciosa.

— Ah!

Com os braços e pernas dobrados, afundou-se na banheira e logo esqueceu Ying Li, as bolhas e todas as preocupações, entregando-se ao prazer do banho. Encostou a cabeça numa borda e pendurou as pernas para fora da outra. Sentia-se no paraíso. Fechou os olhos e permaneceu imóvel até que a água comesse a esfriar e os dedos estivessem franzidos.

Com um suspiro de resignação, puxou as pernas para dentro e ajoelhou-se na água a fim de se ensaboar e lavar os cabelos. Enxaguou-os e o corpo com a água limpa do balde deixado por Ying Li ao lado da banheira. Já fora, enxugou-se com

uma toalha de linho cru, também providenciada pela chinesa prestativa. Depois de vestir o penhoar vermelho, enrolou as mangas e, ajoelhada ao lado da banheira, lavou o calção e o corpete.

Determinada a não sobrecarregar Ying Li, Suzanne começou a esvaziar a banheira com o balde, jogando a água na terra ao lado da porta. Já fazia a terceira viagem quando vislumbrou uma silhueta de ombros largos na semi-escuridão. Ao reconhecê-la, indagou:

— Ah, é você?

Sloan continuou em frente, negando-se a responder o óbvio.

— Vim trazer suas coisas — disse ele, referindo-se ao saco de estopa com os mantimentos e utensílios trazidos da Estação Ten Mile.

— Obrigada.

Consciente da maneira como a seda grudava em seu corpo úmido, Suzanne largou o balde e o saco no chão e passou a brincar discretamente com as franjas pretas.

Não adiantou. Encostado no batente da porta, Jack permitiu, como sempre, que seu olhar a percorresse da cabeça aos pés. Quando voltou a encará-la foi com expressão maliciosa.

— Mother Featherlegs disse que ia lhe oferecer trabalho.

— Já fez isso.

— Deixe que a veja com essa roupa. Ela dobrará seu salário.

Não só para desviar a atenção dele do penhoar de seda como também para satisfazer a própria curiosidade, Suzanne indagou o motivo dele para continuar lhe dando proteção.

— Por que você resolveu me acompanhar até Fort Meade?

— Eu não disse que iria até lá.

— Até onde, então?

— Vamos ver que distância percorreremos amanhã.

— Por que você mudou de idéia? — ela insistiu, precisando saber por razões que se embaralhavam em sua cabeça.

— Você me mostrou que podia manter o passo.

— Só por isso?

— Está bem. Você pode fazer mais do que manter o passo — ele admitiu com

uma sombra de sorriso. — Desconfio que você é capaz de lançar poeira nos olhos de qualquer homem, se quiser.

— Acredito que sim — ela respondeu com ar presunçoso.

O sorriso de Jack alargou-se. Dessa vez era sincero e não o habitual retorcer zombeteiro dos lábios. Suzanne reagiu a ele como uma flor de primavera ao sol depois da chuva. Por alguns momentos, eles compartilharam uma harmonia inédita.

Foi Jack quem a quebrou. Endireitou o corpo e tocou a aba do chapéu num cumprimento.

— Vou deixá-la terminar de jogar fora a água do banho.

— Não falta muita. Se você quiser, pode usar a banheira. Tenho certeza de que Ying Li esquentará mais água — Suzanne sugeriu num tom cortês demais.

— Essa é sua maneira de dizer que meu cheiro não está muito bom?

— Eu não me atreveria a tanto.

— Não mesmo? — O brilho sarcástico estava de volta nos olhos cinzentos. — Se eu decidisse acatar sua sugestão, você esfregaria minhas costas?

Embora a idéia de passar as mãos pelos músculos molhados de Sloan fosse estimulante, ela franziu o cenho, fingindo ter se ofendido.

— Tenho certeza de que Ying Li também fará isso para você.

— Incrível como você consegue fazer cara feia num instante — Jack comentou com voz vagarosa e o olhar fixo em seus lábios.

— É mesmo?

— Aposto como sabe muito bem o efeito disso em um homem.

— Não. Por favor, me explique.

Suzanne sabia que estava brincando com fogo. Não devia estar ali, completamente nua sob a seda vermelha, trocando farpas com Sloan, ou encobrendo desafios com palavras recatadas e olhares ingênuos.

Não ignorava também que ele aceitaria os desafios. Com o coração disparado, ela o viu dar um passo para a frente.

— Que tal se eu demonstrar em vez de explicar?

Contra a vontade, Suzanne amenizou a expressão. Brincar com fogo era uma coisa, permitir que aquele homem a reduzisse a cinzas, outra bem diferente.

— Não creio que isso seja sensato.

— Uma estupidez dos diabos — ele concordou ao dar outro passo e fechar a porta.

Muitas vezes depois, Suzanne juraria que sua intenção era pôr um ponto final imediatamente no assunto. Caso não houvesse tropeçado no penhoar comprido demais ao dar um passo apressado para trás, com toda a certeza o teria feito.

Mas o pé prendeu a bainha. A frente do penhoar entreabriu-se e as costas retesaram-se. Perdendo o equilíbrio, Suzanne agarrou as beiradas do penhoar com uma das mãos e a manga de Jack com a outra. Ele a segurou depressa com o braço em volta de sua cintura e a puxou contra si. Para sua consternação, as pernas escorregaram entre as deles enquanto o maldito penhoar abria-se até os joelhos.

Terrivelmente embaraçada, enrubesceu. Levantou o olhar e encontrou o de Jack. Sentiu-o ficar tenso sob sua mão. O braço dele apertava-lhe a cintura como uma correia de couro. Ela não podia se mexer e mal conseguia respirar.

— Jack...

Sua intenção era protestar, mas mesmo aos próprios ouvidos, a voz era de súplica.

Ele capturou-lhe a boca. Não havia o mínimo sinal de meiguice no beijo, nem de delicadeza na maneira com que os músculos dele contraíam-se sob seus dedos. Os anseios dos últimos dias libertaram-se e ela ouviu o clamor primitivo e veemente de um homem vigoroso.

Ou talvez fosse o latejar do próprio sangue nos ouvidos. Suzanne não sabia e, no momento, não se importava em descobrir.

Abriu a boca sob a pressão da dele. De maneira impetuosa e leviana, aparou com a língua as investidas da de Jack. Jamais tinha sido beijada daquela forma licenciosa e nem sonhado em retribuir com prazer tão desenfreado. Abraçou-o pelo pescoço e vergou o corpo contra o dele. Desejava sentir o contato áspero do cinto, do colete e da camisa dele através da seda fina. Quando, com uma das mãos em suas nádegas, ele a prensou mais de encontro ao corpo, agulhadas de pura sensação percorreram-lhe o ventre.

O abraço que os unia era tão apertado que seus corpos tocavam-se em todos os lugares possíveis e imagináveis. Sua boca, os seios, a barriga, a parte excitada entre as pernas, tudo sentia a pressão do corpo rijo e musculoso de Jack.

De repente, ser abraçada não era mais suficiente. O beijo não satisfazia plenamente a fera solta em seu âmago. Suzanne queria mais. Desejava os suspiros, os gemidos, o arfar que tinha ouvido de casais nas noites em que dormira com Bright Water na tenda do pai dela. Queria o que provocava um olhar sonhador em sua mãe quando ela aparecia de manhã, após o coronel ter voltado de uma longa patrulha. Queria o que as Senhoritas Merriweather afirmavam jamais fazer parte

dos sonhos de uma verdadeira dama.

A elegante e delicada Suzanne Bonneau — criada por uma mãe extremosa e um padrasto devotado, ex-aluna de um colégio excelente do Leste, cortejada por filhos de banqueiros e por graduados de West Point, alvo das atenções de jovens oficiais de vários postos do exército — queria Jack Sloan nu. Ou, pelo menos, sem parte das roupas para que ela pudesse passar as mãos pelo peito, costas e braços dele.

Encontrava-se tão perdida nas sensações tumultuantes provocadas pelo beijo e o contato dos corpos que mal registrou o barulho da porta sendo aberta.

Jack, entretanto, ouviu. Largou-a como se fosse ferro em brasa. Sacou a arma e virou-se para a porta. Suzanne atingiu o soalho no mesmo instante em que um grito agudo ecoava no ar.

— Ai!

Ying Li estava paralisada à porta com a bandeja do jantar de Suzanne nas mãos. A visão do cano da arma apontado para ela provocou-lhe novo grito.

— Bu! Bu! Woo ni lai!

Virou-se e saiu correndo, derrubando prato, copo e talheres pelo caminho.

Sloan encheu o ar com imprecações. Tinha a sensação de estar esticado como um rolo de arame quando tornou a se virar. A sensação aumentou ao olhar para Suzanne.

Tarde demais, ela se deu conta de estar esparramada aos pés de Jack, com as pernas abertas. A seda vermelha tinha escorregado para baixo de seu corpo, expondo-o dos joelhos ao pescoço. Deslizando para o lado como um caranguejo assustado, ela conseguiu soltar as beiradas do penhoar e fechá-las.

Com mais um palavrão, Jack virou-se e rumou para a porta:

— Jack! Espere! — Ela não tinha idéia do que deveria dizer, mas não podia deixá-lo partir. — Aonde você vai?

— Beber até cair.

CAPÍTULO VIII

Tremendo, Suzanne deitou-se de costas na imensa cama de Mother Featherlegs, sob o olhar vigilante do cão esculpido em madeira. Ouviu o leve

farfalhar da palha do colchão enquanto espalhava os cabelos ainda úmidos pelo travesseiro.

Aos poucos, a pulsação do sangue nos ouvidos foi diminuindo até tornar-se quase imperceptível. Ela não podia acreditar como chegara perto de atirar para longe a cautela e o bom senso.

Se Ying Li não tivesse aparecido...

Se Sloan tivesse fechado a porta em vez de ir embora...

Se ela houvesse despido de uma vez o penhoar de seda vermelha...

Deitada ali na penumbra, sentia o rosto queimar. Sloan a tinha visto praticamente nua. Ela deveria estar se retorcendo de vergonha, chorando de constrangimento. Em vez disso, sentia o desapontamento mais absurdo e aflitivo.

Apoiou o braço sobre os olhos e repreendeu-se mentalmente. Pelo amor de Deus, Jack Sloan não passava de um capanga armado! Um pistoleiro! Se a metade das histórias escritas sobre ele fosse verdadeira, ele já teria eliminado mais homens do que o rifle de repetição do sr. Gatling, arma cuja eficiência já fora comprovada pelo exército.

A repreensão falhou completamente em atingir o objetivo. Por mais que tentasse abafar as emoções tumultuadas, Suzanne não conseguia se livrar da decepção por Jack não haver arrancado fora o penhoar espalhafatoso e a atirado na cama, entre a serpente, o dragão, o cavalo, o cão e outros símbolos chineses pintados de dourado.

Gemendo, ela virou-se de bruços e esmurrou o travesseiro. A inalação seguinte de ar a fez arrepender-se do gesto. Odores espalharam-se em ondas de lavanda, palha e algo muito mais forte que, ela suspeitava, tinha sido deixado pelos fregueses de Mother Featherlegs.

Tornou a virar-se de costas e trocou olhares com o cão feroz. Ia ser, tinha certeza, uma longa noite. Extremamente longa.

A pouca distância dali, Matt sentia-se atormentado pela mesma perspectiva. A noite ia demorar para passar. A cabeça rodopiava tanto que ele temia não sobreviver até o nascer do sol. A cerveja paga por Sloan enchia-lhe a barriga enquanto ele apertava os olhos a fim de não ver duas imagens da lua nova. As estrelas tornavam-se nebulosas, voltavam a ficar nítidas e desfiguravam-se outra vez.

Ele precisava tanto aliviar a bexiga que ela chegava a doer, mas o esforço para olhar a lua o tinha deixado atordoado. Equilibrou-se com uma das mãos apoiada na parede externa do bar e, com a outra, abriu a braguilha.

— Aah!

Curvando os ombros de alívio, ele viu o fluxo desaparecer na noite.

— Madame proíbe fregueses de fazer isso na parede.

A voz veio da escuridão. Matt virou-se, mas sem interromper o que fazia.

— Desgraça!

Uma criatura pequenina surgiu das sombras. Mortificado, ele tentou interromper o que fazia, mas tinha tomado cerveja demais. Forçou-se a terminar enquanto a moça o observava. Com o rosto em chamas, finalmente enfiou o membro para dentro da calça.

— Você não devia ficar olhando um homem enquanto ele cuida de uma necessidade da natureza.

Ela deu de ombros.

— Tudo igual, não importa.

Tudo igual? Apesar de muito embaraçado, o orgulho masculino de Matt ofendeu-se. Era desajeitado, admitia, mas sem dúvida alguma seu tamanho não podia ser considerado igual ao da maioria. Bem maior. Não devia, entretanto, discutir tal ponto com aquele pedacinho de gente.

— O que está fazendo aqui no escuro?

— Madame me mandou. Diz que você quer companhia na cama.

Matt arregalou os olhos.

— Eu quero... o quê?

Com a maior ingenuidade, Ying Li explicou por gestos, mas de maneira tão clara que os olhos de Matt arregalaram-se mais ainda.

— Madame diz para eu fazer dança do dragão com você para pagar o jantar da senhorita. Tudo caiu no chão.

A cabeça de Matt continuava a rodopiar, impedindo-o de entender uma palavra em cada três. Ainda tentava decifrar a fala cantada da chinesa quando ela aproximou-se e tocou a braguilha que ele acabara de abotoar. A pressão de seus dedos no membro o fez pular para trás tão depressa que ele bateu com as costas na parede.

A moça franziu a testa.

— Você não quer Ying Li?

Ela parecia aflita, quase assustada. Matt apressou-se em tranquilizá-la.

— Sim, é claro que quero você, mas...

— Você quer, eu faço.

Seus dedos pequeninos voltaram a tocar os botões.

— Não! Aqui não! — Matt protestou, meio constrangido, mas totalmente excitado.

— Está bem. Venha, venha. — Ela soltou um longo suspiro de resignação. — Tudo igual, não importa.

Tomando-o pela mão, levou-o até uma das cabanas como se conduzisse um touro pela argola presa no focinho.

A noite tinha se tornado realmente infernal.

Jack rodou um dos charutos de Mother Featherlegs na boca, aceitando bem o gosto amargo que se espalhava na língua. Precisava de qualquer coisa para destruir o sabor de Suzanne.

O uísque não tinha ajudado. Ele havia ingerido o suficiente da bebida ordinária para derrubar uma mula de bom tamanho. Juntando o efeito da bebida e o do charuto, todos os nervos de sua boca deveriam estar adormecidos. Entretanto, ele continuava a sentir o sabor do beijo.

E também a vê-la. Nada, além de uma bala entre os olhos, apagaria a imagem de Suzanne Bonneaux esparramada a seus pés.

Sem enxergar, Jack deixou o olhar se perder pela fumaça que enchia o ar do salão. Apenas podia ver pernas bem-torneadas, quadris arredondados e o tufo de pêlos castanhos e encaracolados entre suas coxas. Apertou os dentes com tanta força que a ponta do charuto esfarelou na boca.

— Diabos!

Livrou-se do tabaco na cuspideira amassada e suja e apanhou o copo. O uísque queimou-lhe mais a garganta enquanto ele via uma das dançarinas se aproximar da mesa, requebrando-se.

— Que tal dar umas voltas pelo tablado? — convidou ela.

Círculos escuros de transpiração marcavam-lhe as cavas do vestido, e a pintura do rosto tinha emplastrado, formando sulcos na testa e nas faces. Porém, a aparência geral não era de todo má. Aliás, nem um pouco, Jack disse a si mesmo ferozmente. Ali estava o tipo de mulher com quem ele deveria se distrair.

Era daquelas que não amarrava um homem com um sem-fim de nós, cujos lábios não se franziam com expressão formalista e de desaprovação. Diabos, a boca daquela mulher, provavelmente, poderia agradar um homem de várias maneiras que Suzanne Bonneaux nem de longe conseguiria imaginar.

A menos que alguém a ensinasse.

Tal reflexão o atingiu em cheio, fazendo-o apertar os dedos em volta do copo. Bateu-o na mesa com tanta força que a dançarina arregalou os olhos.

— Isso mesmo. Aceito dar umas voltas pelo tablado — respondeu, respirando tão fundo que as narinas fremiram.

Uma série de batidas fortes acordou Suzanne. Sonolenta e piscando, começou a se levantar, mas ao ver uma silhueta ameaçadora ao lado, quase soltou um grito. Depois de reconhecer o cão de olhar feroz, achou que tinha sonhado e voltou a deitar-se, respirando aliviada. Mas em seguida, nova batida na porta a fez estremecer.

— Srta. Suzanne? Por acaso está aí?

— Matt, é você?

— Sim, sou eu.

— Tenha santa paciência! Por que veio me acordar? Depois de afastar os cabelos dos olhos, Suzanne pulou para fora da cama. Enquanto fechava bem o penhoar de seda vermelha e corria para a porta, sentiu-se alarmada.

Teria dormido demais? Já estaria amanhecendo? Teria Sloan partido? Caso tivesse e por causa do que ocorrera na véspera à noite, ela não deveria se surpreender. Porém, a possibilidade de Sloan a ter deixado para trás não era fácil de engolir.

Na verdade, ela deveria se sentir aliviada por não ser forçada a vê-lo outra vez. E mais, feliz por não precisar fingir que, praticamente, tinha tentado arrastá-lo para o chão. Em vez disso, a simples possibilidade de ele a ter desertado a deixou tão furiosa que ela escancarou a porta com força.

— Ele foi embora?

Matt a fitou com olhar abobalhado.

— Sloan. Ele já partiu? — ela explicou.

O rapaz franziu a testa e fez um gesto negativo com a cabeça.

— Acho que não. Não passa de uma hora da madrugada. A última vez em que vi Jack Sloan, ele estava molhando a garganta.

Não era o único, Suzanne percebeu. O hálito de Matt tinha um cheiro tão potente de levedura que seus olhos lacrimejaram. Resistindo à vontade de cobrir o rosto com as mãos, ela o observou atentamente.

— Você está bêbado?

— Estou sim, senhorita. — Ele tirou o chapéu e balançou a cabeleira loira e desgrenhada. — Bêbado como um gambá.

Suzanne enrolou as franjas pretas do penhoar nos dedos, lutando para não rir.

— Pelo que vejo, você afinal aproveitou-se da liberalidade de Sloan.

— O que dele?

— Você usou o dinheiro deixado por ele com Mother Featherlegs para tomar umas rodadas de cerveja, não foi?

— É verdade, mas não apenas cerveja.

A expressão dele mudou de vergonha para alegria e de volta à primeira tão depressa que Suzanne mal pôde distinguir uma da outra.

— A moça chinesa, Ying Li, ela... Bem, nós acabamos nos conhecendo bem.

Suzanne perdeu completamente a vontade de rir. A culpa era inteira de Jack Sloan, claro. O desgraçado não deveria ficar distribuindo as notas verdes de dinheiro como se as fabricasse. Balançou a cabeça, achando irrelevante pelo fato de a generosidade de Sloan ter pagado tanto o comportamento devasso de Matt quanto por seu banho.

— Você me acordou só para contar que você e Ying Li acabaram se conhecendo bem? — ela indagou com ar aborrecido.

Matt tornou a balançar a cabeça como se tentasse se lembrar do motivo para bater em sua porta. Quando o raciocínio voltou, fluiu num ímpeto um tanto desconexo.

— Não está certo, srta. Suzanne. Ela é quase do tamanho de uma gatinha e tão indefesa quanto uma. Foi vendida pelo pai e não pode ir embora daqui até pagar, com trabalho, o que custou para Mother Featherlegs. Ela e a cama — acrescentou depressa, dirigindo um olhar furioso para o móvel precioso da proprietária do salão. — Não podemos deixar a pobrezinha aqui.

Suzanne arregalou os olhos, surpresa com a veemência de Matt.

— Ying Li quer ir embora daqui?

— Ela fala umas coisas que não entendo e repete sempre que não faz diferença. Mas não está certo.

— De fato não está. Só não vejo o que você quer que eu faça a esse respeito.

— Será que a senhorita não pode escrever uma promissória por ela, como fez para pagar o que pegou lá na Estação Ten Mile?

— Eu... bem...

— Pagarei tudo assim que puder — Matt prometeu e assumiu um ar determinado. — Não vou embora sem ela.

— Ai, Deus misericordioso!

Suzanne previa toda sorte de complicações. A menor não seria explicar a Jack Sloan como o pequeno grupo deles tinha aumentado de repente com a presença de Ying Li.

— Posso escrever a tal promissória caso Mother Featherlegs a aceite. Mas acha certo levar Ying Li com você? — Fez uma pausa e pigarreou baixinho. — Sua namorada Becky não acharia estranho se ficasse sabendo?

O ar determinado de Matt tornou-se inflexível.

— Provavelmente Becky atiraria a cabeça para trás e daria uma gargalhada. Diria que a única maneira de eu conseguir uma mulher seria comprando. Pode ser, mas Ying Li não riu de mim. Nem uma só vez e nem mesmo quando me atrapalhei da pior maneira que um homem pode fazer com uma mulher.

— Entendo — Suzanne disse depressa. — Honestamente. Acontece... bem...

Bem o quê?, indagou-se. Ela também havia sentido a fígada da consciência quando a proprietária do salão tinha lhe contado as condições da aquisição de Ying Li. E outra vez, depois, ao ouvir a moça descrever suas obrigações.

Matt estava certo. Não podiam deixar a chinesa ali. Não se ela realmente quisesse ir embora.

A pedido de Suzanne, o rapaz foi buscar Ying Li. Descobrir-lhe a vontade exata sobre a questão exigiu esforço e paciência. Sempre, ao ser interrogada, ela respondia da mesma maneira.

Tudo igual, não importa.

Apenas uma vez, Suzanne vislumbrou um lampejo pálido de esperança nos olhos baixos dela, mas que se apagou depressa. Desanimada, ela abafou as próprias dúvidas e, com a promessa de ver o que poderia ser feito, mandou o casal embora.

Como a roupa de baixo que tinha lavado depois do banho ainda estivesse úmida, ela trespasseou bem o penhoar vermelho e vestiu a saia por cima. Sem espartilho e corpete, os seios sobressaíam-se demais sob a seda fina e meio transparente. A blusa, claro, não serviu, especialmente nas cavas e nas mangas. O casquinho de sarja azul-marinho ficou ridículo sobre o penhoar, mas pelo menos proporcionava um pouco de proteção.

Quanto aos cabelos, só conseguiu desembaraçá-los com um pente que encontrou na cômoda e prendê-los na nuca com a fita do corpete. Depois de calçar

as botas emprestadas, saiu à procura de Mother Featherlegs.

Um coro estridente de vozes vinha do salão. O som a assaltou enquanto atravessava o pátio. Quando alcançou a porta, o barulho aumentou tanto que ela o comparou ao rugido de feras na selva. Notas sibilantes saíam do órgão a manivela. Botas batiam no tablado, levantando ondas de serragem de madeira. Mãos marcavam o compasso nas mesas. Saias rodopiavam, cabelos esvoaçavam enquanto as dançarinas volteavam pela pista de dança com os parceiros escolhidos.

Um deles, Suzanne notou logo, era Jack Sloan.

Como os outros, ele dançava, seguindo o ritmo animado. Mas ao contrário deles, movia-se com uma graça que fazia a parceira, molhada de transpiração, parecer tão elegante como uma das bailarinas que se apresentavam na Philadelphia Opera House.

O homem que se danasse!

Com expressão firme e severa, Suzanne entrou no salão. Como na primeira vez, sua presença teve um efeito dramático.

Um a um, os fregueses pararam de cantar e de bater com as mãos nas mesas a fim de olhar para ela. Os que dançavam imobilizaram-se. A música cessou.

Suzanne não seria humana se não sentisse uma satisfação estimulante e bem feminina por causar tal sensação. Numa voz modulada, disse:

— Por favor, cavalheiros, não deixem que eu os interrompa. Continuem a se divertir.

Só depois de atravessar metade do salão, sua satisfação começou a esmorecer, dando lugar a uma ponta de inquietação. Porém, ela não podia perceber o que a provocava. Talvez fosse o cheiro de uísque misturado à fumaça de tabaco, ambos bem mais fortes do que ao anoitecer, quando ela chegara. Também podia ser a atenção com que os homens a observavam, com uma intensidade enervante.

Inclusive Sloan.

Um músculo retesou-se no lado do queixo dele. Jack dava a impressão de não estar nem um pouco satisfeito por vê-la ali. Largando a parceira, plantou-se bem no caminho de Suzanne.

— Com todos os diabos, aonde pensa que vai?

A voz áspera mas baixa a fez erguer o queixo.

— Falar com Mother Featherlegs, muito embora isso não seja de sua conta.

— É, sim, caso você queira ir embora comigo amanhã. Olhe em volta. A metade dos homens aqui está tão embriagada que não reconheceria a própria mãe. A

outra metade provavelmente nunca o fez. Sóbrios, eles nem se atreveriam a cuspir em sua presença. Bêbados...

— Bêbados, eles nem se lembrariam que você é uma dama — Mother Featherlegs terminou ao se aproximar dos dois. — Seria melhor se sumisse daqui, senhorita.

— Farei isso assim que conversar com você — Suzanne garantiu.

— Sobre o quê?

— Ying Li.

A voz de Mother Featherlegs revelou irritação e impaciência.

— Passei uma boa descompostura na chinesa por ter derrubado seu jantar e quebrado o prato. Mande que arrumasse tudo outra vez. Não me diga que ela derrubou a bandeja novamente.

— A conversa não é sobre meu jantar.

— Muito bem. Sobre o quê, então?

Suzanne respirou fundo. Preferia tratar daquele negócio em outro lugar, longe de ouvintes curiosos e de Sloan, que praticamente respirava em seu pescoço.

— Eu gostaria de reembolsá-la pela quantia que pagou por ela.

— Você quer comprá-la?

— Quero saldar o débito dela com você — Suzanne corrigiu, escrupulosa. De nada adiantaria salientar que a Guerra de Secessão, que havia convulsionado o país inteiro menos de quinze anos atrás, tinha tornado ilegal o abominável comércio de seres humanos. — Na verdade, é Matt quem quer ver o débito liquidado, mas eu...

Chocada, calou-se ao ouvir Mother Featherlegs soltar uma gargalhada.

— Ying Li deve ter agradado muito o rapaz para ele querer comprá-la!

Até Sloan soltou uma risada irônica. Quando Suzanne virou-se e lhe dirigiu um olhar fulminante, ele deu de ombros.

— Não imaginei que o rapaz fosse tão dado a isso.

— Mathias Butts tem um coração bom e generoso. Ele simplesmente deseja libertar a moça da servidão.

— Isso não é tudo que ele quer — disse a proprietária do salão com um olhar maldoso, antes que seu lado de mulher de negócios se pronunciasse. — Como você pretende pagar pela moça? Pelo que entendi, Big Nose e o grupo dele se apossaram de sua bolsa, deixando-a sem dinheiro.

— É verdade. Se você se dispuser a aceitar uma nota promissória de pagamento, garanto que será honrada.

A mulher soltou uma exclamação de desprezo.

— Por Deus, já recebi tantas promissórias de pagamento sem valor algum que acabei usando-as lá no sanitário. Não posso fazer tal negócio a não ser com dinheiro vivo ou ouro em pó.

— Quanto em dinheiro ou em ouro em pó?

— Duzentas onças do pó, trezentos dólares em dinheiro.

— Deus misericordioso!

— Foi o que paguei pela moça.

— Lembro bem que você mencionou ter recebido também a cama como parte do negócio.

— Está bem. Duzentos dólares e nem um centavo menos.

Suzanne cruzou os braços no peito. A ponta da bota enorme bateu no chão. Uma vez. Duas. Com os lábios apertados, virou-se para Jack. A resposta para sua pergunta silenciosa foi rápida, clara e inegociável.

— Não.

Efeito do uísque. Ficava mau quando bebia, Jack sabia. E muito mais malvado ainda com a vontade de agarrar aquela criatura, jogá-la sobre o ombro e levá-la de volta para a cabana a fim de terminarem o que tinham começado. Com os dentes apertados, enfiou os polegares no cinturão da arma para não fazer exatamente isso.

Ela tornou a bater com a ponta da bota no chão. Em silêncio, observou-o por uns momentos.

— Sr. Sloan, por acaso o senhor tem o hábito de apostar?

— Depende do prêmio.

— Proponho que acertemos esta questão com um jogo de pôquer de cinco cartas. O senhor põe duzentos dólares na mesa, e eu, uma promissória no mesmo valor.

— Não é o suficiente.

Era o uísque. Tinha de ser a bebida que o tornava inflexível enquanto balançava o corpo para frente e para trás, firmado nos calcanhares.

— Levando-se em consideração o fato de não sabermos quando, ou se algum dia vou receber o dinheiro da promissória, acho que a senhorita deve acrescentar

juros aos duzentos dólares.

Ela o fitou com desconfiança.

— Juros de quanto?

— Bem, eu diria que o pagamento sobre o qual conversamos na Estação Ten Mile deveria cobrir os juros.

No mesmo instante, Suzanne lembrou-se do pagamento a que ele se referia. Num movimento brusco, levantou a cabeça. Seus olhos soltavam faíscas. Firmado nos calcanhares, Jack tornou a balançar o corpo, imaginando que Suzanne Bonneau lhe diria para levar a si mesmo e a audaciosa proposta depravada diretamente para o inferno. Enganava-se.

— Um jogo de pôquer de cinco cartas — ela retrucou bruscamente. — Vamos tirar a carta para ver quem dá.

CAPÍTULO IX

Suzanne deu-se conta de que não imaginava quanto do sangue do pai corria-lhe nas veias. Apenas do jogador de barcos fluviais, atraente e animado, ela poderia ter herdado aquela excitação fervilhante, a vontade irresponsável de arriscar tanto no resultado imprevisto das cartas.

Ela quase podia ouvir o riso alegre de Philip Bonneau quando, com ela sentada no colo, a ensinava como segurar as cartas semi-abertas de tal maneira que ninguém, exceto ela, pudesse ver o que tinha. Quase lhe sentia os dedos guiando os seus pelas bordas das cartas a fim de sentir irregularidades ou cortes propositais que as marcassem. Quase via o brilho da safira no anel que ele usara na mão esquerda até perdê-lo numa aposta, baseada em três reis.

Philip Bonneau havia morrido poucas semanas depois de Suzanne completar sete anos. Ela, porém, tinha exercitado pela vida afora os ensinamentos do pai com uma grande variedade de parceiros. Entre eles estavam Brigh Water e vários soldados do padrasto que ela conseguia atrair para uma partida de pôquer. Jamais jogavam a dinheiro. Usavam pedrinhas ou palitos de fósforo. O coronel insistia nesse ponto. E certamente nunca apostando algo como na partida daquele momento.

Caso ela ganhasse, Jack lhe emprestaria os duzentos dólares sem juros. Se perdesse, ele também os emprestaria, mas não só lhe cobraria um tipo de juros muito pessoal e íntimo como exigiria o pagamento adiantado deles. Naquela noite, na imensa cama de Mother Featherlegs, Suzanne percebia isso na maneira com que ele

a olhava e no próprio pulso disparado.

Cada nervo em seu corpo tinha de antecipação, numa alegria estimulante, mas ao mesmo tempo com uma percepção aterradora do quanto tinha apostado no resultado das cartas. Contudo, não permitia que a expressão e a atitude revelassem as emoções tumultuadas. Com a cabeça erguida e a espinha tão ereta como as Senhoritas Merriweather poderiam desejar, sentou-se à mesa manchada de bebida que, apressadamente, tinha sido esvaziada para o jogo.

Sloan sentou-se do lado oposto. Afastou um pouco a cadeira para trás a fim de esticar as pernas e cruzá-las nos tornozelos. A postura relaxada e confortável indicava completa indiferença com o resultado da partida. Apenas o brilho nos olhos cinzentos insinuava o contrário.

— Aqui está — Mother Featherlegs disse ao largar o baralho na mesa. — As cartas estão um pouco engorduradas e gastas, mas não temos nada melhor na casa.

Os fregueses tinham formado um círculo em volta da mesa. Animados, propunham apostas entre si que eram aceitas e, às vezes, dobradas. A movimentação, os olhares ávidos e intensos deles já não inquietavam Suzanne, pois tinham transferido o interesse de sua pessoa para o jogo.

Com um leve arquear de sobrancelhas, pegou as cartas.

— Posso embaralhar?

— À vontade.

Para grande alívio seu, as mãos estavam firmes. Ela juntou as cartas numa pilha, apanhou-a e a dividiu em duas. Mother Featherlegs tinha razão. Elas estavam bem gastas e engorduradas.

Calmamente, Suzanne embaralhou as duas pilhas em uma. Passou a ponta dos dedos pelas beiradas das cartas a fim de endireitá-las. Dividiu-as novamente, embaralhou pela segunda vez e ainda por uma terceira. Quando as espalhou fechadas na mesa, sabia a que iria pegar. Entrelaçou os dedos e ficou à espera de que Sloan escolhesse uma.

Ele tirou um sete.

Suzanne pegou e virou a sua. Era, como suspeitava, um ás. Se alguém tinha se arriscado a marcá-la não haveria de ser uma das mais baixas.

— Bem, você ganhou e dá as cartas — Sloan disse em voz arrastada.

Embora o coração disparasse, ela se permitiu sorrir um pouco.

— Pois não.

Mantendo o sorriso discreto, ela dividiu o baralho em dois, embaralhou-o e

colocou a pilha diante de Sloan. Os dedos ágeis de pistoleiro endireitaram as beiradas de maneira meticulosa demais.

Suzanne levantou o olhar e fitou-o. Estaria ele também apalpando a beirada das cartas? Ele notaria as diferenças mínimas? Eram tão imperceptíveis e as cartas tão usadas que ela fora forçada a embaralhar três vezes para perceber as marcas.

Jack não mudou a expressão a não ser pelo leve franzir de uma das pálpebras. Desgraçado! Com apenas uma das mãos, ele cortou o baralho.

Tentando ignorar o coração disparado, Suzanne o pegou com a mão esquerda, indagando:

— As primeiras cartas abertas ou fechadas?

— Vamos deixar o jogo mais interessante. As primeiras abertas e a última fechada.

— Como queira.

Bem devagar, ela começou a dar as cartas. Os espectadores chegaram mais perto, aplaudindo ou gemendo de expectativa. Os odores de uísque, tabaco e corpos suados travavam uma batalha com o perfume de Mother Featherlegs. Os olhos de Suzanne ardiam com a fumaça do charuto dela e a das lamparinas a óleo.

Depois da segunda carta, sua animação inicial já esmorecia. Após a terceira, ela começou a desconfiar que não possuía o que quer que fosse preciso para ser jogadora. Na quarta, seus nervos estavam em frangalhos.

Graças a Deus pelo pai e pelas Senhoritas Merriweather! Philip Bonneaux a tinha ensinado a exibir o que chamava de *ar de pôquer*, as irmãs a manter, em qualquer circunstância, a compostura de uma dama. Suzanne tinha certeza de que as professoras nunca tinham imaginado situação semelhante àquela.

— Última carta fechada, srta. Bonneaux.

— Se não me engano, foi isso que decidimos, Sr. Sloan.

A fumaça rodeava o rosto dele, ocultando-lhe os olhos.

Mas Suzanne os sentia nela, no rosto, no pescoço, nas mãos.

— Acha que pode bater meu par de nozes aberto?

A voz enrouquecida pelo uísque ralou-lhe os nervos.

— Espero que sim, com toda certeza — ela respondeu. As mangas do penhoar vermelho, que escapavam pelas do casaquinho, tocaram a mesa quando ela se inclinou para a frente a fim de dar a última carta de cada um, a fechada. A calma em pessoa por fora, trêmula por dentro, ela terminou dando a própria. Em seguida, largou o

baralho ao lado.

O silêncio que se fez era tão denso e pesado quanto a fumaça. Suzanne sentia-se sufocar enquanto esperava que Sloan pegasse e virasse a última carta dele. Ironicamente, era um valete de espadas.

Então, tudo que ele tinha resumia-se a um par de noves! Era só o que ela precisava bater. Um par de noves. Se sua última carta fosse uma rainha ou um ás para combinar com as cartas que já tinha expostas, ela venceria.

O sangue latejava em suas veias. A respiração ficou presa na garganta. Passou a ponta do dedo no canto da última carta e encarou os olhos semicerrados de Jack. Ele ergueu as pálpebras. Se a expressão feroz com que a fitava era alguma indicação, ele já antecipava a vitória.

O peito contraiu-se. Com a palma da mão, ela protegeu a última carta e levantou a ponta. Bem pouquinho. Apenas o suficiente para ver o que era. Olhou para o pedacinho de papelão pelo que lhe pareceu uma eternidade, antes de voltar a fitar Jack do outro lado da mesa.

Naquela noite. Na imensa cama de Mother Featherlegs.

A mensagem era tão clara como se ele a estivesse gritando para todos do salão ouvir. Bem devagar, Suzanne largou a ponta da carta, mas não a baixou.

— Seus noves são mais altos, sr. Sloan.

Gritos, gemidos imprecações eclodiram a sua volta. Suzanne mal podia ouvir o alarido. O pulsar do sangue nos ouvidos era mais forte. Com movimentos tensos, juntou suas cartas e as misturou ao resto do baralho. Em seguida, levantou-se.

Os fregueses recuaram, abrindo-lhe passagem. Depois de um boa-noite cortês, ela dirigiu-se à porta.

Depois que Suzanne saiu, Jack continuou sentado por algum tempo. Imóvel, olhava para o baralho. Ela havia escondido a carta vencedora. Sabia disso com a mesma certeza que sabia o próprio nome. Mas por quê? O que teria ela a ganhar ao oferecer-se como pagamento de uma aposta num jogo de pôquer e, depois, perder deliberadamente? Suzanne havia de saber que ele tinha a firme intenção de cobrar o que lhe devia. Ele havia deixado isso tão claro quanto possível sem usar palavras específicas. Queria o pagamento sobre o qual tinham falado lá na Estação Ten Mile. Ele a queria.

Com todos os diabos, o que a mulher planejava?

O simples fato de não conseguir decifrá-la o enlouquecia. E por vir tentando fazer isso sem sucesso por três dias, ficava mais louco ainda.

Havia embarcado na diligência para Deadwood única e exclusivamente com um

propósito. Agir como juiz, júri e carrasco para o homem a quem vinha rastreando nos últimos três anos. Com todos os diabos, por que tinha acabado como acompanhante de uma mulher voluntariosa e de um jovem trabalhador rural grandalhão? A troco de que, pelo amor de Deus, tinha concordado em abrir mão de uma boa parte de seu dinheiro a fim de comprar uma rameira chinesa?

Sabia a resposta da última pergunta. A troco de Suzanne Bonneau. Ela o tinha dominado completamente. Ele nem podia respirar sem desejá-la de maneira jamais experimentada. Se fechasse os olhos, a via caída a seus pés, com os cabelos esparramados pelo chão e as pernas abertas. Apenas pensar como seria sentir-lhe o corpo sob o dele fazia a transpiração porejar na palma das mãos.

Ela sabia. Tinha de saber o que estava apostando. Portanto, não podia ignorar o que acabava de perder e estava prestes a entregar.

Num movimento brusco, ele empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Não queria mais saber de decifrar a criatura. Não suportava mais imaginar que idéias loucas se passavam sob seus cabelos castanhos e sedosos. Fosse qual fosse o motivo, ela havia jogado suas cartas como bem entendera. E ele ia reivindicar o prêmio.

Jack pretendia apossar-se dele devagar. Possuir Suzanne devagar. Nada de pressa. Desejava saborear cada pedacinho de sua pele, provar sua boca e língua, sentir o palpitar nervoso de suas veias.

Não. Preferia que ela não estivesse nervosa, decidiu. Ele a queria ansiosa. E quente. E ofegante.

Misericórdia!

— Parece que você comprou uma rameira, Sloan.

Ele virou-se para trás, já cerrando os punhos. Chegou a enxergar vermelho antes de se dar conta de que Mother Featherlegs se referia à moça chinesa.

— Duzentos dólares. Em dinheiro — ela acrescentou ao estender a mão.

Carrancudo, Sloan tirou o maço de notas do bolso. A cada dia que passava na companhia de Suzanne Bonneau, ele diminuía de tamanho. Teria de arranjar algum trabalho depois que encontrasse e liquidasse Charlie Dawes.

Enquanto soprava uma nuvem azul de fumaça, Bess Shephard dobrou as notas e as enfiou no decote.

— Você vai levar a chinesa quando partir amanhã cedo?

— Ainda não me dei ao trabalho de pensar nisso.

Diabo, ele não conseguia pensar em nada além de sair do salão, atravessar o pátio e arrancar fora as roupas de Suzanne.

— A não ser que ponha a moça na garupa da montaria do rapaz, você vai ter de lhe comprar um cavalo e uma sela.

Jack tornou-se mais carrancudo ainda.

— Talvez eu devesse comprar uma carroça de quatro rodas e levar o maldito grupo de vocês todas até Fort Meade.

— Talvez devesse mesmo. Seria uma viagem interessante — ela concordou, sorridente.

Resmungando, Jack começou a abrir caminho entre mesas e fregueses. Uma vez lá fora, parou a fim de olhar para as estrelas e encher os pulmões com o ar puro da noite. A uns vinte passos de distância, a luz de uma lamparina a óleo bruxuleava atrás da cortina da cabana de Mother Featherlegs. Ele viu o movimento de uma silhueta difusa e sentiu a excitação crescer.

Continuou em frente, mas parou outra vez, estarrecido ao ver a porta ser aberta e Matt sair da cabana.

— Sr. Sloan! Quero conversar com o senhor.

— É mesmo?

— Suzanne acaba de me contar que o senhor emprestou o dinheiro para comprar Ying Li.

— Sei.

Jack o olhou com desconfiança. Apesar de jovem e inexperiente, Matt tinha se arvorado em protetor de Suzanne. Mas se estava pensando em se meter entre ele e a mulher lá dentro da cabana, seria melhor que refletisse com mais cautela.

— Ela disse também qualquer coisa sobre juro. Seja quanto for, prometo pagá-los também assim que puder.

Jack sabia ser impossível.

— Você poderá acertar essa questão de pagamento com Suzanne quando já estiver garimpando. Até lá, ela cobrirá o débito.

— Eu sei. — Matt segurou-lhe a mão e a apertou. — Muito obrigado! O senhor não se arrependerá do que fez.

— Não mesmo. Pelo menos nas próximas horas — Jack afirmou numa voz meio rouca, enquanto olhava para a janela iluminada.

Matt apertou-lhe a mão outra vez. Explicou estar ansioso para fazer Ying Li entender que já estava livre para decidir sobre o próprio futuro. Ao vê-lo se afastar depressa, Jack calculou que o futuro da chinesa não prometia ser muito

diferente de seu passado. Mas Matt e ela descobririam isso bem depressa. No momento, era o futuro imediato dele que o interessava.

Suzanne levou tanto tempo para vir abrir a porta que Jack imaginou se ela não havia desistido de recebê-lo. Bateu novamente e só percebeu que tinha prendido a respiração quando ela abriu a porta.

Ela não estava com a expressão afetada que tanto o irritava e o deixava nervoso. Mas também não exibia nem sombra de sorriso. Simplesmente vê-la com a seda vermelha cobrindo-lhe a pele, sob o casaquinho azul-marinho fez a excitação dobrar. Pretendia agir devagar, lembrou-se ferozmente, quase no auge do desespero.

A luz bruxuleante da lamparina a óleo devia ter revelado os pensamentos dele. Com um movimento rápido de cabeça, Suzanne o convidou para entrar e recuou para lhe dar passagem. O fogo que o devorava arrefeceu um pouco ao notar as duas rodela rubras em suas faces. Dominando a vontade de deitá-la no chão e possuí-la imediatamente, Jack fechou a mão e, com as juntas dos dedos sob seu queixo, levantou-lhe o rosto.

— Mudou de idéia?

— Estou em dúvida.

— Você pretende deixar de cumprir nossa aposta?

— Você permitiria?

Ele passou o polegar por seu lábio inferior e roçou a parte interna e úmida.

— Não desta vez, coração. Você sabia o que estava apostando. Arriscou-se porque quis.

Então, Suzanne tremeu exatamente como Jack tinha imaginado que ela o faria.

— É verdade. Eu sabia o que teria de pagar se perdesse.

O corpo todo dele estava tenso e pronto para subjugar-lá. Mas, desta vez, ele não planejava tomar. Ansiava por receber.

— Está na hora de saldar a dívida, srta. Bonneaux.

Jack não fazia a mínima idéia de como agiria caso ela se esquivasse. Na outra noite, na Estação Ten Mile, ela já o tinha pegado de surpresa. Apesar das palavras autoritárias dele e da agilidade letal com o revólver, não conseguiria feri-la mesmo que tentasse. Porém, a desejava. Só Deus sabia quanto. Aflito, teve de enrijecer o corpo e mantê-lo ereto como um carvalho novo quando a viu inclinar a cabeça para o lado e fitá-lo com desconfiança nos olhos cor de mel.

— Eu gostaria de discutir o método de pagamento com você.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— O que existe para ser discutido?

— Bem, pensei que talvez eu pudesse pagar os juros a prestações.

— Como assim? Está querendo me pegar de surpresa outra vez?

— Não, claro. É como se você estivesse comprando um relógio do Sr. Greenleaf. Pagaria logo uma parte e o resto na viagem seguinte dele. Então, o relógio seria seu.

Um arrepio de alarme percorreu a espinha de Jack, arrefecendo mais o fogo que o consumia. Ele queria uma noite de paixão em que fizessem amor de maneira abrasadora. Só assim conseguiria satisfazer o desejo ardente que ela lhe provocava. Mas pelo que acabava de ouvir, Suzanne falava de algo completamente diferente.

— Você não mencionou nada sobre prestação quando acertamos a aposta.

— Eu sei.

Ela desviou o olhar. O rubor nas faces se acentuava. Quando voltou a fitá-lo, Jack viu sua garganta contrair-se como se ela estivesse se esforçando para pronunciar as palavras.

— Faltam poucas horas para o amanhecer. Você disse que queria partir ao raiar do sol. Isso não nos dá muito tempo para liquidar completamente os juros.

Apesar da contração de certos músculos, Jack sentiu a ameaça de um sorriso.

— Detesto ter de lhe dizer isto, srta. Bonneaux, mas o que tenho em mente geralmente não leva muitas horas.

— Ora, acho lamentável. — Com o queixo ainda apoiado nos nós dos dedos dele, Suzanne o encarou bem dentro dos olhos. — O que tenho em mente, Sr. Sloan, levará a noite inteira.

A vontade de sorrir desapareceu. Suzanne estava blefando! Sem dúvida alguma. Ele apostaria até o último centavo do bolso como a refinada e delicada srta. Bonneaux não fazia a mínima idéia de quanto tempo uma mulher precisava para servir um homem e vice-versa.

Ou faria?

Ela havia contado que o padrasto era oficial da cavalaria. Suzanne não podia ter crescido e ultrapassado a adolescência sem perceber, um pouco pelo menos, o que se passava entre casais a portas fechadas e nos prostíbulos que pululavam em

volta dos postos do exército.

Ou poderia?

A incerteza o invadiu. Mulher desgraçada! Ele não conseguia decifrá-la nem para salvar a própria alma. E ela, com toda certeza, precisava de salvação. Ele também não podia livrar-se da suspeita de que Suzanne o vinha ludibriando desde que dera a primeira carta.

Ora, que tudo fosse para os quintos dos infernos! Não ia tolerar mais ser tapeado.

— Muito bem. Vamos agir à sua maneira. — Levantou-a nos braços e rumou para a cortina de musselina que separava a sala do quarto. — Quero receber a primeira prestação agora.

Desorientada por passar tão depressa da vertical para a horizontal, Suzanne agarrou-se ao pescoço de Jack.

— Não acha que devemos discutir primeiro os termos exatos?

— Vamos negociá-los à medida que formos... — Calou-se e arregalou os olhos. — O que é aquilo?

Ele tinha acabado de abrir a cortina e, incrédulo, olhava para a cama monstruosa. Suzanne virou-se entre os braços dele e seguiu-lhe o olhar que observava a pintura espalhafatosa e as quatro criaturas estranhas.

— Quando Mother Featherlegs comprou Ying Li, adquiriu também a cama do pai dela.

— Deus misericordioso! — Uma idéia terrível assaltou Jack. — Nós não compramos a cama de volta também, não é?

— Não. Pelo menos não acredito. Embora... — Seu olhar fixou-se no móvel imenso. — A cama pudesse ser um excelente dote para Ying Li. Alguma coisa para ela acrescentar a sua nova vida.

Jack guardou as dúvidas sobre a nova vida de Ying Li para si mesmo. A moça não havia lhe parecido que tivesse espinha dorsal para recomeçar a vida. Porém, isso era o que menos lhe interessava no momento. Aproximou-se da cama e abriu os braços. Suzanne caiu no colchão de palha, no meio de um redemoinho de sarja azul e pernas expostas.

O coração de Jack pulou para a garganta. Ela não estava usando calção! Que Deus o protegesse, ela não estava usando nada sob a saia!

No mesmo instante, ele agarrou a fivela do cinturão.

CAPÍTULO X

Ao ouvir o revólver de Jack bater na coluna da cama, o coração de Suzanne ameaçou parar. A expressão do olhar dele, enquanto prendia o cinturão em volta da pata estendida do cão, destruiu qualquer esperança que ela alimentava de renegociar os termos de sua rendição.

A vontade que tinha de fazê-lo, entretanto, evaporou-se no momento em que Jack se inclinou sobre ela. Com um dos joelhos firmado no colchão, ele enfiou a mão sob sua cabeça, puxou-a para cima e apossou-se de sua boca.

Numa reação reflexa, Suzanne virou o rosto.

— Ainda está sensível aqui. Da outra vez — ela disse ao passar o dedo pelos lábios.

Naquele momento, tudo mudou para Jack. Desejava tanto aquela mulher que se sentia abalado da cabeça aos pés. Tinha vindo procurá-la com o firme propósito de receber o que ela havia apostado no jogo. Contudo, cortaria fora a própria mão antes de ferir qualquer parte de seu corpo delicado. Numa voz rouca, disse:

— Lamento muito. Não foi minha intenção machucá-la. Ele começou a endireitar o corpo, disposto a encerrar a questão, porém ela o segurou com a mão em seu pescoço. Com as faces coradas, os olhos brilhantes como estrelas, roçou os lábios nos dele.

— Apenas fui apanhada de surpresa. Estou bem. É verdade.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Tinha tanta, Suzanne pensou, que morreria se ele não cobrasse a primeira prestação. Ergueu um pouco o corpo, abraçou-o, apossou-se de algo mais e mereceu retribuição.

O sabor dele era uma mistura de uísque e tabaco, o odor, de fumaça e couro. Abriu a boca, permitindo que a língua lhe tocasse os dentes e a pele lisa, úmida. Arqueando o corpo para trás, puxou-os para a cama.

Caíram os dois no colchão de palha, numa confusão de pernas e braços. Para não esmagá-la, Jack firmou o peso do corpo nos braços dobrados em ambos os lados do seu. Suzanne, porém, não estava interessada nessa prudência nobre. Pelo menos no momento. Ela queria ser esmagada. Seu corpo inteiro ansiava por sentir a pressão forte do dele. Segurou-o pelos ombros, forçando-o para baixo.

— Não quero machucá-la — ele repetiu entre beijos em seus lábios, queixo e pescoço.

— Você não está. De forma alguma. Oh!

Com uma exclamação abafada, ela estremeceu ao sentir a mão de Jack escorregar sob o casaquinho a a fim de acariciar, sobre a seda, um dos seios.

— Calma, meu bem — murmurou ele rente a seu ouvido, levando-a sentir-lhe o hálito quente. — Vamos fazer isto bem devagar e com cuidado.

Talvez Jack tivesse o firme propósito de agir dessa forma; ela, porém, estava prestes a explodir de excitação. Sentia o calor da mão dele através da seda fina. Os dedos acariciavam-lhe o seio com firmeza e suavidade ao mesmo tempo. Quando o mamilo elevou-se num botãozinho rijo, Jack o tocou primeiro com a mão e, depois, afastando a seda, o fez com os lábios, os dentes e a língua.

Suzanne vergou a cabeça para trás. Com os olhos fechados, lutou para abafar um gemido enquanto Jack lhe tirava o casaquinho e afastava o penhoar de seus ombros. Com um braço sob sua cintura, ele a levantou o suficiente para escorregar fora as mangas. Deixava-lhe os dois seios nus e trêmulos.

Por sua cabeça, passou a idéia de que estava na hora de pôr um paradeiro naquilo. Aliás, já tinha passado da hora. Ela havia apostado seu bem mais precioso, mas também tudo que queria muitíssimo, na virada de uma carta. Seguindo seus instintos, tinha jogado no par de noves de Jack. Ele havia vencido aquela mão, porém ela pretendia vencer a seguinte.

Ou esse era seu plano até o murmúrio rouco de Jack penetrar-lhe os pensamentos tumultuados.

— Você é tão linda... Macia e sedosa.

O peso de Jack estava, agora, quase todo sobre ela, prendendo-a ao colchão, enquanto o joelho dele tinha se colocado entre os seus. Sob uma onda de calor, Suzanne lembrou-se de como havia lhe sentido as coxas horas atrás. Antecipando a mesma pressão firme, a mesma sensação abaladora, delirante e deliciosa, sua barriga contraiu-se.

A barba por fazer de Jack excitava-lhe a pele enquanto ele a beijava no pescoço, nos ombros e nos seios.

Quando ele reencontrou um mamilo rijo e ereto, correntes de prazer percorreram seu corpo, deixando-a maravilhada com as sensações extraordinárias.

Então era isto que levava as mulheres a se livrar da virtude como se fosse uma capa velha? Estas erupções agradáveis e trepidantes de prazer? Elas esquentavam sua pele, incendiavam-lhe os sentidos. Em vez de protestar quando Jack desviou a atenção para o outro seio, ela arqueou o corpo numa oferenda

impaciente.

De propósito, ela abafou os gritos da consciência. As Senhoritas Merriweather desmaiariam se pudessem ver sua discípula exemplar nua da cintura para cima, com o rosto de Jack Sloan, escurecido pela barba por fazer, sobre sua pele alva. Suzanne recusava-se a imaginar a reação da mãe. Ou a do coronel! Só podia pensar e apenas se interessava em continuar sentindo as mãos ásperas e a respiração morna de Jack em sua pele.

Era muito bom nisso, o desgraçado! Bom demais. Sabia exatamente como estimular seu corpo desperto, onde beijá-lo e afagar. Com malícia proposital, ele alternava carícias sensuais e suaves com mordidelas rápidas. Suzanne tinha certeza de que enlouqueceria ou explodiria em milhões de pedaços. O roçar dos dentes de Jack no mamilo provocou a visão de miríades de estrelas que pairaram entre o prazer e a dor.

Ela queria mais. O corpo clamava por mais. Retorcendo-se, tentou se desvencilhar da seda retorcida. Queria ser tocada em outras partes além dos seios e também acariciar Jack.

Foi então que Suzanne se deu conta de como estava prestes a se entregar completamente. Quase chorando de tristeza, murmurou uma súplica, mal reconhecendo a própria voz baixa e rouca.

— Por favor, Jack, chega...

Ele ergueu a cabeça e a fitou enquanto ela tentava controlar a respiração ofegante.

— Isto é... suficiente para a primeira prestação — ela explicou.

— Será que é?

O corpo de Jack dava a impressão de ser firme como rocha em cada parte que tocava o seu. Vermelho tingia a pele sobre os ossos malares, acima da sombra da barba crescida. Dúvidas repentinas assustaram Suzanne. Ele atenderia seu pedido? E era isso que ela realmente queria?

— Deixe-me levantar.

Ele não se mexeu. Presa por aquele corpo pesado, Suzanne também não podia se mover. Sentiu uma ponta de pânico que desapareceu tão depressa quanto surgiu. Ele não a forçaria. Jack, jamais. Mas o simples fato de não poder imaginar o que se passava atrás daquele olhar penetrante a enervava bastante.

— Deixe-me levantar — repetiu com mais firmeza.

— Daqui a um instante. Primeiro, quero saber por que você fechou a mão sobre a carta.

— O quê?

— Você ganhou o jogo esta noite, Suzanne. Por que escondeu a carta?

Sua cabeça rodopiou. Ali estava ela, estatelada sob o homem, praticamente nua, o que parecia não importar. Sua pele ardia onde a barba dele a tinha arranhado e os mamilos continuavam excitados pelos beijos. Havia precisado lutar com todas as forças contra a vontade de se entregar a ele e, o tempo inteiro, o homem estava pensando nas cartas?

— O que o faz pensar que eu ganhei? — indagou, irritada.

— Sabe, através dos anos joguei várias partidas de pôquer com cartas abertas. Você obteve um par de ases, então, mudou de idéia e desprezou seu jogo. Por quê, Suzanne?

Jack só podia estar conjeturando, tateando no escuro. Ela ainda poderia enfrentar aquilo com desfaçatez.

Embora fosse difícil imprimir desdém e incredulidade na voz enquanto continuava com os seios nus e trêmulos, Suzanne conseguiu.

— Você está insinuando que eu tapeei?

— Não estou insinuando nada e sim afirmando um fato.

— Eu me recuso a discutir essa questão até você deixar que eu me levante.

— Conte a verdade.

— Isto é absurdo! O que, em nome de Deus, o faz pensar que eu blefei? — ela indagou em tom ofendido.

— Uma pessoa não pede para embaralhar as cartas a não ser que queira sentir as beiradas antes de cortar. Você tirou a mais alta e pôde dar as cartas, recebendo as que queria. Por que escondeu a vencedora?

— Que diferença faz o que escondi? Você ganhou, não foi?

— Não ganhei coisa nenhuma. Você perdeu de propósito. Por quê, Suzanne?

— Ai, pelo amor de Deus! — Exasperada e já um tanto embaraçada, ela ergueu o queixo. — Deixe-me levantar, Jack. Eu me recuso a conversar sobre este assunto, ou qualquer outro, nesta posição indigna.

— Poucos minutos atrás, você não a achava indigna — ele comentou, sem necessidade, na opinião de Suzanne.

Felizmente, Jack escorregou para o lado, tirando o peso do corpo que a prendia. Ela ignorou o comentário malcriado e levantou-se da cama sem aceitar-lhe a ajuda. Com movimentos bruscos fez o possível para endireitar as roupas. Ao vê-lo

levantar-se também, observou-o com um misto de desconfiança e indignação.

— Posso lembrá-lo, *cavalheiro*, que foi você quem sugeriu, logo de início, o prêmio da aposta?

— Minha memória é excelente e dispensa qualquer lembrete. O que preciso saber é o motivo para você se mostrar tão disposta a pagar por ele e depois sugerir essa idéia louca de prestações.

Suzanne sentiu uma onda de calor cobrir-lhe o rosto. Não tinha certeza se entendia o impulso insano que a forçara a concordar com o prêmio ultrajante. Muito menos, como tivera coragem para esconder sua última carta. Naturalmente, a promessa de ajudar Matt e Ying Li a tinha influenciado, mas apenas em parte. A razão verdadeira e assoladora continuava a desafiá-la.

Ela havia jogado por Jack. E ainda o fazia. Reunindo toda a coragem possível, tentou explicar os pensamentos desordenados.

— Nós provocamos faíscas um no outro. Eu as senti e você também, tenho certeza.

Jack não negou. E nem poderia, depois do que acabara de acontecer entre os dois. Suspirando profundamente, Suzanne estendeu a mão e o tocou no peito.

— Tais faíscas poderiam nos queimar ou acender uma chama firme e confiável que nos proporcionaria calor e luz — acrescentou.

Por um momento, não mais do que dois segundos, Suzanne teve a impressão de vislumbrar compreensão, ou concordância, ou esperança nos olhos cinzentos. Todavia, antes que ela chegasse a uma conclusão, a expressão foi substituída por uma já bem conhecida. Era aquela que Jack exibia sempre que ela lhe intuía os sentimentos.

Segurando seu pulso, ele afastou-lhe a mão do peito.

— Entenda bem uma coisa. Tudo que eu queria, caso vencesse, era me deliciar entre os lençóis com o que uma mulher só pode oferecer uma vez.

Suzanne voltou a enrubescer ao ouvi-lo se expressar de maneira tão indelicada. Contudo, manteve-se firme.

— Se isso era tudo que desejava, por que não matou a vontade esta noite?

Quando a tinha tão excitada e ansiosa?, ela acrescentou mentalmente.

Tal indagação pairou no ar entre ambos como se ela a tivesse gritado.

— Farei isso quando quiser e estiver pronto, mas primeiro, quero que você entenda bem algumas coisas — Jack respondeu.

— Que coisas?

Os dedos dele apertaram seu pulso com força.

— Não se engane a respeito das tais faíscas que voam entre nós, coração. Admito que você provoca um incêndio em mim. Mas é como uma irritação que precisa ser aplacada. Apenas isso.

Suzanne não ia deixá-lo escapar assim tão facilmente. Balançou a cabeça enquanto os olhos lampejavam.

— É mais do que isso, Jack. Você sabe muito bem. Pelo menos para mim, é.

Ele soltou uma exclamação de desdém e contraiu os lábios de uma maneira que Suzanne já tinha se acostumado a odiar.

— Você está tentando dizer que ficou perdidamente apaixonada por mim?

— Claro que não! Nós mal nos conhecemos. Mas as faíscas existem, Jack, não importa o que as provoque. Só Deus sabe aonde elas poderão nos levar se nós...

— Só há um lugar onde poderemos acabar. Não queira fantasiar a situação, Suzanne. Mulheres como você não montam casa com pistoleiros. Talvez você esteja curiosa, até fascinada pela aura de perigo que acompanha homens como eu. Você quer saborear o perigo além de usufruir um pouco de prazer. O que aspira não passa disso.

— É mesmo? — ela indagou em tom gélido.

— Sim, isso mesmo. Você não é a primeira moça fina a me lançar olhares, imaginando se meu poder de fogo como homem se iguala ao do meu revólver no coldre.

Suzanne apertou os lábios enquanto considerava todas as possibilidades de resposta e só encontrou uma.

— Asneira!

As sobrancelhas escuras dele quase se juntaram aos olhos.

— O que você disse?

— Essa, *cavalheiro*, foi a maior asneira que já ouvi. Asnice pura.

Um silêncio profundo os envolveu. Sem se importar com o pulso ainda preso com força e o coração disparado, ela o encarou com firmeza.

— Isso quer dizer o que estou pensando? — Jack finalmente indagou.

— Sim.

Tropas da cavalaria usavam velhas expressões para se referir a qualquer

coisa, desde a mudança da guarda até um novo oficial comandante. Suzanne não podia pensar em nada mais apropriado para descrever o que Jack tentava atirar para seu lado. Furiosa, soltou o braço com um puxão.

— Se quiser, você pode escolher maneiras vulgares para descrever o que existe entre nós. Pode até negar o que está acontecendo, mas isso não altera o fato de que nós ambos *queremos*.

A resposta dele foi tão veemente quanto rápida.

— Querer não é suficiente! Não para você, Suzanne. Você merece mais. Estou tentando lhe dizer, da maneira mais simples e clara, o que você não receberá de mim.

Tais palavras suplantaram sua raiva em ebulição. Jack não gracejava, estava absolutamente sério, ela percebeu.

— Sirvo exatamente para o que apostamos. Uma boa e estimulante noitada na cama — ele afirmou enfático. — Trata-se de tudo que posso lhe dar. Ou a qualquer outra mulher.

— Por quê?

— Deus do céu! — Nervoso, ele passou a mão pelos cabelos. — Eu já expliquei, minha vida é uma corrida contra o tempo, meus dias estão contados.

— Quem está livre disso? Na infância, sobrevivi à cólera, Jack, e a um ataque de tropeiros assassinos. Testemunhei o que a varíola faz num forte ou numa aldeia indígena. A vida de todos nós é uma corrida contra o tempo.

— Droga, nem todos nós somos alvos ambulantes! Você faz idéia de quantos vaqueiros bêbados ou valentões arrogantes costumam me perseguir na esperança de virar heróis ao atirar mais rápido do que Black Jack Sloan? Seja quem for que estiver a meu lado, Suzanne, também se tornará um alvo. Jamais eu pediria a uma mulher para assumir tal risco, mesmo que eu quisesse.

Ela precisava saber.

— Você *quer*?

— Afirmo que o que eu quero não vale um vintém furado. É assim que as coisas são.

— Pois então, vamos mudá-las. Deixe de ser um alvo ambulante. Aposente sua arma. Afasto-se do primeiro homem que o desafiar.

Ele contraiu os músculos do rosto.

— Não posso.

— Você não pode ou se recusa a mudar?

— Está bem, eu me recuso. Quero primeiro terminar um negócio pendente.

— Em Deadwood — Suzanne balbuciou, mal podendo respirar. — Você está indo para Deadwood a fim de trocar tiros com alguém, não é?

Jack tornou-se introspectivo, levando a mente para um lugar tão distante que ele poderia estar a milhares de milhas dali e não a poucos passos.

— Conte para mim — ela insistiu em tom enérgico.

— O nome dele é Charlie Dawes. Faz três anos que o venho rastreando. Quando o encontrar, pretendo meter-lhe uma bala entre os olhos.

— Por quê? Existe uma recompensa pela cabeça dele?

— Que eu saiba, não.

— Então por que você o vem procurando? O que Dawes lhe fez?

Os olhos de Jack tornaram-se tão frios e duros como as colinas de granito do Território de Dakota.

— Para mim? Nada.

Com os punhos cerrados, ele mantinha os braços caídos ao longo do corpo. Não ia estendê-los para abraçar Suzanne. Não tentaria apagar a expressão de desalento que surgia em seus olhos.

Não havia lhe dito nada além da verdade. Charlie Dawes não tinha feito coisa alguma para ele. Rindo às gargalhadas, ficara por perto enquanto um dos companheiros encostava o cano da pistola na cabeça do menino de doze anos que gritava sem parar. Jack tinha caído no chão como uma pedra, mas vivo. Nunca havia descoberto qual dos quatro bandidos metera uma bala na testa de seu pai, ou quantos deles tinham violentado sua mãe antes que ela morresse sufocada com o próprio vômito.

Jack não precisava saber. Os quatro já poderiam se considerar mortos desde o momento em que ele atirara a última pá de terra sobre a sepultura dos pais.

Só faltava Charlie Dawes.

Por um momento, apenas por um, permitiu-se pensar no que poderia acontecer depois de deixar Dawes caído na rua, pronto para o agente funerário. Relanceou o olhar para Suzanne.

Não! Jamais aconteceria. Havia carregado a arma por tanto tempo que não conseguiria mais caminhar sem senti-la no quadril. Mesmo depois de liquidar Dawes, ele continuaria a ser Black Jack Sloan. Homens ainda o procurariam a fim de testar-

lhe a pontaria contra a deles. E mulher alguma haveria de querer viver com um homem que precisava se sentar de costas para a parede. Pelo menos, nenhuma como Suzanne.

Quando ela levantou o queixo e franziu os lábios com aquele ar de desaprovação tão típico seu, ele preparou-se. Calculava estar prestes a ouvir a descrição do próprio caráter feita com o vocabulário apropriado de Suzanne.

— Não acredito em você.

Jack não teria se surpreendido mais se aquela serpente marinha houvesse dado um bote e lhe mordido a perna.

— Em que exatamente você não acredita? Que vou meter uma bala na cabeça de Charlie Dawes? Pois vou, sim.

Ela o fitou com os olhos castanhos tão límpidos que Jack teve de se esforçar para não estremecer.

— Não acredito que você venha rastreando um homem por três anos sem motivo algum. Ele pode não ter lhe causado dano físico, mas obviamente fez mal para alguém de quem você gostava.

Jack sentiu o eriçar dos cabelos na nuca. Em poucos dias, aquela mulher tinha chegado mais perto do que qualquer outra pessoa da ferida que lhe dilacerava o coração e o forçava a prosseguir na busca sem descanso. O fato de Suzanne não acreditar que ele perseguia Charlie Dawes sem razão deveria gratificá-lo. Em vez disso, o deixava nervoso e aflito como um velho que voltava a sonhar.

— Acredite no que quiser — disse em tom ríspido.

— Sem dúvida o farei.

Jack não sabia se era o efeito de sua resposta calma, ou da expressão de seus olhos, ou do uísque bebido mais cedo que o atingia. De repente, sentia-se extenuado e ansioso para se deitar bem encolhido.

— Vou tentar dormir um pouco pelo que resta da noite. Se você pretende partir comigo ao alvorecer, é melhor fazer o mesmo.

Depois de pegar o chapéu e o cinturão com arma da coluna da cama, ele dirigiu-se à cortina que separava os dois aposentos. Um momento depois, a porta rangia ao fechar-se atrás dele.

— Vou partir com você, sim. Sem dúvida alguma — Suzanne disse baixinho.

CAPÍTULO XI

Jack acordou tão mal-humorado quanto um urso cinzento com um dente quebrado. A cabeça latejava como se um ferreiro estivesse dentro dela, martelando na bigorna. Ainda com os olhos fechados, fez uma careta e amaldiçoou a si mesmo por haver desrespeitado o hábito de ingerir apenas um ou dois uísques.

Fragmentos da noite anterior entremeavam-se com o latejar da cabeça. O topo do bar de pinho arranhado. Fumaça azul pairando no salão. O ruído leve de cartas sendo embaralhadas. O rapaz correndo pelo pátio para apertar-lhe a mão. Suzanne...

Ele resmungou e o ferreiro dentro de sua cabeça deu nova pancada na bigorna. Rangendo os dentes, Jack fechou bem os olhos e deixou que a imagem de Suzanne, emaranhada na seda vermelha, dançasse em suas pálpebras.

Ela continuava a dançar quando alguém bateu na porta. Jack abriu os olhos, que pareciam cheios de areia, e gemeu. Viu um cartaz velho e desbotado, pregado no alto da parede. Ele anunciava uma representação especial do melodrama *A Filha do Minerador*, apresentada pela companhia teatral itinerante do professor Jonathan Busbee. Os papéis principais eram interpretados por ele e sua namorada, a srta. Kathleen Rose O'Bannyon. Ele levou alguns segundos para associar Kathleen à dançarina do salão que havia morrido pouco tempo atrás.

— Jack?

Sem fazer barulho, Suzanne abriu a porta. Raios de luz atingiram os olhos dele como punhais. Praguejando, cobriu-os com o braço.

— Mother Featherlegs disse que você tinha sido alojado aqui. Vim ver se ainda está vivo.

Ele contraiu os lábios num esgar.

— Não, morri.

— Ai, meu Pai do céu, ressaca do uísque, não é?

A última coisa que Jack queria naquele momento era simpatia, especialmente da mulher que o tinha atirado no inferno e o deixado lá ardendo nas chamas.

— Você não precisa saber o que estou sentindo agora — reclamou ele.

— Bem, lamento que você não esteja em forma, mas já são sete e tanto. Não disse que pretendia partir ao alvorecer?

— Irei embora quando estiver pronto. Suma daqui.

— Já mandei encilhar nossas montarias que estão nos esperando no pátio, mas precisamos conversar sobre...

— Suma daqui — ele repetiu.

— Pelo amor de Deus! Pare de falar comigo nesse tom ríspido. É muito desagradável.

Jack afastou o braço do rosto e levantou-se. Enquanto esperava que o quarto parasse de rodopiar, teve consciência do aspecto da moça perto da porta. Ela estava bem diferente da senhorita delicada e elegante que vira ao embarcar na diligência.

Suzanne exibia uma trança grossa dos cabelos, caída por um dos ombros, e alguns caracóis soltos em volta do rosto de maneira sedutora. A saia e o casaquinho azul-marinho continuavam os mesmos, embora amarfanhados. As botinhas finas tinham sido substituídas pelas botas pretas e grandes, arranjadas na Estação Ten Mile. E ela agora usava uma blusa de algodãozinho mais confortável do que a outra de gola alta. O chapeuzinho tinha desaparecido para dar lugar a outro enorme, disforme, de feltro cinza e aba larga. No braço, ela carregava um tipo de guarda-pó de oleado como os que os vaqueiros usavam para se proteger do vento e da chuva.

Suzanne devia ter comprado aqueles itens diferentes com uma de suas malditas promissórias, Jack concluiu mal-humorado. Se continuasse assim, ela deixaria um rastro dos tais papéis da Estação Ten Mile até o rio Cheyenne.

No tom paciente de uma mãe falando com o filho rebelde, ela disse:

— Se você já acabou de resmungar, precisamos acertar umas questões.

— Tudo que quero neste momento é me lavar e, depois, ir comer qualquer coisa.

Ela não conseguiu reprimir um suspiro.

— Muito bem. Vou deixá-lo para se aprontar. Enquanto isso, peço a Mother Featherlegs para providenciar algum alimento para você. Ficarei esperando no salão.

— Vai ter de esperar até que um burro voe — Jack resmungou, mas a porta já tinha se fechado.

Só depois de ter se lavado, calçado as botas e afivelado o cinturão com a arma, ele admitiu a verdade. Não estava em condições de enfrentar Suzanne. Especialmente com a cabeça latejando de dor, o estômago roncando de fome e a lembrança de seus seios macios ainda queimando-lhe a palma das mãos.

Ele deveria tê-la possuído, refletiu ferozmente. Na véspera à noite, quando ela estava tão excitada e ansiosa, ele deveria ter ignorado aquela tolice de prestações, além das próprias suspeitas sobre o desfecho do jogo, e a possuído.

Talvez isso tivesse aberto os olhos de Suzanne ou, pelo menos, os livrado de algumas das noções tolas que enchiam a cabeça dela.

Diabo, ele a tinha avisado. Mais de uma vez. Na véspera havia explicado com a maior clareza quem ele era, como vivia. Suzanne não podia querê-lo. Não do fundo do coração. Impossível.

E ele não permitiria.

Pensativa, Suzanne observou o homem que entrava pela porta do salão. Ele exibia o olhar de um cavalo com a boca machucada, o freio entre os dentes e pronto para investir. E o fazia à mínima provocação.

— Mother Featherlegs arrumou um prato com pãozinhos e fatias de carne fria. Está ali naquela mesa — disse ela apontando. — Matt e eu já nos alimentamos. Aliás, ele quase já terminou de carregar tudo.

Jack tinha se sentado e pegado um pãozinho, mas parou com ele no ar.

— Carregar tudo?

— Os pertences de Ying Li.

— Diabo! Ela vai conosco?

— Sim, claro. Você não se lembra? Conversamos sobre isso ontem à noite.

— Falamos sobre muitas coisas ontem à noite, mas a maioria não merece ser repetida.

Ele estava louco para brigar, Suzanne percebeu. Tanto quanto ela, continuava tenso por causa das peripécias na cama de Mother Featherlegs. Ele tinha gastado tempo para se barbear e estava com uma camisa preta e limpa, provavelmente comprada de um dos fregueses do salão. A navalha devia ter sido emprestada. Os cabelos molhados brilhavam. Com os olhos vermelhos e expressão carrancuda, Jack dava a impressão de ser um sujeito malvado e perigoso demais para alguém, com um mínimo de juízo, provocar.

Tal reflexão instigou Suzanne a fazê-lo. De propósito, assumiu sua atitude mais afetada, sabendo quanto ela o irritaria.

— Quer que eu vá verificar se Mother Featherlegs tem amoníaco em pó? O médico do posto costuma dissolver um pouco dele em água e duas colheres de sopa de qualquer bebida alcoólica para dar aos soldados. Geralmente a mistura os cura da ressaca.

Eles passavam mal no início, claro, mas depois de esvaziar o estômago, ficavam aptos para encarar o dever.

Sloan devia ter experimentado um remédio semelhante e tão drástico no

passado. Dirigindo-lhe um olhar furioso, agradeceu pela sugestão em termos bem pouco civilizados.

Suzanne o deixou tomando uma caneca de café forte e foi para o pátio. Atrás dos escombros da estação queimada, os rochedos vermelhos erguiam-se contra o céu acinzentado. O ar da manhã cheirava a chuva e, felizmente, o calor terrível da véspera tinha passado. Apreciando a maneira como a brisa agitava os caracóis em volta de seu rosto, ela dirigiu a atenção aos companheiros de viagem.

Matt, após a noite de libertinagem, estava com a aparência pior do que a de Jack, ela notou. Com os olhos vermelhos e pele esverdeada, ele amarrava as cordas que prendiam a trouxa dos poucos pertences de Ying Li à sela da montaria dele. A chinesa estava sentada no degrau do terraço, com os braços cruzados e as mãos enfiadas nas mangas da blusa. Impassível, ela observava o progresso de Matt. Nada em sua expressão indicava o menor entusiasmo pela mudança de sua situação.

— Vou buscar mais um cobertor de montaria e dobrá-lo para você se acomodar melhor na garupa e poder segurar em mim — ele lhe disse.

— Tudo igual...

— Já sei, já sei. Não importa.

Resmungando, ele afastou-se. Suzanne percebeu que os jovens namorados já estavam tendo dificuldades. Juntou bem a saia atrás das pernas e sentou-se ao lado de Ying Li.

— Sinto muito não ter conseguido convencer Mother Featherlegs a se separar da cama que comprou de seu pai.

Observou o rosto largo e achatado da chinesa. Foi impossível não sentir piedade pela infância perdida dela e pelo futuro incerto.

— Você tem certeza de que quer ir embora conosco? Eu poderia dar um jeito de mandá-la de volta para sua família.

— Matt Butts diz que aonde ele vai Ying Li vai junto sempre.

— Entendo.

Ela dirigiu um olhar espantado para Suzanne.

— Entende? Ying Li, não. Matt Butts diz que rosto de Ying Li dá vergonha como a lamparina. Se Ying Li dá vergonha para que ir sempre junto?

— Tenho certeza que... Ah!

Suzanne lembrou-se de sua tentativa de ensinar Matt a cortejar. Obviamente, ele tinha usado as palavras de *Romeu e Julieta* para Ying Li.

Pobre Becky.

— Eu acho que ele estava citando Shakespeare para você. Queria apenas elogiá-la, dizer como você é linda.

— Ying Li? Linda? — Ela riu com ar triste. — Bêbado, Matt Butts só queria dança do dragão.

— Sei, mas ele não está bêbado agora de manhã.

— Matt Butts gosta de dança do dragão. Ontem à noite, agora de manhã, tudo igual — a moça disse com simplicidade.

E isso, Suzanne refletiu pesarosa, resumia a situação com precisão arrasadora. Além de ter descoberto os prazeres da carne, Matt, instigado pela noção exagerada de cavalheirismo, parecia propenso a prolongar o encontro amoroso com Ying Li num compromisso pela vida afora.

Por um momento, ela quase sentiu inveja. Uma noite na cama, apenas uma, para a moça chinesa fazer uma conquista. Suzanne ainda não havia conseguido forçar Jack a admitir que ela lhe provocava mais do que... Como ele tinha se expressado? O que provocavam um no outro podia ser comparado a uma irritação que bastava ser aplacada.

Certamente ele havia se esforçado ao máximo para reduzir as emoções que os dominavam a termos grosseiros e vulgares, refletiu, tristonha. Na véspera à noite, ele a tinha enfurecido. Naquela manhã, ela podia admitir livremente que seus sentimentos por Black Jack Sloan *eram* grosseiros. E vulgares. E tão louca e gloriosamente excitantes que ela estava determinada a ver aonde eles a levariam.

Não apenas a uma noitada entre os lençóis. A carência aguda e profunda exigia mais do que isso. Com todas as partículas de sua feminilidade, Suzanne precisava de algo mais. *Queria* muito mais.

Jack Sloan ainda não sabia, mas os dias dele de pistoleiro estavam contados.

Suzanne não tinha certeza de quando decidira isso. Em algum momento entre o primeiro beijo abrasador e o instante em que havia pegado as cartas para embaralhar, calculou. Sabia exatamente o que estava fazendo ao aceitar a aposta e, então, ao propor pagar os juros a prestações.

Uma expressão que sua família reconheceria imediatamente estampou-se em suas feições. *Obstinação*, a mãe a qualificava. Mas o irmão, Sam, sem se importar em provocá-la, a chamava de *cabeça-dura*. Suzanne apoiou o queixo nas mãos cruzadas e, pensativa, fixou o olhar nos escombros queimados da estação do outro lado da estrada.

Levaria algum tempo para convencer Jack a aposentar o revólver. A noite, ele tinha deixado bem claras suas intenções. Também havia explicado que tinha um

negócio pendente em Deadwood. Negócio sério, já que alguém ia morrer. Ou o tal Charlie Dawes, que ele mencionara, ou o próprio Jack.

Um arrepio percorreu a espinha de Suzanne. Se seu negócio não fosse tão urgente, ela... ela...

Faria o quê? Iria a Deadwood com Jack? Para se colocar entre ele e a presa que vinha rastreando havia três anos?

Suzanne não era ingênua. Sabia que certos homens, de tão cruéis, mereciam a força ou o pelotão de fuzilamento. Pelo pouco que Jack deixara escapar, ela suspeitava que esse Charlie Dawes fosse um dos tais sujeitos. O fato de não ter certeza a perturbava e a fazia dar-se conta de quão pouco conhecia o caçador que rastreava Dawes.

— Onde está o rapaz?

A voz ríspida fez Suzanne e Ying Li erguer a cabeça. Em pé e com os olhos semicerrados contra a claridade, Jack parecia um gigante perigoso perto delas, sentadas.

— Matt foi buscar um cobertor de montaria para Ying Li sentar na garupa da montaria dele — Suzanne respondeu.

— Diabo, ele mal consegue se manter na sela!

— Eu sei, mas...

Os olhos vermelhos dele focalizaram Ying Li e voltaram a se fixar em Suzanne.

— Não vou cavalgar devagar. Se um dos dois cair do cavalo, terá de montar de novo e me alcançar. Eles não são responsabilidade minha.

— Eu sei.

— Você também não é.

— Eu sei — ela repetiu.

Não havia mais nada que ligasse um ao outro a não ser as chamadas que se provocavam mutuamente.

— Idiota desgraçado.

Pisando duro, Jack afastou-se. Suzanne conjecturou se ele se referia a Matt ou a si próprio.

Causou surpresa o fato de Matt e Ying Li não sofrerem uma queda da montaria. E o mais incrível foi conseguirem manter a marcha, embora Jack se visse forçado, algumas vezes, a cavalgar mais devagar. Naturalmente, isso só servia para

incrementar o mau humor dele.

Pelo fim da manhã, as campinas ondulantes, cobertas pelo capinzal, tinham ficado para trás. A frente, erguiam-se as Black Hills do Território de Dakota. Era fácil ver de onde vinha o nome das colinas. Mantos escuros de sempre-verdes cobriam as encostas e enchiam o ar com o cheiro de resina e de vegetação em estado de decomposição.

Umas poucas horas adiante de Rawhide Buttes, a estrada se bifurcava. O lado esquerdo ziguezagueava para o norte, através de colinas cobertas de árvores, rumo a Cold Spring e, depois, para Deadwood Gulch. O da direita seguia mais para o leste, atravessando prados viçosos, sombreados por altos picos de granito, rumo a Fort Meade e às Dakota Badlands mais adiante.

Jack ignorou a placa pintada a mão que apontava para Cold Springs, e, carrancudo, tomou a direita. Sensatamente, Suzanne não fez comentário algum. O desvio para Fort Meade causaria meio dia de atraso na viagem dele. Seria preciso cavalgar várias horas a mais a fim de retomar a estrada para Deadwood. Umas cinco ou seis no mínimo, se o tempo cooperasse.

Nuvens tinham se empilhado em camadas cinzentas, mas a chuva não caía e a cavalgada prosseguia com facilidade. Para todos os lados que Suzanne olhava, ela via manchas de cores variadas. Eupatórios com cachos de flores cor-de-rosa na ponta de hastes roxas; prímulas brancas e cor-de-rosa balançavam ao vento como lenços de seda entre a relva viçosa; indigueiros de um azul tão vivo que as flores pareciam contas de lápis-lazúli.

De vez em quando, avistavam uma espiral de fumaça na distância ou passavam por uma cabana isolada. Duas vezes trocaram saudações com viajantes que seguiam para o sul. Mas, durante grande parte do tempo, eles tinham as colinas, os prados e pequenas lagoas lindas só para si.

Ao observar o reflexo dos picos na superfície das lagoas, Suzanne encantava-se com a beleza das Black Hills. Naturalmente as estava vendo na melhor época do ano. No inverno, segundo Bright Water, rajadas de ventos uivavam pelos desfiladeiros. Ganhavam fúria a cada curva estreita e, então, atingiam a reserva na margem do rio Cheyenne. Como mensageiros do inferno, sopravam neve quase até o topo das tendas.

Os tais ventos poderiam começar a qualquer momento, Suzanne sabia. O inverno, muitas vezes, chegava inesperadamente. A tribo de Bright Water já devia estar a caminho do Oeste na esperança de alcançar a Reserva Shoshone antes da primeira nevasca. Ou talvez ainda estivessem aproveitando as últimas semanas de tempo bom para caçar e defumar a carne antes de iniciar a longa jornada. Por Deus, ela esperava que sim.

Vários sentimentos diferentes a perturbavam. A vontade de encontrar

Bright Water, de fazer a última tentativa para convencê-la a transpor a brecha que separava os povos de ambas, a preocupação com Jack e o desfecho do negócio dele em Deadwood. E também havia Matt e Ying Li. Apesar de sua afirmativa sobre o rapaz ter idade suficiente para tomar as próprias decisões, Suzanne não tinha certeza se ele havia tomado a mais acertada em relação à chinesa.

Ele parecia tão infeliz com aqueles olhos vermelhos e pele esverdeada! Embora conseguisse se manter na sela, as pernas dele fraquejavam cada vez que desmontavam para fazer os cavalos andar. Ao carregar Ying Li da garupa para o chão, num gesto atencioso e de adulto, Matt mal disfarçava uma careta. A moça, por sua vez, praticamente não falava. Respondia perguntas e comentários com um simples dar de ombros. Só quando pararam à beira de uma das lagoas a fim de preparar a refeição do meio-dia, de toicinho defumado e feijão já cozido, também para os cavalos pastar, ela firmou sua posição no grupo. Acocorada perto da fogueira, empunhou a frigideira.

— Ying Li cozinha. Senhorita e sr. Jack dão água para cavalos. Matt Butts senta. Chão duro, sela dura, tudo igual.

— Vou ajudar com os cavalos — ele insistiu. Numa imitação da fala cantada de Ying Li, Suzanne disse com um sorriso:

— Você senta. Chão duro, sela dura, tudo igual.

Seu sorriso ganhou o dia. Reprimindo um gemido, Matt sentou-se com o máximo cuidado. Firmou os cotovelos nos joelhos encolhidos e apoiou a cabeça nas mãos. Ao abrir os olhos de manhã e tentar engolir a saliva pastosa, ele já sentia dores pelo corpo inteiro. As últimas horas tinham acrescentado outras às adquiridas na cavalgada do dia anterior e na última noite.

A última noite.

Abafou novo gemido. O sentimento de culpa o atacava com a ferocidade de uma ave de rapina bicando-lhe os olhos. Culpa e uma excitação imediata. No mesmo instante, sentiu a ereção.

Ergueu a cabeça e, pelo canto dos olhos, espiou Ying Li. Ainda não podia acreditar que ele... ela... eles...

O suor porejou em sua testa. Era um pecador. Um fornicador. A mãe morreria de vergonha se soubesse o que o filho caçula tinha feito na véspera à noite. E tornaria a morrer se descobrisse quanto ele desejava fazer tudo novamente. E mais outra vez. Sentia-se incendiar só de pensar nisso.

Ele tinha de encontrar um pastor o mais depressa possível. Não estava certo fazer essas coisas com Ying Li, mesmo sendo ela dançarina. Não, nem dançarina, apenas uma rameira.

Estremeceu ao pensar em levá-la para casa e apresentá-la aos pais. Pior ainda, para Becky. Então, lembrou-se de que não ia voltar para casa. Pretendia ir para San Francisco, ou para qualquer outro lugar que lhe desse vontade, tão logo enriquecesse nas minas de ouro.

Levaria Ying Li com ele. Primeiro, encontraria um pastor para casá-los. Então, iriam em busca da fortuna. Ela poderia ajudá-lo a garimpar. Quando já tivessem um saco de ouro, ele lhe compraria roupas novas. Umas que não fossem grandes demais para seu corpo como a blusa de algodãozinho encardido e a saia de tecido ordinário. Compraria também sapatos para que ela não cambaleasse o tempo todo como se estivesse prestes a cair.

Embaraçado pelo desejo persistente por aquela mulher, Matt levantou-se e disse:

— Olhe, deixe-me fritar o toicinho defumado.

— Matt Butts senta. Ying Li cozinha.

— Você deve estar tão dolorida quanto eu. Sente-se e eu termino de fritar isso aí — ele determinou em tom ríspido.

Ela o fitou como se estivesse perplexa com a idéia de descansar enquanto um homem fazia o serviço de uma mulher. Então, deu de ombros e sentou-se.

CAPÍTULO XII

— Pelo jeito, você perdeu seu admirador.

O comentário em tom desdenhoso fez Suzanne erguer a cabeça. Parou de desencilhar a montaria e seguiu o olhar de Jack para o casal a uns passos de distância.

— Parece que perdi, sim — concordou.

Ying Li, com as mãos enfiadas nas mangas da blusa, tinha se sentado numa das pedras à beira da lagoa. Matt, acorado ao lado da fogueira, fritava o toicinho defumado. Ele não tinha levado muito tempo para aliviar a chinesa do trabalho de cozinheira, Suzanne percebeu. Sem dúvida, ele era uma criatura boa. Talvez boa demais.

Os dois apresentavam um contraste muito grande, ela refletiu. Ying Li com a longa trança negra caída sobre um dos ombros, e Matt com a cabeleira loira e desgrenhada. Ele era quase o dobro do tamanho da chinesa, tão grande e

desajeitado quanto ela era pequenina e delicada. Naturalmente as diferenças iam além das físicas. Eles vinham de mundos desiguais e encaravam a vida de maneiras opostas.

Como Jack e ela.

Seu olhar desviou-se para o pistoleiro. Curvado, ele examinava uma das ferraduras do ruão comprado da companhia Express. Os ombros dele forçavam as costuras da camisa preta. O colete de couro modelava-lhe as costas e as costelas. Se ignorasse o revólver no coldre do cinturão, talvez ela o visse como qualquer outro vaqueiro, cuidando da montaria.

Suzanne deu um tapinha na sua e levou-a, por entre as pedras, até a beira da lagoa para pastar. A água estava límpida como vidro, sem a mínima ondulação para distorcer a superfície. Por um momento, ela imaginou-se suspensa sobre uma região baixa. Nuvens cinzentas, impelidas pelo vento, e pinheiros altíssimos acima refletiam-se com perfeição nas águas abaixo.

Ouviram-se o ruído de botas nas pedras e a imagem de Jack juntou-se à sua no espelho da água. Como Suzanne, ele parecia pairar entre a terra e o céu. Ela foi tomada pela vontade ridícula de que pudessem, apenas os dois, permanecer suspensos na quietude dos pinheiros antigos. Sem Matt e Ying Li. Livres das preocupações com Bright Water e do que aconteceria a Jack quando ele encontrasse o homem a quem procurava. Só por uns poucos dias. Até mesmo por umas horas.

Então, Jack abaixou-se para lavar as mãos e a imagem deles desapareceu na agitação da água. Suspirando, Suzanne também abaixou-se e mergulhou as mãos na água fria. Depois de enxugá-las nas dobras da saia, sentou-se numa pedra. Viu Jack atirar um pedregulho que ricocheteou três vezes antes de afundar na lagoa. Em todas, provocou ondulações circulares ao redor do lugar em que tocava a água.

— Estou impressionada. É uma arte fazer uma pedra ricochetear. Pelo menos, é o que meu irmão Sam garante. Nunca fui capaz disso — ela comentou.

— Tudo depende da maneira de se virar o pulso.

— É o que Sam afirma.

Jack atirou outra que ricocheteou quatro vezes.

— Quantos anos tem seu irmão?

— Acabou de completar nove.

— Isso explica certas coisas.

— Quais?

— Estive pensando nos homens de sua família. Achei estranho que eles a

deixassem viajar sozinha por esta região de índios e de criminosos.

— Sem dúvida meu padrasto não teria permitido caso estivesse em casa — ela admitiu. — Minha mãe tentou me convencer a esperar que ele terminasse a patrulha e voltasse, mas a situação era urgentíssima.

— Tanto assim?

— Você sabia que o Departamento de Assuntos Indígenas resolveu mudar a tribo dos Arapaho do Norte da reserva deles nas margens do rio White?

Jack apoiou um dos pés na pedra ao lado da sua e cruzou as mãos em volta do joelho dobrado.

— Não, eu não sabia. Para onde os mandaram?

— Para a reserva do rio Powder.

— Lá no Território de Montana? Essa região é dos Shoshone.

— Eu sei.

— Com todos os diabos, por que o departamento força velhos inimigos a ocupar a mesma reserva? Já tentaram isso uma vez, em 1869, e não deu certo.

— Não entendo muito bem as razões políticas envolvidas nisso, sei apenas que a delegação territorial de Dakota convenceu o congresso e o presidente de que os Arapaho tinham de ser mudados ou continuariam a representar uma ameaça aos mineradores e colonos.

— Acho mais provável que a delegação tenha ouvido falar na descoberta de ouro na região do rio White e queria os Arapaho fora do caminho — Jack comentou com ceticismo.

— Talvez você tenha razão. Tudo que sei com certeza é que muitos da tribo já iniciaram a viagem para o Oeste. Os poucos que ficaram pretendem partir antes da primeira nevasca.

— Você ainda não me contou por que está interessada na tribo Arapaho.

— Tentei lá na Estação Ten Mile, mas você não estava com disposição para me ouvir — ela respondeu.

— Sou todo ouvidos agora.

— Tenho uma amiga na região do rio White, que conheço desde a infância. O pai dela era batedor do exército. Naquela época, éramos tão chegadas quanto irmãs.

Seu olhar desviou-se para o reflexo das nuvens cinzentas na superfície da lagoa. Lembranças das horas passadas ao lado da amiga encheram-lhe a mente. Tempos felizes, aqueles. Então, tropeiros embriagados tinham violentado e matado

a mãe de Bright Water e o próprio pai de Suzanne morrera enquanto a salvava de ser seqüestrada.

— Eu a conhecia como Little Hen quando éramos crianças. Depois de moça, ela escolheu o nome de Bright Water. Então, a mãe foi assassinada e ela foi morar com o povo de seu pai. Nós nos visitávamos com frequência e mantivemos correspondência durante os dois anos que passei na escola no Leste. Simplesmente não posso deixar que ela desapareça na reserva do rio Powder.

— Em minha opinião, cabe a ela decidir isso, e não a você.

A mãe de Suzanne tinha afirmado a mesma coisa. Aliás, de maneira enfática.

— Você ignora certos detalhes. Bright Water é curandeira e conhece a fundo os remédios de seu povo. Ela passou horas incontáveis ao lado de médicos do exército, designados para tratar de várias tribos. Com tal conhecimento e treinamento adequado, ela poderá ser de grande utilidade para a medicina. Mostrei algumas de suas cartas a um médico de Filadélfia e ele sugeriu que eu a mandasse para lá a fim de estudar com ele.

— Pois sim! Você quer dizer que infernizou o homem até ele concordar com seu esquema, não é?

— Por que você acha que a idéia foi minha?

— Estou cavalgando a seu lado há três dias, Suzanne. Já descobri algumas de suas maneiras de agir.

Tudo bem, ela admitiu para si mesma. *Havia* infernizado o médico sem piedade até que ele, aos gritos, lhe dissesse para mandar a tal índia para o Leste. Jack Prendergast era um tanto ríspido, ela refletiu, não muito diferente deste outro Jack, e também com uma nuvem obscurecendo em algum ponto do passado. As Senhoritas Merriweather jamais falavam sobre isso, mas nenhuma das duas negava que Prendergast era o melhor médico da cidade.

— O caso é que você é tão inflexível quanto essa pedra em que está sentada. E teimosa demais para seu próprio bem ou de qualquer outra pessoa — Jack afirmou com franqueza rude. — Duvido que você tenha dado dois minutos de paz a esse médico até que ele concordasse com seu plano louco.

— Não diga!

— Digo, sim. Aposto como ele é um dos muitos de uma longa fileira de homens que gostariam de pô-la sobre os joelhos e dar umas boas palmadas.

— Tenho certeza de que alguns alimentaram tal idéia — ela admitiu com um sorriso cândido e, em seguida, bateu no bolso da saia. — Talvez minha pequena pistola os tenha convencido de quanto seria insensato tentar.

— Você sabe atirar bem com ela?

— Não tanto quanto você com seu revólver, mas geralmente acerto no alvo.

— Naquele dia, logo depois do assalto, quando encostou o cano da pistola em minhas costelas, você teria apertado o gatilho?

— Teria.

Ele a observou por longos momentos e depois balançou a cabeça vagarosamente.

— Você não acredita em mim? — Suzanne perguntou.

— Claro que sim. Mas de jeito nenhum consigo entendê-la. Num dia, num acesso de raiva, você se mostrou disposta a meter uma bala em meus pulmões. No seguinte, blefou num jogo de cartas e me convidou para sua cama.

O rubor espalhou-se no rosto dela.

— Você não tem certeza se blefei ou não.

— Sim ou não?

Ela se manteve calada.

— E então, Suzanne?

— Você é como um coioote faminto com uma galinha — ela reclamou, exasperada. — Diga uma coisa, Jack. Você pretende mesmo me acompanhar até Fort Meade e voltar para a estrada de Deadwood sem fazer uma tentativa de receber o que lhe devo de juros?

— Pretendo, sim.

— Oh!

Ela afastou-se, deixando-o a jogar mais pedrinhas na água. De longe, notou com satisfação que quase todas ricocheteavam só uma vez antes de afundar.

Pelo meio da tarde, a chuva despençou. Suzanne vestiu o guarda-pó de oleado, comprado de um dos fregueses de Mother Featherlegs com uma de suas promissórias. Mas a chuva fustigava-lhe o rosto, e a água acumulada na aba do chapéu escorria atrás pelo pescoço. O pequeno grupo foi forçado a se abrigar sob umas árvores até que o aguaceiro inclemente passasse finalmente. A essa altura, a estrada tinha se transformado num lamaçal que os obrigou a retomar a marcha bem mais devagar.

Depois de mais uma hora a passo lento, ouviram o barulho distante de bridas e rédeas, acompanhado pelo tropel de montadas na estrada atrás deles. A primeira idéia de Suzanne foi tratar-se de uma tropa do exército, possivelmente vindo

procurá-la. O padraço já devia ter voltado da patrulha e sido informado do assalto à diligência. Talvez ele tivesse telegrafado ao comandante de Fort Meade, pedindo que este enviasse um pelotão para protegê-la.

Mas um pelotão saído do forte viria em sentido contrário ao deles e não da retaguarda. Várias outras possibilidades surgiram-lhe na mente, nem todas tranquilizadoras. Ela não precisou do aviso de Jack para virar a montaria para fora da estrada e rumar para um bosque denso de pinheiros. Matt a seguiu com Ying Li agarrada a ele como um gatinho molhado. Jack desmontou e arrastou galhos caídos para disfarçar o capim amassado pelos cavalos na beira da estrada. Ele mal tinha voltado para detrás dos troncos grossos dos pinheiros e tornado a montar quando os cavaleiros surgiram na curva da estrada.

Jack foi o primeiro a identificá-los. Com uma praga abafada, ele afastou a ponta do cobertor da sela com a qual tinha protegido o revólver da chuva.

— Quem são?

Um instante depois de murmurar a indagação, Suzanne obteve a resposta. Mesmo que não reconhecesse o farto bigode preto e a compleição morena do líder, seria impossível enganar-se com o narigão.

— Big Nose Parrott! — Matt exclamou baixinho.

— Em carne e osso — Jack confirmou em tom sinistro.

— Por que ele vai a Fort Meade? Deve saber que os soldados atirarão nele assim que o avistarem.

— Com certeza ele vai se desviar para o leste e seguir nessa direção até alcançar as Badlands. Dizem que o esconderijo dele é por lá.

Suzanne sabia que o bandido podia se esconder para sempre entre os desfiladeiros tortuosos e ravinas secas que formavam as Badlands do Território de Dakota. Seu pulso disparou ao ver os assaltantes da diligência galopar em direção a eles.

— Sem dúvida estão com muita pressa de chegar ao esconderijo — ela murmurou.

— Pressa demais — Jack disse, semicerrando os olhos.

— Você acha que alguém está no encalço deles?

— Pode ser. É melhor ficarmos aqui por enquanto, até sabermos com certeza.

Os criminosos mantinham-se curvados e colados às selas. A lama espirrou das patas dos cavalos quando passaram ao largo do bosque. Suzanne acabava de suspirar de alívio no momento em que um deles puxou as rédeas, forçando a montaria a parar. Ela o reconheceu do assalto. Era aquele com bandoleiras a tiracolo

e chapéu de aba larga e enfeites de prata.

Os outros também pararam e formaram um círculo enquanto ele desmontava e retrocedia vários passos. Abaixando-se, examinou as marcas na lama. Depois de uns dois minutos, levantou-se e balançou a cabeça.

Jack tornou a praguejar.

— Não estão sendo perseguidos e sim rastreando alguém ou alguma coisa.

— Nós? — Matt indagou, apavorado.

— Sei tanto quanto você, rapaz.

Tornando a montar, o bandido voltou para perto do grupo. Então, apontou para a estrada enquanto a observava com cuidado. Big Nose virou-se na sela a fim de olhar para trás. Em seguida, disse alguma coisa para os outros. Bem devagar, o grupo começou a retroceder por onde tinham vindo.

O estômago de Suzanne contraiu-se. Os assaltantes não levariam muito tempo para descobrir o ponto onde tinham deixado a estrada. As patas de seus cavalos haviam feito marcas profundas demais na terra enlameada para Jack disfarçá-las completamente.

— Devemos tentar fugir? — ela indagou baixinho.

Por sobre o ombro, ele olhou para o aclave coberto por pinheiros atrás dele, e então para o casal no cavalo cinzento.

Suzanne adivinhou o que ele estava pensando antes de vê-lo fazer um sinal negativo com a cabeça. Matt e Ying Li não sabiam cavalgar bem o suficiente para vencer a subida íngreme sem cair da sela. Pela mesma razão, não poderiam sair do esconderijo e tentar cavalgar mais depressa do que os criminosos.

Sobravam duas opções. Deixar que o grupo de Big Nose os encontrasse e não reagir ou aprofundar-se mais no bosque e recebê-lo a tiros. Com sua pequena pistola de dois canos e o revólver de seis tiros de Jack contra oito ou nove homens bem-armados, as duas opções reduziam-se a uma.

— O que você propõe? — ela indagou num sussurro. — Devemos esperar que eles encontrem o rastro dos cavalos ou sair já daqui?

— Proponho que vocês três continuem escondidos, mantenham a boca fechada e deixem que eu resolva a situação com eles.

Relanceou o olhar dela para Ying Li e endureceu-o ao encarar Matt.

— Entendeu bem, rapaz? Deixe que eu resolva a situação.

Matt concordou com um gesto de cabeça, mas não disfarçou a preocupação.

Big Nose e o bando dele não tinham dado a mínima indicação de querer molestar Suzanne durante o assalto, Jack refletiu. Mas naquele dia, não haviam tido tempo de revelar as intenções antes de o tiroteio começar e os cavalos da diligência, assustados, disparar pela estrada. Quem poderia saber o que lhe fariam agora? Ou à moça chinesa? Que riscos Matt teria coragem de correr caso se sentisse obrigado a proteger as duas?

E quais ele próprio estava disposto a enfrentar? Havia atirado Suzanne na terra e protegido o corpo dela com o seu no primeiro encontro com Big Nose e seu bando. O que planejava desta vez?

Ao observar-lhe a expressão, Suzanne foi acometida por uma sensação terrível.

— Você não vai fazer nenhuma bobagem, não é? Como enfrentar o bando sozinho? Jack, você não vai...

— Quieta!

Dominando o medo que sentia pela segurança do homem a seu lado, ela espiou pelas frestas da vegetação. Big Nose e os outros já tinham retrocedido quase até o ponto onde os cavalos haviam entrado no bosque. Suzanne prendeu a respiração, rezando para que eles não notassem as folhas e o capim amassados. Mas sabia ser impossível.

Quando o bandido com bandoleiras a tiracolo tornou a desmontar e deu pontapés nos galhos espalhados por Jack, a sensação terrível de Suzanne aumentou tanto que seu estômago contraiu-se num nó dolorido.

— Aqui! — ele gritou para os outros. — Eles se embrenharam na mata por aqui.

Voltando a espiar pelas frestas da vegetação, Suzanne viu os homens sacar pistolas e espingardas. Sua mão escorregou para o bolso da saia.

— Fique aqui — Jack ordenou em tom autoritário. — Não vá para a estrada a menos que eu a chame.

— Muito bem, rapazes, vamos atrás deles — Big Nose determinou. — Alejandro, você e Pete sigam pela esquerda. Eu e Curly...

Calou-se e virou-se na sela ao ouvir um galho estalar. Quando o enorme ruído saiu de entre as árvores, todos os bandidos tinham as armas apontadas para o peito de Jack.

— Com todos os diabos, Sloan, você quase ficou com o corpo esburacado.

Exibindo a maior calma, Jack apoiou uma das mãos no arçã da sela enquanto a outra empunhava o revólver com firmeza.

— E você também, Big Nose. Quer fazer o favor de explicar por que estão me seguindo?

— Bem, estamos e não estamos. Trata-se da moça. Queremos pegá-la e ouvimos falar que ela cavalgava em sua companhia.

— Onde ouviram isso?

— Curly aqui, depois do assalto à diligência, resolveu passar uns tempos lá por Custer City — Big Nose explicou. — Pelo telégrafo chegou a notícia de que você e a srta. Bonneau tinham caminhado de volta até a Estação Ten Mile. Então, Curly foi me procurar com essa informação. Até chegarmos lá, vocês já tinham partido. Começamos a rastreá-los e aqui estamos nós para pegar a moça.

— Por quê? Vocês ficaram com a bolsa e a bagagem dela. O que mais querem com a srta. Bonneau?

— Bem, o caso é este. O assalto não rendeu muito. Não havia mais de quinhentos dólares no cofre da diligência e bem menos nas carteiras dos passageiros. A moça vale, pelo menos, isso. Mais, acredito. Pelo que calculo, o coronel Garrett pagará bastante para pegá-la de volta.

— Garrett? Andrew Garrett?

— Diabo, homem, você não sabia que saiu por aí com a filha do soldado mais malvado e inflexível do exército?!

Satisfeito por surpreender Sloan com tal informação, Big Nose encompridou-a com prazer.

— Anos atrás, foi Garrett quem perseguiu Spotted Tail. Levou o chefe indígena e um bando de seus guerreiros acorrentados até Fort Laramie. Conseguiu acabar com a vontade de lutar dos Ogalalla Sioux durante o último ataque a eles.

Suzanne poderia esclarecer que não fora assim que tudo tinha acontecido. Mas *era* verdade que o padraсто havia convencido o chefe Spotted Tail a fazer um acordo de paz contra todas as desvantagens. Como resultado, o coronel tinha atraído a simpatia da imprensa do Leste, e sua reputação como combatente de índios e de habitante corajoso do agreste crescera em proporções gigantescas.

Parrott, obviamente, confiava na palavra escrita. Em tom animado, avisou:

— Caso você tenha seduzido a filha de Garrett, ele vai pendurá-lo pelos pés, cortar fora seu fígado e comê-lo cru com você vendo tudo o tempo inteiro.

— Ele fará a mesma coisa para quem a seqüestrar e a mantiver presa contra sua vontade — Jack argumentou.

— Diabo, não vamos fazer nenhum mal à moça, a menos que sejamos forçados. Só vamos levá-la a Badlands com a gente e ficar com ela até que o pai resolva pagar

o dinheiro do resgate. — O tom afável desapareceu da voz de Big Nose. — Diga para ela, Sloan, para sair lá do meio das árvores. Se ela não obedecer, nós vamos buscá-la.

CAPÍTULO XIII

Suzanne não ia esperar que Jack a chamasse. Não se atrevia a tanto. Até o momento, Parrott não tinha mencionado Matt e Ying Li. Talvez ignorasse que eles estivessem ali. Ou podia ser que não se importasse com eles. Contudo, não seria bom arriscar.

— Fiquem aqui — ela ordenou baixinho. — Caso consigam escapar e chegar a Fort Meade, procure o comandante imediatamente, Matt, e conte-lhe o que aconteceu.

— Sloan afirmou que controlaria a situação — ele sussurrou numa voz apavorada.

— E a mim que eles querem. Matarão Jack para vir me pegar.

— Mas...

Ele tentou segurar as rédeas de sua montaria, porém Suzanne foi mais rápida e as desviou do alcance dele. Calcou os calcanhares nas ilhargas do animal enquanto gritava um aviso:

— Estou indo!

Curvada sobre a sela a fim de não bater nos galhos mais baixos, saiu do bosque. Depois de atravessar o capinzal ao lado da estrada e parar ao lado de Jack, estremeceu ao ver-lhe o olhar gélido. A expressão atravessou seu corpo até os ossos.

Ouviria uma repreensão por sua audácia. Mais tarde, claro. No momento, sua grande preocupação era levar Big Nose e seu bando para longe de Matt e Ying Li.

— Ouvi o que o senhor disse — ela avisou o bandido.

— Sobre mantê-la presa a fim de receber o resgate?

Ela respondeu com um desdenhoso gesto afirmativo de cabeça.

— O senhor sabe, naturalmente, que se persistir com esse esquema absurdo, o coronel o cortará em pedacinhos que dará aos abutres.

Big Nose sorriu.

— Ele terá de me pegar primeiro, senhorita. Cada homem da lei e cada soldado de três territórios vêm tentando encontrar George Parrott há mais de dez anos. Ninguém jamais me pegou.

— O senhor ainda não teve Andrew Garrett em seu encalço.

— Bem, tive e não tive. Uma vez, ele mandou uma patrulha atrás de mim depois que assaltamos um trem ao sul de Fort Laramie. Escapamos, mas eu e os rapazes acabamos com quatro cavalos ótimos enquanto fugíamos. — Ainda sorrindo, ele a observou da cabeça aos pés. — A senhorita está bem diferente da última vez em que nos encontramos.

— É mesmo?

Seu tom gélido e os lábios apertados surtiram bem mais efeito no bandido do que em Jack. Apressado, Big Nose garantiu-lhe que não tivera a mínima intenção de ser desrespeitoso.

— Se já terminou de comentar minha aparência, sr. Parrott, eu gostaria de encerrar este negócio desagradável e prosseguir minha viagem.

— Por Deus, impressionante sua maneira de falar! Pois muito bem, vamos prosseguir. Alejandro, segure as rédeas da montaria da moça. Não queremos lhe dar a oportunidade de fugir, não é?

Com os joelhos, Jack dirigiu o ruão, colocando-o entre Suzanne e o mexicano.

— Ela não vai a lugar algum sem mim, Parrott.

— Ora, Sloan, tenha santa paciência! A idéia do resgate foi minha. Por que eu deveria repartir o dinheiro com você?

— Porque ela está viajando comigo. A prioridade é minha. — Com a maior naturalidade, Jack destravou o revólver. — E meterei uma bala em qualquer um que pensar de maneira diferente.

Parrott semicerrou os olhos.

— Você não poderá atirar em todos nós. Um de meus homens o acertará também.

— Sem dúvida alguma. Mas quando eu tombar, você cairá comigo, George.

As batidas do coração de Suzanne repercutiam em suas costelas. Aos pouquinhos, o ar escapava de seus pulmões enquanto os segundos se esticavam interminavelmente. Bem devagar, ela largou as rédeas e escorregou os dedos para dentro do bolso, já planejando seu tiro.

Quando Big Nose soltou uma gargalhada e deu de ombros, ela quase chorou de alívio.

— Ainda não estou pronto para levar chumbo, Sloan. Pelo menos não tanto quanto você. Preste atenção... Se você e a moça seguirem conosco de maneira cordata, eu lhe darei uma parte do resgate. Assim, ninguém sairá ferido.

Quando Jack largou o gatilho e o travou, o estalo foi tão alto quanto o estampido de um tiro de espingarda. Ao ver os bandidos obedecer a ordem resmungada de Parrott para enfiar as armas no coldre, Suzanne sentiu toda sua energia esvaír-se. O alívio a deixava tão mole que precisou se segurar no arção da sela a fim de não escorregar para o chão.

— Bem, senhorita, quanto acha que devemos pedir por seu resgate?

— Como assim?

— Preciso mandar dois de meus homens de volta para determinar a quantia e receber o pagamento. Estou pensando em cinco mil.

— Cinco mil dólares?! — Já dona de si, Suzanne ergueu a cabeça. — Obviamente o senhor não faz a mínima idéia de quanto os oficiais do exército recebem no fim do mês.

— Uma vez, eu estava bêbado e me alistei. Só agüentei um pouco mais de um mês e, então, desertei. Mas sei que os oficiais ganham muito mais do que os soldados rasos.

— Não cinco mil dólares a mais.

— Está bem. Então, mil.

— Meus pais não têm essa quantia à disposição — Suzanne mentiu.

— Nesse caso, eles podem ir ao banco e pedir um empréstimo.

O fato absurdo de estar ali na estrada, barganhando com um assaltante o valor de seu resgate, quase lhe provocou um acesso de riso histérico. A muito custo, ela conseguiu se controlar e rebater o argumento de Parrott.

— Para conseguir um empréstimo bancário, uma pessoa precisa oferecer garantias. Terras, rebanho de gado ou algo semelhante. Meu padraсто é militar e não possui nada disso.

A mãe, entretanto, tinha. Depois de passar anos mudando de cá para lá, Júlia Bonneaux Garrett havia insistido em adquirir um respeitável pedaço de terra na região de Cheyenne. Mas a escritura fora passada em seu nome. Big Nose Parrott não precisava saber disso. Aliás, ele dava a impressão de não gostar muito de se inteirar de detalhes aborrecidos. Esticando o queixo para a frente, ele estipulou seu resgate em mil dólares. Em seguida, mandou dois de seus homens com

instruções de obter o dinheiro de Garrett sem, contudo, correr o risco de ir parar na forca.

— Muito bem, rapazes, vamos embora.

— Espere um instante — um sujeito chamado Curly protestou. — E quanto ao rapaz que disseram estar cavalgando com Sloan? Com toda certeza ele continua lá no meio das árvores.

O coração de Suzanne se apertou no peito. Ergueu o queixo e, com esforço, assumiu um tom frio e desdenhoso.

— Se está se referindo ao sr. Butts, ele se separou de nós algumas milhas lá para trás, na bifurcação da estrada. Ele estava com pressa de chegar à região das minas de ouro.

— Acho melhor ir dar uma olhadela lá no meio das árvores — Curly insistiu.

Suzanne tentou encontrar uma mentira mais convincente, mas Big Nose a tornou desnecessária.

— Diabo, se você está se referindo àquele trabalhador rural grandalhão que desceu da diligência, esqueça. Não tenho o mínimo interesse nele. Além do mais, teremos sorte se alcançarmos as Badlands antes do anoitecer. Não gosto de procurar o caminho pelas gargantas e desfiladeiros no escuro. Vamos embora.

A marcha mantida por Big Nose, ansioso para chegar ao esconderijo, era brutal.

Durante a primeira hora, Suzanne apenas sentiu alívio pelo fato de Matt e Ying Li não terem sido forçados a acompanhá-los. Eles não teriam conseguido se manter na sela. Durante a segunda, a terceira e a quarta, ela se concentrou em manter-se na sua.

Depois de virar para sudeste, os cavaleiros velozes reentraram nas vastas planícies sem árvores. Aos poucos, o que parecia um outeiro distante no horizonte foi ganhando tamanho e definição. Tratava-se de A Muralha, a barreira de rocha sulcada que se estendia de norte a sul por centenas de milhas. Originalmente uma escarpadura achatada, cortada pelo rio White, que serpenteava pela planície, A Muralha tinha sofrido erosão do vento e da chuva, perdendo gradualmente várias camadas de solo arável. Os mesmos vento e chuva haviam esculpido a rocha nua num labirinto sem fim de escarpas pontiagudas, picos elevados e ravinas tortuosas.

Colonos que atravessavam as Grandes Planícies desviavam-se para o norte ou para o sul a fim de evitar A Muralha. Fazendeiro algum jamais se estabelecia naquelas terras inóspitas e varridas pelos ventos. Até mesmo os índios Sioux tinham se apossado apenas de uma pequena porção das Badlands, no extremo sul, perto de Wounded Knee Creek. Entretanto, foragidos da lei como George Parrott e seu

bando podiam se esconder indefinidamente entre os desfiladeiros escarpados.

Ao se aproximar mais, Suzanne constatou que a extensão interminável de penhascos e de altos picos pontiagudos era mais formidável do que vista de longe. Não fazia a mínima idéia do motivo de Big Nose para se dirigir àquela ravina em especial. Não havia nada que a marcasse como a entrada para o esconderijo dele. Nem uma árvore raquítica saindo de uma das brechas da rocha, nenhum símbolo pintado na face da muralha, nada enfim.

Com Parrott na frente e Jack logo atrás dele, passaram em coluna um por um pela abertura estreita. No mesmo instante, a pradaria atrás deles desapareceu. A frente erguia-se um emaranhado sem fim de rochas tão próximas umas das outras que Suzanne não entendia como as transporiam. Quando seu estribo direito raspou o lado da garganta estreita, ela puxou bem os calcanhares para perto da montaria. Em seguida, cobriu as coxas e pernas com o guarda-pó de oleado a fim de protegê-las. Só então notou que o estribo tinha marcado a superfície esfarelenta da rocha.

De repente, achou difícil respirar. Olhou por sobre o ombro e viu que o homem logo atrás observava as arestas mais altas. Procurava sinais familiares, ela calculou.

Disfarcadamente, tornou a esticar o guarda-pó para que ele lhe cobrisse também as botas. Na curva seguinte da ravina, ela conduziu a montaria o mais perto possível da parede e, usando a proteção do guarda-pó, fez nova marca na pedra. Dessa vez, foi com o salto da bota. Não fazia idéia se ela e Jack conseguiriam fugir, mas caso tivessem oportunidade, jamais encontrariam a saída daquele labirinto sem algo para orientá-los.

Ela repetiu o artifício perigoso sempre que a ravina permitia, ao estreitar o suficiente. Cada vez que raspava o salto da bota na pedra, ela esperava ouvir o grito furioso do bandido às suas costas. Só podia agradecer a Deus pela noite que descia rapidamente, envolvendo em sombras tudo abaixo dos picos.

Suzanne estava com os nervos em frangalhos quando rodearam mais um afloramento maciço de rocha e se depararam com a entrada de outra ravina. Esta era tão estreita, baixa e abaulada no topo que parecia um túnel. Big Nose parou à entrada, soltou a espingarda presa à sela e deu dois tiros no ar.

No mesmo instante, um bando monstruoso de pássaros surgiu das aberturas em volta. Não, não eram pássaros, Suzanne constatou, abafando uma exclamação. Morcegos! Milhares deles... Esgargalhando e batendo as asas, eles faziam tal barulho ensurdecedor que foi preciso ela segurar as rédeas com firmeza para controlar a montaria assustada.

O barulho mal tinha terminado quando uma sentinela invisível gritou lá de cima:

— É você, Big Nose?

— Sim, sou eu.

— Já estávamos duvidando que você e os rapazes chegassem esta noite.

— Levamos mais tempo do que esperávamos para encontrar a srta. Bonneaux. Avise os outros que estamos entrando.

A sentinela deu três tiros numa sucessão rápida. Curvado sobre a sela, Parrott entrou no túnel. Até Suzanne teve de baixar o corpo e a cabeça para não batê-la nas pedras salientes acima. Ela nunca gostara de explorar cavernas e espaços apertados. Aquele ralava-lhe ainda mais os nervos que já estavam despedaçados.

Depois de parecer que tinha milhas de extensão, o túnel terminou numa pequena ravina. Mas, com a noite caindo depressa, era impossível ver o tamanho exato dela. Mesmo assim, não foi difícil reconhecer que as formas sombreadas em um dos lados eram choupos raquíticos. Ora, onde existiam árvores tinha de haver um regato ou uma fonte, Suzanne raciocinou.

Imaginando como Big Nose tinha encontrado água naquele labirinto rochoso e árido, Suzanne o seguiu e a Jack pela ravina, rumo a um agrupamento de construções perto de um paredão de rocha. Ela contou uma cabana, um tipo de estábulo, um curral e o que parecia ser um sanitário. Rezou para que fosse.

Um feixe de luz saía pela porta aberta da cabana. Dois homens os aguardavam no pátio.

— Você a pegou? — um deles indagou.

— Claro! O que você acha?

— Oba! Desde aquela vez com a rameira mestiça lá em Durango, nunca mais deitei com uma mulher. Ela é jovem e bonita como ouvimos contar?

— É, sim, jovem e bonita, mas já falamos sobre isso. Não vamos lhe fazer mal algum a não ser que sejamos obrigados. Além do mais, Sloan já tem direito sobre ela — Big Nose explicou.

— Sloan? Black Jack Sloan? Mas que grande falta de sorte! Você trouxe o desgraçado também?

Rindo, Big Nose desmontou.

— Ele veio por conta própria. Agora, O'Reilly, sossegue. Com o dinheiro que vamos ganhar na devolução desta potranca, você poderá comprar uma dúzia de rameiras mestiças.

Aproximando-se de onde Suzanne se mantinha com a espinha rígida e os lábios apertados, ele lhe sorriu.

— Não se aflija, moça. Nenhum de meus homens é louco o suficiente para sacar a arma contra Black Jack Sloan. Enquanto ele mantiver o direito sobre sua pessoa, a senhorita não terá de se preocupar.

Longe de se sentir tranqüila, Suzanne desmontou.

— A cabana só tem um cômodo e um puxado para guardar mantimentos — Big Nose avisou enquanto a levava para dentro. — Arrumamos o puxado para a senhorita ter um pouco de privacidade.

O odor forte de suor azedo e de roupa suja assaltou Suzanne no instante em que ela entrou na cabana. Com ar de repulsa e mal respirando, ela correu os olhos pela desordem de roupas jogadas a esmo, velhos cobertores de montaria e louça suja.

— O senhor e seus homens parecem que não se beneficiaram muito de sua ocupação escolhida, sr. Parrott.

— Bem, sim e não. Assaltamos um trem ou uma diligência e vivemos felizes por uns tempos. Então, antes que a gente se dê conta, o dinheiro acaba.

— Não diga!

Com um largo sorriso sob o bigode farto, ele olhou para Jack.

— Ela fala sempre assim tão bem?

— Grande parte do tempo.

— E pode cozinhar tão bem quanto fala? — indagou um dos homens, esperançoso.

Suzanne seria uma idiota se fritasse uma única panqueca para aquele bando de assassinos e assaltantes. Dirigiu um olhar de advertência para Jack e respondeu por si mesma.

— Lamento dizer que cozinhar não consta da lista de minhas habilidades. Mas desenharia, com prazer, seus retratos se me arranjassem papel e lápis.

Big Nose não conteve o riso.

— Calculo que sim. E faria uma cópia para ser impressa em cada jornal do território, imagino. Hobbs, aqui ao lado, não conseguiria mais caminhar por uma rua sem que alguém lhe atirasse pelas costas para receber o dinheiro da recompensa.

— Em minha opinião, essa é uma das inconveniências de sua profissão — Suzanne disse em tom frio.

— Pensando bem, é e não é. A maioria dos rapazes pode entrar num bar sem ser reconhecido, exceto Alejandro por causa do chapéu vistoso com os enfeites de

prata. E eu, claro — acrescentou ao tocar no nariz com o indicador. — Nenhum dos cartazes de *Procura-se* mostra esta particularidade de maneira certa. A senhorita pode me desenhar, caso se sinta inspirada, e entregar meu retrato aos jornais com meus agradecimentos. Mostre ao mundo como George Parrott é um sujeito, na verdade, bem bonito.

Como não quisesse estimular a vaidade do homem, Suzanne fez um comentário evasivo e pediu para examinar o cômodo onde iria se instalar.

O tal puxado, incrustado na parede, não passava de um cubículo pouco maior do que um guarda-louça. Quase todo espaço estava ocupado. Havia várias prateleiras com sacos de feijão, de farinha e latas de compota de frutas e de carne cozida. Encostados nas paredes viam-se latas de óleo para lamparina, sacos com batatas brotadas, cujas raízes escapavam pela estopa, e um caixote de madeira com a inscrição *Estrada de Ferro Union Pacific*. Uma enxerga fina de palha e um banquinho tripé ocupavam quase o resto todo do chão. O último parecia servir como assento ou mesinha.

Pelo menos o quartinho tinha porta, mas com tramela pelo lado de fora.

— Vou precisar de um pedaço de corda ou de qualquer outra coisa para trancar a porta por dentro — Suzanne disse com firmeza enquanto jogava o chapéu e o guarda-pó sobre um dos sacos de batata.

Parrott acariciou o narigão.

— Bem, acho que um pedaço de corda não impedirá a entrada de ninguém. Se for necessário, poderemos abrir a porta com um único tiro.

O olhar dele fixou-se em Jack. O bandido dava a impressão de que ia dizer algo mais, porém deu de ombros e mandou um de seus homens ir buscar o pedaço de corda.

Um pouco mais tarde, Suzanne arrependeu-se por haver se recusado a cozinhar.

Recebeu um prato de sopa aguada, de um marrom-acinzentado e pedaços de carne, com aparência de miúdos de porco, boiando nela. Jack tomou-a sem fazer comentários, mas o máximo que Suzanne conseguiu foi molhar um pãozinho duro no caldo e comê-lo. Pelo menos o café estava bebível. Forte e quente, quase chegava a ser reconfortante.

Também serviu para manter seus nervos sob controle. Fez uma visita à instalação primitiva do sanitário e depois lavou-se rapidamente com a água do riacho, trazida em um balde e colocada num toco de madeira, do lado de fora da cabana, para seu uso. Como houvesse sido acompanhada até a entrada do sanitário e continuasse sendo alvo de grande interesse enquanto se curvava sobre o balde, ela terminou depressa.

Ao voltar para o interior da cabana, Jack dirigiu-lhe um olhar indecifrável, mas fez um gesto com a cabeça em direção ao puxado. Suzanne entendeu-o como um aviso para se retirar. Sentiu-se aliviada ao atendê-lo.

— Boa noite, senhores.

Meia dúzia de pares de olhos a seguiram pelo chão de terra batida. Jack pegou uma das lamparinas penduradas nas vigas do telhado e a acompanhou até seu alojamento exíguo.

A lamparina espalhava uma fraca claridade pelo cômodo atulhado. Alguém — Jack provavelmente — tinha trazido suas poucas coisas e estendido um cobertor sobre a enxerga. A sacola estava junto do chapéu e do guarda-pó de oleado.

Suzanne franziu o nariz ao sentir o cheiro exalado pelas batatas velhas e pelos sacos de estopa embolorados. Virou-se e encarou o homem silencioso, com olhar ameaçador a seu lado. Era o primeiro momento em que ela e Jack se viam a sós depois de terem sido encontrados por Big Nose Parrott. Calculava que ele tivesse algo para lhe dizer e contava como certo ser alvo da fúria que vira nos olhos dele quando havia cavalgado para fora do bosquete, desobedecendo-lhe as ordens.

Jack não a desapontou. Fechou a porta com o ombro, enrolou sua trança na mão e puxou-lhe o rosto para rente do dele.

— Quando escaparmos daqui, você terá muita sorte se eu não lhe der umas lambadas com meu cinturão.

— Quando escaparmos daqui, você terá toda a liberdade de tentar.

A resposta sarcástica o desconcertou.

— Droga! Mandeí que você ficasse escondida entre os pinheiros e me deixasse resolver a situação.

— Eles o teriam matado, Jack, para chegar até mim.

— Ainda tenho mais para dizer. Você forçou a situação.

— Bem, forcei, mas...

— Pois essa foi a última vez, Suzanne. Ouviu bem? A última vez.

— Ouvi, sim. Acabou de falar?

Ele deu um puxão em sua trança.

— Não. Por que você não me contou que era filha de Andrew Garrett?

— Ora, contei, sim.

— Não, srta. Bonneaux. Disse apenas que seu padrasto era oficial da

cavalaria.

— Caso você tivesse mostrado um mínimo de curiosidade sobre minha origem, sem dúvida alguma tal detalhe teria surgido no meio da conversa. Qual é o problema? Está preocupado por causa da reputação do coronel? — ela indagou em tom impertinente.

— Eu seria um idiota se não estivesse. Pelo que ouvi contar a respeito dele, Andrew Garrett não é um homem para se provocar levianamente.

— Não precisa se afligir. Relaxe. Você não fez nada que forçasse meu padrasto a pendurá-lo pelos pés e arrancar fora seu fígado como Big Nose afirmou.

— Ainda não, mas isso vai mudar.

— O que você quer dizer?

Jack a soltou, pegou o pedaço de corda trazido por um dos homens e, com ele, prendeu a porta fechada com firmeza. Com expressão indecifrável, virou-se para ela.

— Jack...

— Você ouviu o que Parrott disse aos homens dele. Enquanto eu tiver direito sobre sua pessoa, você não precisa se preocupar.

O coração de Suzanne quase parou e, então, disparou.

— Você vai se apossar de mim?

— Temporariamente.

— Eu... entendo.

Com movimentos precisos, Jack desafivelou o cinturão e jogou-o sobre os sacos de estopa, deixando o cabo do revólver ao alcance da mão.

Um nervosismo ridículo atacou Suzanne. Eles tinham feito o jogo de gato e rato antes, ela admitiu honestamente; após o assalto, quando apertara o cano da pistola nas costelas de Jack; em Rawhide Buttes, ao se enfrentarem na partida de pôquer; mais tarde, na cama de Mother Featherlegs. A cada ocasião, os riscos haviam se tornado maiores.

Não poderiam aumentar mais, Suzanne refletiu, dominada por uma súbita onda de calor. Toda a irritação, as discussões constantes, as fagulhas que se provocavam mutuamente culminavam naquele momento, no pequeno puxado entulhado e mal-cheiroso.

CAPÍTULO XIV

Jack não a tocou. O pulso de Suzanne disparava. Cada músculo em seu corpo tremia. Ela se via confinada numa gaiola de nervos exasperados e o idiota miserável nem ao menos a tocava.

Quando ele ergueu a manga da lamparina e assoprou a chama, deixando ambos no escuro, ela acreditou ter chegado o momento de ser abraçada. Mas ao ouvir o ruído da palha da enxerga, ficou à espera da ordem para se despir e deitar ao lado dele.

Nada. Suzanne não soube quanto tempo ficou em pé no escuro, com as mãos crispadas ao longo do corpo e o coração martelando no peito. Só bem devagar, a expectativa aflitiva deu lugar à dúvida, seguida pela indignação. Levou ainda um bom tempo para se controlar a fim de não dirigir vários pontapés na direção da enxerga.

— Você sabe, não é verdade, que é o homem mais irritante na face da Terra?

Como Jack não respondesse, ela soltou uma exclamação irônica e indagou:

— Você pretende mesmo continuar deitado imóvel aí?

A resposta seca veio das sombras.

— Não pretendo oferecer um espetáculo extra para Big Nose e os homens dele, se é isso que você quer saber.

Suzanne também não desejava proporcionar a mínima diversão aos bandidos. Provavelmente eles mal ousavam respirar a fim de não perder qualquer ruído de atividade saído ali do puxado. O fato de ela, momentos atrás, também estar alerta a fez falar com rispidez:

— Você podia muito bem ter me dito isso em vez de me levar a pensar que fosse... fosse...

— Aceitar o que você vem me oferecendo nos últimos dias? Isso acontecerá a seu tempo, Suzanne — ele respondeu em voz morosa.

— Será? Posso indagar quando? — ela ironizou.

— Excitada, não está?

— Vá para o inferno!

Dominada pela frustração, Suzanne puxou o pé para trás a fim de impulsionar o pontapé. Porém, antes que sua bota atingisse o alvo, ele agarrou-lhe o tornozelo e o puxou com força. Perdendo o equilíbrio, ela caiu.

Jack não levou um segundo para prender-lhe o corpo sob o dele. O rosto não

passava de uma sombra acima do seu, músculos firmes e resistentes a imobilizavam.

— Acontecerá com o tempo, Suzanne, eu prometo.

— Se eu antes não meter uma bala entre seus olhos.

Ela encheu o peito de ar e tentou empurrá-lo. Não conseguiu e Jack, percebendo, firmou-se mais.

— Não vou repartir você com Big Nose e o bando dele, a que eu seria forçado caso ficássemos rolando aqui entre suspiros, gemidos e exclamações. Eles perderiam o controle como uma alcatéia de lobos famintos.

Jack estava certo, ela sabia. Entretanto, isso não aliviava sua carência angustiante. Sem poder ver-lhe a expressão nas sombras, ouviu nova promessa:

— Acontecerá. Já desisti de jurar a mim mesmo que isso não se daria. Mas não antes de nós dois escaparmos daqui e eu não tiver de manter os ouvidos atentos e o revólver ao alcance da mão.

— Jack...

Pressentindo seu protesto, ele a silenciou com um beijo sôfrego. Pelo menos e antes que ele mudasse de posição, Suzanne teve a satisfação de saber que o desejo dele era tão intenso quanto o seu. Deitada entre os braços dele, o rosto virado para a parede, sentiu o membro rijo latejar contra seu quadril.

— Amanhã vamos estudar bem a topografia do lugar. Agora, pelo amor de Deus, Suzanne, durma.

Eles não poderiam escapar.

Isso ficou evidente no dia seguinte. Embora Big Nose se comportasse como um anfitrião atencioso, ele jamais permitia que Suzanne e Jack escapassem da vigilância contínua. Ele também mantinha guarda, noite e dia, nas rochas acima do túnel. Mesmo que, num golpe de sorte ou de descuido do vigia, conseguissem entrar nele, Jack não confiava muito nas marcas que Suzanne contara ter feito com o salto da bota para marcar o caminho na vinda.

— O mais provável é o vento já ter apagado tudo — ele comentou durante um momento em que se encontravam no estábulo, cuidando dos cavalos.

Continuou escovando a crina do ruão, mas disfarçadamente relanceou o olhar por Alejandro. Sentado numa pedra, a uma certa distância do lado de fora do estábulo, o mexicano tinha empurrado o chapéu para trás, fechado os olhos e virado o rosto para o sol.

— Mesmo que as marcas ainda estivessem visíveis, teríamos de ir devagar a fim de localizar cada uma. Não conseguiríamos fazer isso com Big Nose em nosso encalço a toda.

— Refleti bastante sobre isso. A única solução seria arranjarmos uma maneira de distraí-los — Suzanne sugeriu.

— Uma distração. Certo. — O olhar irônico prendeu o dela por sobre as costas do ruão. — Você tem alguma idéia em mente?

— Ainda não. Mas tenho certeza de que vamos pensar em alguma coisa.

— Em minha opinião, o mais seguro é você continuar onde está até seu padraço pagar o resgate.

— O coronel jamais fará isso — ela declarou sem hesitação. — Se ele puser as mãos nos homens, mandados por Big Nose com o pedido do resgate, é bem capaz de defumá-los sobre um fogo lento até que concordem em conduzi-lo pela Muralha. De jeito nenhum ele entregará dinheiro a uns assassinos e assaltantes de diligências.

O olhar sombrio de Jack sugeria que ele estava se lembrando da previsão de Parrott sobre Garrett fazer algo semelhante a quem se imiscuísse com a enteada.

— Bem, pensaremos em alguma coisa — ela repetiu numa voz bem mais confiante do que se sentia.

Alguns dias depois, Suzanne continuava a refletir quando dois tiros de espingarda repercutiram no ar.

Na margem do riacho, ela acabava de lavar a anágua e tentava não pensar no almoço pouco apetitoso que a aguardava na cabana. Ao ouvir os estampidos, teve a sensação de que o coração saíria pela boca. Jack encostou-se no tronco de um choupo a poucos passos de distância. O'Reilly, o bandido baixo e de barba rala, vagava por perto.

Mas os três tiros ouvidos após alguns momentos fez seu coração voltar a bater no peito. Fosse quem fosse que houvesse chegado à entrada do túnel era amigo. Caso contrário, a sentinela não teria sinalizado passagem segura.

Jack havia chegado à mesma conclusão. Com expressão sombria, observou Parrott e os outros sair da cabana. Os bandidos não esconderam o ar de expectativa quando um único cavaleiro surgiu na abertura da rocha.

Esporeando a montaria, ele percorreu a ravina a galope e parou ao lado de Big Nose. Pulou da sela, largando as rédeas no chão. O cavalo arfava.

— Você o reconhece? Será um dos homens mandados por Big Nose com a exigência do resgate? — Suzanne perguntou a Jack.

— Nunca o vi antes.

— Por que você acha que eles estão tão agitados?

Jack a silenciou com um gesto de mão e foi juntar-se ao grupo em volta do recém-chegado.

— ...o carregamento inteiro de ouro em pó — o homem acabava de dizer.

— Como você tem certeza de que se trata de um carregamento inteiro? — Parrott quis saber.

— Foi o que Dawes ouviu contar.

— Dawes?!

A exclamação de Jack cortou o ar, fazendo todas as cabeças virar para ele e encará-lo com olhar atônito. A fim de se aproximar do cavaleiro molhado de suor, ele abriu caminho a cotoveladas entre os bandidos.

— Você está falando sobre Charlie Dawes?

— Caso esteja, por acaso é de sua conta? Ora, com todos os diabos, quem é você?

— Sloan. Jack Sloan.

Arregalados, os olhos do sujeito ameaçaram pular das órbitas.

— Black Jack Sloan?!

Ele baixou o olhar para o revólver no coldre de Jack e depois ergueu-o para Big Nose.

— O que ele está fazendo aqui? — indagou. Com o polegar, Parrott apontou para Suzanne.

— Ele nos acompanhou quando pegamos a moça.

— Ah, quer dizer que encontraram a filha do coronel?

— Isso mesmo. Acabamos alcançando a moça. Agora, estamos esperando que Garrett pague o resgate. Mas talvez seja possível conseguir uma quantia extra enquanto aguardamos aqui. — Pensativo, Parrott afagou o lado do nariz. — Quando, você disse, a diligência parte de Deadwood?

— Amanhã de manhã. Dawes comprou uma passagem para embarcar nela. Achava que poderia ser útil se contássemos com um homem na diligência.

— Ótimo! Vamos lá, rapazes, tratem de ir encilhando as montarias depressa. Alejandro, você e O'Reilly vão ficar aqui com a srta. Bonneaux e Sloan. Vocês podem revezar a vigilância do túnel com Jacob. A menos que...

Big Nose inclinou a cabeça para o lado e observou Jack com expressão penetrante nos pequenos olhos pretos.

— Você parece muito interessado em Charlie Dawes — comentou.

— De fato estou. Ignorava que ele, ultimamente, fizesse parte de seu grupo, Big Nose.

— Bem, ele faz e não faz. Desde que foi parar em Deadwood, Dawes se ocupa em vigiar e marcar diligências com cargas valiosas como fez nesta última. O que existe entre você e ele?

— Temos um negócio pendente para acertar.

— Trata-se mesmo disso?

— Exatamente.

Parrott sorriu.

— Você quer ir conosco a fim de liquidar a questão?

Jack queria, Suzanne percebeu, assustada. Muitíssimo. O brilho feroz e determinado nos olhos dele lembrava o do caçador prestes a cair sobre a presa. A mão direita contraiu e relaxou várias vezes como se ele, mentalmente, se preparasse para atirar em Dawes.

Calada, Suzanne sentia-se presa ao chão. Mesmo se quisesse, não conseguiria se mexer ou forçar som algum pela garganta seca. E se fosse possível, ela não fazia idéia das palavras que saíam, mas por dentro, gritava: *Não, Jack! Não!*

O convite para ele ir embora e a deixar sozinha com O'Reilly e Alejandro não a amedrontava tanto quanto a possibilidade concreta de Jack não voltar.

Se um dos homens de Parrott decidisse tomar o partido de Dawes e atirar em Jack pelas costas... Se o próprio Big Nose resolvesse eliminar o risco extra que Jack representava no pagamento do resgate...

— Vou ficar.

A resposta foi dada numa voz tão dura e firme que poderia ter sido arrancada de granito.

— Mas você pode avisar Dawes que irei ao encalço dele tão logo eu saia daqui.

— Não vou esquecer — Parrott prometeu. Com o sorriso intato, ele pegou a espingarda e a assestou no peito de Jack. — Você sabe que tenho de confiscar seu revólver, Sloan. Não posso deixá-lo aqui com apenas dois homens entre você e essa arma.

— Carrego este revólver em meu coldre há mais de dezoito anos.

— Você o receberá de volta. Saque a arma bem devagar. E com a mão esquerda.

Jack não discutiu. Lentamente, obedeceu. O coração de Suzanne batia com tanta força que chegava a doer. Ela precisaria ser cega como um toco de árvore para não ver que se separar da arma era a coisa mais difícil enfrentada por Jack.

Sem desviar a espingarda do peito dele, Parrott fez um gesto para Alejandro pegar o revólver.

— Se tudo der certo, estaremos de volta amanhã ao anoitecer. O mais tardar, depois de amanhã — ele garantiu, bem-humorado. — E nesse meio tempo, acho melhor deixar você e a mocinha trancados no puxado a fim de facilitar a tarefa de Alejandro e O'Reilly. O cômodo é um tanto pequeno, mas você deve aproveitar a oportunidade para abraçá-la enquanto pode. Depois que Garrett pagar o resgate e pegar a moça de volta, ele não vai deixar um pistoleiro se aproximar dela a menos de uma milha de distância.

O humor de Jack estava tão tenebroso que Suzanne não se atreveu a murmurar uma única palavra durante a primeira meia hora que passaram trancados no puxado. Havia se sentado na enxerga, sobre as pernas cruzadas, enquanto ele em pé, com as mãos crispadas ao longo do corpo e os músculos do rosto contraídos, prestava atenção às atividades do lado de fora.

Quando finalmente a encarou, continuava com expressão furiosa e queria muito que ela notasse. Numa voz calma, Suzanne disse:

— De nada adianta me olhar desse jeito. A decisão de não ir atrás de Dawes foi sua.

— Eu devia tê-la deixado em Rawhide Buttes. Você e o rapaz.

— Mas não deixou.

— Acho melhor você me dar sua pistola. Obediente, ela pegou a arma escondida no bolso da saia e a entregou a Jack. Ele a colocou na mão espalmada para observá-la. O cabo de madrepérola e os desenhos esculpidos nos dois canos curtos davam à pequena arma a aparência de um brinquedo de criança. Ainda mais em contraste com a mão calejada dele.

— Os tiros saem um pouco desviados para a esquerda — Suzanne informou ainda em voz calma.

Jack resmungou algo incompreensível e, depois, indagou:

— Por acaso você não escondeu também um pouco de munição no bolso?

— Infelizmente, não. Só contamos com as balas no tambor dela. A caixa com as outras estava em minha bolsa roubada durante o assalto.

— Foi o que imaginei.

Ele enfiou a pistolinha no bolso do colete enquanto observava a porta. Um

bom pontapé soltaria a tramela do lado de fora. Era o que faria se fosse o único preso ali. Saltaria pela abertura e atiraria antes de voltar a pôr os pés no chão.

Podia ouvir Alejandro e O'Reilly movimentando-se na cabana. Cedo ou tarde eles sairiam de lá. Juntos ou cada um por sua vez. Teriam de ir cuidar dos cavalos e buscar água. Também para substituir o guarda deixado por Big Nose nas rochas acima da entrada do túnel. Jack não tinha se esquecido dele.

Esse não apresentaria problema tão logo ele se apossasse de uma espingarda ou de uma pistola. O verdadeiro problema era Suzanne.

Ele voltou a crisar as mãos. Maldição dos diabos! Não podia se lembrar de momento algum em que a preocupação com a mulher desgraçada não o incomodasse como uma espada sobre a cabeça. Para aumentar-lhe a frustração havia o fato de não confiar nela. De nada adiantaria ordenar que ela se mantivesse fora de perigo, abaixada atrás dos sacos de batata.

Se ele tivesse alguma dúvida a esse respeito, Suzanne a eliminou ao perguntar:

— O que você quer que eu faça quando começarmos a escapar daqui?

— Nós não vamos escapar.

— É claro que vamos. Jamais teremos uma oportunidade melhor do que durante a ausência de Parrott.

— É perigoso demais, Suzanne. Você poderia ser ferida ou até morta.

Ela considerou o risco e o desprezou.

— Eu sei. E você também poderá levar um tiro. Mas a alternativa é ficarmos sentados aqui, sem fazer nada, enquanto Big Nose e o bando dele assaltam outra diligência. Eles mataram o cocheiro da nossa, Jack. Talvez matem mais um, ou um passageiro inocente. Temos de fugir daqui e ir até Fort Meade. O comandante poderá telegrafar para o escritório da Express Line em Deadwood, avisando que Dawes marcou a diligência de amanhã para ser assaltada.

Dawes! Mentalmente, Jack praguejou, desejando que a alma assassina do homem queimasse para sempre nas profundezas do inferno.

— Nós temos de tentar. Você sabe disso — ela insistiu baixinho.

Pela expressão de Jack, Suzanne percebeu que ele já tinha pesado os prós e os contras e tomado uma decisão.

— Diga o que você quer que eu faça — ela repetiu.

— Não quero que você faça coisa alguma.

— Tolice!

Ele curvou-se e agarrou-lhe o braço com força.

— Preste bem atenção, mulher. Não posso alvejar aqueles dois lá fora se tiver de olhar por sobre o ombro para ter certeza de que você não está na linha de fogo deles. Tirarei nós dois daqui quando surgir uma chance, mas só se você jurar que, desta vez, ficará onde eu mandar — Jack declarou com firmeza.

A chance chegou mais cedo do que esperavam.

E quando Jack escancarou a porta com um pontapé fortíssimo, Suzanne continuou com as costas grudadas na parede onde ele a tinha colocado.

Irrompendo no outro cômodo num salto, ele atirou antes de tocar o chão com os pés. Suzanne ouviu um berro, o barulho de algo pesado batendo contra a parede e uma fieira de palavrões em espanhol.

Jack correu para Alejandro, que além de praguejar contorcia o corpo, e arrancou-lhe a pistola. Com a arma apontada para o mexicano ferido, apanhou a espingarda encostada na parede e gritou para Suzanne:

— Pegue aqui!

De posse da arma, ela a destravou.

— Fique lá atrás! — Jack ordenou.

Suzanne obedeceu depressa. Mal tinha protegido as costas contra a parede da cabana quando passos pesados soaram no pátio.

— Ei, mexicano! — O'Reilly gritou. — É você quem está atirando aí dentro?

O aviso rouco de Alejandro foi dado um segundo antes de Jack saltar pela janela. O vidro embaçado estilhaçou-se. O'Reilly virou-se depressa. Duas pistolas cuspiram fogo.

— Seu maldito desgraçado! — Gritando e pulando de um pé para o outro, o bandido segurava os dedos. — Você acabou com a metade de minha mão!

Jack não desperdiçou tempo nem comiseração com o sujeito. Pulou em pé, sacudiu o corpo para se livrar dos cacos de vidro e apontou para a porta.

— Para dentro — ordenou.

Sem parar de praguejar e apertando a mão ferida contra o peito, o assaltante obedeceu aos tropeções. Jack, que o seguia de perto, levantou o braço e deferiu-lhe uma coronhada na cabeça com a pistola de Alejandro. O'Reilly caiu com um gemido meio engasgado.

— Da porta, mantenha os dois sob a mira da espingarda enquanto procuro

cordas — Jack instruiu Suzanne numa voz enérgica.

Com a maior rapidez possível, Jack amarrou e amordaçou os dois bandidos. Ergueu o ainda inconsciente O'Reilly e o amarrou costa a costa a Alejandro que, sentado, gemia e protestava. Só após ter certeza de que eles não apresentavam uma ameaça imediata, ele rasgou-lhes as camisas a fim de improvisar ataduras. Cuidou primeiro do ferimento do mexicano e, depois, do que restava dos dedos do irlandês. Só então, juntou-se a Suzanne à porta.

— Não vi nada se mexendo — ela o avisou.

— O guarda deve ter ouvido os tiros. Semicerrando os olhos contra a claridade do sol, Jack examinou as rochas no extremo oposto da ravina. Procurava um lampejo de aço, o movimento de uma sombra, qualquer coisa que pudesse indicar a presença da sentinela deixada por Big Nose no topo do túnel. Viu apenas espirais de poeira sopradas pelo vento para cima e pelas aberturas estreitas na rocha.

Bem, eles não podiam ficar ali enquanto o homem, com toda certeza, descia das rochas. Se ele se posicionasse de forma que pudesse proteger a cabana, os manteria ali pelo tempo que quisesse.

— Vou correr até o estábulo. Fique aqui até que eu traga os cavalos.

— Jack, espere!

— Droga! Você prometeu fazer o que eu mandasse.

— Farei. Só não posso deixar que você vá sem isto.

Pondo-se na ponta dos pés, Suzanne agarrou-o pelo colete e puxou-lhe a cabeça para baixo. O beijo foi firme, ardente e revelador. Ela não escondeu nada. Quando o largou, Jack balançou a cabeça.

— Você é uma mulher intrépida e audaciosa, srta. Bonneaux.

— Ora, muito obrigada, Sr. Sloan. Creio que esse é o primeiro elogio que você me faz durante nossa convivência atribulada.

Rezando para que não fosse o último, ela apertou as mãos enquanto Jack tornava a examinar as rochas e a ravina antes de sair correndo. A cada passo dele rumo ao estábulo, Suzanne esperava ouvir o estampido de um tiro e vê-lo rodopiar. Suas unhas marcaram a palma das mãos antes que ele sumisse nas sombras do estábulo.

Após observar as paredes da ravina e as rochas acima, ela correu até o puxado para pegar o chapéu e o guarda-pó de oleado. Já ia saindo, mas voltou a fim de pegar algumas latas de compota e de carne que enfiou nos bolsos fundos do guarda-pó.

Estava de volta à porta da cabana, onde esperou durante longos momentos de

agonia até Jack reaparecer.

Ele saiu do estábulo já montado no ruão, cavalgando curvado na sela e puxando seu cavalo pelas rédeas. Ao ouvir-lhe o chamado, Suzanne correu para o pátio, atirou-lhe a espingarda e pulou na sela. Num galope desenfreado, seguiram para a entrada estreita do túnel.

Na metade do caminho pela ravina, uma espiral de poeira subiu ao ar a pouca distância à direita. O estampido de um tiro de espingarda soou um segundo depois. Suzanne ouviu um resmungo e virou a cabeça a tempo de ver Jack puxar as rédeas.

Seu coração quase parou, mas disparou quando ele virou o ruão para a direita e o colocou entre ela e o atirador. Protegendo-a com o corpo, ele engatilhou a espingarda e retribuiu o tiro enquanto galopavam lado a lado, rumo à entrada estreita nas rochas.

CAPÍTULO XV

Tinham conseguido! Com uma prece de gratidão, Suzanne colou o corpo curvado no pescoço da montaria e entrou no túnel. O ruão com Jack a seguia de perto. Ela puxou as rédeas e virou-se para trás o quanto o lugar estreito permitia.

— Jack! Você está bem?

— Estou.

— Eu o ouvi gemer. Você foi ferido?

— Continue cavalgando.

Na ida, Suzanne havia achado o túnel comprido demais, agora tinha a impressão de que era sem fim. Curvada e com a crina da montaria batendo-lhe no rosto, ela cavalgava quase às cegas. As pedras salientes a ameaçavam de todos os lados. O eco das ferraduras trovejava em seus ouvidos. Curvas estreitas seguiam umas às outras. Finalmente ela vislumbrou uma nesga de céu acima.

A montaria saiu do túnel para um desfiladeiro largo e tortuoso. Suzanne a instigou a encetar um galope, rumo à primeira curva. Não fazia idéia se Jack havia incapacitado a sentinela de atirar ou se o homem podia arrastar-se pelas rochas a fim de vigiar tanto a entrada quanto a saída do túnel, portanto, não iria se arriscar.

Só depois de vencer a curva e cavalgar até as proximidades de uma série de rochas finas e altas, esculpidas pelo vento, ela puxou as rédeas. A respiração queimava-lhe os pulmões. Virou a montaria e esperou que Jack a alcançasse. Quando

viu um filete de sangue marcando-lhe o queixo e o pescoço, sentiu o estômago contrair-se.

— Você está ferido!

— Foi uma lasca solta de pedra — ele respondeu ao passar a manga da camisa no ferimento, espalhando a mancha vermelha pela face.

O corte era profundo, mas já não sangrava muito. Jack o ignorou enquanto observava a floresta de agulhas rochosas que tinham pela frente. Depois, olhou para Suzanne.

— Acho que chegou a hora de descobrirmos se você sabe sinalizar um caminho inóspito tão bem quanto cavalgar. Que calcanhar você usou para fazer as marcas, o esquerdo ou o direito?

— Quase sempre o direito.

— Estávamos vindo da direção oposta, portanto, olhe para a esquerda.

Três trilhas diferentes serpenteavam entre os pilares altíssimos de pedra. Encontraram uma pequena marca branca a uns quarenta passos do início da segunda. Suzanne dirigiu a montaria até bem perto a fim de medir o salto da bota na marca.

— É uma delas! — exclamou.

— Concorde.

Ela sorriu com ar triunfante.

— Eu não me sentiria tão envaidecido — Jack a aconselhou, olhando para a ravina tortuosa. — Temos um longo trecho das Badlands pela frente e dois bandidos que poderão sair do túnel ali atrás, a qualquer instante, com as armas cuspidando fogo.

— Três, contando com o guarda.

— Dois — ele a corrigiu com firmeza. — Vamos em frente.

Apesar dos temores de Jack, nem Alejandro e nem O'Reilly vieram atrás deles. Jack tinha feito um bom trabalho ao amarrá-los. E o fato de ficarem atados juntos e de costas um para o outro devia tê-los impedido de se soltar, obrigando-os a esperar pelo retorno de Big Nose. Isso, com certeza, os deixava furiosos além da conta.

A possibilidade de cruzar com Parrott e o bando dele enquanto fugiam instigava Suzanne e Jack a procurar as marcas do salto nas rochas. Mas era uma tarefa muito mais vagarosa do que ela havia calculado. Eles tinham de examinar cada lado de uma curva e, muitas vezes, retroceder após percorrerem uma milha ou mais sem encontrar um pequeno arranhão branco para orientá-los. A esperança de transpor A Muralha antes do anoitecer e alcançar Fort Meade a tempo de passar

um telegrama de aviso para a Express Line evaporou-se depressa.

Continuaram cavalgando até que imensas nuvens negras de morcegos iniciaram o êxodo das cavernas entre as rochas. Aquela altura, sombras profundas os impediam de ver a trilha em frente e, muito menos, as pequenas marcas na pedra. A poeira cobria o rosto de Suzanne e a sede arranhava-lhe a garganta seca. Porém, tais detalhes não conseguiam empanar sua alegria esfuziante por haver fugido.

— Vamos passar a noite aqui.

O lugar escolhido por Jack era idêntico a dúzias de outros pelos quais tinham passado. As colunas de pedra protegiam a entrada, porém tão largas e juntas embaixo que os cavalos mal puderam se espremer entre elas. Felizmente ofereciam um esconderijo seguro.

Suzanne percorreu o olhar pelas rochas que a rodeavam por todos os lados. Durante o dia, as Badlands pareciam tão respeitáveis quanto desoladas. Sob o luar que começava a iluminá-las, os penhascos escarpados e os torreões esculpidos pelo vento adquiriam uma beleza etérea. Ela desmontou, afrouxou a cilha do cavalo e o prendeu numa ponta de pedra, deixando-o pastar os tufos ralos e esparsos de capim. Teriam de encontrar água no dia seguinte. Os animais ainda podiam percorrer algumas milhas sem se alimentar muito, mas precisavam de água. E ela também. De água ou de qualquer outro líquido que lavasse a poeira acumulada em sua garganta. Depois de sentar-se numa pedra achatada, esvaziou os bolsos do guarda-pó.

— Quando você teve idéia de pegar essas latas? — Jack indagou, surpreso.

— Enquanto você encilhava os cavalos. Eu não sabia quanto tempo levaríamos para encontrar o caminho através da Muralha.

Ele não disfarçou o olhar de admiração.

— Você consegue manter o sangue frio. Tenho de admitir isso, srta. Bonneaux.

— Misericórdia! Dois elogios num dia só. — Ela revirou os olhos e sorriu. — Cuidado, Sr. Sloan. Se continuar assim, vai acabar virando minha cabeça.

O riso de Jack, sonoro e profundo, ecoou nas rochas do esconderijo. Tanto quanto podia se lembrar, Suzanne nunca o tinha ouvido antes.

Estranho. Muito estranho! Eles haviam compartilhado tanta coisa na última semana, no entanto, ela nunca o tinha ouvido rir como naquele momento. Sentiu um aperto no coração e prometeu a si mesma dar muitas oportunidades a Jack para rir com ela.

Valendo-se do luar, ela firmou a vista nas letras vermelhas das latas.

— Vamos ver o que temos aqui. Uma lata de carne ensopada de vaca, outra de

mocotó de porco em vinagrete e duas de compota de pêra.

— As de carne e de mocotó devem estar nadando em molho salgado. É melhor deixarmos as duas para quando encontrarmos água — Jack sugeriu.

— As de pêra dão bem para matar a fome. Como vamos abri-las?

— Com uma pedra pontiaguda. Vou procurar uma.

Ele levou algum tempo para encontrar a que desejava.

Suzanne encolheu as pernas e, com o queixo apoiado nos joelhos, pôs-se a observar Jack atacar uma das latas. O luar era suficiente para ele enxergar o que fazia e para ela notar-lhe o ar de concentração.

O aperto no coração, começado com o riso espontâneo de Jack, transformou-se, de repente, em anseio. Seus dedos fremiavam com a necessidade de percorrer as linhas daquele rosto, de alisar a barba por fazer, de sentir os contornos firmes dos lábios dele.

Jack levantou o olhar e apanhou-a observando-o.

— Está com fome?

— Sim, estou — Suzanne murmurou.

Depois de afastar a tampa da lata com pontas irregulares, ele ofereceu-lhe o primeiro bocado.

— Cuidado. Não vá se cortar — aconselhou.

Ela pegou um pedaço do alimento sumarento e levou-o à boca. Enquanto o mastigava devagar, ergueu os olhos e o viu fitando-a com uma expressão entre divertida e algo que ela não conseguiu decifrar.

Jack sentou-se a seu lado na pedra e disse:

— Você devia se ver num espelho. Está quase perdida sob esse chapelão e nesse guarda-pó imenso. Uma camada grossa de poeira vermelha cobre seu rosto, mas no entanto, você mantém as boas maneiras com a maior naturalidade.

— De acordo com as Senhoritas Merriweather da Academia para Jovens Seletas, uma pessoa deve manter a dignidade em qualquer circunstância.

O que se tornava difícilimo, ela descobriu, com a calda da compota escorrendo pelos dedos. Pôs outro pedaço de pêra na boca e, decidida a abandonar a dignidade, lambeu os dedos.

Eles comeram a compota da primeira lata bem depressa, mas resolveram guardar a outra para o dia seguinte. A julgar pela demora em localizar as marcas da bota de Suzanne naquela tarde, ainda gastariam umas boas horas para sair do

labirinto de rochas vermelhas. O resto da compota teria de servir como café da manhã e, possivelmente, almoço. Sem dar atenção aos protestos do estômago, Suzanne limpou as mãos na saia.

— Você está com um pouco de calda no queixo — Jack avisou com um meio sorriso.

Quando Suzanne levou os dedos ao lugar errado, ele passou a mão.

— Não, aqui.

Sem pensar, ela virou a cabeça e lambeu a calda da mão dele.

— Hum, você está com um sabor muito bom.

Jack quis puxar a mão, porém, ela a segurou pelo pulso e tornou a lambê-la. E bem devagar dessa vez. Pela palma calejada, para cima de um lado e para baixo do outro.

— *Muito* bom.

— Suzanne...

O anseio sentido antes manifestou-se outra vez, rápido e forte. Ela ignorou o suspiro de Jack e, com o lábio inferior dobrado para fora, deslizou-o pelas pontas dos dedos dele. A pele áspera raspou a parte lisa e acetinada de seu lábio.

Jack tinha mãos tão fortes... Suzanne lembrou-se das sensações que elas tinham lhe provocado no pescoço, nos seios, o arrepio na pele da barriga. Baixou as pálpebras, apagando as sombras, o confinamento das rochas e o homem a seu lado. Com a língua, passando-a com suavidade, explorou as calosidades e as dobras duras.

Quando ela pôs-lhe o indicador na boca e o chupou bem devagar, Jack soltou uma exclamação abafada e reagiu. Segurando-a pelo queixo, virou seu rosto para o dele.

— Você sabe que diabo está fazendo?

Suzanne abriu os olhos e, com a cabeça inclinada para trás, fitou os cinzentos dele.

— Sei.

A resposta suave e segura atingiu Jack como um murro no estômago. Ele já sentia a ereção havia alguns minutos, mas passava também a sofrer.

Pelo amor de Deus, ele não podia possuí-la ali, a céu aberto, no chão rochoso! Tinha de pensar em Alejandro e O'Reilly. Se os bandidos tivessem conseguido soltar as cordas, poderiam estar à procura deles naquele exato momento. Mesmo que a noite os atrasasse como a ele e Suzanne.

— Jack, me beije.

— Deus do céu!

— Por favor, me beije.

A súplica suave destruiu o resto do controle de Jack. Ele a queria, a desejava quase desde o momento em que a tinha atirado ao chão durante o assalto. Havia tentado com todo esforço possível não tocá-la, mas já tinha desistido de lutar contra o desejo atormentador que ela lhe provocava. Com a mão atrás de sua cabeça, apossou-se de sua boca.

Suzanne o aceitou, feliz. Juntou a língua à dele numa dança ágil e rápida. Jack sentiu o gosto de poeira misturado à doçura da compota. Mulher quente, receptiva. Abraçando-o pelo pescoço, ela saboreou o beijo avidamente.

Sua desenvoltura acabou com o resto da resistência de Jack. Tinha de possuí-la, terminar o que haviam começado na cama de Mother Featherlegs. Terminar logo. Ali. Com parte dos ouvidos atenta aos ruídos em volta e o resto dele dando vazão à paixão arrasadora que ameaçava destruí-lo.

Levantou-se da pedra, forçou-a a segui-lo e, com as mãos em suas nádegas, puxou-a de encontro ao corpo. O guarda-pó abriu-se e a saia enrolou-se entre seus joelhos. Com um gesto impaciente, ela a afastou, permitindo que os corpos se tocassem dos quadris até as bocas. Os seios prensavam-se contra o peito dele, mas Suzanne já tinha ultrapassado o ponto em que precisava que Jack os estimulasse com carícias.

Ele podia sentir-lhe o calor e calcular a umidade entre suas pernas, onde estavam separados apenas por seu calção e a calça dele. Sem soltar sua boca, ele a ergueu do chão para que sentisse a ereção. Era um aviso. O último que lhe dava.

Suzanne soltou a boca. Com os olhos arregalados, fitou-o. Jack viu um lampejo de incerteza e cada músculo dele retesou-se em protesto.

— Jack, eu não... eu não...

— Está bem — ele resmungou ao recuar um pouco.

— Não! — Ela o agarrou pelo braço e o puxou de volta. — Eu... não sei o que fazer. Você vai ter de me mostrar.

Atordoadado, Jack sentiu-se como se Suzanne lhe houvesse aberto o fundo do peito e colocado as mãos pequeninas e delicadas em volta do coração dele.

— Jack?

— Você não faz nada, doçura. — Deitou-a no chão e, escorregando a mão por sua barriga, ele encontrou a abertura do calção. — Nem uma única coisa.

— Então o que... Oh! Oh meu Deus!

Sua cabeça vergou para trás. Sob o luar, seus olhos brilhavam e extravasavam surpresa. Com delicadeza, ele massageou sua parte mais íntima. Suzanne contorceu-se com o toque, embaraçada e um pouco nervosa, mas ao mesmo tempo tão ansiosa que a respiração tornou-se ofegante.

— Jack...

Ele voltou a capturar-lhe a boca. Uma das mãos embrenhou-se em seus cabelos enquanto a outra continuou a acariciá-la.

Jack nunca havia se deitado com uma virgem. Aliás, jamais se interessara por isso. Agora descobria o porquê. A idéia de romper sua proteção, de penetrar o corpo trêmulo de Suzanne e provocar-lhe dor quase o intimidou.

Quase.

Outra parte dele, a sombria e primitiva, estremecia com a necessidade feroz de possuir aquela mulher. A carência instintiva o sacudiu da cabeça aos pés com tanta violência e afobação que ele mal conseguiu dominá-la.

Aprofundou o beijo e, com o dedo, iniciou um ritmo vagaroso e contínuo que logo a fazia contorcer-se freneticamente. Jack transpirava e sentia a dor da ereção espalhar-se pelo corpo.

Mesmo assim, forçou-se a esperar até ter certeza de que Suzanne poderia recebê-lo. Só quando ela gritou-lhe o nome e teve o primeiro espasmo, desabotoou a calça e imobilizou-a com as mãos em seus quadris. Num impulso rápido, venceu sua barreira.

Ela gritou outra vez. Jack notou o tom de surpresa, de choque, mas não de dor ou de medo. Um alívio imenso o engolfou e, quase no mesmo instante, ele cedeu ao desejo imperioso e magnífico.

O ofuscamento mental de Suzanne passava vagarosamente. Aos poucos, ela tomava consciência de várias sensações diferentes, todas curiosas e desconhecidas. Um leve latejar na junção das coxas. Uma umidade pegajosa entre as pernas. Os vestígios do prazer mais inacreditável.

E Jack.

Jack aconchegando-a contra o peito. Jack afagando-lhe os cabelos. Jack alternando pragas resmungadas com palavras carinhosas murmuradas.

— ...criatura mais idiota.

Ela respirou fundo e afastou-se um pouco.

— Você está referindo a mim ou a você?

Com os músculos do rosto contraídos, ele endireitou sua saia.

— A mim. Você merecia algo melhor do que isto em sua primeira vez.

Suzanne refletiu sobre o momento em que seu universo inteiro se reduzira a um único ponto branco, brilhante e quente de prazer.

— Devo acatar seu julgamento, claro, mas não acredito que pudesse ter sido nem um pinga melhor.

— Não, você não acreditaria.

Rindo um pouco, ela deu-lhe um tapinha no rosto.

— Por favor, Jack, para de se lamentar. O que acabamos de fazer foi bem... satisfatório.

Isso prendeu-lhe a atenção. Com o rosto banhado pelo luar, fitou-a por um longo momento.

— Satisfatório?

— Sim, bastante.

Para alívio intenso de Suzanne, surgiu um brilho de alegria nos olhos de Jack, que se transformou num sorriso cativante.

— Muito bem, desde que você esteja *satisfeita*.

Ainda sorrindo, ele a beijou nos lábios.

— A menos que você esteja planejando passar o resto da noite aqui nesta pedra, acho melhor eu providenciar um lugar melhor para nos acomodarmos.

Ele encontrou uma cavidade na rocha e pôs-se a tirar, com os pés, galhos e folhas secas trazidos pelo vento, lascas de pedra e residentes indesejáveis. Com intenção de ajudá-lo, Suzanne levantou-se do chão, mas a umidade pegajosa entre as pernas provocou-lhe uma careta. Depois de lançar um olhar rápido para os lados de Jack, escondeu-se atrás de uma rocha, rasgou uma tira da anágua, já em péssimo estado, e limpou-se da melhor maneira possível.

Como o lugar já estivesse preparado quando se juntou a Jack, ela tirou o guarda-pó a fim de se deitar.

— É melhor dormir com ele, pois de madrugada esfria um pouco, Suzanne.

— Ele é grande o suficiente para cobrir nós dois.

— Eu não preciso disso. As pedras ainda guardam calor do sol. Vou sentar aqui, encostado nelas, e você poderá me aquecer na frente.

Já que ele se recusava a aceitar qualquer outro arranjo, Suzanne tornou a

vestir o guarda-pó antes de deitar-se no chão, perto de Jack. Ele a aninhou entre os braços, proporcionando um travesseiro conveniente e calor aconchegante.

Acima da garganta estreita, a lua estava a pino no céu aveludado. Milhares de estrelas pareciam suspensas sobre eles. As vozes da noite se faziam ouvir. O vento, sempre presente, suspirava entre as colunas de rocha. Suzanne ouviu o bater de asas. Morcegos, imaginou, ou uma coruja em busca da presa. Na distância, um coioote solitário uivava tristemente.

Às suas costas, o peito de Jack subia e descia. A respiração dele, calma e contínua, soprava fiapos de cabelos em sua testa. Apesar da tranquilidade aparente de Jack, Suzanne sabia que ele não dormiria. Ele havia fechado os olhos e relaxado o corpo exatamente como fazia quando se deitavam na enxerga no puxado. Mas ao menor ruído ou à mínima indicação de perigo, ele pularia em pé, empunhando a pistola de Alejandro. Ela não entendia como alguém podia subsistir tanto tempo dormindo tão pouco.

O que tinha provocado aquela situação em que ele não se atrevia a baixar a guarda?

— Por que você está perseguindo Dawes?

A respiração dele perdeu o ritmo.

— Por quê, Jack?

A indagação ficou sem resposta por tanto tempo que Suzanne quase a repetiu.

— Dawes assassinou meus pais. Ele e três amigos.

— Deus misericordioso!

Suzanne tentou sentar-se, mas as mãos firmes de Jack a impediram. Então, continuou a falar:

— Eles chegaram a nossa fazenda perto do meio-dia. Disseram que queriam apenas uma refeição quente e alimento para os cavalos. Meu pai não gostou da aparência deles e me mandou ir correndo pegar a espingarda em casa, mas...

— Mas?

— Eles o largaram caído no campo de feno com um tiro na garganta e me alcançaram antes que eu chegasse em casa.

Suzanne podia senti-lo tenso, retesado às suas costas, ouvir o vazio na voz dele.

— Eles me deixaram desacordado com uma coronhada na cabeça e se revezaram violentando minha mãe. Mais tarde, fiquei sabendo que ela havia lutado

tanto que eles precisaram amarrá-la e enfiar a blusa em sua boca para impedi-la de continuar os amaldiçoando. Ela morreu sufocada no próprio vômito. Quando cheguei lá, a encontrei amarrada ao pé da mesa. Enterrei meus pais, afivelei o cinturão com o revólver nos quadris e fui embora no dia seguinte.

As estrelas, tão radiosas momentos atrás, tinham perdido o brilho. Numa tentativa inútil para apagar a imagem daquela história terrível, Suzanne fechou os olhos.

— Vendi a fazenda e passei a pegar qualquer trabalho que encontrasse... conduzir boiadas, cavalgar ao lado de trens como segurança, atirar bêbados para fora de bares. Mas durante todos esses anos, não parei de rastreá-los.

Suzanne manteve-se calada. Não havia nada que pudesse dizer.

— Peguei três deles. Dawes é o último. Ele é um homem morto, Suzanne. Tão logo eu a deixe em segurança, irei atrás dele.

CAPÍTULO XVI

No dia seguinte, um pouco antes do meio-dia, avistaram uma fileira de choupos raquíticos. Suzanne não se lembrava de terem passado por eles na vinda. Jack também não. Virando-se na sela, ele observou a ravina estreita que tinha ficado para trás.

— Acho que não reconhecemos uma das marcas.

O fato de que talvez estivessem perdidos não preocupava Suzanne nem a metade do que a perspectiva de molhar a garganta a emocionava. Onde existiam árvores tinha de haver água. Mal contendo a impaciência, dirigiu a montaria rumo à vegetação mirrada.

Os choupos agarravam-se à base de um escarpado paredão rochoso, obviamente sugando a umidade vivificante de um riacho subterrâneo. Acompanhada de perto por Jack, ela seguiu a curva do paredão.

— Olhe! Veja aquilo!

A uma curta distância, o riacho borbulhava para a superfície e formava uma lagoinha rasa de água límpida. Com um grito de alegria, Suzanne desmontou e correu a ajoelhar-se na margem. A água estava tão limpa, fresca e maravilhosa que ela mal notou o travo amargo dos minerais que a rocha porosa deixava escapar. Com Jack abaixado a seu lado, ela bebeu o líquido precioso até matar a sede.

Quando terminou, suspirou profundamente de satisfação. Inclinou-se para trás, fechou os olhos e, firmada nos cotovelos, virou o rosto para sol, entregando-se ao simples prazer daquele momento.

— Vamos ficar aqui por algum tempo. Os cavalos precisam descansar e pastar.

— Hum!

— Isso também nos dará a chance de nos refazer um pouco e nos lavar.

Ela abriu os olhos e o viu fitando-a com aquela expressão familiar.

— Não me olhe assim! — exclamou.

Com o chapéu caído às costas, preso no pescoço pelos cordões de couro cru, cabelos soltos da trança quase desfeita, o rosto enlameado pela mistura de poeira e água, ela sabia que estava com a aparência de uma criatura de regiões incultas, mas simplesmente não se importava.

— Você já me viu no maior requinte e na pior deselegância — disse a Jack com um olhar de esguelha.

O brilho nos olhos cinzentos aumentou.

— Neste momento, qual é? — ele indagou.

— Por que você não me diz?

— Está bem. — Ele passou o indicador por seu queixo úmido. — Sua aparência agora é a sua segunda melhor.

— É mesmo?

— Sem dúvida. A primeira foi a de ontem à noite. Com a cabeça inclinada para trás e o luar iluminando seu rosto. Levarei essa imagem comigo aonde quer que eu for — Jack murmurou bem devagar.

Suzanne teve a impressão de morrer um pouco ao ouvi-lo, mas conseguiu sorrir.

— Bem, nenhum de nós dois vai a qualquer lugar agora. Vamos deixar os cavalos beber água, cuidar deles e depois escolher entre a carne de vaca e o mocotó de porco.

Apesar de sua animação determinada, as palavras de Jack martelavam a cabeça de Suzanne enquanto eles esfregavam os cavalos com capim, por falta de uma escova, antes de deixá-los pastar. Ainda pensava nelas quando ele decidiu voltar a pé para tentar descobrir a marca que não tinham visto, deixando para ela a decisão sobre o que almoçariam.

Como o conteúdo das duas latas não lhe apetecia, Suzanne achou melhor ir

mergulhar os pés na água antes de resolver qualquer coisa.

As bolhas tinham cicatrizado completamente, ela verificou ao descalçar as botas no capim à beira da pequena lagoa. Mergulhou os pés e a água fria provocou-lhe um arrepio nas pernas, mas estava tão gostosa que ela logo alterou os planos. A oportunidade de se livrar de algumas das camadas de poeira valia bem novos arrepios. O guarda-pó de oleado, a blusa e a saia foram largados no capim, seguidos da anágua rasgada. Ao entrar na água, com apenas o corpete e o calção, as manchas vermelhas nas pernas dele prenderam-lhe o olhar.

Suzanne abaixou-se a fim de esfregar a evidência da virgindade perdida. Só então começou a ter consciência da enormidade do ato cometido. À noite, adormecer nos braços de Jack tinha mantido a inquietação e as dúvidas afastadas. A sede e o esforço para encontrar as marcas que os tirariam do labirinto rochoso haviam lhe ocupado a mente a manhã inteira. Naquele momento, com a sede aplacada e mergulhada na água até a cintura, Suzanne encontrou tempo para refletir sobre sua irresponsabilidade.

Esperou sentir vergonha, medo, uma ponta de arrependimento por não poder mais levar seu presente mais precioso ao leito matrimonial. Tudo que emergiu de seus pensamentos confusos foi pura alegria.

A noite passada pertencia a ela. Como Jack, também levaria a lembrança daquela hora roubada aonde quer que fosse. Ao contrário dele, entretanto, recusava-se a acreditar que a noite anterior não passaria de uma recordação para levar consigo. Juntos, eles haviam ido muito longe, percorrido muitas milhas, concreta e abstratamente.

Ela não o deixaria sair de sua vida. Não conseguiria. Jack tinha invadido seu coração, marcado-o como ferro em brasa em couro cru.

Com o queixo erguido, da maneira em que os pais e o irmão reconheceriam imediatamente como exibição de sua inflexibilidade, Suzanne levantou as mãos cheias de água e deixou que ela escorresse pelo pescoço e o peito enquanto analisava as várias maneiras para fazer Jack ver que pertenciam um ao outro. A mais óbvia não lhe ocorreu até ouvir um som abafado às suas costas.

Virou depressa a cabeça para trás, sentindo-se um tanto tola ao ser apanhada dentro da lagoa minúscula que mal passava de uma poça. Seu embaraço evaporou-se ao ver a expressão de desejo ardente estampada no rosto de Jack.

O coração começou a bater mais depressa. Bem devagar, ela apanhou mais água nas mãos em concha e deixou-a escorrer, mais devagar ainda, pelo corpo.

O corpete e o calção, completamente molhados, grudavam em seus seios e nos quadris. Suzanne observou o olhar de Jack percorrer cada pedacinho de seu corpo. Deliciou-se ao notar a mancha vermelha espalhar-se pelo rosto dele.

— Por que você não vem me fazer companhia? A água está fria, mas não gelada.

Suzanne estava certa de que ele se recusaria a aceitar o convite e sentiu-se desapontada quando ele se virou de costas. Sem dúvida alguma o instinto de defesa dele falava mais alto. Ele não tiraria o cinturão com o revólver, se despiria e brincaria um pouco numa lagoa rasa enquanto eles ainda tinham de encontrar a saída das Badlands.

Ou se atreveria a tanto?

No momento em que o chapéu dele atingiu o capim, seus pulmões contraíram-se. Quando ele já tinha tirado cada peça de roupa, ela mal conseguia respirar.

Suzanne ainda não o tinha visto nu. Aliás, nunca vira um homem adulto nu, embora ela e Bright Water houvessem, uma vez, se deparado com vários soldados tomando banho no rio. Ela havia, entretanto, admirado várias estátuas de gregos em livros e museus. No mesmo instante, concluiu que Jack Sloan comparava-se a qualquer grego de maneira vantajosa. O sol da tarde refletia em todos os lugares da pele que não estavam bronzeados. Pêlos escuros brilhavam no peito, na barriga e... mais abaixo.

O rosto de Suzanne afogueou-se. Tentou desviar o olhar. Honestamente tentou. Mas o desejo tinha tomado vida em seu corpo e ela já havia ultrapassado o ponto de constranger-se como uma virgem.

Jack entrou na água, o olhar preso na mulher que o hipnotizava como as sereias, segundo ouvira contar, atraíam os marinheiros para sua perdição. Ele era um tolo por ceder ao desejo ardente que o consumia. Pior do que um tolo. Ele merecia receber um tiro pelo que tinha feito na noite anterior. Porém, tanto quanto ele não podia impedir o vento de soprar pelas rochas, não conseguia resistir às curvas tão provocantes sob a cambraia de linho.

Só mais uma vez, Jack jurou. Ele tinha de possuí-la mais uma vez antes de seguirem a marca que havia encontrado e escaparem das Badlands. Desta vez, faria tudo certo. Devagar e carinhosamente, lhe proporcionaria prazer. Mostraria como poderia ser. Como *deveria* ser.

Ele a despiria ao sol e deixaria que o olhar faminto admirasse o que apenas tinha vislumbrado sob o luar na véspera à noite. Os olhos de Suzanne estavam ardentes de paixão. A pele acetinada enrubescia. Os seios firmes erguiam-se, os mamilos intumescidos lembravam botõezinhos de rosa.

Uma pequena veia latejava em seu pescoço enquanto ela dobrava as pernas e sentava-se nos calcanhares. Jack aproximou-se, as mãos crispadas enquanto o olhar devorava seu busto, a cintura e até o umbigo que a cambraia molhada deixava ver.

— Você é tão pequenina, tão delicada — ele murmurou numa voz embargada

pelo desejo.

— Acho que você já mencionou algo parecido. Antes de comentar que eu pesava mais do que minha aparência dava a perceber — ela disse com um riso tímido.

— Eu quero vê-la, Suzanne, inteirinha.

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes, mas não recuou quando Jack segurou a bainha do corpete. Trêmula, levantou os braços para que ele tirasse a peça por sua cabeça. A barriga arrepiou-se quando ele desamarrou o cadarço do calção que, solto, escorregou por suas pernas.

Suzanne ajoelhou-se diante dele, jovem, linda e tão perfeita que Jack não podia acreditar que ela o deixaria tocá-la e, muito menos, levantar o rosto para o dele e retribuir-lhe o beijo com a mesma ânsia que o dominava.

Desta vez, ele a amou exatamente como tinha jurado. Depois de deitá-la no capim na margem da lagoa, vagorosamente estimulou-a a atingir o prazer, mostrando-lhe como a união dos dois podia ser maravilhosa.

E desta vez, Suzanne descobriu a alegria inesperada, absolutamente intoxicante de dar e receber ao mesmo tempo. Explorou o corpo de Jack com a boca, a língua, as mãos impacientes, guiou-o para o próprio corpo, gritou em pleno êxtase de prazer indescritível.

Ficaram ali perto da água o tempo suficiente para os cavalos pastar e o vento quase secar a roupa de baixo de Suzanne. Com a pedra pontiaguda, que Jack tinha guardado no bolso, ele abriu a lata de carne ensopada. De fato estava salgada. Alimentaram-se depressa e beberam mais água.

Big Nose tinha dito que ele e o grupo estariam de volta naquela noite, caso o assalto desse certo. Suzanne temia encontrar os bandidos ao sair das Badlands, mesmo assim, foi preciso força de vontade para encilhar a montaria.

Tudo nela implorava por mais um dia, ou mais algumas horas ali. Jack a deixaria tão logo chegassem a Fort Meade. A vontade de vingar os pais era grande demais para fazê-lo desistir quando já estava tão próximo do último assassino.

O tempo corria a favor de Jack e contra ela. Não podia ficar esperando em Fort Meade enquanto ele ia atrás de Charlie Dawes. Se ainda tivesse a mínima chance de encontrar Bright Water, ela precisaria partir imediatamente para o acampamento dos Arapaho. Talvez depois surgisse uma nova oportunidade para eles, refletiu enquanto segurava-se no arção da sela a fim de esticar o corpo o suficiente para colocar uma das botas no estribo. Quem sabe Jack voltaria para procurá-la depois de acertar as contas com Dawes.

Ela alimentou essa esperança secreta durante o resto do trajeto difícil e tortuoso pela Muralha. Viam-se obrigados a cavalgar devagar, demais para o gosto

de Jack. A cada hora que se passava, ele distanciava-se mais à frente de Suzanne, procurando suas marcas, determinado a atirar e dar-lhe tempo para escapar por uma das gargantas sem fim, caso os bandidos aparecessem. Quando encontraram a última marca, arredondada como o salto da bota, sombras já se projetavam nas paredes da garganta e Suzanne estava com os nervos à flor da pele.

— Estamos perto da saída — Jack disse ao apontar para uma pedra esculpida pelo vento à semelhança da cabeça de um camelo. — Eu me lembro daquela formação.

— Eu também.

— Ainda temos uma hora ou mais de luz. Se a lua estiver tão cheia como ontem à noite e nós alcançarmos a estrada, acho que devemos tentar chegar a Fort Meade. Será uma cavalgada penosa, mas...

— Eu agüentarei.

— Tenho certeza. — Apesar da tensão nos músculos dos ombros, Jack sorriu-lhe. — Só estou preocupado se vou conseguir acompanhá-la — brincou.

Suzanne mantinha aquele sorriso na mente quando rodearam uma formação maciça de rocha, deixando finalmente A Muralha para trás. Depois das gargantas, dos desfiladeiros estreitos, confinados pelas rochas, a pradaria ondulante, banhada pelos últimos raios de sol, causou-lhe um impacto, estimulando o ânimo tão necessário.

Menos de vinte minutos mais tarde, a poeira que surgiu ao norte provocou-lhe novo impacto. Estava muito longe para se saber quem ou o que a provocava. Mas vinha em direção a eles e bem depressa.

Suzanne aproximou-se de Jack.

— Você está vendo aquilo?

— Estou.

— Big Nose?

— Calculo que sim.

Aflita, Suzanne olhou para trás. A Muralha, com seus dentes afiados apontando para o céu, aguardava-os para esgotá-los mais uma vez.

— Deveríamos voltar?

— Tarde demais. Se podemos ver-lhes a poeira eles também podem ver a nossa. Se virarmos para fugir, eles nos seguirão com a maior facilidade — Jack explicou com voz desanimada.

— Que tal se nos desviarmos para o sul, na direção oposta à deles? Talvez estejam com tanta pressa de chegar ao esconderijo deles que não nos seguirão.

— Você tem uma sugestão melhor?

Suzanne olhou para a nuvem de poeira.

— Não me ocorre mais nenhuma.

— Então, rumo ao sul, coração, e depressa.

Mais tarde, sempre que Suzanne pensava naquela fuga, achava que teriam escapado se os cavalos não tivessem passado dois dias mal alimentados e bebido água só uma vez.

Os animais faziam um esforço imenso. Com os lados do corpo arfando, eles voavam pela pradaria. Lamentando o que exigia do seu, ela continuou a forçá-lo a um galope desenfreado. O tempo todo, rezava para que os cavaleiros que os perseguiam, vindo do norte, virassem e desaparecessem entre as rochas.

Por uns segundos, pensou que eles houvessem diminuído a marcha. Tinha certeza de que haviam tomado o rumo da Muralha. Uma esperança louca a dominou para despedaçar-se em seguida quando uns seis cavaleiros viraram as montarias para o sul.

Curvados sobre os animais, ela e Jack corriam pela pradaria. O tropel na terra igualava-se às batidas de seu coração. A espuma acumulada na boca de seu cavalo voava para trás e atingia-lhe o rosto.

Pelo canto de um dos olhos, Suzanne viu o ruão pisar no buraco de uma marmota, perder o equilíbrio e cair. Jack foi junto, mas conseguiu manter-se na sela enquanto o animal, arfando e de olhos arregalados, levantava-se.

Desesperada, Suzanne puxou as rédeas e virou a montaria para trás. O ruão não mancava, ela percebeu, soluçando de alívio. Porém, o pobre animal perdeu segundos preciosos para retomar a marcha acelerada.

— Continue cavalgado a toda. Vou ficar para trás a fim de atrair-lhes os tiros
— Jack gritou.

— Não!

— Droga, Suzanne, vá em frente!

Por um segundo ou dois, ela pensou em puxar as rédeas, virar e voltar a fim de se entregar. Afinal era ela a quem os bandidos queriam para trocar pelos mil dólares.

Mas Jack a seguiria e pagaria muito caro pela fuga dos dois e pelos homens em quem havia atirado no processo. Aflita, bateu com as rédeas nos lados molhados de suor da pobre montaria.

O primeiro estampido de tiro de espingarda a fez quase dobrar-se na sela. Sacudida pelo medo, virou a cabeça para trás e viu Jack aumentar a distância entre os dois antes devolver o tiro. Com o pipocar das armas de fogo enchendo o ar, Suzanne cavalcou rumo a uma pequena elevação, a cerca de meia milha de distância, com a intenção de pôr, pelo menos, a mínima proteção entre eles e seus perseguidores.

Foi então que ouviu o toque distante de corneta, ou pensou ter ouvido. Seu coração batia com tanta força e tão depressa contra as costelas que ela ficou certa de haver imaginado o sinal fraco.

Segundos depois, a corneta soou outra vez e mais claramente. Suzanne soltou uma exclamação de alegria, virou-se na sela e gritou para o homem já alguma distância para trás.

— Jack! Você ouviu aquilo? São os corneteiros da cavalaria!

— Continue cavalgando! Eu não ouço qualquer...

Ele não terminou. O olhar surpreso fixava-se num ponto além de Suzanne. Ela tornou a virar-se na sela e soltou nova exclamação de alegria. Instigando a montaria a retomar o galope, foi ao encontro dos soldados que acabavam de surgir no topo da pequena elevação.

O destacamento não era muito grande. Ao se aproximar dele, Suzanne reconheceu a flâmula vermelha e branca, tremulando ao vento. Era o emblema da Companhia B, Segundo Regimento da Cavalaria! Uma das companhias sob o comando do padraсто!

Numa alegria incontrolável, Suzanne foi ao encontro da coluna azul. O guarda-pó de oleado abriu-se enquanto a saia subia para cima do meio das pernas. Tirou fora o chapelão e, feito louca, balançou-o no ar ao mesmo tempo que se aproximava do destacamento.

— *Toujours prêt!* — gritou, ciente de que o comandante da coluna reconheceria o lema regimentar da Segunda Cavalaria: Sempre Prontos, *Toujours Pret!*

Ela ouviu o brado de uma ordem e pensou vislumbrar um lampejo dourado na dragona no ombro de quem comandava o destacamento. Numa manobra bem executada, os elementos da frente separaram-se para permitir-lhe que passasse por eles. Em seguida, fecharam fileiras atrás dela.

Suzanne puxou as rédeas com tanta força que a montaria parou escorregando

as patas. Virou-a para trás e já ia soltar exclamações de júbilo, mas estas ficaram presas em sua garganta. Em vez de repetir a manobra a fim de que Jack também passasse por eles, os soldados da fileira da frente já tinham apoiado as espingardas nos ombros para atirar.

Chocada, Suzanne quase não conseguiu se controlar. Tarde demais, dava-se conta de que eles a consideravam o alvo dos tiros de Jack! Pensavam que ele a perseguia! Ele e a meia dúzia de bandidos que, furiosamente, viravam as montarias na tentativa de escapar.

— Não!

Seu grito cortou o ar ao mesmo tempo que a fileira da frente abria fogo. No auge do pavor, Suzanne viu Jack inclinar-se para o lado, puxando as rédeas com ele. O ruão empinou, escorregou numa das patas traseiras e caiu.

CAPÍTULO XVII

— Srta. Bonneaux!

Coberto de poeira, o tenente encarregado do destacamento segurou as rédeas da montaria de Suzanne quando ela tentou passar pela primeira fileira. Então, ela o reconheceu, mas não tinha a mínima intenção de perder tempo com o tenente jovem e vistoso com quem havia dançado várias valsas na noite anterior a sua viagem em busca de Bright Water. Todos os seus pensamentos concentravam-se no homem caído no capinzal da pradaria.

— Largue minhas rédeas!

Ocupado em emitir ordens, o tenente Carruthers não a ouviu ou preferiu ignorar sua exigência aflita.

— Cabo Stanislav, fique aqui com os praças Dubois e Patterson para proteger a srta. Bonneaux. Corneteiro, toque o sinal de ataque.

Numa nuvem de poeira sufocante, entre o ranger de selas e o retinir de espadas, a tropa passou por Suzanne. Antes que o último homem tivesse partido, ela empurrou a montaria contra a do cabo Stanislav, forçando o animal, com o cavaleiro, a desviar-se para o lado. Em seguida, partiu a galope. Com um grito de alarme, o cabo esporeou o cavalo para ir atrás.

Ao chegar perto da silhueta caída de bruços no chão e a cabeça virada para o lado, o pavor comprimiu o peito de Suzanne de tal forma que ela mal conseguia respirar. O sangue já tinha se espalhado sob Jack, manchando a terra.

— Ai, Deus bondoso, por misericórdia! — ela soluçou, quase incoerente de tanto medo. — Por favor!

O terror a sufocava quando desmontou. Abaixou-se ao lado de Jack e o tocou com mãos trêmulas. Gastou segundos preciosos para ter certeza de que ele continuava vivo. O sangue que borbulhava no canto da boca a deixou mais apavorada ainda.

Mesmo antes de gritar para o cabo ajudá-la a virar Jack de costas, sabia que o tiro tinha atingido o pulmão dele. Durante muitas horas, ela havia ajudado a mãe no trabalho voluntário em hospitais de postos do exército e, por isso, sabia reconhecer vários sinais.

— Cuidado! — gritou. — Bem devagar!

Eles o rolaram para ficar de costas. Então, viram que ele tinha levado um tiro na coxa além do no peito. O cabo, ajoelhado a seu lado, não disfarçou um sorriso de satisfação.

— Este aqui está perdido. Uma coisa muito boa. Um a menos do bando assassino de Big Nose Parrott para arrastarmos até Cheyenne e pendurarmos numa corda.

— Ele não faz parte do bando de Parrott — Suzanne afirmou com veemência enquanto rasgava uma tira da anágua.

— Não? Então por que ele a estava perseguindo?

— Não estava coisa nenhuma! Afaste-se para o lado e deixe-me cuidar dele.

A hora seguinte foi a mais angustiante da vida de Suzanne. Ajoelhada ao lado de Jack, chamava-o com voz embargada, pressionava levemente os pedaços da anágua nos dois ferimentos e recusava-se a sair dali. Só o fez quando o cabo trouxe a caixa com apetrechos e medicamentos para emergências.

Depois de limpar as mãos sujas de sangue na saia, Suzanne a abriu e examinou o conteúdo escasso que todas as tropas levavam em suas excursões. Numa voz cadenciada, Stanislaw recitou:

— Duas camadas quadradas de gaze, de uma polegada e meia, saturadas de água fria e colocadas em cada orifício do ferimento.

— Eu sei — Suzanne disse em tom áspero.

Como qualquer soldado, ela estava familiarizada com a Ordem Geral Nº 77. A velha setenta e sete, como era conhecida pelo Oeste todo, oferecia uma lista de conselhos úteis para serem seguidos em território indígena. Explicava tudo em detalhes, desde o cuidado com os cavalos durante marchas prolongadas até orientação para os comandantes no emprego de batedores indígenas.

— Por favor, me passe seu cantil.

Enquanto Stanislaw o soltava da sela, Suzanne dobrou a gaze. Depois de umedecê-la com a água do cantil, usou-a para substituir o pedaço ensangüentado da anágua. Numa voz tensa, disse ao cabo:

— Não sei se a bala varou até as costas. Vamos ter de verificar. Enquanto seguro a gaze no lugar, você o vira de lado. Mas com o máximo cuidado, pelo amor de Deus.

Ela esperava que o mínimo movimento o fizesse recobrar a consciência. Desejava ardentemente ouvir um gemido ou até mesmo uma imprecação. Mas tudo que saiu pela boca de Jack foi nova golfada de sangue.

— Não vejo buraco algum no colete, senhorita.

O fato de a bala não haver atravessado o corpo deu uma réstia de esperança a Suzanne. Talvez as costelas de Jack a tivessem desviado. Nesse caso, ela não teria estraçalhado o pulmão, apenas o arranhado.

Rezando para que estivesse certa, avisou Stanislaw:

— Preciso de mais quadrados de gaze e, depois, tiras de oleado de seda para cobrir este ferimento antes de cuidar do outro na coxa.

Terminados os dois curativos, eles prenderam o da coxa com o lenço de pescoço amarelo do cabo e o do peito com mais uma tira da anágua de Suzanne. A peça de cambraia já não passava de um trapo e já estava bem acima de seus joelhos. Ela não se importava. Sacrificaria toda a roupa e o pudor se isso salvasse a vida de Jack.

Sentada sobre os calcanhares, embebeu outro pedaço de gaze em água do cantil e começou a limpar o sangue coagulado nos lábios dele.

Algum tempo mais tarde, o tropel de cavalos interrompeu a profunda concentração de Suzanne. Porém, ela não se deu ao trabalho de levantar a cabeça até que a patrulha parasse ao lado e uma voz querida gritasse seu nome.

— Suzanne!

Ao virar-se depressa para trás, ela viu o homem que a tinha criado pular da sela. Com os olhos cheios de lágrimas, ergueu-se e se atirou nos braços dele.

— Coronel!

Ela nunca o tinha chamado de pai. Esse tratamento só fora usado com o alegre e atraente jogador de barcos fluviais a quem havia adorado na infância. Mas com o passar do tempo, aquele oficial alto e esbelto tinha lhe conquistado o afeto profundo e se tornado seu pai em todos os sentidos da palavra.

Ele era major quando Suzanne e a mãe, anos atrás, se viram meio perdidas no Fort Laramie. Poucas semanas depois que Andrew Garrett e Júlia Bonneaux haviam resolvido questões do passado de cada um e planejado compartilhar o futuro, ele tinha sido promovido a tenente-coronel e, após algum tempo, a coronel. Qualquer dia desses, ele estaria ostentando a estrela de general.

Porém, o soldado da cavalaria que havia comprado um pônei para a menina de seis anos, manhosa e mimada, seria sempre coronel para Suzanne. Ele a tinha ensinado a cavalgar, aconchegado-a no colo quando ela estivera muito doente e a consolado pela morte do pai.

Ele a estreitou entre os braços como tinha feito tantas vezes no passado e acariciou-a na cabeça com a mão enluvada.

— Pronto, boneca, passou. Você está segura agora.

A torrente de lágrimas de Suzanne parou quase tão depressa quanto tinha começado. Ela soltou-se, enxugou os olhos na manga da blusa e pediu um relato dos fatos.

— O senhor os capturou? Big Nose e o bando dele?

— Pegamos quatro deles. Três outros escaparam pela Muralha. Algum tempo atrás, o tenente Carruthers partiu no encalço deles.

O tenente não os encontraria, Suzanne calculava, mas sentia-se completamente desgastada pela combinação estranha de preocupação e alívio para revelar e explicar as dúvidas. Com as mãos trêmulas, afastou os cabelos da testa.

— Eu não sabia que o senhor estava aqui. Não o vi à frente da coluna quando fui acolhida por ela.

— Eu não estava aqui. Vinha rastreando Parrott desde que ele assaltou a diligência hoje de manhã.

Só então Suzanne notou a indumentária do padraço. Em vez da túnica azul do uniforme, ele vestia uma jaqueta de couro com franjas. O fato em si não era raro. Tanto oficiais como soldados rasos adotavam, com frequência no Oeste, a peça prática e impermeável. Mas mesmo a calça escura não tinha a listra amarela da cavalaria ao longo do lado externo de cada perna. O único item com aspecto militar era o par de luvas de couro de búfalo, com punho longo e largo.

— Não entendo. Por que o senhor não está com a farda? E como descobriu o rastro de Parrott?

— Eu estava na diligência quando ele a assaltou esta manhã — o coronel contou com um sorriso malicioso. — Eu e dois de meus melhores batedores. Desde então, não o perdemos de vista.

— E o tenente Carruthers e a tropa dele?

— Eu os posicionei longe da estrada e fora do alcance da vista. Desde o assalto, passamos a nos comunicar com sinais por espelho e a intervalos regulares. Eu não queria que eles se juntassem a nós cedo demais, antes de Parrott nos levar a você.

— Mas como o senhor sabia que Big Nose ia assaltar essa diligência? Ora, será que adivinhei? Sua esperteza foi admirável, coronel! Preparou uma armadilha com boatos sobre o carregamento de ouro, não foi?

— Exatamente.

— Eu disse a Jack que o senhor não pagaria resgate algum a um ladrão assassino como Big Nose Parrott!

— Jack? — O olhar do padraсто baixou para o homem ferido no chão. — Calculo que se trate de Sloan.

— Ele mesmo — Suzanne respondeu com um nó na garganta. — O tenente Carruthers e seus homens atiraram nele, coronel. Parece que uma das balas atingiu o pulmão.

O rosto de seu padraсто, marcado pela intempérie, endureceu.

— Ótimo. Isso vai nos poupar o trabalho de amarrar o desgraçado entre dois cavalos e forçá-los a galopar em direções opostas.

— O quê?!

— Você não pode imaginar como fiquei aflito ao saber que estava cavalgando na companhia de Sloan. Tenho certeza de que você já descobriu que ele marcou sua diligência para ser assaltada.

Suzanne ignorou as dúvidas que havia sentido a esse respeito logo depois do assalto. Com firmeza, sacudiu a cabeça num gesto negativo.

— De forma alguma ele fez isso.

— Será que ouvimos a história errada? Segundo nos contaram, Sloan desarmou um passageiro que tentava atirar em Big Nose Parrott durante o assalto.

— De fato ele o desarmou, mas o sujeito estava bêbado e oferecia perigo com a pistola dentro do compartimento da diligência que, além de exíguo, estava cheio de passageiros.

— Também recebi um telegrama de Fort Meade. O comandante avisou que alguém chamado Butts chegou lá, acompanhado de uma chinesa, logo depois de você ser seqüestrada.

O alívio sentido por Suzanne, ao ter notícias de Matt e Ying Li, quase a deixou zonha.

— O nome completo dele é Mathias Butts e o da moça, Ying Li.

— Bem, esse tal Butts contou que George Parrott ofereceu repartir o resgate com Sloan.

— Mas Jack não aceitou a oferta. Talvez ele tenha dado a entender a Big Nose que pensaria sobre a questão, mas... Ai, essa história é confusa demais para ser explicada agora. O senhor pode fazer o favor de mandar o sargento-enfermeiro verificar o estado de Jack? O cabo Stanislaw e eu seguimos a orientação da Setenta e Sete. Cobrimos os ferimentos com gaze e...

— O resto da tropa está chegando, senhor!

O brado interrompeu a conversa de Suzanne com o padraсто. Depois de prometer mandar o sargento observar o ferido, o coronel foi ouvir o relatório do tenente Carruthers.

Suzanne ajoelhou-se novamente ao lado de Jack. Seu coração confrangeu-se. A barba por fazer nas faces e no queixo dele sombreava-lhe o semblante. Linhas brancas e curvas marcavam os lados de sua boca. A transpiração porejava na testa.

— Jack? Você pode me ouvir? Jack?

Por uma fração de segundo, ele entreabriu os olhos e deu a impressão de focalizá-los nela. Mas voltou a fechá-los em seguida.

Desesperançada, Suzanne ficou ao lado de Jack enquanto o sargento-enfermeiro examinava os curativos. Ele a cumprimentou por seu trabalho cuidadoso e afirmou-lhe que não havia mais nada que ele pudesse fazer.

— Srta. Bonneaux?

Tristíssima, Suzanne levantou o olhar da forma imóvel de Jack. O tenente Carruthers inclinou-se sobre ela, o rosto bonito coberto de poeira. Ela mal podia acreditar que pouco mais de uma semana tinha se passado desde que aquele atraente oficial da cavalaria a tinha acompanhado para casa, de volta do baile do regimento e lhe suplicado um beijo.

Jack não havia suplicado, ela pensou com uma pontada no coração. Pelo contrário, determinado, havia recusado o que ela ansiava lhe dar. Quase fora preciso forçar-se a ele lá no esconderijo entre as rochas.

— O coronel pede que vá identificar os quatro homens que o destacamento dele capturou — Carruthers a informou ao oferecer-lhe a mão a fim de ajudá-la a se levantar. — Infelizmente, perdemos o resto do bando na Muralha.

— Isso não me surpreende.

O olhar dele desviou-se para o homem ferido.

— O coronel Garrett garante que esse aí é Black Jack Sloan.

— Sim, é ele mesmo.

As sobrancelhas dele quase se juntaram.

— Ficamos sabendo que ele estava colaborando com George Parrott.

— Foram mal informados.

O tenente deu a impressão de que ia discutir esse ponto. Com o cenho carregado, Suzanne dirigiu-lhe um olhar sombrio.

— Durante o tempo todo de nosso curto relacionamento, o sr. Sloan agiu com grande coragem e consideração por minha pessoa.

Naturalmente não precisava entrar em detalhes ou dar exemplos ao tenente Carruthers, pois era óbvio que ele já tinha opinião formada sobre o famoso pistoleiro.

Ele esticou o queixo para a frente de uma maneira que o envelhecia e lhe distorcia a imagem cultivada em West Point.

— Se Sloan é de fato um cavalheiro, gostaria de saber como e por que ele a forçou a jogar uma partida de pôquer, cuja aposta era uma rameira chinesa.

Deus do céu! Teria Matt deixado escapar aquela história também? Suzanne ergueu bem a cabeça e exibiu um sorriso gélido.

— Espero que me desculpe, mas não vejo como tal incidente em particular tenha a mínima importância neste momento. Agora, se me der licença, vou atender o pedido do coronel para tentar reconhecer os prisioneiros.

Bastou apenas um olhar rápido pelos quatro homens carrancudos, sob vigilância segura, para Suzanne ver que Big Nose tinha escapado. Não muito segura de si, forneceu os nomes dos bandidos capturados. O coronel, então, deu ordem para seus homens montar novamente.

— Temos poucas chances de encontrar o esconderijo de Parrott naquele emaranhado de rochas, mas não me chamarei mais Andrew Garrett se não fizer outra tentativa. Tenente Carruthers, selecione oito homens e acompanhe minha filha e os presos até Fort Meade. Mande os homens preparar uma padiola com estacas de tendas e cobertor de montaria para transportar Sloan.

— Enquanto eles fazem isso, vou lhe explicar, coronel, como encontrar o esconderijo de Parrott — Suzanne apartou.

A surpresa estampou-se no rosto de seu padrasto.

— Você se lembra do caminho?

— Não, mas marquei a trilha.

A surpresa transformou-se num sorriso. Com o braço em seus ombros, beijou-a na testa.

— Você é igualzinha a sua mãe. Muito precavida.

Sabedora de que ele lhe fazia um grande elogio, Suzanne retribuiu o gesto carinhoso. Só depois de descrever os poucos sinais de que se recordava e as marcas que havia feito com o salto da bota, ela lembrou-se de perguntar ao padraсто sobre os outros passageiros na diligência daquela manhã.

— Havia apenas três além de mim e meus dois batedores — ele respondeu.

— Algum se chamava Charlie Dawes?

— Um sujeito magro, com marcas de varíola e aspecto de vagabundo?

— Não faço a mínima idéia da aparência dele. O assaltante que foi avisar Big Nose sobre o carregamento de ouro contou que Dawes tinha comprado passagem para essa viagem a fim de agir dentro da diligência caso fosse preciso.

O fato de haver se sentado em frente a um dos capangas de Parrott sem saber fez o coronel crisar os lábios com desdém.

— Ora, Parrott não precisava de um ajudante dentro da diligência. Nós *queríamos* que ele levasse embora a caixa-forte. Depois de parar, o cocheiro a entregou quase sem protestar ou dizer um palavrão. Sabe, nós a tínhamos enchido com lingotes de chumbo pintados de dourado.

Suzanne mordeu o lábio inferior. No momento, estava mais interessada no paradeiro de Dawes do que no do carregamento de ouro. Mesmo assim, comentou:

— Um belo logro para os bandidos. Mas o que quero saber é se esse sujeito com marcas de varíola continuou na diligência depois que o senhor desembarcou.

— Que eu saiba, sim. Qual é seu interesse no sujeito?

— Black Jack estava indo para Deadwood por causa de Dawes.

— Sloan o estava rastreando?

— Ele tem uma questão para acertar com o homem.

O coronel a fitou com expressão carinhosa nos olhos azuis.

— Pelo que o sargento-enfermeiro me informou, é meio duvidoso que Sloan viva o tempo suficiente para acertar qualquer questão.

Desesperada, Suzanne declarou:

— Ele tem vivido com esse propósito faz muitos anos. Jack chegará a Fort Meade. Terá de chegar.

O trajeto até Fort Meade, que deveria levar de quatro a cinco horas, estendeu-se pela noite adentro. A tropa mantinha as montarias em marcha lenta a fim de não sacudir sem necessidade o homem ferido na padiola improvisada. Suzanne atrasava mais ainda a ida com paradas regulares para verificar o estado dele.

Ela mal se agüentava na sela de tanta exaustão e medo quando avistaram o piscar das luzes de Fort Meade. Construído no ano anterior, perto de uma fenda natural no sopé das Black Hills, o forte abrigava a Sétima Cavalaria, recentemente reorganizada depois da desastrosa derrota na batalha de Little Big Horn.

Um coro de vozes e de latidos quebrou o silêncio da noite enquanto a tropa cansada passava por tendas, do exército e indígenas, fora da entrada, rumo à edificação principal. Dois soldados de folga, obviamente embriagados, saíram do bar numa das tendas e acenaram. Sentinelas interrogaram os recém-chegados antes que eles entrassem no terreno do forte.

Como tantos outros postos do exército no Oeste em que Suzanne havia morado, Fort Meade contava com construções longas, de dois andares, para alojamento dos soldados, outras para fins administrativos e casas para oficiais em volta da praça para cerimônias oficiais. Embora redutos defensivos ainda fossem necessários nos postos mais remotos, nenhum circundava este iluminado pelo luar. Na verdade, o exército confiava na força do grande número de seus soldados e no poder de fogo das armas nos fortes mais bem instalados.

O tenente Carruthers conduziu o destacamento através da praça, rumo às residências dos oficiais, e parou diante de uma casa de dois andares, com beirais e cumeeira alta. Enquanto o tenente mandava um soldado acordar o ajudante-de-ordem do oficial comandante e pedir-lhe que o avisasse da chegada deles, Suzanne desmontou e foi imediatamente para o lado de Jack. Pouco depois, Carruthers aproximou-se para dizer-lhe:

— O comandante do posto é o tenente-coronel McCormack. Ele telegrafou ao coronel Garrett, informando-o de seu seqüestro, e mandou várias patrulhas procurá-la. Ele e a esposa estavam aflitos com sua segurança e rezando para que fosse encontrada logo. Aliás, como muitos de nós.

Suzanne levantou o olhar depressa para o tenente. Pouco mais de uma semana atrás, ela teria rido, flertado e o tentado a abandonar a atitude formal. Naquela noite, não lhe restava energia alguma ou vontade para pensar em qualquer coisa além do estado de Jack.

— Agradeço por sua preocupação, Richard. Sinceramente.

— Srta. Bonneaux... Suzanne...

Ele deu um passo em sua direção, mas o que tencionava lhe dizer perdeu-se quando o oficial-comandante de Fort Meade e a esposa passaram depressa pela porta. Segurando o xale colocado às pressas sobre a camisola, a matrona desceu os degraus do terraço exclamando:

— Srta. Bonneaux! Nem queira saber como estou contente e aliviada por vê-la em segurança! Vamos entrar e... — Calou-se enquanto a consternação surgia em seu rosto gorducho ao ver o homem na padiola. — Misericórdia, um dos soldados foi ferido?

— Não, trata-se do sr. Sloan. Ele estava a meu lado quando a diligência foi assaltada.

O marido aproximou-se.

— Black Jack Sloan? Ótimo trabalho trazê-lo para cá, tenente. Vamos mantê-lo na prisão militar, sob vigilância extrema, até que as autoridades territoriais decidam onde ele será enforcado.

Suzanne reprimiu um suspiro.

— A história foi muito deturpada. Eu lhe garanto que o sr. Sloan não teve nada a ver com o assalto à diligência e, muito menos, com meu seqüestro.

— O que está me dizendo?!

— Por favor, eu lhe peço que providencie uma cama para ele e mande chamar o médico do posto. Ele recebeu dois tiros.

Vendo o ar de dúvida do oficial, o tenente Carruthers chegou mais perto.

— Os cumprimentos do coronel Garrett, senhor. Ele pede que seja providenciada toda a assistência possível à srta. Bonneaux e ao sr. Sloan enquanto ele continua perseguindo os foragidos da lei.

O nome do padraсто foi a palavra mágica.

— Sim, sim, claro. Levem o homem para dentro, soldados. Elizabeth, mostre-lhes em que quarto quer que acomodem o sr. Sloan.

Aflita, Suzanne viu os soldados soltar a padiola do cavalo e carregá-la rumo aos degraus de entrada. Ao mesmo tempo, a mulher do comandante dava instruções precisas. Suzanne os seguiu até o interior da casa, mas voltou depressa ao terraço.

— Richard?

O tenente Carruthers interrompeu o relatório formal que fazia a McCormack e, depois de pedir licença, foi-lhe ao encontro. Ela sentiu uma ponta de culpa ao ver a expressão esperançosa dele.

— Posso lhe pedir um favor?

— Claro.

— Mande uma patrulha ao acampamento dos Arapaho nas margens do rio Cheyenne. Peça-lhes para trazer uma curandeira chamada Bright Water ao forte o mais depressa possível. Se você esperar um instante, escreverei um bilhete para os soldados levarem a ela.

O próprio Richard Carruthers partiu na manhã seguinte para o acampamento dos Arapaho. Voltou a Fort Meade na mesma tarde, com a moça conhecida como Bright Water. Com o coração explodindo de alívio e alegria ao ver a amiga de infância, uma esgotada Suzanne abraçou-se a ela.

Na manhã seguinte, outro pequeno destacamento chegou ao posto, acompanhando a esposa e o filho do coronel Garrett. Afobada, a sra. McCormack apressou-se em reacomodar sua família numerosa a fim de poder hospedar não só o ferido e suas duas enfermeiras bem como a mãe e o irmão de Suzanne.

A chegada do coronel Garrett na noite do mesmo dia, com mais três prisioneiros, entre eles Big Nose George Parrott, deixou o forte em polvorosa.

A movimentação não penetrava pelas cortinas fechadas que impediam também a entrada de luz em um dos quartos do segundo andar. O interior, portanto, estava na penumbra e o ar pesado com odores de cataplasmas, transpiração e determinação ferrenha. Três mulheres lutavam para impedir que o homem conhecido como Black Jack Sloan se apresentasse diante de seu Criador para ser julgado.

CAPÍTULO XVIII

Jack encontrava-se no fundo de um buraco escuro. Toda vez que tentava arrastar-se até o topo rodeado de luz, o peso esmagador no peito o impedia de se mexer. Então, ele mergulhava novamente na escuridão.

A certo instante, ouviu Suzanne murmurando-lhe algo numa voz suave e reconfortante. Estranho o som chegar até ele através dos ecos do túnel sem fim, mas a consciência de saber que ela estava perto deixava a dor no peito um pouco mais suportável. Ele ouvia outras vozes também que se elevaram como se estivessem discutindo. Impossível reunir forças para distingui-las.

A dor no peito era muito estranha. No início, ela dava a impressão de que alguém tinha enfiado agulhas geladas nele até bem no fundo. Sentia um frio

desgraçado ali dentro do buraco escuro. De repente e sem saber como, um fogo abrasador começou a consumi-lo. Os cabelos e a pele inteira queimavam com um calor maligno e implacável.

As vozes diminuíram de volume e sumiram completamente. Por horas a fio, o único som que chegava até ele, através do crepitar do fogo, era um murmúrio repetitivo, quase uma cantilena. Encharcado de transpiração, o corpo em chamas e, como um atirador exímio mirando um alvo distante, Jack limitou a concentração em uma nota ínfima daquele murmúrio, agarrando-se a ela. Só assim, conseguiu não ser devorado pelas chamas. Ele podia se lembrar de tudo isso ao soerguer-se apoiado nos cotovelos. Gemeu ao sentir uma lança em brasa varar-lhe o peito e balbuciou o nome de Suzanne enquanto voltava a deitar-se.

— Ela está perto — uma voz murmurou.

Jack piscou na tentativa de vencer a dor que quase o cegava e limpar a névoa de transpiração dos olhos. Imagens movediças pararam, tornando-se um tanto nítidas. Ele viu o brilho de uma lamparina a óleo, um jarro e uma bacia com rosas amarelas pintadas neles, um par de olhos negros e brilhantes.

— Sou Bright Water, uma curandeira em minha tribo e amiga de Suzanne — a dona deles disse baixinho.

— Como... Onde...

— Isso não importa no momento. Você precisa repousar, Jack Sloan.

— Quente demais...

A moça pôs a mão atrás da cabeça dele e a levantou um pouco.

— Beba isto para que as chamas diminuam de calor e não queimem tanto.

Ela forçou o líquido amargo por sua boca. Jack quase engasgou com o gosto horrível dele, mas não teve forças para virar a cabeça.

Ao acordar pela segunda vez, Jack sentiu o odor peculiar de laranja queimada e viu uma nesga estreita de ouro que cortava a sombra densa. Ficou imóvel por um longo tempo. Concentrado, observou o contraste entre aquele brilho e a escuridão até que o primeiro, bem devagar, transformou-se em um raio de sol. Partículas de poeira rodopiavam pelo plano inclinado. Com o olhar, ele seguiu uma até o chão.

Franziu a testa. Seria aquilo um tapete? Nunca tinha visto um soalho de madeira coberto por folhagens verdes e flores cor-de-rosa.

— Mamãe, ele está acordado!

— Estou vendo. Vá lá embaixo chamar sua irmã. Rangendo os dentes, Jack virou a cabeça para a direção dos passos apressados. Linho encorpado farfalhou sob o ouvido dele. O odor de goma e o de laranja queimada quase encobriam o cheiro

forte da própria transpiração. Uma estranha curvou-se sobre ele. Uma mulher bonita, com uma trança dos cabelos negros enrolada no topo da cabeça, dona de olhos violeta, emoldurados por pequenas rugas nos cantos externos.

— Enquanto espera Suzanne, quer que eu lave seu rosto? Vai se sentir um pouco melhor depois.

A voz dela era calma e com um leve sotaque que Jack não conseguiu identificar. Ela entendeu-lhe o silêncio como consentimento e puxou uma cadeira de espaldar alto para perto da cama. Depois de sentar-se, molhou a ponta de uma toalha na água da bacia de porcelana e torceu-a com mãos delicadas e ágeis.

— Você nos pregou um grande susto. Até Bright Water chegou a perder as esperanças umas duas vezes.

— Quem... — Jack passou a língua pelos lábios rachados e fez nova tentativa.
— Quem é...

— Sou Júlia Garrett. Júlia Bonneaux Garrett, mãe de Suzanne.

— Onde...

Ela começou a passar a toalha molhada pelo rosto dele.

— Onde você está? Em Fort Meade, na casa do tenente-coronel e sra. McCormack.

Fort Meade, Júlia Garrett, Suzanne. Com esforço, Jack agarrou-se a essas informações.

— Você está aqui há cinco dias. Não, esta manhã completou seis. — Depois de molhar e torcer a ponta da toalha outra vez, Júlia passou-a bem de leve nos lábios dele. — Você esteve bem doente. Aliás, ainda está. Uma bala perfurou seu pulmão e outra o atingiu na coxa. Quando começava a respirar um pouco melhor, o ferimento da coxa inflamou. Tememos que fosse gangrenar, mas Bright Water aplicou cataplasmas que liquidaram a inflamação.

Uma sombra de sorriso curvou os lábios dela.

— A essa altura, você não imagina como o médico do posto estava indignado. Veio recentemente do Leste e não conhece a vida no Oeste, então, ele absolutamente não confia nos remédios indígenas. Mas Suzanne declarou-se encarregada da situação e ela pode ser, bem, um tanto inflexível quando quer.

— Danada de teimosa, a senhora quer dizer.

As sobrancelhas negras dela arquearam-se.

— Vejo que já descobriu essa característica de minha filha, não é?

Antes de Jack poder balbuciar uma resposta, o ruído de passos no corredor precedeu a entrada de Suzanne no quarto.

— Mamãe, ele está acordado?

— Sim, *ma petite*.

No mesmo instante, Júlia levantou-se para que a filha tomasse seu lugar na cadeira ao lado da cama.

Ainda atordoado e extremamente fraco, Jack quase não reconheceu a moça que se sentou na cadeira e segurou-lhe a mão. O chapelão e a trança comprida e grossa tinham desaparecido. Como também as botas emprestadas e a blusa de algodãozinho. Ela usava espartilho sob a saia listrada de verde e branco, blusa branca de gola alta e peitilho preto cuja frente terminava em ponta um pouco abaixo da cintura. Seus cabelos cor de mel estavam empilhados no alto da cabeça e presos com pentinhos de tartaruga. Mas seus olhos continuavam os mesmos. Límpidos, da tonalidade de canela e de expressão meiga.

— Já estava na hora — ela disse numa voz meio rouca e ao encostar a mão dele numa das faces. — Estávamos esperando que você recobrasse a consciência desde que a febre começou a passar dois dias atrás, mas...

— Mas ele precisava encontrar o próprio caminho através da fumaça e da escuridão — uma voz diferente completou.

Uma outra moça apareceu atrás de Suzanne. A curandeira, Jack reconheceu dos sonhos. Alta, esguia, ela aproximou-se mais da cama. Vestia uma túnica de couro de gamo, enfeitada de contas.

— Os espíritos o chamavam, Jack Sloan, com insistência. Sua força é muito poderosa.

— Seus remédios são mais ainda, acredito.

Jack ainda tentava assimilar tudo que acabara de ouvir quando mais pessoas entraram no quarto.

O menino de olhar curioso, vivo, com um topete de cabelo, devia ser o irmão de Suzanne. Os traços dos dois eram semelhantes embora os dele ainda fossem de criança. Ele puxava outro menino pela manga e, do meio do quarto, apontou para Jack.

— Olhe bem. Eu disse que ele não parecia nem um pouco com os retratos pintados em sua revista. Pague depressa o centavo que me deve. Assim os outros também podem entrar no quarto.

— Samuel! — a mãe exclamou em tom exasperado. — Este não é o momento e nem o lugar para exhibir o sr. Sloan.

— Mas, mamãe...

— Agora não, Sam.

Desapontado, o menino puxou o amigo para a porta e desviou-se de duas outras pessoas que entravam. Com as mãos enfiadas nas mangas, Ying Li acompanhou um sorridente Matt para o lado da cama.

— Nós todos pensamos que você já fosse um homem liquidado. Ficamos muito contentes por você finalmente ter decidido não passar desta para melhor — declarou Matt.

Numa voz fraca, Jack respondeu:

— Que eu saiba, não coube só a mim tomar tal decisão.

— É verdade. Quase todas as pessoas que estão neste quarto fizeram preces de intercessão por seu restabelecimento a nosso Criador. Até Ying Li, a sua maneira, queimou uns pauzinhos aqui no quarto.

— Incenso — a chinesa o corrigiu.

Isso explicava o odor de laranja queimada. Jack sabia muito pouco sobre os costumes dos orientais, mas todos os chineses com quem havia cruzado em campos de mineração ou na construção de ferrovias estavam sempre queimando incenso para algum deus.

Matt o fitou com expressão de desculpa nos olhos azuis.

— É um costume pagão. Só espero que ela mude esse hábito quando estivermos casados.

— Casados?

A voz fraca de Jack provocou rubor no rapaz. Ele tentou mostrar orgulho ao passar o braço pelos ombros frágeis de Ying Li.

— O capelão do posto vai celebrar nosso casamento quando voltar das férias.

Jack dirigiu o olhar para a moça. Ela mantinha o rosto impassível e uma atitude dócil sob o braço de Matt. Como Suzanne, ela havia se livrado da sujeira adquirida durante a fuga e estava com outra aparência. Bem bonitinha. Alguém havia lhe arranjado roupas chinesas, provavelmente compradas nos acampamentos que sempre se formavam ao redor de fortes no Oeste. A calça comprida preta e a túnica de seda azul turquesa davam-lhe uma aparência exótica, como a de uma flor pequenina e delicada.

Quando ela notou o olhar de Jack, deu de ombros e disse:

— Matt Butts gosta dança do dragão, mas eu digo tudo igual, não importa.

— Ying Li! — Vermelho até a raiz dos cabelos, o rapaz apertou-lhe os ombros.
— Importa sim, e muito! Já não lhe disse que não deve falar essas coisas?

— Matt Butts diz muitas coisas para Ying Li — ela respondeu com outro dar de ombros e, dessa vez, um pouco mais desafiante.

Matt abandonou a discussão e virou-se para o paciente.

— Consegui o emprego de carregador de carga para o quartel-mestre. Bem depressa, vou ganhar o suficiente para Ying Li e eu passarmos o inverno e para começar a pagar o que você gastou para comprá-la, Sloan.

— Eu não estou... — Jack quase não conseguiu inalar o ar. — Não estou ajustando contas com você — murmurou com esforço.

Com tantas pessoas no quarto, o odor de laranja queimada parecia muito mais forte. O calor também. Uma gota de transpiração escorreu da testa dele. Sem perceber, apertou tanto a mão de Suzanne que ela, aflita, fez um sinal com o olhar para a mãe.

Numa voz calma, Júlia disse:

— Acho que o sr. Sloan já se distraiu o suficiente com as visitas. Vamos deixar que volte a descansar e, quem sabe, dormir mais um pouco a fim de recuperar as forças. Suzanne, vou mandar água fresca e talvez um prato de caldo de carne.

Com a ajuda de Bright Water, ela esvaziou o quarto e fechou a porta depois de sair também. Jack sentiu como se seus olhos estivessem cheios de areia ao voltar a fixá-los em Suzanne.

Mais uma vez sua aparência diferente causou-lhe impacto. Tinha se acostumado a ver a ponta de seu nariz vermelho por causa da exposição ao sol e madeixas dos cabelos esvoaçando livremente em volta de seu rosto. Esta Suzanne enfeitada e elegante somava inquietação à fraqueza imensa dele. Como detestasse ambas as sensações, ele decidiu testar as forças.

Suzanne notou algo nele e a preocupação estampou-se em seu olhar.

— Você está sentindo dores?

Em cada músculo e osso do corpo, Jack descobriu. Determinado, flexionou a mão direita como se estivesse empunhando o revólver. O movimento tão pequeno e habitual fez o quarto rodopiar. Sem avisar, a escuridão surgiu e o engolfou novamente.

Suzanne ficou sentada ao lado de Jack até a hora de acender as lamparinas e Bright Water aparecer a fim de observá-lo.

— É muito bom que ele durma bastante. Os espíritos guerreiam dentro de

uma pessoa tão forte como ele — a curandeira explicou para a amiga apreensiva.

Ela dava a impressão de ser muito calma e sensata. A criança alegre e risonha com quem Suzanne havia compartilhado segredos, alegrias e tristezas da infância tinha se transformado numa mulher de grande resistência, capaz de oferecer apoio incondicional. Suas tranças grossas e lustrosas caíam até quase a cintura. Os olhos, verdadeiros faróis no rosto de faces largas, refletiam a aceitação do mundo como ele era. Qualidade que Suzanne ainda precisava conquistar.

Temerosa com a possibilidade de ainda perder tanto Jack quanto a amiga querida, ela levou Bright Water pela mão até as cadeiras ao lado de uma pequena mesa. Com uma voz baixa mas firme recomeçou a batalha que vinha travando, sem o mínimo sucesso, desde a chegada de Bright Water a Fort Meade.

— Foi mesmo uma grande sorte o tenente Carruthers os ter encontrado antes que vocês já tivessem percorrido uma grande distância.

— Vou precisar cavalgar a toda para alcançá-los. Não será fácil.

— Por que você tem de se juntar a eles? Ou melhor, por que ir até o rio Wind? Depois da partida de seu pai, só restou o filho do irmão dele para cuidar de você até que apareça um marido. E você ainda não encontrou um de seu agrado.

— Farei isso na época oportuna.

— A nosso lado, você conta com uma família tanto quanto entre seu povo.

— Seus pais possuem corações bondosos, minha amiga. Eu me sinto honrada por eles me chamarem de filha. Mas eles não são de meu povo, cujo caminho tenho de seguir.

Teimosa, Suzanne recusou-se a desistir.

— Se Jack sobreviver será graças a você.

— Engana-se. Será porque ele ainda não está pronto para enfrentar a vida seguinte.

— Tolice!

Acostumada ao ceticismo e teimosia da amiga, Bright Water sorriu de maneira compreensiva. Suzanne, entretanto, continuou a argumentar:

— As cataplasmas que você preparou afastaram o perigo da gangrena da perna. O médico do posto a teria amputado imediatamente. Tente entender como seus conhecimentos e de outras curandeiras precisam ser ensinados ao mundo dos brancos. Por favor, reflita outra vez sobre a possibilidade de ir para a Filadélfia.

— Pensei que sua sugestão fosse para eu estudar com aquele médico a fim de aprender a usar os remédios dele e não lhe ensinar os meus — Bright Water disse

num tom meio seco.

— Ambos podem aprender um com o outro e oferecer o melhor dos dois mundos para todos.

— Já vi o que acontece àqueles de meu povo que tentam seguir os caminhos do homem branco. Você se lembra do que os soldados chamavam os Sioux e Cheyenne que moravam em Fort Laramie?

— Os vagabundos de Laramie — Suzanne respondeu com relutância.

Todo posto militar atraía uma população inteira de parasitas. No Leste, prostíbulos, bares e lojas de tabaco brotavam como mato em volta das praças fortes. No Oeste, havia verdadeiras cidades de tendas adjacentes aos postos militares. Famílias de soldados rasos e batedores indígenas moravam nelas. E também membros de várias tribos que suplementavam as rações, garantidas por um tratado, prestando pequenos serviços como escovar cavalos. No verão, muitos deles passavam horas vadiando ao sol.

Bright Water apertou a mão da amiga.

— Acontece sempre a mesma coisa quando o pele-vermelha tenta andar na companhia do homem branco. Não sei por quanto tempo poderemos manter os hábitos que nos são caros lá nas margens do rio Wind. Sei apenas que não posso usar duas peles de cores diferentes só porque você quer, soldadinha.

— Mas...

— Você não pode ordenar como o vento deve soprar, minha amiga. Às vezes, é preciso simplesmente ouvir o que ele tem a nos dizer.

Júlia Garrett expressou opinião semelhante ao insistir com Suzanne para deixar Jack sob os cuidados de Bright Water e sair a fim de respirar um pouco de ar fresco.

— Eu trouxe seu xale. Vamos dar uma caminhada por aí — ela sugeriu à filha.

Depois de um último olhar para o paciente adormecido, Suzanne seguiu a mãe pelo corredor do segundo andar. Vozes e risos de meninos vinham de uma porta fechada. Murmúrios abafados chegavam de outra. Estavam todos naquela casa, de maneira um tanto apertada mas confortável, graças à hospitalidade dos McComarck.

Todos, exceto Matt e Ying Li. O tenente-coronel tinha lhes encontrado moradia temporária na tenda de uma viúva de um soldado, do lado de fora do forte. Lá, Suzanne havia descoberto que já começavam a circular comentários sobre a ocupação anterior da chinesa.

Júlia também estava ciente do fato. Isso se tornou evidente depois que mãe

e filha acabaram de ouvir, em silêncio, o toque de cometa anunciando a primeira chamada para o recolhimento noturno. As duas gostavam do som familiar que tinham ouvido tantas vezes, em postos diferentes, durante muitos anos.

— Tenho medo que Matt e Ying Li encontrem dificuldades no futuro — Júlia comentou quando o som da corneta dissipou-se no ar.

— Eu também.

— Ele dá a impressão de ser um rapaz honesto e trabalhador.

— Matt é e vai saldar as dívidas. Assim como eu — Suzanne acrescentou ao pensar nas muitas promissórias deixadas ao longo da estrada de Cheyenne para Deadwood.

A mãe hesitou um pouco antes de perguntar:

— É isso que você sente por Jack Sloan? Uma obrigação que deve pagar?

— Não! Pelo menos...

Durante as longas e aflitivas horas passadas ao lado do leito de Jack, Suzanne havia tido tempo para analisar seus sentimentos por ele e muitas oportunidades para recordar a breve união de ambos. Sabia tão pouco a respeito dele, apenas as lendas tecidas pela imprensa barata e os detalhes horríveis do assassinato dos pais que ele tinha lhe contado.

Aliás, não precisava saber mais. Jack despertava nela algo profundo, vibrante e gloriosamente feminino. Homem algum jamais o fizera.

— Calculo que eu sinta uma certa obrigação — ela admitiu. — Impus minha vontade a ele no momento em que fomos largados na estrada. Jack teve de mudar os planos para me ajudar e a Matt. Não de boa vontade, mas os mudou.

— Pelo que nos contou, Suzanne, você não lhe deixou escolha.

— Foi a sensação mais estranha que já tive, mamãe. Era como se eu sentisse, no fundo do coração, certeza absoluta de que não poderia deixá-lo partir. Esse sentimento foi se fortalecendo a cada hora que passávamos juntos. Se não fosse por isso, eu não teria me entregado a Jack.

Apesar da expressão calma, Júlia sentiu um aperto no coração. Suzanne já tinha lhe contado o que acontecera entre ela e Sloan, mas ouvir novamente não diminuía o impacto sofrido. Sua filhinha querida, delicada, linda, que havia ocupado o centro de sua vida durante tantos anos, tinha seduzido um estranho de olhar duro. Nada menos do que um pistoleiro.

E ele tinha permitido, o desgraçado!

Só de pensar nisso, a herança francesa de Júlia inflamou-se. Uma raiva

repentina e intensa a inundou, tornando-se mais potente por ela não poder desabafá-la. Júlia tinha aprendido muito tempo atrás que recriminações não ajudavam nada quando tentava forçar a filha teimosa a refletir.

Embora sempre atenciosa e bem-comportada, Suzanne tinha recebido, pelos anos afora, sua quota de repreensões. Em cada ocasião, ela fitava a mãe com arrependimento sincero no olhar e pedia perdão por tê-la deixado preocupada, ou aborrecido ou brava. Numa voz baixa e solene, prometia tentar ser boa, mas tanto mãe quanto filha sabiam da grande diferença entre tentar e realmente agir.

Por esse motivo, Júlia havia contrariado o coração e mandado Suzanne para uma escola no Leste a fim de aprimorar sua educação. A filha precisava valorizar os preceitos da sociedade refinada tanto quanto as regras e regulamentos do exército que moldavam o comportamento nos postos do Oeste. Infelizmente, os dois anos passados na Filadélfia pareciam não haver alterado o temperamento da filha.

Triste, Júlia admitia que não havia esperado milagres. Depois de apenas duas semanas de seu regresso, Suzanne tinha insistido em embarcar na diligência para Deadwood. Durante um trecho curto do trajeto, ela havia conseguido se envolver com a vida de um rapaz grandalhão do campo, de uma prostituta chinesa e de um pistoleiro. Isso sem mencionar o contato com um bando de assaltantes perigosos.

Agora, estavam todos ali em Fort Meade, sem saber quanto tempo ficariam. Andrew teria de partir logo a fim de levar os bandidos capturados para as autoridades e reassumir seu trabalho em Fort Russell.

Ao pensar no marido, Júlia abafou um suspiro. O semblante de Andrew tinha anuviado quando Suzanne relatara o que havia acontecido entre ela e Sloan. E ainda não desanuviera. Seria um verdadeiro milagre se ele não arrancasse fora o fígado do pistoleiro antes de partir para o sul. Ele ou o tenente Carruthers.

Típico de Suzanne enamorar-se de um homem como Jack Sloan em lugar de Richard Carruthers! O atraente oficial da cavalaria daria o marido perfeito para uma jovem que aprendera a recitar as regras rimadas de equitação antes de saber ler. Nas duas semanas após o retorno de Suzanne do Leste, o tenente fora atingido. O ardor dele havia esfriado nos últimos dias, mas as brasas continuavam lá, cuidadosamente escondidas.

Por que seria que o coração jamais seguia o caminho indicado pela mente? Se Júlia precisasse de uma prova desse fato inevitável bastaria olhar para o próprio passado tumultuado. De repente, sentiu o peso de cada um de seus trinta e cinco anos.

— Você afirma que não pôde deixar Sloan ir embora — ela disse para a filha.
— Tem certeza de que conseguirá prendê-lo embora tenham compartilhado muita coisa?

— Não, mamãe, não tenho a mínima certeza — Suzanne respondeu com olhar

preocupado.

— Nesse caso, talvez não devesse tentar.

CAPÍTULO XIX

Vou embora hoje. Bright Water avisou na cozinha onde os McCormack e seus hóspedes tomavam o café da manhã. Como em todas as refeições ali, fazia-se muito barulho. Numa das pontas da mesa de carvalho, as crianças riam e se provocavam; na outra, os homens falavam sobre a partida do coronel Garrett no final da manhã. E as mulheres ocupavam-se em servir tigelinhas de mingau adoçado com mel. A voz calma de Bright Water interrompeu as conversas.

Suzanne não disfarçou a tristeza. Colocou uma tigelinha de mingau numa bandeja de madeira e limpou as mãos numa toalha presa na cintura.

— Já está na hora — a amiga disse com firmeza a fim de evitar novos argumentos. — Partirei com o coronel. Assim cavalgarei com a tropa dele até encontrarmos a trilha de meu povo.

— Irei com você até alcançarmos seu povo — Andrew Garrett a corrigiu. — O tenente Carruthers e os homens dele levarão os prisioneiros para o Sul enquanto nós fazemos um ligeiro desvio.

— Mais do que ligeiro. A esta altura, o grupo já deve ter percorrido muitas milhas.

— Nós o alcançaremos.

A prova de consideração por Bright Water inundou-lhe o coração de alegria. Aquele homem, de rosto longo e semblante severo, era muito bom. Ele tinha tratado com respeito Chief Spotted Tail, tio de sua mãe, e arriscado a própria carreira militar ao ajudar seu pai a vingar a morte brutal da esposa. Apesar das tristezas sofridas durante a guerra travada pelos brancos entre si, vários anos atrás, ele havia encontrado paz nas vastas terras agrestes dos Sioux e Arapaho. Mas a grande felicidade tinha surgido ao unir-se à mãe de Suzanne.

Bright Water desejava que a amiga querida encontrasse a mesma alegria com o homem que havia recebido em seu coração... e em seu corpo. O fato de Suzanne ter oferecido a virgindade, seu bem mais precioso, a um homem como Jack Sloan não surpreendia Bright Water. A amiga sempre estenderia a mão e agarraria algo que outras pessoas talvez desprezassem.

Só de observá-la naquele momento, com os lábios apertados e expressão de

inflexibilidade no olhar, Bright Water comoveu-se.

— Não me olhe desse jeito, Suzanne. Não vamos nos perder uma da outra. Simplesmente vamos seguir caminhos diferentes.

— Mas o seu vai levá-la para muito longe.

Da ponta da mesa das crianças, Sam aparteou:

— Você não estudou mapas naquela escola que freqüentou? O rio Wind fica muito mais perto do que a Filadélfia.

— Não me lembro de ter pedido sua opinião — a irmã disse em tom irritado.

Sem se perturbar, o menino voltou a devorar o mingau.

— Seria melhor se todos nós partíssemos hoje — o coronel disse. — Não me agrada a idéia de deixar você, Sam e sua mãe aqui, Suzanne. Já sobrecarregamos demais nossos hospedeiros.

— O senhor não pode achar que companhia tão agradável seja uma sobrecarga — a sra. McCormack apressou-se a protestar. — Quase não percebemos a presença de Suzanne nesta casa, pois ela passa grande parte do tempo cuidando de seu... Ah, seu...

— Paciente — Júlia terminou, ignorando o rubor nas faces da dona da casa.

Entretanto, não podia ignorar o olhar furioso do marido. A simples menção do pistoleiro na presença do coronel bastava para pôr fim em qualquer conversa.

Foi o que aconteceu. Fez-se um silêncio agourento que foi quebrado pelo arrastar da cadeira de Andrew Garrett. Depois de levantar-se, ele apontou para a bandeja nas mãos de Suzanne.

— Isso é para Sloan?

Ela dirigiu-lhe um olhar cauteloso.

— É. Eu estava acabando de arrumá-la para levar ao quarto.

— Eu a levo.

— Ele está fraco como um carneirinho acabado de nascer, coronel.

— Eu a levo — ele repetiu em tom peremptório. Com expressão aflita, Suzanne olhou para a mãe. Júlia fez um gesto negativo com a cabeça. Ambas sabiam que o confronto se daria mais cedo ou mais tarde, mas Suzanne esperava que fosse mais tarde. Bem mais tarde. Quando Jack já estivesse em condições de se defender. Mordendo o lábio inferior, ela entregou a bandeja.

Quando a porta abriu-se às costas dele, Jack tinha um braço em volta da

coluna da cama e uma perna enfiada na da calça. Pontos brilhantes de luz dançavam diante dos olhos dele. Uma língua de fogo descia-lhe pela perna. O simples esforço de rolar para a beirada da cama, segurar a coluna e levantar-se tinha deixado o camisão de dormir encharcado de transpiração.

Essa peça não passava de uma invenção desgraçada, refletiu irritado, enquanto esperava que o quarto parasse de rodopiar. A fralda do camisão balançava em volta dos joelhos. O ar frio passava pela batinha e provocava arrepios nas nádegas dele. Havia encontrado a calça, lavada e passada, nos pés da cama, mas não sabia onde as ceroulas estavam. Mesmo se soubesse, não teria forças para ir pegá-las. O esforço feito para se levantar já tinha aumentado muitíssimo a dor no peito.

O ruído da porta abrindo-se o fez erguer a cabeça. Apertou os dentes a fim de suportar a dor e observou o homem parado à entrada do quarto.

Então, aquele era o coronel Andrew Garrett. Olhar frio, espinha rígida e mais intimidador, no uniforme azul com dragonas douradas e botões de bronze, do que Jack admitiria. A pele marcada pela intempérie era a de um experiente homem das planícies, e a expressão, a de um Comanche disposto a arrancar um escalpo.

— Vai a algum lugar, Sloan?

Com a transpiração escorrendo-lhe pelo rosto e praguejando baixinho por ser apanhado seminu, Jack enfiou a outra perna na calça e encarou o coronel.

— Suzanne contou que o senhor vai levar os prisioneiros para o Sul hoje. Tenho um pequeno negócio para acertar com Parrott antes que ele se vá.

— Que tipo de negócio?

— Ele pegou algo que me pertence.

Garrett atravessou o quarto e largou a bandeja em cima da cama. Havia um revólver ao lado do prato coberto com guardanapo.

— É disto que está falando?

Jack sentiu um grande alívio. Sem aquela arma, ele havia se sentido nu, perdido como um homem sem nome e passado.

— É, sim.

— Ouvi contar que seu pai carregou esse revólver durante a guerra entre os Estados.

— Foi Suzanne quem contou isso?

— Foi. Entre outras coisas.

Os cabelos na nuca de Jack arrepiaram-se. Ele vinha antecipando aquele

encontro desde que recobrou os sentidos na véspera. E pelo jeito, Garrett também. Numa voz baixa e ameaçadora, o oficial deixou bem clara a maneira de pensar.

— Os tiros que você levou na tentativa de salvar Suzanne são o único motivo para eu não o esfolar vivo. — Ele esperou que as palavras calassem fundo antes de acrescentar: — Talvez eu ainda faça isso, caso você alimente a idéia idiota de se casar com minha enteada.

Os músculos do rosto de Jack retesaram-se. Com todos os diabos, sabia muito bem que não era o marido ideal para moça alguma. Não precisava que aquele oficial emproado da cavalaria lhe ferisse o amor-próprio com a grosseria de uma espada sem fio.

— Não sou homem de fugir de minhas responsabilidades. Saiba que, se for preciso, não pretendo transformar Suzanne em viúva antes que ela seja esposa.

— Muito bem. Sugiro que diga isso a ela.

— Eu já disse.

— Pois repita.

— Repetirei, mas caso o senhor não tenha notado, ela não presta muita atenção ao que ouve.

Garrett não se deu ao trabalho de responder. Virou-se nos calcanhares e saiu do quarto.

Suzanne o esperava ao pé da escada.

— O senhor o deixou inteiro?

— Desta vez, sim.

Sem disfarçar o alívio sentido, ela enfiou o braço pelo do padrasto e o levou à sala de visita. Depois de se sentarem no sofá, ela pediu:

— Conte o que disse a ele.

— Avisei-o para, nem em sonhos, encostar a mão em você outra vez. Especialmente se quiser que ela continue presa ao resto do braço.

— Disse isso mesmo? E o que ele respondeu?

— Sloan concordou que o melhor para todos nós é cada um de vocês dois seguir caminhos diferentes.

— Sei. O senhor já pensou na possibilidade de eu estar grávida?

Garrett estremeceu.

— Pensei, sim. E Sloan também, a julgar por nossa conversa. Ele afirma que não fugirá das responsabilidades, mas...

A raiva fulminante a dominou no mesmo instante. Jack não iria fugir de jeito nenhum. Não se dependesse dela.

— Mas o quê? — Suzanne o interrompeu em tom ameaçador.

— Você quer que seu filho tenha o nome de um matador, boneca?

Tão depressa quanto havia surgido, sua raiva evaporou-se.

— Ah, coronel, Jack não é o homem que a imprensa barata retrata. Se fosse, eu não sentiria um anseio tão profundo por ele.

Garrett fitou os olhos castanhos da enteada e sentiu um grande aperto no coração. Lembrou-se de sua infância. Ele havia segurado, entre os braços, seu corpo atacado pela cólera, colocado-a sobre seu primeiro pônei, ensinado-a a manejar uma espingarda e a pequena pistola com precisão. Por ela, caminharia sobre brasas, mas saber que a moça a quem amava como filha havia se entregado a um homem como Black Jack Sloan esfaqueava-lhe o coração.

— Não estou insinuando que Sloan não tivesse um bom motivo para usar aquele revólver — admitiu —, mas ele é pistoleiro por escolha e profissão.

Embora já houvessem tido aquela discussão várias vezes nos últimos dias, Suzanne voltou a defender Jack com veemência.

— Se é por escolha, como o senhor afirma, Jack pode dedicar-se a outra profissão depois que acertar as contas com Charlie Dawes.

— Não se resolve isso assim tão facilmente. Um homem como Sloan não pode guardar a reputação numa gaveta e se esquecer dela, mesmo que ela seja mais lenda do que fato verdadeiro. Você sabe muito bem o que aconteceu a Bill Hickok.

Suzanne mordeu o lábio. Como Black Jack Sloan, Wild Bill Hickok tinha merecido grande atenção da imprensa do Leste. E continuara merecendo até dois anos após sua morte. Um dos homens mais famosos do Oeste, ele tinha feito reconhecimentos para Custer, sido xerife de Ellis County e excursionado com o Wild West Circus de Bill Cody. Várias vezes, Suzanne havia encontrado o exuberante homem da planície quando Andrew estava estacionado em Fort Riley, Kansas, e Hickok exercia o cargo de representante federal em Abilene. Ela estava na Filadélfia quando os jornais do país inteiro noticiaram o assassinato dele, com um tiro atrás da cabeça. Ele estava jogando pôquer e segurava pares de ases e de oitos. Logo, as pessoas começaram a se referir ao crime como A Mão do Homem Morto.

— Hickok devolveu a estrela de xerife e foi para Deadwood tentar a sorte no garimpo de ouro. Mas sua reputação de ótimo atirador preocupou os trapaceiros que

roubavam os mineradores a tal ponto que eles contrataram McCall para matá-lo — Garrett comentou.

— Conheço essa história.

De queixo erguido, num gesto que o coronel reconhecia muito bem, ela o encarou.

— Também sei que o senhor se arrisca a receber um tiro, uma flechada ou um golpe de lança todas as vezes que conduz uma patrulha. A violência faz parte de sua vida tanto quanto da de Jack. Da mesma forma que ele, o senhor não pode escapar disso.

Suzanne estava certa. Andrew Garrett era intrinsecamente soldado, formado em West Point, recebera o batismo de fogo na guerra e sobrevivera ao inferno chamado Andersonville. Sabia que os homens lutavam entre si com pedras e paus muito antes de aprender a forjar o aço em espadas ou preparar a pólvora.

Os anos passados no Oeste tinham reforçado essa verdade brutal mas elementar. Numa terra tão vasta e agreste como esta, soldados e civis andavam armados. E um bom número tinha liquidado um homem. Como Sloan... e o próprio Andrew.

Contudo, ele não estava pronto para ceder terreno a Suzanne.

— Você afirma que anseia por Sloan. Pelo que constatei, ele alimenta o mesmo sentimento por você. Mas o desejo físico não é suficiente para mudar o que ele é ou anular as diferenças que separam vocês dois.

— Certamente tal sentimento conseguiu a proeza de unir Matt e Ying Li.

— Você não pode citar esse casal como exemplo.

Os olhos de Suzanne faiscaram.

— Não? E quanto ao senhor e mamãe? Não me esqueci de ela haver afirmado que tinha sido simplesmente luxúria pura que havia atraído a beldade de Nova Orleans ao espião ianque.

— Não vou permitir insolência de sua parte, moça!

Num gesto rápido, ela bateu continência.

— Sim, senhor!

Por mais que Andrew detestasse apagar o brilho de seus olhos, não podia evitá-lo. Sempre fora verdadeiro com ela.

— Os planos de Sloan para o futuro não a incluem, boneca.

— Bem, vejo que os dois acertaram a questão satisfatoriamente para ambos.

Entenda que, quanto a mim, não foi.

Era o que Suzanne pretendia informar a Jack quando o coronel saiu da sala a fim de ir se preparar para a viagem. Ela subiu a escada, mas sua intenção mudou abruptamente ao entrar no quarto após dar uma batidinha na porta. Encontrou Jack sentado na cama, lívido e com o peito nu, esforçando-se para enfiar o braço na manga da camisa. Ele tinha pedido a Suzanne para comprá-la, bem como ceroulas e uma jaqueta de lã, para substituir o colete de couro sujo de sangue, do mascate que circulava entre as tendas fora do forte.

— Misericórdia, o que você está fazendo?

— O que você acha?

O tom mal-humorado a tranqüilizou mais do que qualquer outra reação poderia. Se Jack havia recuperado energia suficiente para se sentar na cama e responder-lhe com rispidez, não sucumbiria aos ferimentos.

Suzanne o ajudou a vestir a camisa, mas recusou-se a ir buscar as botas lá embaixo, aonde ela as tinha levado para limpar. Com firmeza, disse:

— Você não precisa delas. Não vai sair deste quarto.

— Vou sim, com todos os diabos.

— Tente usar um pouco de bom senso, Jack. Você passou quase uma semana deitado aí de costas, praticamente sem comer nada, exceto o pouco que conseguíamos fazê-lo engolir. Se der um passo, cairá com o rosto no chão.

— E daí? Deixe que eu caia.

Ele agarrou-se na coluna da cama, levantou-se e, com esforço, tentou endireitar o corpo.

— Pelo amor de Deus, apóie-se em mim!

Ao passar o braço pela cintura de Jack, o instinto maternal de Suzanne, alimentado na última semana, evaporou-se. Deslizou a mão sobre as ataduras, as costelas e a pele retesada. O simples fato de senti-lo junto dela reduziu a cinzas o medo que a atormentara noite e dia e encheu-a de uma alegria imensa.

Tal anseio era o que havia tentado explicar ao coronel, à mãe e a Bright Water; o fogo abrasador que a unia a Jack naquele instante. E sempre a uniria.

Mesmo quando ele tentou empurrá-la para longe.

— Quero que você vá embora hoje com seu padrasto. Volte para Cheyenne com ele e sua mãe — ele disse em voz áspera.

— Não vou a lugar algum.

— Já consigo ficar em pé. Você não precisa mais cuidar de mim.

— Não vou a lugar algum — ela repetiu. — Ainda não.

— Sei que lhe devo muito. A você, sua mãe e Bright Water. Mas...

— Você está gastando seu fôlego à toa. E pelo jeito com que está roncando em seu peito, você não tem muito para desperdiçar.

— Dane-se, Suzanne. Não preciso de você. Não quero você.

— Ah, precisa e quer, sim.

Sem soltar o braço, ela o rodeou e, sorrindo, fitou-o. Ele parecia furioso, determinado a rechaçá-la.

— O problema é esse, Jack. Você me quer, mas não sabe o que fazer comigo agora que já me teve.

— Deus do céu!

— Pare de se mexer. Isso vai reabrir seus ferimentos.

— Eles que vão para o inferno.

Segurou-a pelos braços não só para manter o equilíbrio como também para prender-lhe a atenção, ela intuiu. Era a primeira vez que Jack a tocava desde aqueles momentos na margem da lagoinha.

Seu estômago contraiu-se. Com a nitidez de uma pintura, ela viu a água cristalina e o corpo nu de Jack que ela havia comparado ao de um deus grego.

— Precisamos conversar sobre isso — ele disse no mesmo tom áspero de voz.

— Sobre o quê?

— Sobre eu *haver tido* você, como se expressou.

— Ah, sim. O coronel me contou que você refletiu sobre as possíveis consequências.

— Eu pensava nelas cada vez que a tocava, mas infelizmente, isso não me deteve.

— Você não precisa se preocupar — ela mentiu, — Bright Water me deu uma erva que, moída e misturada à urina de uma mulher grávida, muda de cor. Experimentei ontem. Você não precisa se preocupar com suas responsabilidades — repetiu.

— Não diga bobagem. É muito cedo para se saber.

Suzanne o encarou com firmeza.

— Você vai ter de encontrar outro motivo para me procurar depois que acertar as contas com Charlie Dawes.

Os dedos de Jack cravaram-se em seus braços. Os olhos dele revelavam a luta entre o alívio e a dúvida.

— Você está blefando,

— Estou? Muito bem, o tempo dirá. Agora, sente-se e coma seu mingau antes que leve um tombo.

Suzanne deixou Jack digerindo não só o mingau como também suas declarações. Seguiu pelo corredor e parou diante da porta aberta do quarto que ela e Bright Water tinham ocupado por umas poucas noites. Mordeu o lábio ao ver a amiga pôr uma peça de roupa dobrada numa sacola de couro de novilho.

— Você vai mesmo embora?

— Preciso.

Com um suspiro, Suzanne entrou e sentou-se na cama. Distraída, passou os dedos por uma camisa de couro macio de gamo. As pequenas contas de vidro brilhavam sob a luz da manhã, tão azuis como o céu de verão, tão vermelhas como o sol ao descambar atrás das montanhas Laramie.

— Você se lembra daquela vez em que sua mãe nos deixou enfiar contas em linhas de tendão de búfalo e eu derrubei a tigela com elas? As galinhas vieram correndo e comeram quase a metade das contas antes que conseguíssemos juntar o resto e pôr de volta na tigela.

— Lembro, sim.

— Pensei que sua mãe fosse ficar brava comigo. Mas, não. Ela riu e disse que precisava examinar os ovos daquelas galinhas quando os cozinhasse. Sinto saudade dela.

— Eu também. Seu espírito sempre caminha a meu lado, como o de meu pai também — Bright Water comentou.

Suzanne dobrou a camisa e entregou-lhe para que pusesse na sacola.

— Vejo que você já guardou seus remédios para levar embora.

— Todos, exceto os de que Jack Sloan ainda precisa. Vou deixá-los com ele quando for me despedir e explicar quando e como devem ser usados.

Num tom um tanto casual demais, Suzanne disse:

— A propósito, se ele lhe perguntar sobre uma erva que mostra se uma mulher está grávida, fale sobre uma que, moída e misturada à urina dela, muda de

cor.

— Mas nunca ouvi falar de tal erva.

— Claro que sim. Acabou de ouvir.

Suzanne esperava ver um sorriso ou ouvir o riso alegre que a amiga costumava oferecer na adolescência. Em vez disso, Bright Water afastou a sacola e sentou-se na cama. Pegou suas mãos entre as dela e as apertou com firmeza e carinho.

— Acho que você deve deixar Jack Sloan encontrar o próprio caminho, assim como deve deixar que eu encontre o meu.

— Como posso ficar indiferente e permitir que as pessoas a quem amo se vão?

— Talvez você as ame demais — Bright Water disse com suavidade. — Por mais que você deseje o contrário, o gavião continuará a voar, e o lobo a caçar.

CAPÍTULO XX

Quando Suzanne acompanhou com o olhar os últimos preparativos para a partida do coronel e de Bright Water, no final da manhã, parte de seu coração estilhaçou-se.

Ao lado da mãe, no terraço da casa dos McCormack, enrolou-se mais no xale para se proteger contra o vento frio de outubro. O rosto e as mãos estavam enregelados. Podia sentir o cheiro de neve no ar, ver os primeiros sinais dela na névoa acima dos pinheiros nas colinas ao norte.

Enquanto a tropa montada aproximava-se, o ruído metálico dos freios dos animais e o ranger de couro, ambos familiares, ralaram-lhe os nervos. Bright Water cavalgava ao lado do coronel, à frente da coluna, sua túnica de búfalo aconchegada ao corpo, protegendo-a contra o frio. Suzanne conseguiu retribuir-lhe o aceno e o sorriso. Mas por dentro, chorava pelos sonhos trazidos da Filadélfia que se esfacelavam.

— Não vou vê-la nunca mais — murmurou para a mãe. — Eu a perderei para o vento e para a neve.

Júlia passou o braço pelo da filha e puxou-a para mais perto.

— Pode ser, mas talvez não. Tanta coisa mudou nos Territórios desde que você e eu chegamos aqui à procura de seu pai. Naquela época, não havia estradas de

ferro, lembra-se? Os Sioux e os Cheyenne ainda guerreavam contra os brancos e as linhas telegráficas ficavam caídas durante semanas. Quando uma tropa como esta partia, nunca tínhamos certeza se voltaria. Agora... Com a mão livre, atirou um beijo para o marido. Alto, de ombros erguidos, cavalariano orgulhoso, ele bateu continência com a mão enluvada.

— Agora, só temos de contar os dias — Júlia concluiu em voz suave.

A mãe e o padrasto sem dúvida os contariam. O coronel calculava levar duas semanas para entregar Bright Water a seu povo, Parrott e seu bando às autoridades em Cheyenne e ele próprio se pôr em dia com os deveres em Fort Russell. Então, Andrew e Júlia tinham concordado que ele voltaria a Fort Meade a fim de levar a família embora para casa.

Deus havia criado o mundo em sete dias. Certamente ela não precisaria mais do que catorze para forjar algo que a unisse a Jack além do desejo, Suzanne afirmou a si mesma.

Ela havia perdido Bright Water, mas de jeito nenhum o perderia. Apertou os braços contra o peito e soprou pequenas baforadas de vapor no ar frio enquanto os soldados cavalgavam diante do terraço. Richard Carruthers acenou discretamente para Júlia e mal inclinou a cabeça para Suzanne. Big Nose Parrott cavalgava atrás do tenente. Indiferente por estar algemado, exibia um largo sorriso.

— Por favor, dê um recado meu a Black Jack, moça! — ele gritou. — Diga-lhe que acertaremos as contas caso eu não seja pendurado pelo pescoço, o que não pretendo deixar que façam. Ainda não construíram uma prisão segura o suficiente para me trancafiarem — acrescentou, piscando de maneira atrevida.

Uma hora mais tarde, quando Suzanne levou o recado e o almoço de ensopado de carne e pãozinhos quentes para Jack, encontrou-o sentado na beirada da cama.

— O homem é astucioso e traiçoeiro como o próprio demônio — ele comentou depois de ouvi-la transmitir as palavras de Parrott. — Que eu saiba, ele já conseguiu fugir duas vezes da prisão. Se as autoridades de Cheyenne forem espertas, o enforcarão no poste mais próximo da cadeia.

Devagar, ele se pôs em pé. A transpiração, provocada pelo esforço, molhou-lhe o rosto. Isso deixou Suzanne muito mais preocupada do que a possibilidade de George Parrott escapar da justiça.

— Você está abusando demais. Não vai adiantar nada — ela o censurou.

— Para um homem com dois buracos de bala no corpo, o esforço não é abuso e nunca é demais.

Jack continuava vestindo a calça e a camisa, ela notou. Devia ter subornado

alguém — Sam, provavelmente — para ir buscar as botas lá embaixo. Elas estavam ao lado da cama, prontas, à espera. Como já estivesse desolada com a partida de Bright Water, Suzanne não se sentia preparada para ver aquelas botas ali.

— Você deve achar que está agindo de maneira viril. Pessoalmente, acho que você não passa de um idiota — ela afirmou, brava.

Jack franziu as sobrancelhas.

— Estou cansado de ser lavado e alimentado como se fosse um bebê.

— Não diga! Nesse caso, vou deixar seu almoço aqui na mesinha. É só vir até ela e se alimentar. — A bandeja bateu na mesa, fazendo louças e talheres tilintar. — A seguir, imagino, você vai dizer que quer dançar no casamento de Matt e Ying Li.

Enquanto se arrastava pelos poucos passos até a mesinha, Jack indagou:

— Eles vão mesmo cometer tamanha idiotice?

— Vão, sim. Estão só esperando que o capelão volte das férias.

— Em minha opinião, a idéia foi mais de Matt do que da chinesa. — Fitou-a com olhar desconfiado. — Ou será que foi sua, Suzanne? Afinal, foi você quem o ensinou a declamar poesias ou algo parecido.

— Ora, eu não imaginava que ele fosse fazer isso para Ying Li. Mas fez e os dois acabaram se acertando.

— Ou se metendo na maior encrenca.

— É o que veremos.

Jack perdeu o interesse na discussão. Levantou o guardanapo da bandeja e, depois de observar o ensopado apetitoso e os pãezinhos crocantes, suspirou satisfeito.

— Se continuar a me alimentar tão bem assim, vou acabar dançando no casamento do rapaz.

Com o passar dos dias, ficou evidente que Jack estava determinado a se recuperar depressa. De acordo com o próprio programa, foi aumentando o número de horas que passava fora da cama. Quatro dias depois da partida do coronel, ele enfrentou a escada. Quando alcançou o último degrau lá embaixo, estava molhado de transpiração, mas sorria com ar triunfante.

Dali a dois dias, o capelão sargento Renquist retornava da Pensilvânia onde passara as férias, visitando parentes. Matt foi procurá-lo antes de o homem haver desfeito as malas. Mas já havia uma fila diante da porta dele, com pedidos para a realização de batizados e casamentos. Sendo assim, Renquist não pôde prometer conduzir a cerimônia a não ser no sábado seguinte.

Tendo acertado a data, Matt foi procurar Jack e Suzanne. Encontrou-os na sala de visita dos McCormack, na companhia de Samuel e dos amigos dele. Sentados no chão, os meninos observavam o progresso de Sloan que, com o auxílio de uma bengala, dava voltas pelo aposento. Eles contavam as batidas da bengala no tapete e, então, reavaliavam as estimativas sobre o número de voltas que Sloan daria antes de cair exausto numa poltrona.

Depois de lhes pedir que falassem mais baixo, Suzanne levantou-se para receber Matt e o convidou a se sentar.

— Acho melhor não. Deixei Ying Li sozinha com a sra. Overton e... bem, vocês sabem como está o relacionamento das duas.

Não muito bom, segundo os boatos. A viúva, que os tinha recebido a pedido do tenente-coronel McCormack, era uma mulher pequenina, com um coração de ouro e vários pretendentes ansiosos para se tornarem seu quarto marido. Mesmo assim, ela precisava se esforçar para não protestar contra a preferência de Ying Li por olhos de peixe cozidos, em vez de ervilhas, e o hábito de queimar incenso para deuses pagãos.

Tais esquisitices teriam sido toleradas se a chinesa não houvesse contado, inocentemente, estar disposta a incrementar o salário de Matt, desempenhando os mesmos serviços executados no Bar e Salão de Mother Featherlegs Shephard. A notícia tinha se espalhado como fogo num capinzal seco. Indignada, a sra. Overton havia expulsado a vassouradas um freguês esperançoso da entrada da tenda. Matt tinha esmurrado um outro.

— Só vim até aqui para lhes dizer que o capelão já voltou e vai celebrar meu casamento com Ying Li no próximo sábado — Matt anunciou. — Será que vocês dois podem comparecer e assinar o livro como testemunhas?

— Claro! Minha mãe também gostará de ir, caso você não se importe.

— Eu também — disse Sam.

— Ora, será uma honra — Matt respondeu.

Bem versada no protocolo militar, Suzanne sabia que não podia oferecer a casa de seus hospedeiros para uma pequena recepção após o casamento. Ela já havia abusado muito da generosidade dos McCormack ao trazer um pistoleiro ferido para se tratar ali.

— Vamos ver se poderemos usar um dos refeitórios dos soldados para comemorar o casamento depois da cerimônia? — ela sugeriu. — Ou talvez a sra. Overton não se importe que nos reunamos em sua tenda.

— Bem...

— Vamos procurar o mascate e ver se ele tem ameixa seca ou pêras para

recheiar o bolo. Posso preparar um ponche para os brindes e pendurar umas lanternas de papel para decorar o ambiente.

Apanhado de surpresa, Matt perdeu a fala e virou-se para Jack como se pedisse a opinião dele.

— Não olhe para mim, rapaz. Já levantei meu copo em mais velórios do que em casamentos. É melhor deixar sua festa aos cuidados das mulheres.

A advertência feita em tom seco fez Suzanne virar a cabeça para Jack. Um arrepio percorreu-lhe a espinha, arruinando o momento.

— É de mau agouro falar de velórios e casamentos ao mesmo tempo — ela o advertiu. — Vou procurar minha mãe. Diga a Ying Li que daqui a pouco irei vê-la a fim de discutirmos os detalhes.

Jack insistiu em acompanhá-la.

Por necessidade, caminhavam bem devagar. Suzanne tinha passado o braço pelo dele não só por causa do frio como também para dar-lhe apoio, o que ele afirmara não precisar. A respiração deles condensava-se no ar frio. Raios fracos de sol mal conseguiam varar a poeira levantada pelo vento.

Interessado, Jack percorria o olhar em volta enquanto atravessavam a praça rodeada pelas construções de tijolos. Como fora construído no ano anterior, Fort Meade parecia recém-pintado.

— Aquele ali é o quartel-general — ela contou ao apontar para um edifício imponente, com o pau de bandeira na frente. — E aqueles compridos, de dois andares, são alojamentos para a tropa toda.

Suzanne notava que os soldados pelos quais passavam mostravam tanto interesse por Jack quanto ele pelo forte. E não era de se admirar. Ele usava o velho chapéu preto de copa achatada e a jaqueta de lã cinza, que lhe chegava até os quadris, comprada por ela do mascate que perambulava entre as tendas. Naturalmente ela pagara com o dinheiro de Jack, cujo maço tinha diminuído muito. O cinturão com o revólver estava outra vez afivelado um pouco abaixo da cintura. Nem o manquitolar e nem a bengala conseguiam diminuir a imagem criada pelas histórias escritas e contadas a respeito dele.

Um estandarte vermelho e branco, tremulando ao vento, chamou-lhe a atenção. Em voz alta, ele leu:

— Sétima Cavalaria. O regimento de Custer — acrescentou.

— O que restou dele. Depois da batalha de Little Big Horn, ele foi consideravelmente aumentado e reequipado.

Ao se aproximarem dos estábulos, Jack diminuiu o passo.

— Aquele é o cavalo? A montaria do major Keogh?

Suzanne seguiu-lhe o olhar para o animal quase imóvel no cercado adjacente aos estábulos. Cicatrizes marcavam-lhe o pêlo dourado. Tantas que seus olhos encheram-se de lágrimas. Com dificuldade, murmurou:

— Aquele é Comanche, sim.

Atraídos pelo único animal sobrevivente da última batalha de Custer, eles se aproximaram da cerca. A coluna de resgate o tinha encontrado no campo de batalha com a cabeça caída e o couro perfurado por vinte e sete flechadas.

— O tenente-coronel McCormack me contou que o pobre animal passou um ano inteiro, depois da batalha, numa barrigueira especial, como se fosse uma tipóia bem grande. Só agora ele está começando a recuperar a energia.

— Então, somos dois — Jack murmurou.

Apesar do xale na cabeça, o vento agitava os cabelos de Suzanne. Ela afastou os que caíam na testa e observou o perfil de Jâck.

— O exército aposentou Comanche com todas as honras. Ele agora só participa de cerimônias importantes. Você... você poderia fazer a mesma coisa.

Ele virou-se e a fitou com expressão confusa.

— Do que você está falando?

— Sobre o que você poderia fazer depois de acertar as contas com Charlie Dawes. Seria um tipo de aposentadoria, sem ou com honras. Arranjaría outra ocupação. Ou iria para o Leste, onde sua reputação atrairia atenções lisonjeiras em vez de uma bala nas costas.

— Deus do céu! Você não está sugerindo que eu entre para o circo de Bill Cody e atire em maçãs na cabeça de alguém, não é?

— Claro que não. Mas existem outras opções para você estudar.

— Tais como?

— Vender sua história para a imprensa, por exemplo. A verdadeira.

— Não vou tolerar que me ridicularizem mais do que já fizeram.

— Tudo bem. E que tal fazer palestras sobre o Oeste como você o conhece? Tais oradores estão sendo muito requisitados e bem pagos.

Ele a olhou com expressão divertida.

— Não, muito obrigado. Não posso me ver com colarinho engomado e gravata, circulando por salões de escolas ou de clubes.

— Então, diga o que gostaria de fazer — ela o desafiou enquanto, impaciente, tornava a afastar os cabelos da testa. — Você contou que trabalhou conduzindo boiadas e atirando fregueses bêbados e desordeiros para fora de bares. Se não me engano, também cavalgou ao lado de trens como segurança. O que pretende fazer depois de encontrar Dawes?

Jack encostou a bengala na cerca e afastou os cabelos de sua testa.

— Não tenho pensado em nada além de encontrá-lo, Suzanne. Não me atrevo a tanto.

— Tente! Apenas uma vez, tente ver adiante dele. O que acontecerá depois de Dawes?

— Calculo que eu queira a mesma coisa com as quais muitos homens sonham — Jack disse devagar. — Um pedaço de terra, algumas cabeças de gado, céu azul no verão e uma casa bem aquecida no inverno.

— Ninguém a seu lado para compartilhar o céu e a casa?

Ele enrolou seus cabelos no indicador.

— Também não me permito pensar nisso.

— Seria um sonho possível.

Ela o estava cortando em dois, partindo-o ao meio.

— Suzanne...

Apesar de todas as promessas a si mesmo, de todas as resoluções tomadas, Jack a puxou para perto. Com um suspiro trêmulo, Suzanne aninhou-se entre os braços dele e ergueu o rosto, oferecendo os lábios.

O beijo foi delicado, suave e tão meigo que acabou por parti-lo ao meio. Todos os sonhos que ele jamais tivera, todas as vontades que um homem com sua reputação não podia alimentar atravessaram as barreiras que ele havia erguido para mantê-los fora.

Com ela aconchegada ao peito, apoiou o queixo no topo de sua cabeça. Observou Comanche no cercado. O pobre animal tinha recebido vinte e sete flechadas e sobrevivido. Ele mesmo tivera sua quota de agressões, mas não sabia se conseguiria sobreviver à perda daquele sonho.

Deslizou as mãos pelos braços de Suzanne e a afastou. No instante seguinte, ouviu-se dizendo:

— Você se lembra de eu ter contando que vendi a fazenda de meus pais? Durante todos estes anos, o dinheiro ficou no banco, rendendo juros. Quero que você fique com ele.

Ela mal conteve uma exclamação. Baixinho, perguntou:

— Por quê?

— Para você comprar um chapeuzinho novo com muitas penas — ele respondeu com uma sombra de sorriso.

— Por quê, Jack?

— Acho que você vai precisar dele se aquela história da tal erva mudar de cor não ter passado de um blefe.

Um longo suspiro condensou-se no ar. Suzanne estudou-o por um longo tempo, enquanto batia com a ponta do pé no chão.

— Muito bem. Se é assim que quer jogar esta partida, pegarei seu dinheiro e o guardarei para você. Se e quando você decidir que o quer, ou a mim, vista sua melhor roupa e vá a Cheyenne. Para implorar, entendeu?

Ela ficou na ponta dos pés, beijou-o com força nos lábios e entregou-lhe a bengala.

— Agora, vamos ajudar Matt e Ying Li a planejar o casamento *deles*.

A ênfase foi leve, mas contundente.

Pouco tempo depois, eles andavam entre as tendas que abrigavam um grande número de dependentes dos soldados, de famílias indígenas e os inevitáveis comerciantes e parasitas que apareciam nas vizinhanças de todos os postos militares. A maioria das tendas servia de moradia, algumas eram usadas por comerciantes e outras tantas por bares e mesas de jogatina. Um sujeito havia até montado, numa delas, uma firma de empréstimos para aqueles que vagavam depois de ter tentado a sorte nas Black Hills. Algumas aquecidas por fogões de ferro, outras por brasas no chão, rodeadas por uma proteção de areia, as tendas de lona ou de couro de búfalo ofereciam conforto razoável, embora bem rudimentar.

Quando Suzanne e Jack chegaram à moradia da viúva Overton, onde Matt e Ying Li estavam acomodados, contaram logo a que vinham. Ao ouvir a sugestão sobre a cerimônia de casamento, a noiva exclamou com os olhos brilhando:

— Ah, sim! — Exibindo uma onda de entusiasmo fora do comum, bateu palmas.
— Você será a mulher boa sorte para Ying Li?

— Eu... bem...

— Sem mulher boa sorte, Ying Li não pode casar com Matt Butts.

— Bem, farei o que for possível. O que, exatamente, exige-se para ser mulher boa sorte?

Suzanne logo descobriu que seus deveres como organizadora de um casamento estavam enraizados em costumes centenários. Para seu alívio secreto, não havia tempo para a realização de alguns deles, mas achou que poderia preparar a festinha, a cerimônia do penteado e providenciar o importantíssimo vestido.

— Vermelho — a chinesa insistiu. — Precisa ser vermelho. Para os bons espíritos.

Suzanne e Jack deixaram Ying Li e a viúva Overton sentadas lado a lado, as diferenças esquecidas diante da questão importante de se preparar um casamento. Enquanto caminhavam de volta para a casa dos McCormack, Suzanne imaginava onde encontraria o tecido vermelho para o vestido de noiva de Ying Li.

— Uma pena eu não ter trazido o penhoar vermelho de Mother Featherlegs.

— É mesmo, uma pena — Jack murmurou.

Suas faces queimaram, porém tinha outras coisas na cabeça para se distrair com as lembranças que, sem querer, vieram à tona.

— Ah, um presente — disse franzindo a testa. — Precisamos providenciar um presente adequado, Jack.

— Eu cuido disso. Você se incumba do vestido e da cerimônia do penteado.

Por sorte, a esposa de um dos oficiais do forte tinha um corte de seda cor de cereja que Suzanne, agradecida, comprou. Maior sorte ainda foi o fato de um costureiro chinês haver montado um ateliê não muito longe da tenda da Sra. Overton. Passando as mãos enrugadas na seda macia, ele prometeu fazer um vestido lindo.

Com essa importante tarefa solucionada, Suzanne passou a dedicar toda a atenção à festa. Tanto a lista de convidados como a de doces tinham aumentado consideravelmente. Esta última não constava mais só de bolo e ponche. No final da tarde de quinta-feira, ela e a mãe revisavam o cardápio quando um dos filhos da Sra. Mc-Cormack, acompanhado por Sam, entrou esbaforido na cozinha.

— Mamãe, venha ver! Um carroção de carga vem vindo para cá. O cocheiro perguntou, lá na entrada, onde ficava nossa casa — o menino avisou, ofegante.

— Um carroção de carga?! Misericórdia, o que será?

Surpresa, Elizabeth McCormack enxugou as mãos no avental e correu para o terraço. Tão curiosas quanto ela, Júlia e Suzanne a seguiram.

De fato, um carroção comprido, puxado por quatro mulas, rangia pela rua de terra em volta da praça. Um bando de cachorros latindo e outro de crianças vinham logo atrás e o rodearam tão logo parou na frente da casa dos McCormack. O cocheiro tocou na aba do chapéu, à guisa de cumprimento, e disse:

— Vim entregar uma encomenda, madame.

— Para mim? — a sra. McCormack indagou, espantada.

O homem tirou um papel amassado do bolso e o leu:

— Bem, aqui diz para entregar a Jack Sloan, aos cuidados do oficial comandante de Fort Meade. Esta é a casa certa, não é?

— É, sim.

Perplexas, as mulheres aguardaram no terraço enquanto o cocheiro abria a parte de trás do carroção e subia nela. Em seguida arrastou uma peça embrulhada em estopa. Rezingando, desceu-a para o chão.

— Esta aqui é apenas uma das cinco partes — ele avisou enquanto, com o canivete, cortava as cordas que prendiam a estopa.

Quando esta caiu, mulheres, crianças e o próprio co-cheiro arregalaram os olhos.

— O que... Por Deus, o que é isso? — a sra. McCormack balbuciou ao ver, incrédula, um dragão de madeira expelindo fogo pela boca.

Suzanne não conteve um riso alegre.

— Acredito que esse seja o presente de casamento para Ying Li.

CAPÍTULO XXI

Jack e Suzanne explicaram ao cocheiro onde ficava a tenda da sra. Overton e conseguiram chegar lá ao mesmo tempo que a cama. Entre acessos de lágrimas, exclamações de incredulidade e largos sorrisos, Ying Li agradeceu a Jack uma infinidade de vezes. Matt, entretanto, não demonstrou o mínimo entusiasmo.

— Com todos os diabos, como vou levar esse monstro desgraçado até os campos de mineração? — ele reclamou para Suzanne.

— Do mesmo jeito que Jack mandou vir até Fort Meade, imagino. Por carroção de carga.

Lado a lado, admiravam o móvel imponente. Montado, ele ocupava quase a metade da tenda da pobre sra. Overton. A viúva fora forçada a mudar seus pertences para a frente a fim de abrir espaço para a cama. Isso deixava pouco lugar para a festinha de casamento planejada por Suzanne e que, por vontade da

sra. Overton, deveria ser em sua tenda.

— Como, você acha, Sloan convenceu Mother Featherlegs a abrir mão da cama? — Matt perguntou.

— Acima de tudo e em primeiro lugar, ela é uma mulher de negócios. Desconfio que ele lhe ofereceu um preço irrecusável.

Jack confirmou a suposição de Suzanne quando pagou o cocheiro pela cama e pelo transporte. Sem dar atenção ao agradecimento resmungado de Matt, ele lhe desejou uma feliz noite de núpcias.

O rubor inevitável espalhou-se pelo rosto do rapaz. E acentuou-se mais ainda quando Ying Li, passando por ele e com os olhos brilhando, disse:

— Matt Butts e Ying Li fazem filhos fortes na cama do pai honrado. Nós fazemos dança do dragão noite e dia.

A perspectiva tentadora afastou as dúvidas de Matt. Conformado com a idéia de levar a cama quando se aventurasse no garimpo de ouro, saiu para ir trabalhar no quartel-mestre. Na véspera do casamento, ele passou boa parte da noite na companhia de Jack, no Three Dog Bar.

Ao lembrar-se do quanto Matt se embriagara naquela noite em Rawhide Buttes, Suzanne esperava que ele, dessa vez, fosse mais comedido. Aliás, Jack também. Contudo, as recordações das loucuras daquela noite a fizeram sorrir enquanto se juntava a Ying Li para o ritual do penteado.

— Ying Li senta aqui — a chinesa informou ao pôr um caixote em frente da tenda. — Precisa ver lua.

Por causa do ar frio que lhe condensava a respiração e fustigava seu rosto, estava enrolada num cobertor. Sentou-se e entregou um pente de madeira para Suzanne.

— Precisa pentear quatro vezes — explicou.

Com a cabeça inclinada para trás e uma cortina de cabelos molhados e brilhantes, Ying Li atraía a curiosidade dos moradores de outras tendas. Crianças, de olhos arregalados, chegavam mais perto a fim de observar a cena. Um vira-lata magro cheirou o caixote antes que Ying Li o espantasse para longe.

Sem dar atenção ao grupo crescente de pessoas, Suzanne começou a correr o pente pelos cabelos negros. Então, concentrou-se em interpretar, em voz suave, as frases decoradas. A primeira penteadura, ela havia deduzido, simbolizava os tempos desde seu início até o fim. A segunda, harmonia daquele momento até a idade avançada. A terceira, muitos filhos e netos. A quarta, riqueza e um casamento duradouro.

As palavras talvez tivessem uma entonação estranha, mas traduziam os sentimentos das mulheres através dos tempos. Uma aspiração por harmonia, amor e um companheiro para a vida inteira. Suzanne pensou em Jack, na maneira com que ele a tinha estreitado entre os braços ao lado do cercado e na insistência em dar-lhe os bens materiais dele.

Estavam tão próximos um do outro, ela e Jack... Quase prestes a admitir o que existia no coração de cada um.

Distraída com os pensamentos e o ritual antigo de preparação da noiva para o casamento, ela não notou dois homens que tinham se juntado às outras pessoas até ouvir umas palavras balbuciadas.

— ...a rameira chinesa de que lhe falei.

Suzanne ergueu a cabeça e viu um sujeito barbudo e de olhar turvo cutucar as costelas de um outro com o cotovelo. A fala fora arrastada o suficiente para se perceber que ele tinha vindo do bar. A grosseria, feita em público, a fez reclamar:

— Por favor, controle a língua.

O mais novo mostrou-se envergonhado, mas o outro assumiu um ar beligerante enquanto o primeiro o puxava pelo braço e dizia:

— Vamos embora. Nós não queremos provocar problemas.

O companheiro soltou-se.

— Eu não disse nada que não fosse verdade. Aquela chinesinha costumava levantar a saia para qualquer um, a troco de duas moedas, lá em Rawhide Buttes. E pelo que ouvi dizer, está disposta a fazer a mesma coisa aqui.

Sem interromper o ritmo do pente, Suzanne dirigiu-lhe um olhar severo e, numa voz calma, chamou:

— Sra. Overton? Será que pode fazer o grande favor de mandar um de seus vizinhos ao Three Dog Bar chamar o sr. Butts e o sr. Sloan?

— Deus do céu! Não vou ficar aqui e acabar me envolvendo com um tipo como Black Jack Sloan — o sujeito mais novo declarou ao desaparecer entre o povo.

O outro, depois de um olhar atrevido e demorado, também sumiu.

Embora a reputação de Jack a preocupasse, Suzanne admitiu que ela era muito útil em situações como a de momentos atrás.

Ainda refletia sobre isso ao terminar o ritual do penteado, despedir-se de Ying Li e retornar para a casa dos McCormack sob a luminosidade da lua cheia. Chegou a tempo de ver um cavaleiro desmontar e entregar as rédeas a um ordenança a serviço ali. Mesmo com sobretudo sem dragonas douradas, Suzanne o

reconheceria em qualquer lugar.

— Coronel! O senhor está de volta!

Correu para os braços dele que a estreitaram amorosamente. A alegria, sentida sempre quando o padraсто voltava de uma missão, a inundou. Mas desta vez, Suzanne também sentiu uma ponta de desânimo por ele haver retornado a Fort Meade dois dias antes do previsto.

— Sua mãe me telegrafou sobre o casamento de seus amigos. Eu não quis perder a cerimônia.

— Matt e Ying Li ficarão muito orgulhosos por contar com sua presença, coronel.

— Ela também contou que Sloan já está em pé e andando por aí.

Suzanne mordeu o lábio.

— Está, sim.

Com o braço sobre seus ombros, Andrew Garrett a acompanhou pela escada do terraço. Os odores agradáveis da lã e das peças de couro do uniforme eram tão familiares e reconfortantes quanto o afeto que ele sempre lhe demonstrava.

Um outro ordenança, a serviço dos McCormack em casa, os recebeu à porta. Após cumprimentar o coronel, avisou com um sorriso:

— Sua senhora está na sala de visita com o tenente-coronel e a sra. McCormack.

— Obrigado.

O coronel entregou-lhe o sobretudo, o chapéu e as luvas. Em seguida, endireitou o uniforme. Suzanne o observou e, de certa forma, surpreendeu-se ao ver uns fios prateados nas têmporas dele. Nunca os tinha notado antes.

— Mamãe vai ficar tão contente ao vê-lo! — disse ao passar o braço pelo dele.

Já ia seguir pelo corredor, mas o padraсто a deteve.

— Você se lembra de me perguntar sobre meus companheiros na diligência, quando Parrott a assaltou, e de eu lhe descrever um sujeito com marcas de varíola e jeito de vagabundo?

O coração de Suzanne bateu mais depressa.

— Lembro, sim. Alguma notícia dele?

— Quando cheguei a Fort Russel, fiz umas sindicâncias sobre ele. Pelo que descobri, o homem desembarcou na parada seguinte e voltou para Deadwood.

A menos de meio dia de viagem dali!

— O nome dele é Dawes. Charlie Dawes — o coronel informou.

Suzanne respirou fundo.

— Eu temia que o senhor contasse isso.

De cabeça baixa, ela desviou o olhar e Andrew amaldiçoou a si mesmo por ter um coração mole. Não queria enfiar a mão no bolso e, a seguir, fazer o que pretendia. Se não amasse tanto esta menina, a pegaria junto com Júlia e Sam, na madrugada após o casamento no dia seguinte, e os levaria para casa, deixando que Sloan seguisse o caminho da perdição.

— Lá em Cheyenne, conversei com o representante do governo federal aqui no Oeste — começou com relutância. — Ele admitiu que os Territórios estão com falta de xerifes e com sobra de ladrões de gado e bandidos como Parrott. Também admitiu estar na hora de a comissão de vigilância da justiça ceder lugar aos tribunais.

Suzanne levantou o olhar e o fitou com um misto de esperança e cautela.

— Isso quer dizer que ele mesmo vai atrás de Dawes?

— Não exatamente. O raciocínio dele é o seguinte: se Sloan está tão determinado a caçar um homem que, suspeitamos ser capaz de marcar diligências e fazer coisas piores...

— Muito piores!

— ...é melhor que ele esteja usando isto.

Andrew enfiou a mão no bolso e tirou uma estrela de metal. Suzanne a observou por uns momentos antes de fitar o padrasto com olhar preocupado.

— Não sei se Jack vai aceitar isso ou não.

— Se minha opinião prevalecer, vai, sim.

Andrew não queria um homem da lei mais do que um pistoleiro para marido de Suzanne. Nenhum dos dois podia esperar viver o tempo suficiente para se aposentar. Mas o argumento da enteada, sobre a violência que ele próprio enfrentava cada vez que saía numa patrulha, tinha atingido o alvo.

— O fato de Sloan usar a estrela não permitirá que ele deixe de ser o alvo cobiçado de um bêbado ou de um sujeito impetuoso, ambos dispostos a provar a valentia — ele admitiu. — A única diferença é que, quando Sloan enfrentar bandidos com esta estrela no peito, não estará sozinho. Contará com o apoio da lei, bem como o dos cidadãos. E o do exército — acrescentou de má vontade.

Sentada encolhidinha no sofá da sala de visita dos Mc-Cormack, Suzanne esperava a volta de Jack da despedida de solteiro de Matt. Uma lamparina a óleo, com rosas pintadas na manga de vidro, afastava as sombras para os cantos. As brasas no fogão-aquecedor faziam a mesma coisa com o ar frio. Todos já tinham se recolhido, inclusive a mãe e o padrasto. Ele a tinha encarregado de dar a notícia a Jack e de entregar-lhe a estrela.

Suzanne abriu a mão e observou a insígnia. Estava amassada e sem brilho. Com certeza, tinha passado de xerife a xerife com frequência. Jack seria o próximo a usá-la? Ele haveria de querer? Homens como Bat Masterson, Bill Tilghman e Wyatt Earp tinham feito a transição de pistoleiros para representantes da lei e da paz. Jack também conseguiria fazê-lo?

Se o coronel estivesse certo, a era dos pistoleiros caminhava depressa para o fim. Cidadezinhas onde grassava a violência, como Abilene, Denver e Cheyenne, começavam a crescer e a borbulhar com a chegada do progresso. Com isso, também mudavam, ficavam mais calmas. Elas ainda tinham mais bares do que igrejas, mas os tiroteios nas ruas estavam cada vez mais raros. Tribunais federais tinham substituído os irregulares cuja displicência permitia que assassinos, como o que havia matado Wild Bill Hickok, ganhassem a liberdade. Quem sabe Jack reconheceria já estar na hora de respeitar mais o martelo do juiz do que o revólver.

Suzanne tornou a fechar a mão em volta da estrela, mas com tanta força que as pontas a machucaram. Ainda a segurava quando ouviu os passos e as batidas da bengala de Jack na escada do terraço. Como não quisesse perturbar o ordenança, enfiou a estrela no bolso e foi abrir a porta.

Jack entrou, trazendo com ele o ar gelado da noite de outubro. Apoiava-se pesadamente na bengala, Suzanne notou, bem como as linhas brancas nos lados da boca. Achou melhor não comentar nada.

— Ainda acordada?

— Estava esperando por você — ela respondeu enquanto o ajudava a tirar a jaqueta de lã.

Os olhos dele brilharam.

— Estava com medo que eu me embebedasse como lá em Rawhide Buttes e acordasse a casa inteira?

Depois de dobrar a jaqueta e a colocar no corrimão da escada, Suzanne inclinou a cabeça para o lado.

— Você *está* bêbado?

— Não, mas Matt está. Eu o deixei declamando a poesia mais horrorosa, a

plenos pulmões, para Ying Li.

— Ah, meu Deus!

O brilho nos olhos de Jack aumentou.

— Tenho a impressão de que eles não vão esperar até amanhã à noite para estrear a cama. Apesar de seus hábitos e manias peculiares, Ying Li é uma coisinha bem submissa.

— Ora, não diga!

Jack refletiu que podia não estar embriagado, mas havia tomado mais uísque do que deveria na tentativa de abrandar a ansiedade com a partida dali a dois dias. Provavelmente as pegadas de Charlie Dawes já tinham desaparecido. Ele levaria semanas, talvez meses, para reencontrá-las. Deveria ter ido ao encalço do desgraçado no dia em que voltara a calçar as botas. Teria feito isso se não fosse por aquela moça em pé diante dele. O simples fato de fitá-la trazia de volta a ansiedade, porém mais aguda e profunda.

— Ah, coração, não me olhe desse jeito. Você sabe que, assim, não resisto à vontade de beijá-la.

— E daí?

Com todos os diabos! Por causa do casamento no dia seguinte e da chegada de Garrett a Fort Meade no outro, ele talvez não tivesse nova oportunidade de ficar a sós com Suzanne. Se desejava levar mais recordações com ele, aquele momento parecia bem oportuno para consegui-las.

Jack passou o nó dos dedos por seu rosto, deliciando-se com o contato sedoso, memorizando cada curva. Parou a mão sob seu queixo e ergueu-lhe um pouco o rosto. Seu olhar prendeu o dele até que, ajeitando a própria cabeça, ele juntasse a boca à sua.

O desejo que o consumia era como uma ferida exposta, mais perigoso do que um pulmão baleado. Resistiu à vontade de apertá-la contra si, mas, com a mão em sua nuca, deu-lhe apoio enquanto absorvia e registrava seu sabor, seu toque e seu odor.

Suzanne permanecia imóvel, permitindo que Jack se saciasse. Talvez houvessem se passado dois ou dez minutos até que ele levantasse a cabeça. Nenhum dos dois saberia dizer. Quando ele o fez, sentia tanta dor que não sabia se conseguiria subir a escada. Para ganhar tempo, pegou a jaqueta e tirou um papel amarelo e amassado do bolso. Tinha lhe sido entregue pelo funcionário de telégrafo quando ele fora lá a fim de mandar um telegrama para Rawhide Buttes com a proposta para comprar a cama.

— Isto aqui é do banco em Denver, confirmando minha autorização para a

transferência do dinheiro de minha conta para qualquer banco que você determine.

Com a testa franzida, ela olhou para o telegrama dobrado.

— Pegue, Suzanne. Se você não quiser o dinheiro ou achar que não precisa dele, não providencie a transferência.

Ela ergueu bem o queixo.

— Aceitarei o dinheiro se você aceitar isto.

Ao vê-la enfiar a mão no bolso da saia, Jack pensou que Suzanne ia ofertar-lhe a pequena pistola para carregar dentro do cano da bota. Ou, quem sabe, um retrato seu, desenhado por ela mesma, para pregar na sela como lembrança sua. A única coisa que não esperava ver em sua mão espalmada era a estrela.

Ele semicerrou os olhos.

— Onde você arranjou isso?

— O coronel a trouxe.

— Ele já voltou?

— Já, sim. Chegou ao anoitecer. O coronel usou a influência dele junto às autoridades em Cheyenne. Você foi nomeado xerife.

— É mesmo?

— Exatamente.

Jack cruzou os braços e não pegou a estrela de sua mão.

— O que o fez pensar que eu o deixaria arranjar minha vida por mim?

— Essa idéia não partiu de mim, se é isso que você está insinuando. Eu já lhe disse, Jack, que terá de decidir sozinho se vai voltar para mim depois de acertar as contas com Charlie Dawes.

— E eu lhe disse, Suzanne, que cavalgo sozinho. Foi sempre assim. Não vou arrastar um grupo atrás de mim quando for embora de Fort Meade.

— Muito bem! Ótimo! Vá embora sozinho!

Jack apertou os dentes. Sentia-se encurralado, preso entre a vontade imperiosa de vingar os pais, que o instigava havia tantos anos, e a idéia insidiosa de seguir um outro caminho.

Suzanne o empurrava para ele como tentara empurrar a amiga para o Leste a fim de estudar com o tal médico da Filadélfia. Bright Water tivera o bom senso de admitir que não podia pensar pela cabeça de outra pessoa e, honestamente, ele também não.

— Você acha mesmo que um pedaço de metal muda alguma coisa? — ele indagou.

— E você acha que o dinheiro muda?

— Dane-se! É tudo que tenho para dar a você.

De repente, Suzanne perdeu a vontade de brigar. Suspirou profundamente e balançou a cabeça.

— Não, Jack, não é. Mas você não está disposto a me dar a única coisa que desejo de você.

Seria tão simples dizer as palavras que ela queria ouvir. Droga, elas até poderiam ser verdadeiras. Ele nunca havia amado antes, nem desejado uma mulher como queria Suzanne. A mistura emaranhada de luxúria e anseio que ela lhe provocava se aproximava tanto do amor quanto ele esperava sentir.

— Vou refletir sobre a insígnia, Suzanne. É só o que posso prometer.

— Razoável o suficiente.

Atirou-lhe a estrela e Jack a apanhou no ar. Ele praguejou baixinho quanto o alfinete atrás dela furou-lhe o polegar.

— Como o coronel disse, a estrela não impedirá que você continue sendo um alvo cobiçado. Aliás, ela poderá se tornar mosca brilhante, em vez da preta, do centro do alvo. Mas seja lá o que você decidir, terá de dizer pessoalmente ao coronel.

Suzanne começou a subir a escada, mas parou no segundo degrau.

— A propósito, Charlie Dawes está em Deadwood.

CAPÍTULO XXII

O dia do casamento de Matt e Ying Li amanheceu luminoso, frio e com tudo salpicado de geada. Meio atordoado, Matt espreguiçou-se na cama gigantesca antes de fazer o esforço para se levantar. Endireitou a ceroula, enfiou os pés nas botas e foi para um canto, atrás de uma cortina, que fazia as vezes de sanitário. Ao sair de lá, viu Ying Li, que já havia se levantado, agachada ao lado do fogãozinho de ferro, tomando chá verde. A viúva Overton, sentada a seu lado e enrolada em vários xales, cochichava sobre as festividades daquele dia.

Apesar da dor de cabeça, Matt conseguiu perceber que as duas tinham,

temporariamente, esquecido as diferenças que as separavam. O que havia em um casamento que deixava as mulheres tão animadas?

Com a mão firmada numa das estacas de sustentação da tenda, ele deu asas à imaginação. Se estivesse se casando em Ohio, na casa dos pais, a mãe teria assado uma quantidade enorme de tortas, bolos e bolachas, e o pai, matado uns dois leitões para assar. Todos os vizinhos já estariam convidados e o estábulo, esvaziado e limpo, pronto para o baile. Os irmãos mais velhos teriam, sem dúvida alguma, providenciado a famosa serenata de música desafinada para perturbar a noite de núpcias. O vestido de noiva de Becky seria branco e não daquele vermelho pagão e...

Num movimento brusco, endireitou o corpo e afastou para longe os pensamentos inquietantes. Mas não conseguiu impedir que uma onda imensa de saudade se abatesse sobre ele. Inúmeras lembranças enchiam-lhe a cabeça dolorida, provocando a conscientização de como aquele dia seria diferente se ele não houvesse decidido tentar a sorte no garimpo do ouro.

Tremendo de frio, olhou para a noiva. De jeito nenhum, conseguia saber se ela se sentia mais feliz aventurando-se ao lado dele do que esfregando o chão do estabelecimento de Mother Featherlegs e executando a dança do dragão com os fregueses dela. A única vez em que vira um lampejo de alegria e animação em seus olhos tinha sido quando a maldita cama chegara.

Se alguém lhe perguntasse, ele não poderia explicar os próprios sentimentos por Ying Li. Ele a desejava. Tudo que precisava fazer resumia-se em pensar como agiam no escuro. No mesmo instante, o membro brotava duro como um galho de árvore. Mas queria ser bom para ela. Ying Li não contava com ninguém que a quisesse bem. O próprio pai a tinha vendido com a mesma facilidade com que o dele vendia porcos no mercado. Mesmo assim, todas as vezes em que ele se imaginava passeando pelas ruas de San Francisco, com roupa elegante e cartola, a mulher apoiada em seu braço parecia-se mais com Becky do que com Ying Li.

Com um leve aperto no coração, Matt afastou Becky para sempre do pensamento. Ying Li logo seria sua esposa. Ela merecia um marido que não alimentasse lembranças de outra mulher.

Suspirando, baixou a mão. Era melhor se vestir. Agora de manhã, daria para ele trabalhar umas quatro ou cinco horas no quartel-mestre. Sempre ajudaria a aumentar um pouco as economias. Como pagasse pensão para a sra. Overton, ele não podia se dar ao luxo de tirar o dia inteiro de folga. Afinal, queria muito chegar às minas de ouro antes que o metal precioso se esgotasse.

Ying Li levantou-se para lhe dar uma xícara de chá.

— Matt Butts volta logo, logo, queima incenso, faz oferendas para ancestrais honrados?

Ele disfarçou uma careta ao tomar um gole do chá que, além de requentado,

parecia feito com casca de árvore. Por Deus, o que ele não daria por uma caneca de café forte e fresco!

— É muito importante — ela insistiu. — Precisa fazer. Dá sorte.

Ele conseguiu sorrir.

— Está bem. Matt Butts volta logo, logo — respondeu, imitando seu modo de falar.

Depois de tomar o resto do chá, pegou os agasalhos e o chapéu. No caminho para o quartel-mestre, parou e decidiu fazer um pequeno desvio. Ia passar pela casa do comandante, mandar chamar a srta. Bonneaux e lhe pedir para escrever uns versos para ele. Se ia mesmo se casar, queria fazer tudo certo.

No quarto, Jack não estava de muito bom humor enquanto lutava para dobrar o colarinho engomado da camisa que havia comprado do mascate. Coisas ridículas, esses colarinhos desgraçados. Por que um homem se sujeitava a usar uma peça que lhe arranhava o pescoço?

Ele não podia se lembrar da última vez em que tinha envergado um terno comprado feito. Eles ficavam bem em homens elegantes, como Bill Hickok e Bat Masterson, que jamais apareciam em público sem o relógio de bolso, pendurado por corrente de ouro, e chapéu-coco, e não para um que enfiava todos os seus pertences em duas mochilas para carregar na sela.

Curvou-se para olhar no espelho redondo em cima da cômoda, e finalmente conseguiu dobrar o colarinho sobre a gravata. Feito isso, pegou o colete de brocado vermelho, comprado junto com o terno de lã preta. Fez uma careta ao sentir uma fisgada no peito enquanto enfiava o segundo braço pela cava. A expressão dele estava sombria quando acabou de vestir o paletó e puxar as lapelas a fim de ajeitá-lo sobre os ombros.

Com a testa franzida, Jack observou a imagem do homem bem-arrumado no espelho. Sabia exatamente o que o irritava aquela manhã, e não era o terno novo. Baixou o olhar para a estrela que estava ao lado do chapéu, em cima da toalha da cômoda.

Ele não gostava das obrigações representadas por aquele pedacinho de metal tanto quanto detestava ser forçado, por um homem que preferiria esfolá-lo vivo, a tomar decisões. Ele tinha vivido sozinho tempo demais e viajado milhares de milhas com um único propósito. Se não fosse por Suzanne...

Espalmou as mãos na cômoda e respirou fundo. Ali estava o cerne da questão. Se não fosse por Suzanne, nenhum deles estaria ali em Fort Meade. O rapaz, a chinesa, ele próprio. Pelo menos, Bright Water havia mostrado juízo suficiente ao voltar para junto de seu povo. Ela compreendia que desejar alguma coisa tão profundamente a ponto de se sofrer não queria dizer que fosse certa.

Infelizmente, aquela cabeça-dura, lá no fim do corredor, não mostrava a mesma compreensão.

Ainda com a testa franzida, Jack endireitou o corpo e pegou o revólver. O peso familiar se fez sentir no quadril antes de ele se lembrar que, dentro de algumas horas, estaria na igreja, ao lado de Matt. Enrolou cuidadosamente o cinturão em volta do coldre com a arma e guardou tudo na mochila que havia trazido para o quarto a fim de arrumar a bagagem.

— Quer que eu a ajude a prender os cabelos, *ma petite*?

Suzanne virou-se na banquetta da penteadeira e sorriu agradecida para a mãe.

— Ah, por favor. Estou muito desajeitada esta manhã. E também nervosa. Até parece que a noiva sou eu e não Ying Li.

Depois de atravessar o quarto, a saia farfalhando, Júlia juntou a cabeleira sedosa da filha entre as mãos. Ela estava usando o vestido de lã lilás, Suzanne notou, que combinava com a cor de seus olhos. Com anquinhas, cintura justa e uma fileira de lacinhos de cetim, do decote até a bainha, era lindo e elegante. Júlia mais parecia a beldade de Nova Orleans do que a esposa de um oficial do exército.

— Logo você será a noiva, Suzanne. — Com habilidade, ela retorceu e prendeu os cabelos da filha numa série de espirais complicados. — Mais cedo, tenho a impressão, do que tarde.

— O que a senhora quer dizer, mamãe?

— Acabei de cruzar com o *seu* sr. Sloan na escada. Ele estava bem bonito, embora com expressão um tanto descontente. Perguntou onde o coronel estava. Passe um dos pentinhos, *ma petite*.

O coração de Suzanne bateu com mais força.

— A senhora notou se Jack estava usando a insígnia de xerife?

As mãos de Júlia imobilizaram-se. Aquela criança, que se tornara mulher da noite para o dia, já havia se desprendido dela. Parecia que, apenas meses atrás, Júlia vestia as bonecas da filha ou Andrew acomodava uma menina desconfiada, com olhos arregalados, em cima de seu primeiro pônei. Desejava tanta coisa para a filha! Um lar... filhos... um marido que a amasse como Andrew a amava. Reprimindo um suspiro, respondeu:

— Sim, minha querida, estava.

— Ah, mamãe!

A exclamação alegre da filha destruiu as dúvidas de Júlia. Ágil, prendeu mais um pentinho de tartaruga.

— Você se lembra de alguma coisa que tenhamos esquecido?

— Como assim?

— O casamento de seus amigos. Será que deixamos algo ainda para fazer?

— Ah! — Suzanne piscou, esforçando-se para mudar os pensamentos alvoraçados dos assuntos pessoais para os mais urgentes.

— Alguém pendurou as lanternas?

— Sam e Robert McCormack prometeram fazer isso. Eles também me pediram cinquenta centavos para comprar bombinhas — Júlia avisou. — Os meninos estão levando muito a sério esse negócio de espantar os maus espíritos.

— E os bolinhos de arroz? Ying Li afirmou que os convidados poderão sofrer todo tipo de desastre caso os tradicionais bolinhos de arroz não lhes sejam oferecidos.

— Ao amanhecer, a sra. McCormack mandou o ordenança do marido procurá-los. — Júlia prendeu o último pentinho e, dessa vez, não reprimiu um suspiro. — Pobre Elizabeth. Ela não fazia idéia em que estava se metendo quando recebeu a nós todos. Precisamos refazer o estoque de sua despensa e mandar-lhe um presente especial quando voltarmos a Cheyenne.

Depois de soltar uns poucos caracóis para emoldurar o rosto da filha, sorriu:

— Pronto, você está encantadora.

Um olhar rápido de Suzanne no espelho confirmou a opinião da mãe. De fato, ela estava encantadora. E graças a Deus, a mãe tinha vasculhado seu novo guarda-roupa, trazido da Filadélfia, antes de partir correndo para Fort Meade. Aquele vestido de lã verde-musgo e a capa do mesmo tecido e gola de pele de raposa eram lindíssimos e agasalhavam bem. Deixou o chapeuzinho na penteadeira, levantou-se e passou o braço pelo da mãe.

— Que tal descermos agora para tomar o café da manhã com nossos homens?

Vários casamentos já tinham sido realizados na rústica capela de pinho de Fort Meade. Na opinião do capelão sargento Renquist, o que unia o sr. Mathias Butts, de Ohio, e a srta. Ying Li, de Cantão, China, certamente era um dos mais estranhos.

O grupo reunido ali era bem pequeno. Geralmente os soldados, cansados do sem-fim de tarefas de faxina, usavam qualquer pretexto para quebrar a rotina e festejar. Quase sempre, juntavam-se aos amigos e parentes dos noivos, enchendo a capela. Eles também abusavam demais da bebida antes e depois da cerimônia, faziam brincadeiras irreverentes e pregavam peças nos recém-casados que, muitas vezes, tinham conseqüências desastrosas. No ano anterior, um cabo, que havia

conquistado a mão de uma lavadeira norueguesa, passara a noite na prisão militar. Ele tinha aberto uma brecha na cabeça de outro soldado que lhe escondera a mulher, supostamente por brincadeira.

Porém, ao contrário desses grupos turbulentos, o reunido na capela, naquela tarde fria de outubro constava apenas dos noivos e umas poucas pessoas de seu relacionamento. Entre elas, incluía-se o coronel Andrew Garrett, com o uniforme de gala, ao lado da esposa e do filho. A viúva Overton também estava presente, bem como o comandante de Fort Meade e vários membros de sua família.

O noivo, entretanto, estava bem nervoso e um tanto mal-vestido, Renquist observou. O rapaz grandalhão em pé diante dele amassava sem parar o chapéu redondo preso entre as mãos. Sob a cabeleira desgrehada e brilhante como moedas novas de ouro, o azul dos olhos estava rodeado por uma teiazinha de veias vermelhas.

Mas era o homem em pé ao lado do noivo que prendia o olhar fascinado do capelão enquanto esperavam pela chegada da noiva. Black Jack Sloan era a imagem fiel daquela descrita pela imprensa barata — alto, esguio, perigoso. Nem a bengala em que se apoiava conseguia apagar a aura que o rodeava como parte essencial. O rosto sério parecia esculpido em granito, mas manteve-se assim só até a entrada da noiva e de sua acompanhante.

Se o capelão não estivesse estudando o famoso pistoleiro com tanto fascínio, não teria notado a quase imperceptível mudança no semblante de Sloan. As feições suavizaram-se e uma expressão de anseio profundo surgiu nos olhos cinzentos.

Surpreso, o capelão piscou. Mas então, foi tomado por uma suspeita terrível. Talvez o pistoleiro estivesse cobiçando a noiva. Afinal, corriam boatos a respeito de a moça ter vendido seus favores a um sem-número de homens. Por um momento terrível, o capelão temeu que aquele noivo grandalhão e desajeitado sofresse uma agressão pior do que uma pancada na cabeça. Black Jack Sloan poderia estar com a intenção de roubar a noiva durante a festa, após a cerimônia.

Porém, Renquist notou que o pistoleiro não olhava para a chinesa, paramentada do pescoço aos pés em escandalosa seda vermelha, e sim para sua acompanhante. Renquist já ia suspirar de alívio quando imaginou a identidade da moça linda e elegante num vestido verde-musgo. Ela só podia ser a filha do coronel Garrett, a que fora seqüestrada por Big Nose George Parrott. A mesma que, caso os boatos fossem verdadeiros, tinha passado uma semana ou mais na companhia de Black Jack Sloan.

O olhar de Renquist voou para o coronel. Em pé, empertigado e rígido como um mastro de bandeira, ao lado da esposa linda, ele também observava Sloan. E pela expressão severa, não parecia muito satisfeito com o que via.

Agora, tão nervoso quanto o noivo, o capelão só esperou que a noiva e sua

acompanhante chegassem a seus lugares para abrir a Bíblia nas páginas marcadas. Era uma edição alemã, trazida do velho continente por Dietrich Renquist ao imigrar para os Estados Unidos, depois de servir o exército prussiano durante dez anos. Mas fazia muito tempo que ele havia decorado a tradução para o inglês. Recitava as palavras maquinalmente, pois as havia dito uma infinidade de vezes para inúmeros casais.

Entretanto, nada em sua longa experiência o tinha preparado para o que seguiu o tradicional *pode beijar a noiva*.

O sr. Butts empalideceu visivelmente e, depois, ficou mais vermelho do que o vestido de noiva da esposa.

— Posso antes dizer alguma coisa?

— Sim, claro.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço de papel.

— A srta. Bonneaux me disse que, quando um homem quisesse cortejar uma mulher, deveria recitar as palavras de um sujeito chamado Shakespeare. Eu me atrapalhei um pouco na primeira vez em que as disse para Ying Li. Achei necessário fazer certo desta vez.

Pigarreou e leu o papel:

— O brilho de suas faces causaria inveja às estrelas como a luz do dia a uma lâmpada...

No silêncio que se seguiu, Matt curvou-se e depositou um beijo na testa de uma satisfeita Ying Li. Ao endireitar o corpo, ele viu que os convidados todos sorriam. Em seguida, estendeu a mão ao capelão.

— Bem, muito obrigado, senhor.

Renquist retribuiu o aperto forte e já se preparava para afastar-se, mas a noiva o impediu com uma exclamação aflita:

— Não, não! Precisa amarrar a fita vermelha, beber vinho!

Renquist olhou para o noivo que, por sua vez, olhou para a esposa. Esta virou-se para a filha do coronel. Com um aceno de cabeça, a jovem elegante deu um passo à frente.

— O senhor se importaria se nós acrescentássemos algo à cerimônia?

— Não, absolutamente. Fiquem à vontade.

— Primeiro, amarramos uma fita vermelha em volta de dois copos e dos pulsos dos noivos. Em seguida, servimos o vinho. Eles bebem um gole, trocam os copos e

tornam a beber. Creio que este ritual garante a harmonia no casamento.

— Bem, posso providenciar os copos na sala atrás do púlpito, mas não temos vinho — o capelão avisou.

— Obrigada, mas trouxemos tudo para a pequena encenação. Jack, você pode me ajudar?

Se alguém alguma vez houvesse dito a Jack que, um dia, ele se encontraria numa capela, com uma estrela de xerife na lapela, segurando dois copos de cristal enquanto uma jovem de olhar meigo os amarrava com fita vermelha, ele não teria acreditado. E muito menos acreditaria naquela vontade louca de que fossem ele e a mesma jovem que beberiam o vinho.

Nunca antes de conhecer Suzanne ele havia pensado em se casar. Não tivera motivo ou estímulo para pensar nisso. Olhou para ela, com os cabelos tão bem penteados sob o chapeuzinho e o olhar concentrado nos copos e na fita, e permitiu-se sonhar com um futuro. Imaginar um tempo depois de Charlie Dawes.

Quem sabe. Talvez...

— Pronto, estão bem amarrados. Sam, o vinho está com você?

Sorridente, o membro mais novo da família Garrett aproximou-se com uma garrafa já aberta.

— Não é vinho de ameixa — Suzanne disse a Ying Li em tom de desculpa. — Não conseguimos encontrar nenhuma garrafa dele. Então, misturamos partes iguais de vinho de dente-de-leão da sra. McCormack e de Elixir para Tosse do Dr. Morganstein. O sabor saiu quase igual ao do de ameixa, em minha opinião.

Evidentemente, Ying Li concordou. Enquanto sorvia o primeiro gole, seu rosto exibiu a felicidade sentida pelas noivas em geral. Trocou o copo com Matt, a fita vermelha em volta dos pulsos unindo-os física e simbolicamente.

Com um suspiro de satisfação, Suzanne afastou o olhar do jovem casal para o homem em pé ao lado do noivo. Ao vê-lo subir na diligência, ela o tinha achado muito atraente. Observando-o naquele momento, tão alto, tão à vontade e elegante de terno e gravata, deu-se conta de que não era a bela aparência física dele que causava um impacto devastador em seus sentidos. Era o próprio homem que acelerava seu pulso e lhe provocava arrepios ao longo da espinha. O homem a quem viera a amar.

Jack prendeu-lhe o olhar. Por apenas um momento passageiro, Suzanne teve a impressão de ler nos olhos cinzentos a mesma certeza absoluta que lhe enchia o coração. Uma onda vagarosa de calor surgiu em seu peito e, gloriosa, percorreu-lhe as veias.

Quando a cerimônia do vinho terminou, os recém-casados e as testemunhas

assinaram o livro de registro. Então, enquanto os convidados apresentavam as congratulações ao casal, Jack aproximou-se de Suzanne.

— É isso que espera de um noivo, srta. Bonneaux? — ele murmurou. — Fitas vermelhas e palavras de Shakespeare?

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Um homem poderia agir bem pior do que citar versos de *Romeu e Julieta*.

— Talvez eu devesse procurar uma cópia dessa peça.

Seu pulso disparou. Ela mal conseguia respirar e se controlar o suficiente para inclinar a cabeça num gesto elegante.

— Talvez devesse mesmo.

Com a mão sob seu cotovelo, Jack a afastou para o lado.

— Ontem à noite, refleti por um bom tempo. Tenho de ir atrás de Charlie Dawes, Suzanne. Esta estrela me dá autoridade para rastreá-lo em qualquer lugar dos Territórios. Mas mesmo sem ela, eu não sosseitaria até fazê-lo pagar pelos crimes contra meus pais.

— Eu sei.

— Mas quando terminar com ele, serei bem capaz de fazer o que você sugeriu. Vestir este terno, ir a Cheyenne e suplicar.

— E quanto à preocupação sobre aqueles a sua volta se tornarem alvo fácil se alguém tentar matá-lo?

— Ainda a sinto, contudo... — O olhar dele desviou-se para o coronel e voltou a fitá-la. — Vocês dois conseguiram me convencer de que vale a pena correr esse risco.

A felicidade explodiu no coração de Suzanne, firme e quase tão palpável quanto a estrela na lapela de Jack.

— Essa é sua maneira de dizer que aprendeu a me dedicar um pouco de afeto, sr. Sloan?

— Não. É minha maneira de dizer que desenvolvi um forte anseio do qual não consigo me livrar. Acho que vou ter de aprender a viver com ele.

O sorriso de Jack dizia mais do que ele poderia expressar em palavras naquele momento. Várias emoções juntaram-se à alegria estonteante de Suzanne, mas a frustração não era a menos forte.

— Típico de você escolher uma hora como esta para me confessar isso. Continuaremos nossa conversa mais tarde, quando estivermos sozinhos.

Atordoada de alegria, Suzanne permitiu-se imaginar um outro casamento na capela de outro forte, num futuro não muito distante. Os pais estariam presentes, claro, a mãe linda e serena como sempre, o coronel elegante no uniforme de gala. E talvez os McComarck, caso estivessem dispostos a fazer a viagem até Fort Russell. Só assim ela e a mãe poderiam retribuir a hospitalidade generosa deles. Matt e Ying Li também, se já não tivessem partido para as minas de ouro. E todos os seus amigos. Seria um casamento lindo, com a banda do regimento tocando durante o banquete após a cerimônia.

Envolta numa nuvem de felicidade, Suzanne não poderia saber que seu sonho se estilhaçaria naquele mesmo dia. Ou que a destruição começaria com uma série de estampidos de bombinhas semelhantes àsquelas que o irmão tinha no bolso.

CAPÍTULO XXIII

Depois da chegada da cama, a sra. Overton havia se convencido da impossibilidade de a festinha ser em sua tenda. Então, Suzanne decidiu pôr em prática sua primeira idéia, a de usar um dos refeitórios da caserna. Para tanto pediu permissão que lhe foi gentilmente dada pela Tropa C.

Atraindo muita atenção, o cortejo nupcial saiu da capela, atravessou a praça e, depois de passar pelo quartel-general, tomou o caminho do refeitório.

Na China, Ying Li tinha explicado, dançarinos encabeçariam o cortejo, carregando um enorme e amedrontador dragão de seda para assustar os maus espíritos. O estalar de bombinhas seria constante para acrescentar mais proteção. Ela seguiria sentada em uma cadeira esculpida, enfeitada com bandeirolas vermelhas e douradas, apoiada nos ombros de carregadores. Flautas, pratos de percussão e pregoeiros anunciariam que Li, da casa de Ying, havia se tornado esposa naquele dia.

No papel de mulher boa sorte, Suzanne tinha se esforçado ao máximo para cumprir, dentro do que era possível, as exigências. Havia contratado o tocador de tambor para bater um imponente toque de recolher. Todos os convidados carregavam tiras vermelhas dos retalhos do vestido de Ying Li. Sam e o filho mais velho dos McCormack faziam, com o maior prazer, sua parte de soltar cordões de bombinhas.

Naturalmente, todos por quem passavam os observavam com ar espantado. Soldados que, como todo sábado, desfilavam na praça, receberam a ordem de seu comandante para parar. Tropas da cavalaria que exercitavam suas montarias puxaram as rédeas para deixá-los passar. Crianças acompanhavam o cortejo e

cachorros latiam cada vez que um novo cordão de bombinhas começava a explodir.

Pelo canto dos olhos, Suzanne viu um indivíduo mal-encarado entre os civis que paravam para apreciar a cena. Aborrecida, reconheceu-o da noite anterior. Esperava que o homem não repetisse a grosseria da véspera sobre Ying Li, alto o suficiente para algum dos convidados ouvir.

Para alívio seu, ele puxou o chapéu para a testa e desapareceu entre o povo quando a viu observando-o. Graças ao bom Deus! Seria muito desagradável a ocorrência de um incidente ofensivo poucos minutos após a cerimônia.

Outra série de bombinhas e um relinchar penetrante atraíram a atenção de todos para um carroção de carga que rangia rumo ao depósito do quartel-mestre. As montarias da cavalaria eram treinadas a não reagir a estampidos de tiros, mesmo que fossem detonados perto de suas orelhas. Mas as mulas que puxavam o carroção se assustaram com o crepitar e as explosões das bombinhas a curta distância de suas patas. A da direita investiu contra a da esquerda, que escoiceou, enleando as patas traseiras nas correias que a prendia ao veículo. Praguejando, o co-cheiro dirigiu um olhar furioso a Sam, puxou o freio e pulou ao chão para desprender o animal.

— Não solte mais bombinhas — o coronel advertiu o filho em voz calma. — Segure a mula da direita pela brida e a mantenha quieta, Sam. Eu vou segurar a da esquerda.

A ordem foi restabelecida em pouco tempo. O cortejo nupcial seguiu em frente, rumo ao refeitório da Tropa C, onde comemoraria o evento com ponche, chá verde, sopa de peixe, bolinhos de arroz, bolachas de aveia e pêras secas, assadas em mel.

O desastre só desencadeou depois da festa.

De boa vontade, a viúva Overton tinha concordado em passar a noite com amigos para que os recém-casados ficassem a sós em sua tenda. Após a última rodada de brindes e votos de felicidade, Ying Li deveria sair do refeitório da Tropa C, acompanhada por sua mulher boa sorte que iria ajudá-la a preparar o aposento nupcial.

— Meia hora Matt Butts vai — ela recomendou ao marido. — Ying Li faz chá.

— Mais chá? — ele reclamou.

— Muito importante. Toma chá, faz dança do dragão, tem filhos.

— Vou com o rapaz a fim de ir buscá-la e levar para casa — Jack avisou Suzanne.

— Vá mesmo. Talvez encontremos um lugar sossegado para terminar a conversa iniciada na capela.

Ele não tentou disfarçar os sentimentos. Estavam todos estampados no olhar meigo e sorridente.

— Vamos encontrar, sim, coração.

Já começava a anoitecer, mas Suzanne, cheia de expectativa, nem se deu conta do ar frio enquanto acompanhava Ying Li pelo emaranhado de tendas. Disfarçando a impaciência, ela desempenhou-se de novos deveres. Bandeirolas vermelhas eram tão importantes quanto o bule de chá. Enquanto Ying Li preparava a bebida perto do fogãozinho, Suzanne as pendurou ao redor da cama e acendeu o número certo de varetas de incenso. Logo a fragrância de laranja espalhava-se no ar, agradável no início, mas forte demais dentro de alguns minutos. Então, ela foi até a entrada da tenda e afastou um pouco a beirada da cortina de lona que servia de porta.

Aspirava profundamente o ar frio quando notou uma silhueta na sombra da tenda vizinha. Embora com o chapéu puxado bem para a frente, Suzanne o reconheceu imediatamente. Era o mesmo sujeito que tinha observado o ritual do penteado na véspera e o cortejo nupcial naquela tarde.

Um calafrio de medo percorreu-lhe o corpo. Aquela não era uma aparição casual. Por razões que ela não podia imaginar, o homem estava ali para provocar problemas. Baixinho, chamou:

— Ying Li, venha cá olhar e me diga se conhece aquele homem.

A chinesa aproximou-se e espiou pela abertura estreita.

— Não posso ver.

— Lá na sombra da tenda vizinha. Você o reconhece? Talvez de Rawhide Buttes.

Como sempre, Ying Li deu de ombros e repetiu suas palavras habituais:

— Lá, todo homem igual, não importa. — Franziu a testa. — Exceto...

— Exceto quem?

— Exceto marido honrado — ela admitiu devagar, experimentando as palavras pela primeira vez.

Encorajada por aquele primeiro sinal de afeto por parte de Ying Li, Suzanne fechou a cortina. Na verdade não havia motivo para se alarmar. Um único grito alertaria toda a vizinhança da sra. Overton sobre qualquer problema. Além do mais, Jack e Matt deveriam chegar dali a instantes.

— Matt é um homem bom — elogiou.

— Como o sr. Jack — a moça afirmou, olhando-a de soslaio. — Ele e você

fazem dança do dragão?

— Bem...

— Precisa fazer dança do dragão com o sr. Jack. Ter filhos fortes.

— Sei. Talvez façamos.

Eles teriam o vigor de Jack, Suzanne pensou, sorrindo, e sua teimosia.

— Quando você e o sr. Jack casam?

— Nós pretendemos conversar sobre isso daqui a pouco, depois...

Assustada com o repentino barulho da cortina de lona, calou-se. Antes de poder virar a cabeça, algo duro e frio bateu em sua têmpora. Caiu sem proferir som algum.

Jack e Matt caminhavam através das sombras cada vez mais densas do anoitecer. Andavam devagar, embora Jack se apoiasse na bengala e apesar de a antecipação de ambos ser grande. Fumaça de fogões e de grelhas ao ar livre enchia o ar e, com o dela, sentia-se também o cheiro de carne.

— Não vai ser ruim estar casado — Matt comentou em tom pensativo.

Jack olhou-o de soslaio.

— A quem você está tentando convencer, rapaz?

Um sorriso estampou-se no rosto do recém-casado.

— A nós dois, calculo.

— Você acha que vou seguir seu exemplo?

— Por que motivo você estaria usando essa estrela, então?

Na verdade, por que mais?

Jack enfiou o indicador no colarinho incômodo. Desgraça! Nos últimos dias, sua vida tinha tomado um rumo inesperado. Um mês antes, ele cavalgava com um único propósito em mente. Agora, a necessidade de vingar os pais seguia por um caminho jamais previsto... um com uma jovem de olhos castanhos e determinada que o aguardava no fim dele.

Com uma batida estranha do coração, ele apressou o passo.

Suzanne sentiu o cheiro de laranja. Laranja queimada.

Varetas de incenso. Ying Li. O casamento.

O medo contraiu sua garganta, denso e sufocante, até ela reconhecer que os caninos ameaçadores, acima dela, pertenciam a um cão esculpido em madeira. Um leve movimento do pescoço a fez ver o cavalo com as patas dianteiras empinadas.

Ela estava na cama de Mother Featherlegs. Com os músculos bambos de alívio, Suzanne tentou respirar fundo. Só então percebeu que não era apenas o medo que a sufocava. Alguém, ela descobriu, tinha enfiado um trapo em sua boca e o mantido no lugar com outro pedaço de pano amarrado por fora.

E os braços. Por mais que tentasse, ela não conseguia puxá-los de sob o corpo. Finalmente, deu-se conta de que estavam amarrados pelos pulsos, às suas costas.

Durante longos momentos, manteve-se imóvel, respirando com dificuldade pelo nariz. Desejava que a dor nas têmporas passasse e tentava entender o que havia ocorrido. Um leve ruído a seu lado a fez virar a cabeça.

Quando as manchas pararam de dançar e sumiram, ela viu o rosto de Ying Li bem pertinho, horripelantemente distorcido por uma mordada tão apertada que lhe cortava as faces. Pavor e incompreensão marcavam-lhe o olhar.

Por um momento, as duas apenas se fitaram. Então, Ying Li fez um pequeno movimento com o queixo e dirigiu o olhar para alguma coisa atrás de Suzanne.

Ainda atordoada e confusa, Suzanne apertou os dentes e virou-se um pouco para olhar. Embora mínimo, o movimento provocou um gemido enrouquecido pela mordada.

Uma silhueta apareceu em seu campo de visão, embaçada e indistinta, mas, obviamente, não era esculpida em madeira. Com a ponta da pistola sob seu queixo, forçou-a a levantar o rosto.

— Acordou, não foi?

Depois de piscar para desanuviar os olhos, Suzanne observou o homem curvado sobre ela. Na luz bruxuleante da lamparina a óleo, pendurada numa das estacas da tenda, ela reconheceu o sujeito que as observava na noite anterior. Como ele tivesse empurrado o chapéu para trás, o rosto estava mais nítido. Era fino, de feições comuns, marcado por cicatrizes de varíola e com a barba grisalha, meio crescida, sombreando-lhe as faces e o queixo. Ela sabia nunca tê-lo visto antes da véspera à noite.

O estranho parecia sentir um prazer perverso em sua confusão.

— Você é uma coisinha linda.

Suzanne emitiu um som atrás da mordada e o sujeito passou o cano da pistola em volta de seu queixo.

— Uma pena eu não ter tempo para experimentá-la. Você e essa rameira

chinesa. Seria interessante ver qual das duas grita mais alto quando um homem invade seu corpo. — O aço frio traçou uma linha por seu pescoço. — Gosto quando uma mulher solta gritos estridentes.

Ao ver-lhe a expressão dos olhos, Suzanne sentiu a bÍlis subir até a garganta. Engolindo convulsivamente, tentou forçá-la a descer de volta.

— Ei, cuidado para não vomitar — o estranho resmungou, apertando a ponta do cano da pistola em sua garganta como se quisesse impedir a bÍlis de regurgitar. — Você pode sufocar com o próprio vômito. Já vi isso acontecer uma vez com a mulher de um fazendeiro. Diabo se ela não morreu enquanto eu e meus companheiros metÍamos nela.

Suzanne ficou absolutamente imóvel. Um terror gelado e entorpecedor percorreu-lhe as veias. Mentalmente, ela podia ver uma nesga de lua entre as rochas vermelhas da Muralha e ouvir a voz baixa de Jack, descrevendo a morte horrorosa da mãe.

Deus misericordioso! Aquele era Charlie Dawes, o homem que Jack vinha rastreando havia tantos anos! A caça tornava-se, agora, o caçador.

Com uma insensibilidade desumana que lhe esfaqueou o coração, o homem disse:

— Não se aflija. Vou *tomar* cuidado para que *você* morra de maneira mais limpa. Você e a rameira. Logo darei cabo de Sloan. Ele vem buscar você, eu o ouvi dizendo. Assim como ouvi dizer que ele ia atrás de mim.

Tirou o cano da pistola de sob seu queixo e foi espiar pela cortina. A luz da lamparina delineava a sombra dele na lona grossa, mas Suzanne sabia que, lá de fora, ninguém veria nada a não ser um borrão indistinto.

— Big Nose disse que Sloan tem um negócio pendente para acertar comigo. Não sei do que se trata. Mas Charlie Dawes não vai esperar para descobrir e deixar que Black Jack Sloan leve a melhor. De jeito nenhum!

Num gesto distraído, ele passou a *mão atrás do pescoço*.

— Faz alguns dias que venho vigiando Sloan, tentando descobrir um jeito de apanhar o desgraçado sem atrair seu padrasto e os soldados todos sobre mim. Quando esta tarde vi Sloan sem o cinturão e o revólver, concluí que eu não teria chance melhor.

Ele estava certo! Jack tinha ido desarmado ao casamento. E Matt também, claro. Suzanne sentiu as garras do medo apertarem sua garganta ao ver Dawes abrir o lado da cortina com o cano da pistola. Com a outra mão, ele tirou do bolso o que parecia um cordão de bombinhas.

— Se não fosse por isto, talvez eu não me arriscasse a atirar nele aqui. Os

tiros chamariam muita atenção — ele resmungou como se falasse consigo mesmo e não mais com ela. — Mas quando ouvi as bombinhas explodindo esta tarde, calculei como ia matar Sloan sem que ninguém soubesse que era eu. Até as pessoas descobrirem que ouviram tiros além dos estouros disto aqui, o esperto Charlie Dawes já estará a meio caminho de Deadwood.

Era um esquema audacioso o suficiente para dar certo, Suzanne refletiu no auge do desespero. As bombinhas soltadas por Sam naquela tarde tinham provocado uma grande confusão. Bastaria um cordão delas agora à noite para os cachorros começarem a latir e estabelecer o caos que facilitaria a fuga de Dawes.

Seu medo não conhecia limites. Não fazia idéia de quanto tempo ficara desacordada, ou de quando Jack e Matt apareceriam. Logo, desconfiava. Depressa demais! Tinha de se soltar e arrancar fora a mordaga. Precisava fazer alguma coisa. Qualquer que fosse!

Cerrando os maxilares e ignorando o latejar nas têmporas, retorceu as mãos, puxando-as desesperadamente contra as tiras de pano que amarravam seus pulsos. O esforço inútil a deixou atordoada. Tentou respirar fundo pelas narinas e percorreu o olhar pela cama à procura de uma saliência fina e aguçada em que pudesse cortar as amarras. Não encontrou nenhuma.

Os tornozelos não estavam atados. Se conseguisse deslizar bem devagar para a beirada da cama e pôr as pernas para fora, talvez pudesse se atirar sobre Dawes, dar-lhe uma joelhada ou, pelo menos, fazê-lo perder o equilíbrio.

Estava tão absorta pelo plano desesperado que o toque leve dos dedos de Ying Li em seus pulsos provocou-lhe um gemido. Felizmente, a mordaga abafou parte do som.

Embora apavorada com a possibilidade de Jack e Matt aparecerem a qualquer momento, ela forçou-se a relaxar os músculos e amolecer os pulsos a fim de dar espaço para Ying Li mexer os dedos finos.

De repente, Dawes retesou o corpo. Com os olhos semicerrados, espiou pela beirada da cortina.

— Isso mesmo, rapaz, continue vindo. Sua rameira está esperando você — disse baixinho.

Aos ouvidos de Suzanne, o clique da pistola sendo destravada pareceu tão alto quanto um tiro de espingarda. E também o tinir de vidro quando ele removeu a manga da lamparina e a largou no chão. A chama descoberta dançou no ar.

— Ying Li — Matt chamou um momento depois, de fora da tenda. — Podemos entrar?

Desvairada e só podendo mexer os dedos, pois também tinha os pulsos

presos, a chinesa puxou as amarras de Suzanne. As unhas arrancavam pele, entravam na carne. O nó cedeu um pouco, mas não o suficiente.

— Ying Li?

Com olhar sombrio, Dawes aproximou a espoleta do cordão de bombinhas para bem perto da chama. O enxofre crepitou e espirrou.

— Será que não faz mal entrarmos já? — as duas ouviram Matt indagar.

A resposta de Jack foi dada mais devagar.

— Elas sabiam que nós viríamos.

— Ora, sabiam, sim.

Pequenas fagulhas pularam junto com a espoleta. Com uma das mãos, Dawes atirou o cordão de bombinhas pelo lado da cortina de lona.

— Veja aquilo! — Matt exclamou. — Deve ser mais um dos rituais de Ying Li para espantar os maus espíritos, eu acho. Vamos entrar antes...

O resto das palavras dele perdeu-se no barulho das explosões. No mesmo instante, uma cacofonia ensurdecadora interrompia o sossego da noite. Latidos e ganidos de cães faziam coro com as bombinhas. Ciente de que o tempo se esgotava, Suzanne deu um puxão frenético nas amarras.

— Hum!

Com um grunhido incoerente, soltou-se. Com uma das mãos arrancou a mordaca, e com a outra empurrou-se para fora da cama. Enquanto isso e ainda amarrada, Ying Li tentava se ajoelhar.

— Jack! — Suzanne gritou acima do barulho. — Dawes está aqui! Armado!

Praguejando, Dawes virou-se para trás e atirou. Suzanne jogou-se no chão, ao lado da cama, e ouviu um grito abafado e aflito às suas costas. Ying Li! Deus misericordioso, Ying Li!

Sem saber o que fazer, ela engatinhava quando a cortina da tenda abriu-se completamente. Dawes tornou a virar-se e disparou três vezes na direção dos homens que entravam.

Matt dobrou-se e caiu. Pulando sobre o corpo dele, Jack girou a bengala no ar com fúria tremenda. A pistola voou da mão de Dawes e os dois homens jogaram-se ao chão à procura dela. Mas atracaram-se no espaço confinado. O barulho lá fora abafava suas vozes raivosas e o arquejar de Suzanne que, ainda engatinhando, também procurava a pistola.

A fúria instigava Jack, feroz e assassina. Tinha esperado por aquilo durante

tantos anos, imaginado Dawes pálido, trêmulo diante de seu executor. No entanto, naquele momento, toda a fúria e temor de Jack eram por Suzanne. Se Dawes a tivesse tocado, se o desgraçado lhe houvesse feito mal ou a Ying Li...

Enroscando a perna atrás do joelho de Dawes, Jack usou-a como alavanca para rolar sobre ele. Esmurrou o rosto que guardava mentalmente havia tanto tempo. Uma, duas, três vezes. Ossos estalavam, sangue espirrava.

— Hum!

Dawes calcou o cotovelo nas costelas de Jack, bem no lugar onde a bala tinha entrado e arranhado o pulmão. A vista dele escureceu. Por um instante, a tenda rodopiou a sua volta.

Aquele instante era tudo de que Dawes precisava. Corcoveando como um cavalo chucro, livrou-se do atacante, agarrou a bengala de carvalho e desferiu uma pancada na cabeça de Jack.

Ofegante, conseguiu erguer-se. Levantava a bengala para desferir novo golpe quando Suzanne atirou nele a queima-roupa.

A última bombinha explodiu.

Contudo, o coro de latidos e ganidos persistiu até que, finalmente, também cessou.

Suzanne não se dava conta do silêncio, não podia percebê-lo através do barulho nos ouvidos. A fumaça de pólvora queimava suas narinas, toldava-lhe a visão. Piscou para desanuviá-la e virou-se para a cama.

— Ah, não! Deus amantíssimo, não!

Um olhar e um toque confirmaram que a silhueta pequenina, imóvel numa poça de sangue em seu leito nupcial, estava morta.

Ainda com a pistola de Dawes apertada na mão, Suzanne rodeou-lhe o corpo a fim de ajoelhar-se ao lado de Jack. Os gemidos dele indicavam que estava se recuperando do golpe brutal na cabeça. Matt...

Matt morria em seus braços.

Tremendo da cabeça aos pés, Suzanne virou-o para verificar os ferimentos. Ele tinha recebido um tiro na garganta e outro no peito. Convulsões o sacudiam enquanto Suzanne, num esforço inútil, tentava estancar o sangue com um punhado da saia e da anágua. Só lhe restou sentar-se no chão e segurar os ombros dele entre os braços.

Os tremores horríveis cessaram. As pálpebras entreabriram-se. Confusão estampava-se nos olhos azuis dele. Com esforço, balbuciou uma única palavra.

— Becky?

Com o coração despedaçado, Suzanne o embalou nos braços.

— Estou aqui — murmurou. — Estou aqui.

Os olhos de Matt fecharam-se. Depois de um suspiro trêmulo, o corpo imobilizou-se.

Com lágrimas correndo pelas faces, Suzanne continuou a embalá-lo para frente e para trás até que Jack, ajoelhado a seu lado, tirasse o rapaz de seus braços e a estreitasse entre os dele.

CAPÍTULO XXIV

Matt e Ying Li foram enterrados no cemitério de Fort Meade, em caixões feitos pelo carpinteiro do posto com tábuas de pinho. A sepultura para ambos foi cavada por presos da prisão militar que, bem perto uns dos outros, numa proteção contra o vento frio e os leves rodopios de flocos de neve, apoiavam-se no cabo das pás. Impacientes, esperavam que a cerimônia terminasse.

As poucas pessoas presentes haviam amarrado lenços brancos em volta dos braços, já que, para os chineses, essa era a cor do luto. O capelão sargento Renquist conduziu a cerimônia com uma ponta de amargura, lembrando-se da outra tão diferente, realizada na véspera.

Com uma expressão solene demais para seus nove anos, Sam soltou um cordão de bombinhas.

— Para afugentar os maus espíritos — Suzanne murmurou, chorando pelo Romeu de coração generoso e por sua incrível Julieta. — Para que eles possam fazer a viagem rumo ao próximo mundo em segurança.

Durante as poucas horas em que participara dos rituais matrimoniais de Ying Li, ela aprendera alguns dos costumes chineses. E, logo de manhãzinha, o costureiro chinês havia lhe explicado que seu povo, como os índios das Grandes Planícies, acreditava numa longa jornada na pós-vida e oferecia presentes simbólicos de alimentos e de objetos preciosos para os falecidos, que lhes facilitassem o caminho.

Júlia Bonneaux Garrett aproximou-se da cova. Esguia e elegante no conjunto de vestido e casaco de lã lilás, ela abriu as mãos. Migalhas de bolinhos de arroz caíram sobre os caixões.

— Para sustentá-los em sua jornada — ela murmurou.

O marido juntou-se a ela. Mais uma vez com o uniforme de gala, o coronel apoiou a mão no cabo da espada e jogou um punhado de notas de dólar que flutuaram até alcançar as tábuas rústicas de pinho. Provavelmente elas desapareceriam nos bolsos dos coveiros, mas pelo menos os deuses de Ying Li seriam apaziguados.

Com o coração sangrando, Suzanne acrescentou sua contribuição. Ela havia procurado, na biblioteca do posto, uns versos dos quais se lembrava vagamente. Encontrou-os na declaração do poeta inglês para um amor desconhecido e copiou-os numa caligrafia ornamentada. Os versos flutuaram enquanto ela os declamava:

Desde que os homens possam respirar Ou olhos possam enxergar Desde que isto viva E isto te dê vida.

Ela havia incluído essas mesmas palavras na carta que enviara aos pais de Matt em Ohio. Junto, tinha mandado um pequeno bilhete para Becky. Havia sido a carta mais difícil que jamais escrevera.

Numa tentativa para aliviar um pouco a dor profunda, Suzanne respirou fundo e suspirou enquanto passava o braço pelo de Jack. Ele havia falado muito pouco depois do tiroteio na véspera à noite e menos ainda naquela manhã. Observou-lhe o rosto rígido, preocupada com a possibilidade de ele ter se machucado mais do que admitia.

Hematomas arroxavam o lado do rosto dele. Os nós dos dedos estavam escalavrados, e os olhos, tão cinzentos e frios como as nuvens tempestuosas acima deles. Jack olhou para os caixões de pinho por um longo tempo antes de contemplar as montanhas distantes.

Uma nova dor, forte e penetrante, lancetou o coração de Suzanne. Sabia que ele culpava a si mesmo por tudo. Muitas vezes, Jack havia dito que qualquer pessoa correria perigo caso andasse em sua companhia. A estrela no peito não o protegeria ou a quem convivesse com ele.

Jack iria embora. Sozinho. Ela pressentia isso com todas as suas faculdades. E desta vez, ela não poderia, nem tentaria impedi-lo. Preferia entregar-se à infelicidade e morrer do que permitir que outra criatura como Dawes a usasse como isca para atrair Jack a uma cilada.

Finalmente, Suzanne aceitava a verdade da observação delicada de Bright Water. Ela amava demais, de maneira exigente e inflexível. Ela precisava renunciar.

— Jack...

— Espere um minuto.

Ele soltou o braço do seu e, mancando, aproximou-se da sepultura. Com expressão sombria, puxou as tiras de couro que prendiam a parte baixa do coldre à coxa.

Suzanne teve a impressão de que seu coração sairia pela boca. Atônita, ela o viu desabotoar a jaqueta de lã e desafivelar o cinturão. Bem devagar e com propósito firme, ele o enrolou em volta do velho e usado coldre com a arma. Tudo caiu sobre os dois caixões, produzindo um barulho surdo e tão definitivo quanto a morte.

Virando as costas para o passado, que o tinha perseguido durante tantos anos, Jack vislumbrou o futuro com o qual jamais ousara sonhar.

— Imagino se já não está na hora de procurar aquele pedaço de terra sobre o qual conversamos — ele disse baixinho, depois de voltar para perto de Suzanne. — Talvez comprar umas cabeças de gado, construir uma casa...

— Eu... eu também penso assim.

— Case comigo, Suzanne. — Levantou a mão e passou o nó dos dedos na curva de seu queixo. — Amanhã, se você conseguir enxergar além da tristeza deste dia.

— Oh, Jack!

Suas lágrimas começaram a rolar livremente. A alegria revestia a tristeza em seu coração.

— Matt e Ying Li, acredito, não aprovariam se esperássemos até amanhã. Em seu modo peculiar, ela sempre dizia: *Tudo igual, não importa.*

Depois de conseguirem a promessa do atônito capelão sargento Renquist de esperá-los na capela no final da tarde, Suzanne tornou a passar o braço pelo de Jack.

CAPÍTULO XXV

Uma nova camada fina de neve cobria a praça quando Andrew, Júlia e Sam despediram-se da família McCormack no terraço da residência do oficial-comandante do posto. Bem agasalhada com um casaco de pele de castor, Júlia tinha insistido em não viajar no carroção onde ia a bagagem e sim cavalgar ao lado do marido e do filho. Para tanto, o coronel havia providenciado boas montarias, de passo firme, para ambos. A dele era a mesma em que tinha cavalgado na vinda de Fort Russell.

Os três animais estavam amarrados perto de um ruão e de um outro cavalo, ambos com as marcas da Black Hills Stage e da Express Line. Os cinco esperavam pacientemente, a respiração condensando-se no ar frio.

Jack, com o braço nos ombros de Suzanne, encontrava-se ao lado do ruão. Quando o coronel se aproximou, ele estendeu a mão enluvada. Na palma, estava a estrela de metal.

— Não vou mais precisar disto.

Andrew pôs a insígnia no bolso e encarou o olhar de Sloan com firmeza. Ele ainda não simpatizava com o homem, embora supusesse que isso pudesse mudar com o passar do tempo. Talvez.

— Vocês dois têm certeza de que não querem cavalgar conosco de volta a Cheyenne? — ele perguntou a Suzanne.

— Não. Nós vamos por um caminho mais longo a fim de passar por Rawhide Buttes. Deixei uma porção de dívidas que preciso saldar, lembra-se?

Relanceou o olhar por Jack. Um sorriso curvou-lhe os lábios.

— Algumas de minhas dívidas são mais urgentes do que outras, pois estão rendendo juros — murmurou.

Numa das raras vezes na carreira militar, Andrew admitiu a derrota e entregou a filha, que amava tanto quanto a própria vida, aos cuidados de Sloan.

— Bem, então nós os esperamos em Cheyenne.

Depois de um abraço apertado da mãe, Suzanne os viu montar e começar a atravessar a praça. Uma parte sua estremeceu ao dar-se conta de que eles levavam consigo a vida que ela conhecera até então. Mas a outra parte, a maior, transbordava de felicidade esfuziante e promissora. Amorosa e sorridente, olhou para Jack que acompanhava a partida dos outros com expressão sombria.

— Não se preocupe com o coronel. Ele acabará cedendo. Minha mãe e eu estamos convencidas de que o bebê consertará a situação entre vocês dois.

— Bebê?!

O olhar de Jack fixou-se nela com expressão de incredulidade, seguida logo por incerteza e algo perigosamente semelhante a irritação.

— Maldição! Eu sabia que aquele negócio da erva de Bright Water não passava de blefe.

Os olhos de Suzanne brilharam com expressão maliciosa.

— Não me diga!

Seu riso alegre o desarmou. Com as mãos em seus braços e sorrindo, Jack a puxou para perto.

A essa altura, Suzanne não sabia o que esperar. Talvez a repetição das

promessas que ele tinha feito na tardinha do dia anterior, de amá-la e cuidar dela pelo resto da vida. Ou mais das palavras amorosas que haviam trocado na penumbra de um dos quartos da casa dos McCormack. O que não esperava era o olhar provocador dele, sob as sobranceiras arqueadas.

— Você vai me contar finalmente que raio de jogo tinha escondido na mão abaixada, naquela noite no salão de Mother Featherlegs?

— Uma boa jogadora de pôquer jamais revela sua estratégia — ela respondeu num tom afetado.

— Qualquer dia destes, srta. Bo... — corrigiu-se a tempo — sra. Sloan, vou tirar sua máscara.

Com os braços em volta do pescoço de Jack, Suzanne ficou na ponta dos pés e roçou os lábios nos dele.

— Espero que sim, sr. Sloan! Sinceramente, espero que sim!

* * * *

Antes de iniciar a carreira de escritora, **MERLINE LOVELACE** passou vinte e três anos estimulantes como oficial da Força Aérea, com turnos de serviço no Vietnã, no Pentágono e em outros postos em várias partes do mundo. Ela já tem mais de quarenta romances publicados e há mais de cinco milhões de cópias de seus livros sendo impressos. Quando não está digitando no computador, ela e Al, seu marido, aproveitam para viajar, jogar golfe e reunir a família e amigos em jantares animados.